UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

TYCHO BRAHE , GRANDE ASTRÔNOMO DO SÉCULO XVI
E CAVALEIRO DA FÉ , SOB A ÓTICA KIERKEGAARDIANA

GABRIEL MALUF FARHAT

SÃO PAULO

2003

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**TYCHO BRAHE, GRANDE ASTRÔNOMO DO SÉCULO XVI E
CAVALEIRO DA FÉ, SOB A ÓTICA KIERKEGAARDIANA**

GABRIEL MALUF FARHAT

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, para a obtenção do Título de Doutor em Ciências.

Orientador : Prof. Dr. Shozo Motoyama

São Paulo

2003

SUMÁRIO

Índice.....	IV
Índice dos Anexos.....	VII
Resumo.....	XI
Abstract.....	XII
<u>Primeira Parte</u> : Sobre o Indivíduo Tycho Brahe Til Knudstrup og Maarslest.....	7
<u>Segunda Parte</u> : Sobre o existencialismo-primeiro apresentado por Sören Aabye Kierkegaard	87
<u>Terceira Parte</u> : Sobre as psicologias moderna e pós-moderna; e sobre o que estas psicologias podem dizer sobre o Indivíduo Tycho Brahe.....	140
Palavras Finais	176
Notas da 1ª parte	180
Notas da 2ª parte	187
Notas da 3ª parte	191
Bibliografia	194
Anexos	209

ÍNDICE

DEDICATÓRIAS	IX
AGRADECIMENTOS.....	X
RESUMO.....	XI
ABSTRACT.....	XII
APRESENTAÇÃO.....	2
<u>PRIMEIRA PARTE</u> : SOBRE O INDIVÍDUO TYCHO BRAHE TIL KNUDSTRUP OG MAARSLEST ...	7
1 - INTRODUÇÃO DA 1ª PARTE	9
2 - O CÉU, PALCO DO SUBJETIVO.....	11
3 - TYCHO BRAHE : UM RELATO DE SUA VIDA.....	18
3.1 - TYCHO : OS PRIMEIROS 20 ANOS	19
3.2 - TYCHO : DESFIGURADO.....	24
3.3 - TYCHO : A NOVA ESTRELA DE 1572.....	29
3.4 - TYCHO : A ILHA DE HVEEN.....	38
3.5 - TYCHO : OS COMETAS OBSERVADOS EM HVEEN..	49

3.6 - TYCHO : O MODELO TYCHÔNICO DO UNIVERSO....	54
3.7 - TYCHO : O INIMIGO URSUS	61
3.8 - TYCHO : A PARTIDA DA DINAMARCA	66
3.9 - TYCHO : NA BOHÊMIA E O PRIMEIRO ENCONTRO COM KEPLER	69
3.10 - TYCHO : ENFERMO	76
3.11 - TYCHO : O FUNERAL	80
3.12 - TYCHO : A HERANÇA	83
 <u>SEGUNDA PARTE</u> : SOBRE O EXISTENCIALISMO-PRIMEIRO APRESENTADO POR SÖREN AABYE KIERKEGAARD	
	87
1 - INTRODUÇÃO DA 2ª PARTE	89
2 - KIERKEGAARD, BREVE APRESENTAÇÃO.....	91
3 - KIERKEGAARD, COMO AUTOR	97
4 - KIERKEGAARD E HEGEL	105
5 - KIERKEGAARD, SOBRE O INDIVÍDUO E SUA VIDA ...	114
6 - KIERKEGAARD E O CAVALEIRO DA FÉ	134

<u>TERCEIRA PARTE</u> : SOBRE AS PSICOLOGIAS MODERNA E PÓS- MODERNA; E SOBRE O QUE ESTAS PSICOLOGIAS PODEM DIZER SOBRE O INDIVÍDUO TYCHO BRAHE	140
1 - INTRODUÇÃO DA 3ª PARTE	142
2 - FREUD E KIERKEGAARD	146
3 - SOBRE A PSICOLOGIA MODERNA E SOBRE A PSICOLOGIA PÓS-MODERNA	153
4 - TYCHO BRAHE : CAVALEIRO DA FÉ	164
5 - AS SOLUÇÕES EXISTENCIAIS, PARCIAIS : RELIGIOSA, ROMÂNTICA E CRIATIVA (TYCHO COMO AUTOR CRIATIVO)	168
<u>PALAVRAS FINAIS</u>	176
NOTAS DA 1ª PARTE	180
NOTAS DA 2ª PARTE	187
NOTAS DA 3ª PARTE	191
BIBLIOGRAFIA	194
ANEXOS	209

ÍNDICE DOS ANEXOS

ANEXOS DA 1ª PARTE : (SOBRE O INDIVÍDUO TYCHO BRAHE TIL KNUDSTRUP OG MAARLEST).....	210
A1.1 - POEMA METAMORFOSES DE OUVIDEO.....	211
A1.2 - PREFÁCIO DE ANDRÉAS OSIANDER À OBRA DE NICOLAU COPÉRNICO, DE 1543, “DE REVOLUTIONIMBUS”	213
A1.3 - PREFÁCIO DE TYCHO BRAHE À SUA OBRA “ASTRONOMIAE INSTAURATAE MECHANICA”, DE 1598	216
A1.4 - AUTO-BIOGRAFIA (PARCIAL) DE TYCHO BRAHE PUBLICADA EM SUA OBRA “ASTRONOMIAE INSTAURATAE MECHANICA”, DE 1598	226
A1.5 - ALGUMAS PALAVRAS SOBRE JOHANNES KEPLER	235
ANEXOS DA 2ª PARTE : SOBRE O EXISTENCIALISMO- PRIMEIRO APRESENTADO POR SÖREN AABYE KIERKEGAARD	241
A2.1 - BREVE COMENTÁRIO SOBRE A OBRA “O DESESPERO HUMANO, DOENÇA ATÉ A MORTE “ APRESENTADO POR SÖREN AABYE KIERKEGAARD , em 1849.....	242
A2.2 - KIERKEGAARD E O PARADIGMA DA FÉ	249

ANEXOS DA 3ª PARTE : SOBRE AS PSICOLOGIAS MODERNA E PÓS-MODERNA; E SOBRE O QUE ESTAS PSICOLOGIAS PODEM DIZER SOBRE O INDIVÍDUO TYCHO BRAHE	252
A3.1 - ALGUMAS PALAVRAS SOBRE SIGMUND FREUD E APRESENTAÇÃO DE QUATRO PUBLICAÇÕES.....	253
PRIMEIRO TEMA DO ANEXO A3.1 : “UMA DIFICULDADE NO CAMINHO DA PSICANÁLISE” (1916)	258
SEGUNDO TEMA DO ANEXO A3.1 : “NOVOS COMENTÁRIOS SOBRE AS NEUROPSICOSES DE DEFESA “ (1896).....	268
TERCEIRO TEMA DO ANEXO A3.1 : “LINHAS DE PROGRESSO NA TERAPIA PSICANALITICA”(1918)	284
QUARTO TEMA DO ANEXO A3.1 : “A DISSECÇÃO DA PERSONALIDADE PSÍQUICA” (1932) .	297
A3.2 - CARTA DE TYCHO A BALDUS (1589)	326
A3.3 - ALGUMAS PALAVRAS SOBRE OTTO RANK	331
A3.4 - ALGUMAS PALAVRAS SOBRE ERNEST BECKER ..	335
ANEXO DE ILUSTRAÇÕES	339

DEDICATÓRIAS

Dedico este estudo a quatro queridos amigos:

- Ao amigo Fernando Alvares de Miranda
- Ao amigo e tio Abdalla
- Ao amigo Flávio Pereira Lalli
- Ao amigo e tio Salim

Devo dizer, também, que este estudo é um modesto tributo a Ernest Becker.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, sinceramente, a todos que contribuíram para que eu pudesse alinhar este estudo, por menor que tenha sido tal contribuição. Entretanto, gostaria, também, de fazer dois agradecimentos especiais :

Em primeiro lugar, agradeço à minha esposa Marli e às minhas filhas Danielle e Amanda, por terem me dado apoio ilimitado nestes últimos anos. Sei que um estudo longo, que muitas vezes superou minha capacidade, e que foi realizado sem nenhum tipo de suporte financeiro, direto ou indireto, é tarefa para os mais jovens. Meu agradecimento é silencioso; aquele tipo de silêncio que é produto da garganta fechada, que nada permite dizer.

Em segundo lugar, e não menos importante, é meu agradecimento ao Professor Shozo Motoyama, meu orientador. Eu não teria forças para alinhar este estudo, que não tem fim, se não fosse a confiança, ilimitada, por ele depositada em mim. Não se tratou de confiança por grande mérito de minha parte. Tratou-se da confiança que vem da generosidade, e que é característica singular daqueles que tem alma de poeta. Aqui, também, meu agradecimento é silencioso, pelo mesmo motivo anterior.

RESUMO

A primeira parte deste estudo tem como objetivo apresentar Tycho Brahe como Indivíduo, isto é, o astrônomo e sua vida. A segunda parte tem como objetivo desenvolver o existencialismo-primeiro, formulado por Kierkegaard, como se seu conteúdo pudesse vir a ser uma ferramenta subjetiva. A seguir, na terceira parte, os conceitos do existencialismo-primeiro, raízes da psicologia moderna, serão aplicados a Tycho Brahe, astrônomo e sua vida. Também será apresentada parte da psicologia pós-moderna, ainda em formação, para que estas psicologias, juntas, possam indicar que a escolha de Tycho, pelo chamado modelo Tychônico do Universo, não resultou de sua capitulação frente a possibilidade do novo, mas sim uma escolha do Cavaleiro da Fé.

PALAVRAS CHAVES

História da Ciência - Tycho Brahe - Existencialismo - Kierkegaard - Psicologia Moderna

ABSTRACT

The first part of this study it has as objective present Tycho Brahe like Individual , that is, the astronomer and his life. The second part it has as objective develop the existentialism-first, formulated by Kierkegaard, as if his content could become a subjective tool. To follow, in the third part, the concepts of the existentialism-first, roots of the modern psychology, will be applied to Tycho Brahe, astronomer and his life. It also will be presented part of the post-modern psychology, still in formation, so that these psychologies, together, can indicate that Tycho's choice, by the called Tychonic System of the Universe, did not result from his front capitulation the possibility of the new, but yes a horseman's choice of the Faith.

KEY WORDS

History of the Science -Tycho Brahe - Existentialism - Kierkegaard
Modern Psychology

“ Define-se o caos, menos por sua desordem,
que pela velocidade infinita com a qual se
dissipa toda forma que nele se esboça. É um
vazio que não é um nada, mas um virtual,
contendo todas as partículas possíveis e
suscitando todas as formas possíveis que surgem,
para desaparecer logo em seguida, sem consistência,
nem referência, sem consequência. “

Ilya Prigogine, em
“Entre le temps et l'éternité”

APRESENTAÇÃO

Os Indivíduos construíram e constroem seu próprio firmamento, como se fosse um imenso guarda-sol, para abrigar suas ansiedades. Parece que assim tem sido, desde a transformação de algo desconhecido no Indivíduo. A seguir, os poetas Lawrence e Goethe, em conjunto com o teólogo Kierkegaard, construirão um delicado cenário, no qual Tycho Brahe ocupará o lugar, singular, do Indivíduo existente. É David Herbert Lawrence (1885 -1930) que nos ensina :

“ os Indivíduos não deixam de fabricar um guarda-sol que os abriga, por baixo do qual traçam um firmamento e escrevem suas convenções, suas opiniões; mas o poeta, o artista, abre uma fenda no guarda-sol, rasga até o firmamento, para fazer passar um pouco de caos () livre e tempestuoso e enquadrar numa luz brusca, uma visão que aparece através da fenda Então, segue a massa dos imitadores, que remendam o guarda-sol, com uma peça que parece vagamente com aquela visão ... Será preciso sempre outros artistas, para fazerem outras fendas, operar as necessárias destruições, talvez cada vêz maiores, e restituir assim, a seus predecessores (e sucessores) a incomunicável novidade que não mais podia se ver....” .*

Por outro lado, Johann Wolfgang Goethe (1749 - 1832) que dedicou-se, durante muitos anos, ao estudo das ciências e das artes, nos apresenta o fabuloso Dr. Fausto. Poucas obras de cunho universal, são mais humanas que o Fausto, iniciado em 1769 e terminado em 1832.

(*) O conceito de Caos de Ilya Prigogine está na pág. 1.

Silvio Meira, tradutor e estudioso de Goethe nos ensina:

“ Fausto onde encontramos um pouco de tudo, desde o raciocínio filosófico mais profundo, até o sentimento mais delicado, que possa fazer vibrar a alma..... a lendária figura do Dr. Fausto perde-se no tempo, foi objeto de outras obras de menor expressão, tem alguma coisa de místico e ao mesmo tempo de profundamente humano : O eterno drama do Indivíduo que busca a felicidade e o infinito”.

A seguir, é transcrito um trecho inicial do chamado primeiro Fausto. É noite, Dr. Fausto está em um quarto gótico, estreito e abobadado, intranquilo e sentado em um alto mocho junto a escrivaninha; Dr. Fausto sente-se desiludido com o conhecimento e decide chamar pelos espíritos :

**“Estudei com ardor tanta filosofia,
Direito e medicina,
E infelizmente até muita teologia,
A tudo investiguei com esforço e disciplina,
E assim me encontro eu, qual pobre tolo, agora,
Tão sábio e tão instruído quanto fora outrora!
Primeiro fui assistente e em seguida doutor,
Dez anos a ensinar, autêntico impostor
A subir e a descer por todos os lados
Estudantes à volta em mim sempre grudados
E chego, ao fim de tudo, ignorante em tudo !
Coração a ferver ! Para que tanto estudo !
Não tenho mais saber que os tolos e doutores,
Nem sei mais do que os mestres, padres e escritores.
Dúvidas ? Escrúpulos ? De tudo dei cabo.
Não mais me assombra o Inferno e nem mesmo o Diabo,
Fugiu todo o prazer da minha adolescência,
Não me interessa mais do direito a ciência,
Nem tampouco a tarefa árdua de ensinar,
Aos homens converter e tanto doutrinar.**

Dinheiro não ganhei, não tenho quase haveres,
Nem a glória do mundo e seus doces prazeres;

Por que tanto viver como se fora um cão !
Apego-me à magia. É uma salvação.
Pela força do espírito e o vigor do verbo,
As forças naturais, secretas, exacerbo,
Que com amargo esforço eu tentei revelar
Não conseguindo nunca a verdade alcançar.
Por fim, conheço hoje, o que em todo o mundo,
Existe de mais íntimo e de mais profundo,
As forças criadoras, forças embrionárias,
Que palavras não exprimem tão tumultuárias

E tu, oh lua cheia, que pelo céus vagueias,
Pela última vez o meu sofrer franqueias !
Quantas vezes me vês aqui, à meia-noite,
Em vigília, a sentir do sofrimento o açoite !
Debruçado a estudar, dos livros, a escritura,
És minha companheira em horas de amargura.

Quem me dera voar para as altas montanhas
Como a luz que tu expeles pura das entranhas,
Com espíritos a pairar em doces altitudes;
Dos páramos sentir tantas novas virtudes,
Liberto da ciência,essa pesada cruz,
Nos teus vastos domínios me banhar de luz !
Ah ! Prisioneiro estou desta vil matéria ?
Desta masmorra escura a sofrer a miséria,
Onde até a luz celeste para entrar precisa
De romper dos vitrais essa cor indecisa ?
Envolvido nos livros dessa pilha imensa,
Que só traças devoram, todos poeirentos
E sobe até o teto e se avoluma, densa,
Com rumas de papéis, antigos, bolorentos
Vidros, retortas e outros velhos instrumentos,

**Drogas, sutis essências e a química bebida,
Este mundo é que é meu! Chama-se a isso um mundo !
E perguntas enfim, porque teu coração,
Em teu peito a sofrer, geme, palpita e treme ?
Por que uma estranha a e atroz superstição
Te obriga a praticar essa moral extrema ?
Em vez da vida real que a Natureza ensina,
Que para o Homem Deus concebeu e criou,
Cerca-me o fumo e o lodo, eu tive triste sinal !
Só vejo ossos, carcaças, esqueletos, pó**

**Foge ! Foge ! Liberto ! Olha a luz na amplidão !
E este livro antigo, estranho e tão profundo,
De Nostradamus, toma-o na trêmula mão.
Acaso guia melhor tu acharás no mundo ?
Olha o curso eterno e ardente das estrelas,
E aprende da Natureza a sua alta ciência,
Com forças de tua alma, imáculas e belas,
Desse espírito busca a altíssima influência.
Em vão consulto agora os estranhos sinais
Que da terra e do céu querem explicar a lei.
Vós, oh espíritos, vós, que ora me cercais,
Respondei, se me ouvis, respondei ! Respondei !**

.....

.....

Neste estudo, faremos como Fausto, isto é, esqueceremos a astronomia objetiva e chamaremos pelos espíritos, na tentativa de abrir uma fenda no guarda-sol de Lawrence, por menor que seja, e deixar que a visão subjetiva do existencialismo-primeiro atravessasse a fenda. Este estudo traz o fundador deste existencialismo-primeiro, o teólogo Sören Aabye Kierkegaard (1813 - 1855) que, com sua visão cristã, traz consigo o caos da questão da fé, que abalará as formas do racionalismo clássico.

Este estudo apresenta os parâmetros desenvolvidos pelas idéias primeiras do que Sören Kierkegaard chamou de existencialismo e, mais adiante, estes parâmetros serão aplicados para mostrar que o astrônomo Tycho Brahe (1546-1601) pode ser considerado um legítimo Cavaleiro da Fé, conceito desenvolvido por Kierkegaard em “Temor e Tremor”, de 1843.

A primeira parte deste estudo, tem como objetivo apresentar Tycho Brahe, como Indivíduo , isto é, o astrônomo e sua vida. A segunda parte, tem como objetivo desenvolver o existencialismo-primeiro, formulado por Kierkegaard, como se seu conteúdo pudesse vir a ser uma ferramenta subjetiva. A seguir, na terceira parte, os conceitos do existencialismo-primeiro, raízes da psicologia moderna, serão aplicados a Tycho Brahe, astrônomo e sua vida. Também será apresentada parte da psicologia pós-moderna, ainda em formação, para que estas psicologias, juntas, possam indicar que a escolha de Tycho, pelo chamado modelo Tychônico do Universo, não resultou de sua capitulação frente a possibilidade do novo, mas sim uma escolha do Cavaleiro da Fé.

Ao leitor devo dizer que este é um modesto estudo sobre o Indivíduo, e para tanto um conjunto de gigantes foi convidado. No desenvolver do estudo, se observou que estaturas de gigantes não são comparáveis entre si, pois gigantes são gigantes.

Ainda, devo dizer ao leitor que este não é, apenas, um estudo sobre as dificuldades que os Indivíduos experimentam em suas existências; mas sim um estudo sobre a nova possibilidade, que se sobrepõe às dificuldades, de forma transparente, isto é, não as esconde ou anula. Esta nova possibilidade, apresentada através do pensamento Kierkegaardiano, esteve e está presente na existência de todos os Indivíduos, inclusive Tycho Brahe.

1ª PARTE

SOBRE O INDIVÍDUO TYCHO BRAHE TIL KNUDSTRUP OG MAARSLEST

“..... Sempre li o que o mundo, que é feito de terra e de água, era esférico, e as experiências de Ptolomeu e de todos os outros o provaram.... Mas comprovei uma tal dessemelhança em relação a estas opiniões, que reconsiderarei essa idéia do mundo, e conclui que ele não é redondo, da maneira que vem sendo descrita, mas da forma de uma pera ou como uma bola muito redonda, num ponto da qual haveria uma saliência, como um peito de mulher...”

Cristovão Colombo, em
“Diário de Bordo”

1 - INTRODUÇÃO DA 1ª PARTE

Há cerca de um milhão e meio de anos o Indivíduo está em pé, e durante todo este tempo olha para o céu. Há cerca de 50 mil anos, o pensamento humano se manifesta : um pequeno osso decorado com um pouco de ocre vermelho, as primeiras pedras gravadas, os primeiros esboços de esculturas e as primeiras sepulturas constituem as provas emocionantes deste pensamento. Nas primeiras pedras gravadas reconhecemos grupos de estrelas e constelações, o que faz da astronomia uma atividade muito antiga. A alternância dos dias e das noites, muito cedo, chamou a atenção do Indivíduo, que também conheceu as fases da Lua, o movimento das estrelas e a periodicidade das estações. Desde a aurora dos tempos, a observação do céu deve ter provocado pensamentos de admiração pelas leis imutáveis do céu e fomentado a tentação de colocar no céu, aparentemente inacessível, seres sobrenaturais e todo-poderosos. A imaginação e a inteligência do Indivíduo criaram um céu de mil faces.

Ao lado dos grandes fenômenos astronômicos periódicos, ocorrem acontecimentos excepcionais, muitas vezes espetaculares, como eclipses do Sol ou da Lua, os cometas ou as estrelas cadentes.

Entretanto, o Indivíduo percebeu que, às vezes, o céu também se zanga, provocando ventanias, raios, trovões, dilúvios e outros fenômenos.

Se Aristóteles (384 aC - 322 aC), cujo pensamento reinou sobre a ciência ocidental durante cerca de dois mil anos, menciona os cometas em “ Metereologia “ e não no “Tratado do Céu“, é porque os cometas, pela desordem que o introduzem no

céu, só podem pertencer às camadas mais baixas da atmosfera, logo acima do lugar onde se formam as tempestades ou nascem os ventos.

Do momento em que o primeiro Indivíduo elevou os olhos para o céu e até aquelas noites de dezembro de 1609, durante as quais o grande Galileu Galilei (1564 - 1642) foi o primeiro sábio a apontar uma luneta para os astros, todos os Indivíduos eram iguais diante do firmamento. Todos os Indivíduos dispunham dos próprios olhos e de suas inteligências. No entanto, desses olhares voltados para o céu, uns inventaram uma ciência que pretenderam exata, antes mesmo de estarem preparados para tanto, e a colocaram junto da matemática. Outros criaram mitos, contos e práticas folclóricas e outros, ainda, criaram regras empíricas relativas à agricultura, navegação ou previsão do tempo. Todos sonharam e enriqueceram seu imaginário e se projetaram nos mistérios do céu.

Do fim do século XV a meados do século XIX, o comércio ambulante disseminou maciçamente almanaques onde se encontravam algumas informações astronômicas, essencialmente as previsões de eclipses e muita astrologia.

No campo do folclore somos tomados e confundidos pela enorme quantidade de crenças, ritos e relatos da tradição.

Foi quando os eclipses solares ainda inspiravam pânico e terror que o grande astrônomo Tycho Brahe (1546 -1601) revelou-se um infatigável observador dos céus. Durante quase quarenta anos, Tycho observou, descreveu, calculou e admirou mais de setecentas estrelas fixas no firmamento do Divino Construtor.

2 - O CÉU, PALCO DO SUBJETIVO

As tradições folclóricas apresentam uma tal diversidade que desencoraja o entendimento. Podemos até perguntar se os sistemas simbólicos, por vezes obscuros, já foram totalmente transparentes. Sabemos que no interior de cada mito há um núcleo irreduzível à análise racional, mas que provoca nossa imaginação.

Para uma das etnias mais primitivas da Ásia, os Andamanes, o Deus-Supremo é Puluga. Ele mora no Céu, sua voz é o trovão, o vento é seu sopro e o furacão é sinal de sua cólera. E, como a humanidade esquecia-o com frequência, desencadeou um dilúvio que teve apenas quatro privilegiados sobreviventes.

Os indianos, como os ocidentais, tem seu dilúvio. E esses dois dilúvios tem vários pontos em comum : um único ser é avisado do desastre eminente e esse único ser é salvo ; aqui é Noé, lá é Manú. Manú, como Noé, recebe a ordem de construir uma embarcação. Todavia, a significação religiosa do dilúvio de Manú é diferente da do dilúvio de Noé. O indiano não é um castigo, entra na ordem natural de um mundo que, sem jamais se abolir totalmente, dissolve-se periodicamente para ressurgir, regenerado. No dilúvio dos Indianos, é Manú que repovoará a Terra. Enquanto ele banhava-se, um peixe chegou-lhe às mãos para avisá-lo do dilúvio e aconselhá-lo a construir um barco. Esse mesmo peixe, crescido, é que puxará o barco de Manú. Essa lenda Indiana, muito antiga, será retomada pelo hinduísmo, onde o peixe tornar-se-á um dos avatares de Vishnu, tradicionalmente representado com o corpo azul [1].

Muitas vezes, o céu é uma imensa abóboda formada por uma substância sólida na qual as estrelas ficam

chapadas, como aquelas que decoram os tetos arqueados das igrejas. Outras vezes, a abóboda estrelada é formada por uma substância líquida que uma forte pressão atmosférica impede de escorrer, e sobre a qual os astros deslizam como barcos num mar tranquilo.

É o astrônomo Jean-Pierre Verdet [2], historiador da astronomia antiga, que nos ensina:

“.... Desde o começo dos tempos, o homem examina, interroga, anima, dramatiza o céu. Ele o povoa de deuses bondosos e aterrorizantes, de animais familiares e fantásticos, de objetos bizarros, frutos de sua criação. E tece histórias maravilhosas sobre cada um deles”.

Os mitos que assumem a existência da criação são, sem dúvida, os mais comuns. Para o mundo ocidental, o mito de criação mais conhecido é encontrado em Gêneses :

*“ No princípio Deus criou o céu e a Terra.
A Terra, porém, estava sem forma e vazia,
e as trevas cobriam a face do abismo, e o
Espírito de Deus movia-se sobre as águas.
E Deus disse : Exista a luz. E a luz existiu.
E Deus viu que a luz era boa ; e separou a
luz das trevas. E chamou a luz como dia; e
as trevas como noite. E fez-se tarde e
manhã : o primeiro dia... ”.*

Um outro caso interessante é o “Deus organizador”, em que a divindade exerce o papel controlador da oposição fundamental entre Ordem e Caos. O Caos representa o Mal,

a desordem e é simbolizado em vários mitos por monstros como serpentes e dragões. Em outros mitos, o Caos é representado de modo mais abstrato, fazendo inicialmente parte do Absoluto, de Deus, junto com a ordem. Encontramos no poema Metamorfoses, do romano Ovídio (43 aC - 18 dC), escrito por volta do ano 8dC, uma rara expressão de interesse por estas questões, vinda da literatura romana(*).

Toda noite, o céu se enfeita com alguns milhares de estrelas visíveis a olho nú. Para melhor encontrá-las, de uma noite para outra, os Indivíduos logo adquiriram o hábito de associar as mais brilhantes com desenhos geométricos maiores ou menores. Assim, tanto nas grandes civilizações quanto nos menores agrupamentos humanos, sob todas as latitudes, nascem as constelações, que para uns são ínfimas aberturas pelas quais o fogo celeste se deixa entrever, para outros são diamantes presos no firmamento. Ainda para os esquimós, são lágrimas cintilando na relva negra da noite.

O Céu noturno oferece milhares de estrelas que todas as civilizações reagruparam em constelações. O agrupamento das estrelas em constelações é arbitrário, cada civilização, ou cada tribo, faz o seu recorte, nomeia-o, anima-o, dramatiza-o ao sabor de sua fantasia. Na tradição hindú, as sete estrelas mais brilhantes da Ursa Maior são as moradas dos sete Rishis, ou seja, dos sete sábios primordiais. Os chineses também vêem essas estrelas como as imagens dos sete Reitores astronômicos , mestres da realidade das influências celestes [3].

(*) O poema Metamorfoses está anexo A1.1, pág. 212

Se para algumas pessoas, as estrelas são as janelas do mundo e para outras são os olhos do mundo, de onde jorram raios de luz, ou ainda por onde escapam insetos que descem a Terra, a estrela Polar, às vezes, é a abertura do Céu que interliga os mundos, pela qual os heróis fogem para os deuses ou voltam à terra. Mas, sobretudo, a estrela Polar é o centro fixo, presente a cada noite, em torno da qual gira o céu. É em relação à estrela Polar que se define a posição das outras estrelas. Para os habitantes do pólo norte, as estrelas são cavalos e a Polar é o piquete ao qual os cavalos são amarrados. É pela estrela Polar que os nômades, os navegadores e os primeiros aviadores se guiavam.

Paradoxalmente, a estrela matutina, também chamada de estrela do pastor, não é uma estrela, mas sim o Planeta Venus. Apesar de seu esplendor, que deveria juntá-lo com as imagens positivas ligadas à luz, Vênus nem sempre é um astro benéfico. Os antigos mexicanos temiam-no e fechavam as portas e janelas, de manhãzinha, para se protegerem de seus raios que, segundo achavam, disparavam moléstias. Os maias acreditavam que Vênus fosse o irmão mais velho o Sol e o imaginavam como um homem corpulento, cujo rosto maciço era ornado por uma barba espessa. No ocidente, temos toda uma tradição que liga Vênus à feminilidade, ao prazer e ao amor.

A astrologia, pseudo ciência, sempre viva, diz que os planetas interferem em nossa vida cotidiana. Para os astrólogos, Vênus significa amor e ternura, e a Idade Média apelidava-o de Pequeno Benéfico. Marte, por sua vez, foi chamado de pequeno Maléfico, e ele significa, principalmente, a energia, o ardor e a agressividade. Mercúrio é privilegiado, é o Mediador, pois é filho do Sol e da Lua. Júpiter, o planeta mais importante, goza dos poderes inerentes à sua posição, encarna o princípio da autoridade, da ordem e do equilíbrio. Quanto a Saturno, sua cor pálida não o

ajuda : ele é o Grande Maléfico, o símbolo da impotência, do azar e da paralisia.

Há mais de dois mil anos, a astrologia inventou uma cartografia do destino, na qual o horóscopo representava os caminhos do destino. Por meio de um discurso curioso e ambíguo, a astrologia popular é susceptível de aplacar as inquietudes dos Indivíduos e alimentar seu imaginário.

No mundo moderno em que nós vivemos, é muito difícil reconstruir as emoções e as impressões que tiveram os primeiros Indivíduos com os mistérios do Céu. Desde a antiguidade, o Indivíduo observou a existência de fenômenos celestes e compreendeu que se repetiam com regularidade: o nascer e pôr do Sol; o deslocamento das estrelas ; as fases da Lua e outros fenômenos. Estas observações pareciam indicar que os corpos celestes giravam em torno da Terra. As primeiras noções de astronomia surgiram a partir de observações, nas quais o Sol, a Lua e as estrelas sempre se moviam do nascente para o poente, em círculos.

Com Aristóteles surge a física que descreve os corpos e seus movimentos tais como eles aparecem aos nossos sentidos. Para Aristóteles, todo corpo está naturalmente em repouso, o único estado que não necessita de causa. Seu movimento resulta de uma intervenção externa e, cessada esta, o corpo volta ao repouso e só os corpos celestes obedecem a leis precisas, determinadas por Deus. O Universo seria formado pela Terra, em repouso absoluto, em torno da qual giravam as estrelas, a Lua, o Sol e os cinco planetas, com movimento circular. O cosmo seria, então, fechado e finito, constituído de esferas concêntricas, expressões da perfeição, chamadas orbes, em torno da Terra, centro privilegiado do Universo.

Depois da esfera das estrelas, estaria o reino de Deus. Além da esfera exterior não haveria nada, nem espaço, nem matéria e nem tempo. O cosmo ou Universo de Aristóteles, o grande sábio grego, encontra-se descrito em seu tratado “DE CAELO”.

Claúdio Ptolomeu (séc. II dC), partindo de alguns dos sistemas astronômicos da Grécia antiga (basicamente, Aristóteles, séc. IV aC ; Platão, séc. IV aC e Hipparcos, séc. II aC), aprimorou-os e apresentou um sistema para explicar os movimentos dos céus. Nos seus conceitos físicos o sistema Ptolomaico era basicamente Aristotélico. Sua obra mais conhecida ,” ALMAGESTO”, foi o mais exato e o mais amplamente aceito entre aqueles conhecidos na antiguidade clássica e no mundo dos árabes. Além do “ALMAGESTO”, outro seu livro astronômico chegou até nós : “AS HIPÓTESES DOS PLANETAS”. A cosmologia de Aristóteles, adotada por Ptolomeu, foi incorporada pela Igreja Cristã, que a transformou na visão sagrada do Universo.

Em quase todos os diagramas pré-Copernicanos do Universo, sempre observamos o mesmo quadro tranquilizador : a Terra no centro, circundada pelas esferas concentricas onde estavam as estrelas.

Em torno de 1550, todos os astros celestes eram denominados estrelas. As atuais estrelas eram denominadas estrelas fixas; os atuais planetas eram denominados estrelas errantes; os atuais cometas eram denominados estrelas de cabeleira.

Entre os treze séculos que separam a morte de Ptolomeu e o nascimento de Nicolau Copérnico (1473 - 1543), não foi produzida nenhuma mudança fundamental no sistema Ptolomaico.

Também o pensamento cosmológico, associado ao sistema de Ptolomeu, isto é, a teoria Aristotélica do Universo de esferas, constitui parte fundamental do pensamento cosmológico dominante até as primeiras décadas do séc. XVII.

Ainda, durante os séculos que separavam Ptolomeu e Copérnico, todos aceitavam a ligação entre os reinos da astronomia e da teologia, separados apenas pela espessura na última esfera celeste. Após as idéias de Copérnico, o contínuo espaço e espírito seria substituído pela infinitude, o que significava, entre outras coisas, o fim da intimidade entre o Indivíduo e Deus.

Para o Indivíduo comum, que vive sua vida, todos os fenômenos que chegam aos seus sentidos representam verdades: a luz, o calor, o ruído, o amargo e o aroma. Para este Indivíduo comum, é o Sol que gira em torno da terra. Esta é uma verdade que chega aos Indivíduos comuns até hoje. Para este Indivíduo comum, o modelo heliocêntrico é uma questão abstrata. Mas para Tycho Brahe esta não era uma questão abstrata, pelo contrário, para Tycho as idéias de Nicolau Copérnico representavam o abandono de Deus com relação aos Indivíduos.

A noção de não limitação, ou de infinitude do sistema Copernicano, destinava-se, para Tycho, a acabar com o espaço reservado a Deus nos mapas astronômicos.

Em 1588, Tycho Brahe publicou “De Mundi Aetherei”, no qual expõe pela primeira vez o seu Sistema do Universo, onde a Terra permaneceu imóvel no centro do Universo. Era o modelo Tychônico do Universo, com base na questão da fé.

3 - TYCHO BRAHE : UM RELATO DE SUA VIDA

O fato de Tycho Brahe ter sido considerado como um dos fundadores da moderna astronomia, lhe confere, certamente, o título de grande astrônomo. Por outro lado, um dos objetivos deste estudo é o de resgatar Tycho como um herói da experimentação e dos experimentadores, e indicar que sua decisão pelo modelo Tychonico do Universo, apresentado em 1588, foi fruto de sua condição de Cavaleiro da Fé. A questão da Fé será observada, exclusivamente, pela ótica Kierkegaardiana. O resgate cuidará de salvá-lo do esquecimento que dele tomou conta, após sua morte em 1601. Tal esquecimento teve continuidade com a publicação de “Nova Astronomia”, por Johannes Kepler, em 1609. Nesta obra, Kepler utiliza os dados experimentais obtidos por Tycho, e a ele faz justiça, quando o cita nominalmente em sua obra. Entretanto, os dados experimentais utilizados e apresentados, não foram correlacionados com o modelo Tychônico do Universo, como Tycho havia pedido a Kepler, mas sim com o modelo Copernicano.

3.1 - TYCHO : OS PRIMEIROS 20 ANOS

Tycho Brahe til Knudstrup og Maarslest (*), primeiro filho de Otto Brahe e Beate Bille, ambos membros da nobreza Dinamarquesa, nasceu em 14 de dezembro de 1546 no Castelo de Knudstrup, na Dinamarca. Mas Tycho não veio só ao mundo, seu irmão gêmeo não sobreviveu ao nascimento. Tycho, ainda criança, foi adotado por seu tio Jörgen Brahe, indo morar no Castelo de Maarslest. Seu tio Jörgen, casado com Inger, não teve filhos. Foi o almirante Jörgen quem o estimulou no gosto pela cultura clássica e pelo latim, desde criança. A biblioteca de Maarslest continha grande quantidade de livros que provinham da biblioteca real, principalmente obras astronômicas e matemáticas. Quando Tycho atingiu a idade de 13 anos, teve contato mais profundo com o conteúdo dos livros, especialmente o "ALMAGESTO" de Ptolomeu. Nesta mesma época, em abril de 1559, Tycho foi enviado para a Universidade de Copenhague para estudar retórica e filosofia.

Ainda nesta época, 1560, Tycho mergulhara mais uma vez nos textos de Ptolomeu, mas também em "NARRATIO PRIMA", de George Joachim Rheticus (1514 - 1576), amigo, admirador e discípulo de Copérnico. Talvez tenha sido este o primeiro contato de Tycho com as idéias de Copérnico.

Em 21 de agosto de 1560 Tycho assistiu ao eclipse parcial do Sol, fazendo esta observação do alto da Torre da Universidade de Copenhague, em companhia de amigos e mestres,

(*) Ver Figura 1, pag. 340.

que trouxeram compassos, réguas e miras. Os olhos eram protegidos com vidros esfumados e as observações feitas em curtos períodos de tempo. Do alto da torre, a fumaça e os tetos não atrapalhavam as observações. Paul Chatel [4], nos conta que :

“Passado o eclipse, Tycho teve seu primeiro contato com as cartas secretas de Ptolomeu (escritas a seu amigo Demétrio de Taxos). Em certo trecho, Ptolomeu escreve:

.... Vi o céu percorrido por bólidos brancos, em uma noite de minha juventude, então, dediquei minha esperança a essa visão e, durante um terço de minha vida, não vi nada, nada percebi. O céu continuou desesperadamente vazio havia apenas as estrelas e naturalmente os planetas. Apenas o rigor, o da reflexão, e a certeza da exatidão do caminho que havia seguido iluminavam meu firmamento Aquele que durou mais de seis minutos (um eclipse) aconteceu quando eu ia parar de acreditar. Havia atingido a idade de quarenta e cinco anos e meus próximos não queriam mais ouvir falar de astros. Esse eclipse me salvou de mim-mesmo e do abandono daquilo que, até a minha morte, continuará sendo o essencial; ele me devolveu a esperança, que quase havia abandonado”.

Tycho , ainda jovem , antes dos 20 anos, conheceu a obra de Copérnico “DE REVOLUTIONIBUS” , edição de Nuremberg, de 1543, obra ainda nova na literatura astronômica. Nesta edição, Tycho teve a oportunidade de ler o prefácio, de autoria de Andréas Osiander (*), embora na obra estivesse anônimo. Naquele prefácio, a teoria heliocêntrica era apresentada como uma hipótese formal, isto é , tendo como objetivo apenas facilitar os cálculos e não como uma descrição da realidade. Tratava-se do modelo instrumentalista. Em carta a Copérnico , diz Osiander :

(*) Este prefácio encontra-se no anexo A1.2, pagina 213.

“Quanto a mim, sempre pensei nas hipóteses que não são artigos de fé, mas bases de cálculo, de modo que pouco importa sejam falsas, contanto que representem exatamente os fenômenos.... Seria bom, portanto, se pudésseis dizer alguma coisa deste assunto no vosso prefácio, pois aplacarieis os Aristotélicos e os teólogos, cujas objeções temeis”.

A Rético , Osiander escreve:

“ Os Aristotélicos e os teólogos serão facilmente aplacados se souberem que várias hipóteses podem ser usadas para explicar os mesmos movimentos aparentes, e que estas hipóteses não são propostas por serem realmente verdadeiras”.

Tycho mostrou-se, no futuro, um realista (*). Em março de 1562 Tycho foi para a Universidade de Leipzig, na Alemanha, para estudar Direito. A biblioteca da Universidade era bem guarnecida com cópias de escritos antigos, onde encontravam-se inúmeros textos da biblioteca de Alexandria. Tycho conheceu, também, os trabalhos de Hipparchus (190aC - 120 aC). Coube a Vedel (**), seu tutor durante a estada em Leipzig, a missão de observar seus estudos em Direito. Em certo trecho de sua autobiografia (***), diz Tycho:

(*) Modêlos realistas objetivam descrever a natureza como ela de fato é, ao contrário dos modêlos instrumentalistas.

(**) Anders Sörensen Vedel.

(***) Uma versão (parcial) da auto-biografia de Tycho encontra-se no anexo A1.4, pag. 226.

“.... Comprava em segredo livros de astronomia e os lia às escondidas, para que meu tutor não soubesse. Habituei-me pouco a pouco, a distinguir as constelações no céu e, no fim de um mês, era capaz de reconhecer todas as que estavam visíveis acima do horizonte. Servia-me para isto de um pequeno globo celeste, da grossura do punho, que tinha como hábito levar comigo à noite sem dizer nada a ninguém. Instruí-me sózinho e sem orientação. De fato, jamais tive o benefício de obter o aprendizado através de um mestre em astronomia, com o que meu progresso teria sido mais rápido e maior”.

J.L.E. Dreyer [5] (*), biógrafo de Tycho, nos conta que:

“.... Tycho fez sua primeira observação astronômica em 17 de agosto de 1563, aos 16 anos. Tratou-se de uma observação sobre Marte. No mesmo mês de agosto, no dia 24, Tycho observou uma conjunção entre Saturno e Jupiter. Conta-se que, certo amanhecer Tycho quis observar Júpiter, com a ajuda de seu compasso de madeira, e encontrou-o tão colado a Saturno, que não havia ângulo a medir; Jupiter e Saturno haviam entrado em conjunção. Ao consultar as tábuas Alfonsinas, constatou que havia um erro de um mês, e Copérnico havia predito o fenômeno com dias de diferença. Conta-se, também, que naquela manhã, orgulhoso de sua primeira observação e conhecimento obtido, Tycho sentiu-se um astrônomo de verdade....”

Também relata Dreyer [6] :

“Tycho assistiu às primeiras discussões sobre os problemas algébricos em 1564. As discussões esbarravam no problema das raízes quadradas de zero e um. Nesta época, a raiz quadrada de zero criava grandes discussões. Neste período, Tycho lia, também, “AS EFEMÉRIDES” de Jean Stadius (1527 - 1579)....”

(*) Johann Ludvig Emil Dreyer (1852 - 1926)

Victor Thoren [7] , também biógrafo de Tycho, descreve:

“.... Tycho Brahe retornou à Dinamarca por alguns meses, em 1565. Como o seu tio Jörgen havia falecido em 21 de junho de 1565, passou a residir com seu tio materno Steem Bille, que não se opunha aos estudos astronômicos de Tycho, deixando-o voltar à Alemanha. No início de 1566, Tycho deixa a Dinamarca, pela segunda vez, dirigindo-se a Wittenberg. Mas foi obrigado a deixar Wittenberg em 14 de setembro de 1566, cinco meses depois, devido a uma epidemia, chegando a Rostok 10 dias depois. No mês seguinte, matriculou-se na Universidade de Rostok....”

É Dreyer [8] quem nos conta :

“ O Almirante Jörgen Brahe havia falecido em um acidente , no qual tinha salvo a vida do rei Frederico II da Dinamarca. Ao ser recebido por Frederico II, em 14 de maio de 1568, Tycho recebeu do rei, dois convites: que fosse astônomo da Corte e que aceitasse o título honorífico de Conêgo da Catedral de Roskilde. Fredreico II ainda pôs à disposição de Tycho o observatório real e a torre do Castelo de Copenhague. Aos 21 anos, Tycho tinha o apoio do rei e a admiração de seus mestres....”.

3.2 - TYCHO : DESFIGURADO

Victor Thoren [9], nos conta que Rostock ocupava um lugar de destaque na escolha dos estudantes dinamarqueses na metade do século XVI. Não foi diferente com o jovem Tycho Brahe. Houve em 28 de outubro de 1566 um eclipse da Lua observado por Tycho e como resultado de suas análises, Tycho concluiu e previu a morte do Sultão Turco Suleiman, o Magnífico. Tycho escreveu e divulgou um pequeno poema em latim anunciando sua previsão. Entretanto, as notícias posteriores eram de que o Sultão havia mesmo falecido, mas seis semanas antes do eclipse. O astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão [10] nos conta que este atraso na divulgação da morte do Sultão deveu-se a motivos políticos.

Encontramos em Dreyer [11] o relato de que em 10 de dezembro de 1566 houve uma festa na casa do professor de teologia Lucas Bachmeisters e entre os convidados estavam Tycho Brahe e outro nobre dinamarquês de nome Manderup Parsbjerg (1546-1625), primo de Tycho em 3º grau ; Durante a festa houve um atrito entre Tycho e seu primo e este atrito repetiu-se nas festividades de Natal, em 27 de dezembro. Há indicações de que tal atrito teria raízes em uma discussão na qual um se dizia melhor matemático do que o outro. Entretanto, Thoren comenta que não seria difícil que tal discussão tenha sido motivada pelo erro de Tycho na morte do Sultão Suleiman. Ainda, comenta Thoren [12], encontraram-se uma terceira vez, dois dias depois, isto é, em 29 de dezembro. Nesta data, uma noite muito escura, um duelo de espadas foi travado entre Tycho e Manderup, dentro de um cemitério e como decorrência deste embate Tycho recebeu um forte golpe em seu rosto, que como consequência deixou uma longa cicatriz em sua testa

e a desfiguração de seu rosto pela amputação de parte considerável de seu nariz. Comenta Thoren [13] que a amputação teria início perto da testa, desde o canal nasal até a ponta do nariz. Comenta ainda, que mortes em duelos eram comuns entre membros da nobreza dinamarquesa naquela época, citando que um primo em segundo grau de Tycho, chamado Tyge Brahe, homônimo de Tycho, foi morto por seu tio Eiler Krafse em um duelo em 1581 ; outro primo de Tycho, Anders Bille, matou um homem em 1568 e seu irmão Erik Bille matou um primo em primeiro grau, Jorgën Rude, em 1584. Na Dinamarca havia uma lei, datada de 1576, determinando que em caso de duelo com mortes, entre irmãos, aquele que provocou a morte não receberia nenhuma parte da herança do irmão morto. Mesmo assim, os jovens nobres dinamarquês continuavam usando espadas e eram bons alunos de seus mestres de esgrima.

Encontramos em Thoren [14], um interessante relato:

“ um notável acontecimento naquela noite escura foi preservado oralmente, por quase um século, e então escrito por um clérigo Luterano de Lubeck, Master Jacob Stolterfoht, em 1645. Sua narração do ocorrido começou com a afirmação de que o talento astrológico de Tycho, permitiu a ele (Tycho) prever um eventual acidente e como consequência desta previsão, ele foi mantido em sua sala durante todo aquele dia 29 de dezembro de 1566. A noite, entretanto, Tycho desceu para a ceia e inesperadamente houve uma discussão com Manderup à mesa e logo estavam exaltados, falando em uso de espadas. A avó de Jacob, que conhecia o idioma Dinamarquês e estava comendo naquela mesa (na casa do Prof. Lucas Bachmeisters) avisou os outros, que estavam àquela mesa, para segui-los e tentarem impedir um infortúnio. Mas o infortúnio fatalmente aconteceu: Quando eles saíram de dentro do cemitério, Tycho havia recebido um golpe que cortou fora o seu nariz”.

Comenta Thoren [15] que este infortúnio deixou Tycho desfigurado para toda a vida, e que detalhes precisos do ferimento não são bem conhecidos, mas os retratos mostram uma longa cicatriz diagonal em sua testa e uma linha curva até a ponta de seu nariz. Conta, ainda, que houve uma grande ansiedade em Rostock naqueles dias que sucederam ao duelo, em função do grave ferimento e da possibilidade de uma infecção, durante o longo período de convalescência necessário.

Dreyer [16], nos conta que com o objetivo de esconder a lesão, Tycho passou a usar uma prótese de ouro e prata, que era fixada com uma espécie de pomada, que Tycho carregava em uma pequena caixa em sua bolsa.

Hellman [17] nos relata que a composição de ouro e prata, poderia ter considerável conteúdo de cobre, uma vez que por ocasião da abertura de seu túmulo, em 1901, uma mancha verde foi encontrada sobre o crânio, exatamente no final superior do canal nasal.

Dreyer [18] comenta que Manderup lamentou muito aquele duelo com Tycho, tendo sido feitas referências ao duelo, e a seu arrependimento, durante os funerais de Tycho, em 1601. Manderup foi nominalmente citado na oração proferida durante o funeral, o que causou um pequeno incidente diplomático entre Rodolfo II da Bohêmia, onde Tycho faleceu, e Cristiano IV da Dinamarca, por iniciativa deste último.

Paul Chatel [19] descreve a situação dramática vivida por Tycho :

“ - Estais aqui em minha casa - disse a Tycho - Sou o cirurgião do Príncipe. Trouxeram-vos em estado lastimável. Vosso nariz estava profundamente ferido, tive que amputá-lo. A cirurgia correu bem e se a ferida cicatrizar corretamente, o que espero, podereis respirar normalmente, mas não tereis mais o perfil que era vosso até então

Alguns dias ainda se passaram Tycho melhorava Tycho também quis previnir seus amigos em Wittenberg, e Baldus em particular. Ele escreveu-lhe uma carta Quando recebeu a carta, Baldus ficou chocado. Decidiu partir imediatamente para Rostok..... Baldus havia chegado Foi preciso um terrível esforço (de Tycho) para suplantar seu constrangimento, abaixar o braço, abrir sua feiura e sua enfermidade aos olhares do amigo :

- É feio não é ? - disse ele a Baldus - Pareço um porco.

Baldus perdeu o fôlego - Era horivelmente repugnante .

- Tenho de encontrar uma solução. Não se substitui um nariz (disse Tycho).....

- Porque não mandas fazer um nariz de cêra - propôs Baldus - que colocarias em teu rosto ? Parece que é coisa possível, desde que seja untado com cola, com bastante frequência

- - Tu me imaginas com um pote de cola em uma mão e o nariz outra, na rua, diante do rei ou de minha amante? Ora, é ridículo.....

Tycho acabou aceitando a idéia de Baldus e foram pela cidade à procura de um artesão capaz de fabricar um nariz. Pararam em numerosas oficinas. Tycho usava um lenço que dissimulava seu rosto. Ele mostrava

sua enfermidade aos mestres artesões, que não conseguiam impedir um movimento de recuo. Todos eles recusavam, a tarefa, alegando a dificuldade do trabalho e suas incapacidades. Depois de grandes esforços, Tycho decidiu interromper esta busca

- Em vêz de um nariz de cêra (disse Baldus), debes considerar que ele pode ser feito de ouro e prata fundido eu te darei as proporções necessárias. Encontrarás tu mesmo um artesão-ourives que saiba trabalhar com o fogo para fundir, com o vento moldar com leveza e com a água para interromper a fusão

Tycho recuperava suas forças. Ele acabou encontrando um ourives que soube, com habilidade, fundir, polir e adaptar um nariz de ouro e prata. Ele o pintou da cor de seu rosto. Baldus havia lhe dado a fórmula de uma espécie de cola Era preciso apenas emplastar as partes em contato, algumas vêzes durante o dia".

3.3 -TYCHO : A NOVA ESTRELA DE 1572

No final de 1571 Tycho conheceu Cristine Jörgensdatter, que não tinha descendência nobre, e tendo vivido com ela durante mais de três anos deu legitimidade a esta união. Cristine foi sua mulher durante toda vida.

Em 11 de novembro de 1572, houve um acontecimento que deu início formal à carreira de Tycho como astrônomo. Dreyer [20] nos relata,

“ Tycho estava retornando de seu laboratório de alquimia, naquela noite, para a ceia e notou um estranho objeto brilhante no céu, perto da Constelação de Cassiopéia mais brilhante que as estrelas que já tinha visto e num lugar que ele sabia que não havia uma estrela...”

A surpresa de Tycho foi tão grande , que ele perguntou a seus assistentes, que o acompanhavam, se também viam aquele objeto brilhante. Ainda mais surpreso, com a concordância deles, passou a perguntar aos camponeses que estavam nas vizinhanças (*). Todos haviam visto o novo objeto brilhante, e Tycho começou a se preparar para localizar a nova estrela. Relata Dreyer [21]:

“ Tycho aguardou , impientemente, a próxima noite clara para rever aquele fenômeno incomum. Temia que poderia desaparecer da mesma forma como tinha aparecido..... Mas a nova estrela estava lá, e continuou por mais dezoito meses.... A confirmação da existência desta nova estrela, aumentava a surpresa de Tycho, porque ele já sabia que não se tratava de um cometa, embora nunca tivesse visto um”

(*) Ver Figura 2, pag. 341.

Para Tycho , a observação mais importante, dizia respeito ao movimento desta nova estrela, isto é, se fosse um cometa estaria em movimento. Comenta Thoren [22]:

“.... Seria interessante poder examinar o trabalho de Tycho, em sua primeira observação como astrônomo independente Mas estas primeiras observações, em sua carreira, são as únicas que estão desaparecidas....”

Entretanto , presume-se que Tycho tenha feito anotações desde a primeira noite, temendo que se tratasse de um cometa. Também, pode-se considerar a hipótese de que estas primeiras anotações tivessem sido feitas por um de seus assistentes. Após algumas noites de observação, Tycho concluiu que o objeto estranho era estacionário e portanto não poderia ser um cometa. Estas mesmas observações, levaram-no a outra importante conclusão: o objeto não estava localizado na esfera sublunar. A dicotomização Aristotélica, que dividia o Universo em duas regiões, a sublunar, onde existia a imperfeição, e a das esferas divinas, além da lua, onde existia a perfeição inimaginável (inclusive a lua), havia resistido a dezenove séculos e agora estava em questão. Tycho não era um seguidor do pensamento Aristotélico , mas havia sido educado segundo a dicotomia Aristotélica, fato este que originou muitas dúvidas naqueles primeiros dias de observação do novo objeto. É Thoren [23] que nos relata:

“ Tycho obteve sucesso em separar seus preconceitos não só para observar o movimento como também para considerar a falta de movimento.... A comparação de distâncias angulares da estrela em dois instantes diferentes, na mesma noite, devia ter alertado a qualquer observador competente, para a ausência de movimento...”

A observação de Thoren , aparentemente , sugere que Tycho poderia ter feito duas medições , logo na primeira noite.

Entretanto, a surpresa de Tycho e sua formação Aristotélica , o impediram de agir desta forma, isto é, foram necessárias algumas noites de observação para entender que o novo objeto estava estacionário e a uma distância característica das estrelas.

Muitos outros astrônomos fizeram observações sobre esta nova estrela, mas estavam convencidos de que a nova estrela estava abaixo da lua; outros ainda , insistiam que tratava-se de um cometa e que qualquer mudança de brilho seria aparente, e significaria um movimento.

Na época da observação da nova estrela, Tycho havia terminado de construir um novo sextante de madeira (nogueira), mais leve que o de metal, e com ele foi capaz de medir a distância da nova estrela às nove estrelas da Constelação de Cassiopéia, com maior aproximação. As observações e a utilização do novo sextante, ocuparam Tycho durante o inverno, entre 1572 e 1573. Nesta época, houve o início da diminuição do brilho da nova estrela, fato este que se tornou mais acentuado no início de 1573. Dreyer [24] nos conta :

“ Quando ele a viu pela primeira vez em 11 de novembro de 1572, era tão brilhante quanto Vênus, em seu brilho máximo, e permaneceu assim durante o mês de novembro, de forma que as pessoas podiam vê-la até na luz do dia, e podia ser vista à noite, por mais densas que fossem as nuvens.... Em dezembro, ela estava mais fraca, equivalente a Jupiter Em janeiro (1573), um pouco mais brilhante que as estrelas de 1ª magnitude; já em fevereiro e março equiparava-se a elas.... em abril e maio estava brilhante como uma estrela de 2ª magnitude e em junho, julho e agosto brilhava como uma estrela de 3ª magnitude E continuou a diminuir o brilho durante setembro..... e alcançou a 4ª magnitude em outubro.... no fim de janeiro (1574) de 5ª magnitude, em fevereiro como uma de 6ª magnitude e em maio a nova estrela deixou de ser visível.... ao mesmo tempo a cor também mudou gradualmente : no início era branca; pouco a pouco tornou-se amarela e no verão de 1573 tornou-se

avermelhada ; por volta dos primeiros meses de 1574 tornou-se como o chumbo, como Saturno, e assim permaneceu enquanto foi visível....”

Simultaneamente ao aparecimento da nova estrela, em 1572, Tycho havia preparado um diário Astrológico e Metereológico para o ano de 1573, manuscrito, informando o horário do nascente e poente das principais estrelas, os aspectos dos planetas e as fases da lua; juntamente com a provável influência sobre o tempo. Neste diário astrológico, Tycho adicionou suas observações sobre a nova estrela e seu provável significado.

No início de 1573 Tycho visitou seu amigo, Johannes Pratensis, e levou consigo o manuscrito sobre a nova estrela. O Prof. Pratensis não havia ouvido falar da nova estrela e quase não acreditava em Tycho, enquanto ouvia a narração de sua nova observação. O inconformismo do Prof. Pratensis residia no fato de ser ele um professor da Universidade de Copenhague, em constante comunicação com outros professores, e não acreditava que algo tão importante lhe tivesse sido omitido (*). Igualmente incrédulo esteve Charles de Dancey, amigo de Tycho e embaixador francês na Cortê dinamarquesa. Dancey, que era partidário da astrologia, quando ouviu falar sobre a chegada do amigo Tycho a Copenhague, convidou Pratensis e Tycho para um jantar. Durante a ceia, Tycho comentou sobre a nova estrela, mas Dancey achou que fosse uma brincadeira. Tycho nada mais disse, esperando que a noite ficasse clara. Quando a noite se mostrou clara, Tycho apresentou a nova estrela a seus amigos. Nos conta Dreyer [25] :

“ Pratensis e Dancey ficaram tão surpresos quanto Tycho na primeira noite..... era totalmente diferente de um cometa.... e de acordo

(*) Pratensis era professor de Medicina.

com as observações de Tycho, provavelmente pertenceria à oitava esfera, que era considerada o retrato da imutabilidade....”

Após esta observação em Copenhague, o Prof. Pratensis compreendeu a importância do manuscrito sobre a nova estrela, que Tycho havia lhe oferecido para ler, e o convenceu a imprimí-lo. Sobre este assunto, comenta Dreyer [26] :

“ mas Tycho declinou, alegando que não estava totalmente terminado.... mas na verdade, era porque ainda não havia se libertado de seus preconceitos (Aristotélicos)”.

Podemos observar que, se por um lado o manuscrito marcasse a entrada de Tycho para a fase das publicações, por outro lado, a decisão de não publicar deixou as informações sobre o evento insuficientes e contraditórias. Tycho deixou Copenhague com seu manuscrito, mas poucos meses depois, recebeu do Prof. Pratensis uma série de tolices impressas à respeito da nova estrela, o que motivou sua vontade de publicar seu próprio manuscrito, com o objetivo de refutar as informações, errôneas, sobre a nova estrela. Houve a sugestão de que Tycho publicasse com um pseudônimo, ou mesmo um anagrama, em face à nova hesitação de Tycho. Mas Tycho foi convencido, e finalmente o Prof. Pratensis imprimiu os cálculos da estrela e parte do diário astrológico e metereológico.

O manuscrito (*) adquiriu a forma final nas últimas semanas de abril de 1573 e o Prof. Pratensis escreveu parte do prefácio na forma de uma carta, dirigida à Tycho, com data de 3 de maio do mesmo ano. O prefácio consistia, basicamente, de uma resenha de vários conteúdos do livro, louvor ao conhecimento de

(*) Ver Figuras 3 e 4, pag. 342.

Tycho, declaração de amizade e um poema louvando a nobre descendência de Tycho, feito pelo Prof. Johannes Fabrícus.

Algum tempo depois, em meados de 1573, o livro de Tycho foi feito de domínio público e as cópias impressas foram dadas por Tycho para amigos, protetores e homens europeus do saber. Destaca-se o curioso comentário de Thoren[27] a respeito :

“ Tycho descreveu a impressão como tendo sido muito mesquinha, significando que o próprio Tycho foi obrigado a adquirir e dar o livro impresso a todos..... se deu a qualquer de seus parentes, nenhuma cópia está entre as 20 que sobreviveram....”

O livro foi impresso em Copenhague, em 1573, mas poucas cópias foram enviadas e distribuídas. Muitos anos depois, em 1602, após a morte de Tycho, a parte mais importante foi reimpressa, e colocada em sua obra “Astronomiae Instauratae Progymnasmata”.

Dreyer [28], estudioso de Tycho, nos afirma que:

“.... o pequeno livro “De Nova Stella”, é extremamente raro, e não parece ter sido manuseado por qualquer autor moderno da história da astronomia....”.

Paul Chatel [29] nos apresenta um cenário belíssimo, onde brilha a nova estrela :

“.... (Diz Tycho em carta ao amigo Baldus) ... Não sabendo nada das razões da aparição desta estrela, eu me esforcei para expor o estudo que realizei: sua posição no céu, em relação às estrelas fixas e em relação à Terra; suas características: de dimensão, de luz, de cor, enfim, para

terminar, seus efeitos e incidências astrológicas tais quais podem ser calculadas....

- Posição no céu : *A nova estrela é uma estrela do norte. Ela apareceu perto da Constelação de Cassiopéia*

- Posição em relação à Terra : *É muito difícil calcular as distâncias entre a terra e as estrelas, pois são distâncias muito grandes e, além disso, não existe ninguém nas estrelas. Esta nova estrela está muito distante, situa-se no céu mais longinquo, o da oitava esfera. De lá a terra pareceria um ponto ridículo Esta estrela, eu o expressei e demonstrei, encontra-se no oitavo céu. Não é , portanto, um cometa nem um meteoro em chamas.... Pensa-se que os cometas e os meteoros surgem , não no céu, mas nas regiões situadas sob a lua Albatagênus, entretanto, defende uma tese oposta, segundo a qual os cometas não aparecem na região sublunar, mas no céu. Se ele está certo ou errado, ainda não sei. Posso simplesmente afirmar que, se Deus quiser, tudo é possível, e que vou me dedicar a este problema, pois me parece que Albatagênus tem razão, contra todos, a este respeito. Esta nova estrela não é, de qualquer modo, nem um meteoro, nem um cometa.....*

- Características com relação a dimensão, luz e cor : *Por dimensão das estrelas..... entendem os mestres que devemos considerar sua dimensão visível e seu tamanho real. Certas estrelas parecem ínfimas, mas na verdade, podem ser imensas, até cem vêzes maiores que a terra. O visível é, portanto, diferente do real..... Quanto a sua luz, era, no início, mais brilhante, mais resplandecente que as outras estrelas. Era, na sua origem, uma estrela de amor e de paz.....*

Quanto a cor, não permaneceu a mesma o tempo todo. No início foi branca, passou pelo amarelo e pelo vermelho e finalmente tombou para a palidez mórbida do chumbo

- Considerações astrológicas : *É difícil para mim expor alguma coisa de seguro e de conseqüente sobre os efeitos prováveis e possíveis desta nova estrela.... Entretanto, é possível dizer que, se “N” é raro, “N” provoca raros efeitos A natureza desta nova estrela foi múltipla e instável. No início, ela foi de paz e doçura, depois aproximou-se da fúria e da guerra, e finalmente familiarizou-se com a morte.....*

- Conclusão : *..... Antes de terminar, direi que existe uma fonte de saber mais secreta e mais profunda que a astrologia, mais poderosa do que a ciência, embora menos rigorosa, e mais forte que todo o saber, que é a intuição que acompanha o amor intenso e a paixão, quando*

ela (a intuição) conduz à verdade: Amei esta nova estrela. Eu a descobri e depois a perdi. Ela é obra e segredo de Deus. E, no entanto, no íntimo de meu ser, eu a chamei De Filiola Naturalis.....”

Em seu diário, Tycho [30] anotou:

“ ... Hoje, quarta feira , sétimo dia do mês de maio de mil quinhentos e setenta e quatro, a nova estrela perdeu-se na imensidão. O vento é fresco, as árvores se movem levemente e a noite é clara; Cassiopéia reencontrou sua forma habitual. Como se podia prever, há algumas semanas, a nova estrela, após vários, meses de vida, apagou-se, sem dúvida para sempre.....”.

3.4 - TYCHO : A ILHA DE HVEEN

Durante o ano de 1575, Tycho esteve fora da Dinamarca, visitando vários astrônomos residentes na Europa. Ao retornar à Dinamarca, no final de 1575, Tycho estava decidido a não mais residir em seu país. Entretanto, em suas últimas viagens (1575), Tycho visitou Guilherme IV de Hesse (1532 - 1592), conhecido por ter fundado um observatório em 1561, em Cassel. Sobre esta visita, relata o astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão [31] :

“..... Após esta visita, o Landgrave de Hesse-Cassel (Guilherme IV) enviou uma mensagem ao rei Frederico II aconselhando-o a construir um observatório para TychoAo retornar à Dinamarca, Tycho recebeu uma mensagem de Frederico II, aos onze dias do mês de fevereiro de 1576, solicitando que fosse vê-lo”.

Quando Tycho se apresentou ao rei Frederico II já era considerado um astrônomo importante , embora tivesse apenas 29 anos, e recebeu uma proposta extraordinária para fixar-se na Dinamarca : o rei ofereceu-lhe uma pequena ilha, onde deveria residir e construir um observatório, com recursos da côroa Dinamarquesa. Relata Dreyer [32]:

“Ao retornar à Dinamarca Tycho recebeu várias ofertas do rei Frederico II para residir na Dinamarca, e para tanto foram-lhe oferecidos vários castelos, mas Tycho não aceitou entretanto o rei não poderia perder um jovem tão promissor como Tycho e enviou um mensageiro com ordens para viajar, incansavelmente, até encontrar um lugar que fosse adequado aos estudos de Tycho na manhã de onze de fevereiro de 1576, o mensageiro real foi ao encontro de Tycho no Castelo

de Knudstrup, onde lhe entregou uma carta, na qual o rei convocava Tycho para ve-lo no mesmo dia neste encontro o rei ofereceu-lhe uma pequena ilha próxima a Copenhague, para que Tycho tivesse uma residência adequada a um astrônomo além da ilha, o rei ofereceu-lhe recursos para a construção de sua residência Tycho respondeu afirmativamente, após cinco dias, e o rei imediatamente tomou providências para que Tycho recebesse a soma , em dinheiro, necessária para a construção”

Em 23 de maio de 1576, decretou Frederico II [33]:

“ Nós , Frederico II, damos a conhecer a todos que transferimos e concedemos, por carta aberta, ao nosso amado Tycho Brahe, filho de Otto, de Knudstrup, nosso varão e servo, nossa terra de Hveen (), com todos os nossos inquilinos arrendatários e servos, que nela vivem, com todas as rendas e encargos oriundos dela e que hoje são arrecadados a nós e a côroa , para que possua , use e retenha livre , sem qualquer aluguel, por todos os dias de sua vida e enquanto desejar seguir seus estudos matemáticos; e que mantenha os servos que ali vivem sob a lei e a ordem, não deixando que se voltem contra a lei ou contra qualquer novo imposto ou taxa e que sejam sempre fiéis a nós e ao reino, estando sempre a serviço de nosso bem estar, em todos os sentidos, protegendo o reino dos perigos e dos prejuizos....*

Frederiksborg, 23 de maio de 1576 .

Frederico”

Tycho havia conhecido, pela primeira vêz, a pequena ilha em 22 de fevereiro de 1576 e em junho partiu para dela tomar posse. Paul Chatel [34], nos conta:

(*) Ver Figura 5, pag. 343.

“ Tycho partiu triste para Hveen (), num dia de vento frio, a fim de tomar posse de sua ilha Caminhou sob a chuva, deixando sua gente providenciar-lhe um lugar para dormir No dia seguinte, fez a volta na ilha, esteve nos dois vilarejos, percorreu os campos, as matas, as lagoas e mandou abrir a igreja, chegando a ajoelhar-se durante alguns instantes no banco de oração..... Uns após outros , Tycho visitou os quatro fortes que defendiam Hveen Nordborg na costa norte Söndeborg a sudoeste.... Hammer a nordeste e Carlshöga a sudeste..... Apenas o forte de Hammer estava ainda de pé”.*

O lançamento da primeira pedra do que seria o Castelo dos Céus, Uraniborg , foi feito em 08 de agosto de 1576. O embaixador francês, Charles de Dancey, pediu permissão para realizar esta cerimônia, fornecendo uma pedra de material nobre com uma inscrição, em latim, especificando que este castelo seria dedicado à filosofia e especialmente à contemplação das estrelas. Relata Dreyer [35]:

“ alguns amigos e pessoas graduadas reuniram-se pela manhã, ainda cedo, enquanto o sol estava nascendo saudações eram solenemente feitas , com vários vinhos, e sucessos eram desejados para o projeto ;a pedra fundamental foi colocada em seu lugar, em uma das extremidades da construção, ao nível do solo”

Para edificar o Castelo dos Céus, Uraniborg, Tycho contratou o arquiteto Julius Baltazar Loos, que era de origem holandesa e havia trabalhado inicialmente na França, depois em

(*) O melhor amigo de Tycho, Johannes Pratensis (1543 - 1576), havia falecido em 1º de junho de 1576. Pratensis era professor de Medicina na Universidade de Copenhague desde 1571.

Augsburgo e finalmente para o rei da Dinamarca. O arquiteto Július Baltazar foi o autor do pavilhão de caça Haage, perto de Helsingør. Paul Chatel [36] cria interessante diálogo entre Tycho e Július Baltazar :

*“ - Não vai ser fácil, senhor - disse Július
Baltazar a Tycho - pois vossa ilha
não possui quase nenhuma das
matérias-primas necessárias à
construção. Vai ser preciso mandar
buscar as pedras da Escânia, a madeira
da Jutlândia, os tijolos de Seeland; tudo
isso de barco e no inverno, quando muito
amiúde as condições do mar impedem a
travessia.
- Eu sei muito bem - respondeu Tycho - nos
submeteremos às exigências da natureza”.*

Há registros de que em 14 de dezembro de 1576 Tycho tenha feito sua primeira observação em Hveen, exatamente quando completava 30 anos.

Tycho e Julius Baltazar trabalharam durante longos meses para traçar os planos do futuro do Castelo dos Céus.

Thoren [37] nos relata que em 18 de maio de 1577, Tycho foi nomeado Reitor da Universidade de Copenhague, mas não aceitou o cargo para poder continuar a participar da construção de Uraniborg. A este respeito, Dreyer [38] nos conta que Tycho sentiu-se muito honrado com tal nomeação, mas não pode aceitá-la

em função de seus compromissos com a ilha de Hveen, mas há indícios de que esta decisão tenha lhe sido muito difícil.

Em 2 de abril de 1577, um eclipse total da Lua foi observado por Tycho, na ilha de Hveen, embora não houvessem instalações apropriadas.

O Castelo de Uraniborg foi terminado em outubro de 1581 (*), ocasião em que Tycho e sua família passaram a ocupá-lo. Sobre Uraniborg, relata o astrônomo Mourão [39] :

“.... Edificado no ponto mais elevado de Hveen, compunha-se de uma habitação cercada ao norte e ao sul por torres de observações cônicas, com coberturas móveis. Os assistentes, observadores e calculadores se alojavam neste edifício, onde possuíam uma grande biblioteca, além de gabinetes, para sua atividade. O jardim que circundava esta enorme edificação era protegido por uma espessa e elevada muralha de terra, em cujos vértices norte e sul encontravam-se dois pavilhões : um para empregados e outro para uma gráfica. A oficina onde foram construídos quase todos os instrumentos do observatório se encontrava bem pouco afastada, na parte extrema da muralha. Foram recrutados os mais excelentes mecânicos, muitas vezes no exterior, pois o rei Frederico II não gostava que Tycho encomendasse os seus instrumentos no estrangeiro e preferia que os operários fossem contratados para construí-los na Dinamarca”.

Durante o período de construção de Uraniborg, diversas observações importantes foram feitas por Tycho em Hveen:

(*) ver Figuras 7; 8 e 9, pags. 345; 346 e 347 respectivamente.

- *Em 2 de abril de 1577 Tycho observou um eclipse lunar total.*
- *Em 27 de setembro de 1577, outro eclipse lunar total foi observado.*
- *Em 13 de novembro de 1577, o grande cometa foi visto em Hveen, tendo sido observado pela última vez em 26 de Janeiro de 1578. Depois chamado cometa Brahe*
- *Em 16 de setembro de 1578 Tycho observou mais um eclipse lunar total.*
- *Em 25 de fevereiro de 1579 um eclipse solar parcial foi observado.*
- *Em 31 de janeiro de 1580 outro eclipse lunar total foi observado.*
- *Em 10 de outubro de 1580 um cometa foi observado por Tycho, que o observou até 25 de novembro do mesmo ano. Observações também foram feitas na manhã de 13 de dezembro do mesmo ano.*
- *Em 19 de janeiro de 1581, outro eclipse total da lua foi observado.*
- *Durante o ano de 1581 Tycho iniciou suas observações regulares sobre a lua.*

- *Em 16 de julho de 1581 mais um eclipse lunar total foi observado.*

Sobre o grande cometa de novembro de 1577 Paul Chatel [40] nos conta :

“ ... Houve naquele ano, um admirável cometa que atravessou o céu com uma lentidão infinita . Tycho o considerou como prenúncio favorável, mas estava enfurecido por só poder fazer observações sumárias”.

No ano de 1579, Tycho recebeu uma carta do próprio rei, que pedia ao senhor de Hveen que fosse vê-lo imediatamente para traçar o horóscopo de Sua Alteza, o Príncipe Cristian, filho primogênito do rei, nascido em 12 de abril de 1577. Sobre este episódio, Paul Chatel [41] nos conta :

“ Tycho teve que se debruçar sobre o céu astral de Cristian da Dinamarca, nascido às quatro horas e trinta minutos, numa tarde chuvosa e quente do mês de abril de 1577 (doze de abril). Antes do príncipe Cristian, houve duas princesas que morreram em tenra idade. Tudo indicava que o destino do jovem seria extraordinário. Tycho trabalhava todos os dias neste horóscopo Quando o horóscopo foi concluído, Tycho fez um pequeno livro encadernado de veludo azul escuro, com fecho trabalhado em prata, e o mandou entregar ao rei Frederico II, em seu Castelo ”.

Ainda, segundo Paul Chatel [42], continha o pequeno livro :

“ ... Nada acontecerá até o duodécimo ano do príncipe, que deverá ser um ano difícil, biliar e ácido, pois o ascendente entrará em quadratura com Saturno. Nos seus vinte e nove anos, Cristian da Dinamarca deverá tomar precauções extremas com relação à sua saúde, sua honra e sua

dignidade, pois neste período o Sol entrará em quadratura com Saturno. Cinquenta e seis anos será uma idade desfavorável : Vênus, situado então na oitava casa, não trará nenhum auxílio. De acordo com os cálculos dos mestres árabes, a vida deverá interromper-se aos cinquenta e seis anos. As regras de Ptolomeu dão quase exatamente o mesmo resultado. Seria muito difícil ao príncipe sobreviver depois desta idade, a menos que Deus decida de outro modo....”.

Após a conclusão de Uraniborg (*), em 1581, um outro cometa foi observado por Tycho em 1582 e dois anos depois, em 1584, Tycho iniciou a construção do Castelo das Estrelas, Stejerneborg(**). Sobre o Castelo das Estrelas, nos explica o astrônomo Mourão [43] :

“ O Castelo das Estrelas, cujas salas de observação eram subterrâneas, para evitar o vento e deste modo assegurar uma melhor estabilidade, o que não ocorria nas torres de Uraniborg”.

No mesmo ano de 1584, em 30 de abril, Tycho observou um eclipse parcial do sol e em junho deste mesmo ano Tycho concluiu a construção de sua gráfica em Hveen. Ainda, em 7 de novembro de 1584 Tycho observou outro eclipse lunar total. E ainda, em junho de 1584, durante o verão, Tycho fez sua primeira impressão na gráfica da ilha de Hveen. Além das observações diárias, ou noturnas, as observações de fenômenos extraordinários continuaram em Hveen, tendo Tycho observado, em 7 de novembro de 1584, um eclipse lunar total. O tempo passava e as observações tornavam-se, a cada dia, mais detalhadas e sistemáticas. Tycho continuava a receber, regularmente, visitas (***) e alunos que iriam

(*) Ver Figura 10, pag. 348.

(**) Ver Figura 11, pag. 349

(***) Ver figura 12; 13;14 e 15, pags. 350; 351 e 352 respectivamente.

se tornar seus assistentes. No inverno, quando trabalhavam até muito tarde, Tycho mandava trazer ao observatório cerveja e arenques marinados.

Paul Chatel [44] descreve Hveen, naqueles anos :

“.... Vivia-se quase em regime de auto-suficiência : os alimentos, como os peixes, provinham do mar e da lagoa, a carne dos animais da ilha, os legumes das hortas, o leite e os ovos da fazenda e os frutos dos pomares poder-se-ia suportar até um cerco Tycho deixava de lado, às vezes, seus atributos de senhor de Hveen e caminhava, com a cabeça descoberta, ao longo das encostas. Deixava o vento açoitá-lo seu rosto e pensava no passado, no amigo Baldus, que estava tão longe e cuja amizade lhe fazia falta.... Frequentemente, à tarde e à noite Tycho trabalhava solitário no Castelo das Estrelas, Stjerneborg”.

Em 4 de abril de 1588, morre o rei Frederico II da Dinamarca, o grande benfeitor de Hveen, deixando o governo nas mãos de políticos, uma vez que o príncipe Cristian ainda fazia onze anos em 12 de abril do mesmo ano . O astrônomo Mourão [45] nos diz :

“ Não existe dúvida de que a visão de Frederico II, ao estabelecer o primeiro centro de pesquisa do mundo, o colocou como um dos estadistas de maior visão científica. As despesas dos observatórios Uraniborg e Stjerneborg foi o preço que custaram as leis de Kepler, se considerarmos as consequências destas leis, as suas aplicações puras e práticas, desde Newton até hoje, somos forçados a convir em que o custo não foi elevado.....”.

No ano de 1590, Tycho iniciou as obras de sua fábrica de papel em Hveen e no mesmo ano, em fevereiro, observou um cometa de baixo brilho, em 20 de março recebeu a visita do rei

Jacob VI, da Escócia (*). Ainda, em 21 de julho de 1590 observou um eclipse parcial do Sol. Em 30 de dezembro de 1590 Tycho observou um eclipse lunar total. Outras observações continuaram a ser feitas diariamente, entremeadas pelos fenômenos extraordinários, como o eclipse solar parcial, observado em Hveen, em 10 de julho de 1591.

Em 3 de julho de 1592, Cristian IV, filho de Frederico II, visitou a ilha de Hveen, entretanto Cristian IV ainda não atingira a maioridade para ser coroado como rei , o que só viria a acontecer em 1596 (**).

Com o passar dos anos, artesões vieram para Hveen e os instrumentos foram aperfeiçoados. As observações de Tycho tinham início durante a noite e prosseguiam até o amanhecer. Com os novos instrumentos seus trabalhos progrediram, suas observações tornavam-se mais precisas. Paul Chatel [46] cita um trecho do diário de Tycho:

“ ... Eu desconheci até a vida que contribuí para criar. Minha única ousadia foi e permanece a ser a violência quotidiana que me faço para continuar a avançar..... em meus pensamentos sobre os astros. Cada estrela calculada no céu, por meus cuidados, é um passo que dou na escada do saber mas também de uma dor íntima, feita de uma cegueira que me é própria. Meus dois filhos mais velhos.... partiram de casa sem que eu tenha sabido compreendê-los e amá-los realmente. Eles retornarão no verão, transformados com certeza, mas só verei as aparências. Eu os reconhecerei sem dificuldades, mas me será impossível notar suas evoluções secretas”.

(*) Ver Figura 16, pag. 353.

(**) Ver Figura 17, pag 354.

Em julho de 1596, o jovem Cristian IV foi coroado rei da Dinamarca. Os fatos que se seguiram à coroação são narrados pelo astrônomo Mourão [47]:

“ tudo corria bem até o dia da maioridade de Cristian IV, que após sua coroação foi cercado de conselheiros contrários a Tycho Brahe. Surgiram então as acusações, entre elas a de que seus filhos não haviam sido batizados dentro das normas e descobriu-se que Tycho jamais havia participado da Santa Ceia, durante toda a sua permanência em Hveen. Aos primeiros atos de Cristian IV, que decidiu retirar parte dos seus lucros, Tycho resolveu se afastar de Hveen”.

Em função desta decisão de Tycho, sua última observação em Hveen foi feita em 15 de março de 1597 e em 29 de março, deste mesmo ano, Tycho deixou Hveen em direção a Copenhagen. Sobre a partida, Paul Chatel [48] cita um trecho do livro de registros das observações, escrito pelo próprio punho de Tycho :

“... Antes de abandonar sua ilha em Hveen, Uraniborg e seu observatório do Castelo das Estrelas, à chuva, aos alísios e ao silêncio desolado dos elementos indômitos, o senhor do lugar, Tycho Brahe til Knudstrup og Maarslest e todos os seus assistentes queridos declaram solenemente ter observado, descrito, calculado e admirado nada menos que setecentos e setenta e sete estrelas fixas no firmamento do Divino Construtor. Feito em Uraniborg, na ilha de Hveen, na última noite do último dia. No vigésimo nono dia de março do ano de mil, quinhentos e noventa e sete”.

Paul Chatel destaca que, antes de se retirarem, todos puseram suas rubricas.

3.5 - TYCHO : OS COMETAS OBSERVADOS EM HVEEN

O ano de 1588 foi de grande destaque na vida de Tycho Brahe. Se por um lado, foi o ano da morte de seu grande protetor, o monarca Frederico II da Dinamarca, por outro lado, foi o ano da publicação de “ De Mundi Aetherei Recentioribus Phaenomenis”, na qual Tycho trata do Cometa de 1577, e apresenta pela primeira vez seu próprio modelo do Universo.

Sobre este cometa de 1577, comenta Dreyer [49] :

“... No dia 13 de novembro de 1577, antes do por do sol, Tycho estava ocupado com suas atribuições de pesca, tentando pescar um peixe para a ceia, quando ele verificou uma estrela muito brilhante no oeste....”.

Relata, também Dreyer [50], que este cometa teria sido visto no Peru, no dia 1º de novembro e em Londres no dia 2 de novembro, tendo sido observado pela última vez em 26 de janeiro de 1578.

Durante o tempo em que ficou visível, Tycho observou sistematicamente este cometa (*), medindo sua distância em relação a várias estrelas fixas, na busca por determinar seus movimentos. Na época destas observações, Tycho ainda não dispunha de novos instrumentos e de colaboradores experientes nas observações. Dreyer [51], sobre este cometa, comenta que Tycho

(*) Ver Figura 6, pag. 344.

ainda não tinha amplo conhecimento sobre a necessidade da precisão em suas observações e por este motivo as observações deste cometa de 1577 não podem ser comparadas com as observações futuras de Tycho. Dreyer [52] comenta, também, que apesar deste desconhecimento inicial, todas as suas medições iniciais eram muito melhores do aquelas feitas por outros observadores.

As observações de Tycho, sobre este cometa, demonstravam, mais decisivamente que outras, que este cometa estava localizado muito acima da órbita lunar, em oposição ao pensamento Aristotélico, que considerava os cometas como fenômenos atmosféricos.

O Prof. Ronaldo Rogério de Freitas Mourão [53], comenta que :

“ Em 13 de novembro de 1577, Tycho Brahe começou a observar um cometa de brilho excepcional, magnitude-7, com cauda de 30 graus, segundo o astrônomo Michael Maestlin (1550 - 1631). Este cometa permitiu a Brahe determinar a sua paralaxe, demonstrando que os cometas não eram um fenômeno sub-lunar, como havia sido considerado até então. Esta constatação representava um tremendo golpe na Cosmologia Aristotélica....”.

Mostrando que a nova estrela, de 1572, estava na esfera das estrelas fixas, Tycho já havia iniciado a derrubada do pensamento Aristotélico e começava a ficar claro que novos corpos celestes podiam ser vistos nos céus do Divino Construtor.

Na juventude, Tycho havia recebido a formação Aristotélica, e acreditava que a localização de um cometa estaria na atmosfera. Com a observação do cometa de 1577, Tycho teve a oportunidade de colocar o cometa além da lua e como suas observações eram conhecidas como precisas, houve o aumento de sua autoridade como astrônomo.

Nos diz o astrônomo Mourão (*) :

“De fato, estudando o desenvolvimento das idéias astronômicas no século XVI, é fácil verificar o enorme impacto que o cometa Brahe(**), em 1577, teve sobre o conceito Aristotélico de um Universo perfeito e imutável, obra de uma criação divina. As mudanças e deteriorações, observáveis na Terra e na atmosfera, eram uma característica do mundo sub-lunar. A crença na imutabilidade e perfeição divina do céu exigia que os cometas circulassem somente no mundo sub-lunar.

Um dos grandes golpes para os que defendiam o conceito Aristotélico foi o aparecimento, em 27 de outubro de 1577, desse notável cometa, cuja observação permitiu ao astrônomo dinamarquês Tycho Brahe determinar que o mesmo se encontrava além do mundo sub-lunar.....”.

Três anos depois, em 1580, já na ilha de Hveen, Tycho obsevou outro cometa em 10 de outubro, na Constelação de Peixes. Este cometa pode ser observado em Hveen até 25 de novembro. Dreyer [54] comenta que as observações deste cometa foram numerosas e melhores do que a do cometa de 1577, em função dos instrumentos e de seus assistentes.

(*) Mourão, Ronaldo Rogério de Freitas ; em “Introdução aos Cometas”, pag. 10.

(**) Mourão, Ronaldo Rogério de Freitas ; em “Introdução aos Cometas”, pag. 212.

Na juventude, Tycho havia recebido a formação Aristotélica, e acreditava que a localização de um cometa estaria na atmosfera. Com a observação do cometa de 1577, Tycho teve a oportunidade de colocar o cometa além da lua e como suas observações eram conhecidas como precisas, houve o aumento de sua autoridade como astrônomo.

Nos diz o astrônomo Mourão (*) :

“De fato, estudando o desenvolvimento das idéias astronômicas no século XVI, é fácil verificar o enorme impacto que o cometa Brahe(**), em 1577, teve sobre o conceito Aristotélico de um Universo perfeito e imutável, obra de uma criação divina. As mudanças e deteriorações, observáveis na Terra e na atmosfera, eram uma característica do mundo sub-lunar. A crença na imutabilidade e perfeição divina do céu exigia que os cometas circulassem somente no mundo sub-lunar.

Um dos grandes golpes para os que defendiam o conceito Aristotélico foi o aparecimento, em 27 de outubro de 1577, desse notável cometa, cuja observação permitiu ao astrônomo dinamarquês Tycho Brahe determinar que o mesmo se encontrava além do mundo sub-lunar.....”.

Três anos depois, em 1580, já na ilha de Hveen, Tycho obsevou outro cometa em 10 de outubro, na Constelação de Peixes. Este cometa pode ser observado em Hveen até 25 de novembro. Dreyer [54] comenta que as observações deste cometa foram numerosas e melhores do que a do cometa de 1577, em função dos instrumentos e de seus assistentes.

(*) Mourão, Ronaldo Rogério de Freitas ; em “Introdução aos Cometas”, pag. 10.

(**) Mourão, Ronaldo Rogério de Freitas ; em “Introdução aos Cometas”, pag. 212.

Um outro cometa [55] , foi observado por Tycho em maio de 1582, apenas por três dias, em 12, 17 e 18 daquele mês. Este mesmo cometa foi observado na Alemanha até 23 de maio e na China foi visto por mais vinte dias, após sua aparição em 20 de maio.

Mais um cometa foi observado por Tycho, em 18 de outubro de 1585 ; este cometa foi observado quando a coleção de instrumentos de Tycho estava completa. Dreyer [56] comenta que :

“ a excelência das observações e o cuidado com o uso de seus instrumentos, aumentaram ainda mais a autoridade de Tycho”

O próximo cometa apareceu em 1590, e foi observado por Tycho entre 23 de fevereiro e 6 de março. Há registros de um outro cometa em 1593. O último cometa observado em Hveen foi o de 1596, que Tycho viu em Copenhague, em 14 de julho, ao sul da Constelação do grande Urso. Este mesmo cometa foi observado quando Tycho retornou a Hveen, em 17 de julho, e foi observado por mais três noites. Dreyer [57], comenta que :

“ a estrela de 1572 e os cometas observados em Hveen, tinham esclarecido o caminho para restaurar a astronomia, ajudando a destruir velhos conceitos. Tycho resolveu , então, escrever um grande trabalho sobre estes novos fenômenos em função do alcance destas novas conjecturas, Tycho deu a este trabalho o título de Astronomiae Instauratae Progymnasmata, ou Introdução à Nova Astronomia....”.

Esta obra “Astronomiae Instauratae Progymnasmata” representou um caminho aberto para as novas concepções cosmológicas que foram apresentadas por Kepler.

O astrônomo Mourão [58], nos ensina que :

“ Astronomiae Instauratae Progymnasmata (1602) conhecida também sob o título resumido de Progymnasmata. As primeiras 816 páginas foram impressas em Uraniborg; e as (páginas) de 817 a 822 foram acrescentadas, em Praga, por Kepler. A partir da página 581, se reproduz a obra “ De Nova Stella Anni 1572 “, cuja edição de 1573 foi quase totalmente destruída. Os (volumes do) Progymnasmata contêm os fundamentos das teorias do Sol, da Lua , dos planetas e da aceleração da fixas”

Paul Chatel [59], nos conta que :

“.... Tycho o considerou (o cometa de 1577) como prenúncio favorável, mas enfureceu-se por só poder fazer observações sumárias. Sentiu falta daquela época em Augsburgo e de Herrevad (em 1577 Tycho estava em Hveen construindo Uraniburgo), onde nenhuma preocupação atrapalhava seus esforços científicos”

3.6 - TYCHO : O MODELO TYCHÔNICO DO UNIVERSO

As observações da nova estrela , em 1572, e do conjunto de cometas, de 1577 a 1582, tiveram grande influência sobre a formação Aristotélica de Tycho. A paixão de Tycho pela observação dos céus do Divino Construtor crescia a passos largos ; novos instrumentos eram construídos no Castelo dos Céus, Uraniborg, na ilha de Hveen e Tycho formava novos assistentes.

Em 1584, um jovem matemático conhecido como Ursus esteve em Uraniborg acompanhando um visitante. Há relatos de que Ursus teria se apropriado de um desenho , ainda não concluído, de Tycho. Este fato, daria origem a uma intensa disputa entre Tycho e Ursus sobre o conteúdo deste desenho. Na parte 3.7 deste estudo, esta disputa está melhor detalhada, onde observamos que Tycho e Ursus disputaram a criação daquele desenho, durante muitos anos.

Mas o que continha aquele desenho? Como dissemos anteriormente, os conceitos de Tycho foram mudando na década compreendida entre 1572 e 1582 e novas conjecturas sobre o Universo foram se formando : Entre estas conjecturas está a criação de um novo sistema do Universo, isto é, uma nova distribuição para os corpos celestes : a Terra, a Lua , o Sol, os cinco planetas e as estrelas fixas. O desenho continha esta nova distribuição criada por Tycho. Em função da disputa citada, sabe-se que esta nova distribuição foi elaborada por Tycho antes de 1584, mas não se sabe exatamente quando. Provavelmente entre 1582 e 1583.

Mas o que motivou esta nova distribuição ? Tycho havia recebido, em sua juventude, uma sólida formação Aristotélica, isto é, a distribuição dos corpos celestes seguia o modelo de Ptolomeu, onde a Terra é o centro do Universo e a Lua , o Sol , os cinco planetas e as estrelas fixas estariam em movimento circular ao redor da Terra. A figura A, a seguir , mostra este modelo de Ptolomeu.

FIGURA A - Modelo Ptolomaico do Universo : onde se observa a Terra no centro; Lua; Mercúrio; Venus; Sol; Marte; Jupiter; Saturno e as Estrelas Fixas.

O modelo Copernicano do Universo era discutido frequentemente, sobre vários aspectos, desde sua publicação em 1543. Tycho, desde sua juventude, tinha conhecimento desta obra de Copernico e conhecia, também, seu prefácio(*), tido como anônimo, onde o conteúdo do livro “ De Revolutionibus” era apresentado apenas como sendo uma ferramenta matemática para salvar os fenômenos astronômicos. Sabe-se que Tycho se opôs ao modelo Copernicano desde sua juventude, mas tudo indica que sua maior dificuldade seria admitir que a Terra estivesse fora do centro do Universo. Sabe-se, também, que Tycho jamais admitiu tal possibilidade. Nos conta Thoren [60]:

“..... Tycho declarou, explicitamente, que ele não formulou seu sistema simplesmente alterando o Sistema de Copérnico, ele (Tycho) era um admirador da geometria da Teoria Planetária de Copérnico, mas não da Cosmologia, fruto da ousadia observacional de Copérnico; uma vez que ele tinha sua própria visão sobre a Cosmologia e era incapaz de crer que a Terra estivesse em movimento “

Nos relata Dreyer [61] :

“..... mas ele (Tycho) supôs que o Sistema Copernicano tivesse defeitos e sentiu um certo desinteresse em adotar uma outra representação geométrica, na qual, realmente, ele não poderia acreditar; isto o levou a tentar formular um sistema (próprio) que possuísse as vantagens do sistema Copernicano, mas, sem seus supostos defeitos”.

(*) O prefácio , na íntegra , está no anexo A1.2, pag. 213

Pode-se admitir que a necessidade de Tycho, em manter a Terra como centro do Universo, tenha sido o mais forte motivo para a criação de sua própria distribuição dos corpos celestes. Nesta distribuição, a Terra ocupava o centro do Universo, e, ao seu redor, estaria a Lua, em movimento circular. Ainda, ao redor da Terra estaria o Sol, também em movimento circular, e a esfera das estrelas fixas. A inovação formulada por Tycho, na nova distribuição do Universo, consistiu em que os cinco planetas estariam, agora, ao redor do Sol e não da Terra. A figura B, a seguir, mostra esta distribuição, que viria a ser conhecida como modelo Tychônico do Universo.

FIGURA B - Modelo Tychônico do Universo : onde se observa a Terra no centro, a Lua, o Sol e as Estrelas Fixas girando ao redor da Terra e os cinco planetas girando em torno do Sol.

Deve-se observar que o desenho que teria sido copiado por Ursus, em 1584, é ligeiramente diferente da Figura 2, isto é, no decorrer da disputa, Tycho afirmou que, inicialmente, conjecturou que a órbita do Sol e de Marte, não teriam pontos em comum quando representados em uma figura plana. Esta observação tem importância relevante : teriam sido os dados experimentais obtidos, em suas observações das órbitas de Marte, que teriam levado Tycho a reformular a primeira conjectura.

Este modelo Tychônico do Universo, foi publicado pela primeira vez, em sua obra “ De Mundi Aetherei Recentioribus Phaenomenis” , de 1588, onde Tycho tratou da estrela nova e dos cometas observados em Hveen; entretanto, para Tycho, este novo modelo do Universo constituia-se na parte mais importante desta obra. Alguns volumes, não concluídos, foram distribuídos antecipadamente, a amigos e correspondentes de Tycho, para que pudessem emitir suas opiniões.

Relata Dreyer [62] :

“ o grande astrônomo dinamarquês (Tycho) não se convenceu da verdade do Sistema Copernicano, mas ao contrário, organizou um sistema seu, próprio, fundado na imobilidade da Terra Tycho Brahe evidentemente não estava satisfeito com uma mera representação geométrica do sistema planetário, mas desejava conhecer como o Universo estava realmente construído em uma carta a Rothmann, em 1587, Tycho observa que o absurdo aparente (de Copérnico) não é tão grande como aqueles das idéias de Ptolomeu”.

Por ocasião da publicação da obra “ De Mundi Aetherei “, redigida na ilha de Hveen, Tycho teve dificuldades em obter papel suficiente para a impressão; em torno de 1590 Tycho passou a fabricar o papel na própria ilha, fato que tornou-se uma grande vantagem para ele.

Sabemos, pelos relatos de Dreyer, Thoren e outros, que desde a formulação do sistema Tychônico, publicado em 1588, Tycho nunca admitiu outra formulação que não fosse a sua. Após esta formulação, Tycho, deu continuidade às suas observações diárias, colecionando um conjunto formidável de dados experimentais, conhecidos, no futuro, como altamente confiáveis.

Sabe-se, também, que após o encontro com Kepler, em 1600, Tycho pretendia publicar seus dados experimentais, juntamente com a republicação de seu modelo Tychônico, em uma obra maior. Esta não chegou a ser publicada por ele próprio, mas a seu pedido, Kepler a publicou, em 1602, após sua morte. Entretanto, Kepler não fez referência ao sistema Tychônico e sim ao sistema Copernicano.

Dreyer [63] , faz uma importante observação :

“.... O sistema Tychônico não retardou a adoção do Sistema Copernicano, mas atuou como um avanço (intermediário) à frente do Sistema de Ptolomeu”.

Muito embora “De Mundi Aetherei” tratasse da nova estrela, dos cometas e apresentasse um modelo do Universo

diferente do Ptolomaico, isto é, tratava de assuntos cuja interpretação divergia do pensamento Aristotélico, Thoren comenta que a publicação da obra não foi suficiente para derrubar totalmente as convicções Aristotélicas. Apenas em 1610, com a publicação do “Sidereus Nuncius “ de Galileu Galilei é que se percebeu que os corpos celestes eram, basicamente semelhantes à Terra, isto é, imperfeitos.

Sobre o livro “ De Mundi Aethrei”, Paul Chatel [64] nos apresenta uma carta escrita por Tycho ao amigo Baldus, em 1589. Em certo trecho, diz Tycho :

“ de início queria simplesmente reunir os cálculos e as notas tiradas de meu diário astronômico, relativos aos cometas, mas, durante o trabalho de redação me pareceu que tudo isso não teria interesse se não se configurasse dentro de uma concepção geral da astronomia : a minha! tanto que reuni as duas coisas e tornou-se, tú o verás, um livro bastante importante..... Os cometas, meu caro Baldus, são verdadeiros corpos celestes, que se deslocam segundo uma trajetória bem definida. Não se trata, absolutamente, de fenômenos atmosféricos, como até então se havia pensado”.

Na terceira parte deste estudo o conjunto formado pelo modelo Tychônico e pelos dados experimentais obtidos será visto como uma obra criativa de Tycho Brahe.

3.7 - TYCHO : O INIMIGO URSUS

Em 1584, um nobre dinamarquês de nome Erik Lange visitou a ilha de Hveen e levou consigo um jovem conhecido como Ursus. Em 1588, Ursus publicou “ Nicolai Raymari Ursi Dithmarsii Fundamentum Astronomicum “, impresso em Estrasburgo, no qual apresenta um sistema de Universo semelhante àquele que Tycho publicara no mesmo ano na obra “ De Mundi Aetherei Recentioribus Phaenomenis Liber Secundus”. Para Tycho, Ursus o roubara na visita a Hveen em 1584, folheando os seus documentos secretos, uma vêz que um assistente de Tycho , de nome Andreas, que dormira no mesmo quarto com Ursus, havia observado papéis rabiscados nos bolsos das calças de Ursus.

Nicolai Reymers Bär, que no idioma alemão significa urso, torna-se Ursus quando da latinização. Ursus, segundo Koestler [65]:

“ que provinha de Ditmarschen, começou como guardador de porcos e terminou como Mathematicus Imperial em Praga No século XVI, essa carreira exigia indubitavelmente dons consideráveis que, em Ursus, se aliavam a um caráter obstinado e duro, pronto sempre a esmagar os ossos da vítima à maneira do abraço de Urso”.

Ursus foi o pior inimigo de Tycho Brahe.

Quando Johannes Kepler (1571 - 1630) ainda escrevia sua obra “Mysterium Cosmographicum”, em 15 de novembro de 1595, escreveu a Ursus, que ocupava o cargo de Mathematicus Imperial, de Rodolfo II, desde 1591, em Praga :

“ Existem homens curiosos que, desconhecidos, escrevem cartas a estranhos, em países longínquos a brilhante glória de vossa fama que vos faz o primeiro dos mathematici da nossa época, como o sol entre os astros menores”

Não há registro da resposta de Ursus a Kepler, entretanto, após a publicação do *Mysterium* em 1597, Kepler ganhou reputação como astrônomo e Ursus, aproveitando-se deste fato, mandou imprimir a carta de Kepler de 1595 em sua obra “ *Nicolai Raymari Ursi Dithmarsii de Astronomics Hypothesibus*”, impresso em Praga naquele ano de 1597. Nesta obra, Ursus reclamava a originalidade do Sistema Tychônico do Universo e segundo Koestler [66] :

“ ofendia Tycho em termos ferozes”

Ainda, segundo Koestler, trazia como sub-título a frase:

“ Enfrenta-los-ei (Tycho e outros) como um urso privado dos filhotes....”.

Desta forma, com a carta de Kepler de 1595, publicada em conjunto com a obra de Ursus, Tycho acreditava que Kepler defendia a posição de Ursus ao reclamar o sistema Tychônico. Nesta época, 1597, não havia, ainda, correspondências entre Tycho e Kepler e a situação foi bastante embaraçosa para Kepler, que escrevera em 13 de dezembro de 1597 sua primeira carta para Tycho, onde o chamava de :

“ Príncipe dos Mathemáticos não somente de nossa época, mas de todas as épocas”.

e ainda pedira a Ursus, em outra carta, para que mandasse um volume do *Mysterium* para Tycho.

Em resposta a Kepler, em 01 de abril de 1598, Tycho fez uma censura a Kepler pelo seu louvor a Ursus e escreveu também a Michael Maestlin, mestre de Kepler, em 21 de abril de 1598, queixando-se do antigo aluno. Em resposta a esta queixa, Kepler escreve a Tycho em 19 de fevereiro de 1599 na tentativa de esclarecer os fatos e debitar suas atitudes à “ impulsividade da juventude “.

Sobre esta “impulsividade da juventude “ de Kepler, comenta Koestler [67] :

“ quando Kepler leu os Fundamentos de Astronomia, de Ursus, acreditava serem as regras trigonométricas produto original de Ursus, e não percebera que a maioria delas se encontrava em Euclides sente-se, na verdade, a profunda ignorância de Kepler em matéria de matemática, em uma época na qual, guiado por intuição, planejava o Mysterium”

Nesta carta de 19 de fevereiro de 1599, a Tycho, escreve Kepler:

“ Um doutor se deteve no regresso da Itália em Gratz e mostrou-me um livro dele (Ursus) que imediatamente li nos três dias em que tive permissão de conservá-lo. Encontrei.... algumas regras de ouro que, eu me lembro, Maestlin usara frequentemente em Tuebingen, e também a ciência do seno e do cálculo de triângulos, assuntos que embora geralmente conhecidos, me eram novos mas em seguida descobri em Euclides e Regiomontanus a maioria do que eu havia atribuído a Ursus “.

O incidente, aparentemente encerrou-se, mas quando Kepler, em fevereiro de 1600, tornou-se assistente de Tycho, foi induzido a escrever um panfleto em defesa de Tycho contra Ursus.

Em junho de 1600, Kepler partira de Praga para Gratz com o objetivo de resolver problemas particulares, entretanto assinou uma promessa escrita de conservar em segredo, toda informação obtida de Tycho. Em 9 de setembro de 1600, Kepler escreve para Maestlin pedindo uma cátedra em Wuerttemberg, seu maior sonho. Em carta resposta de 10 de outubro de 1600, Maestlin responde que nada poderia fazer por Kepler.

O jovem Kepler havia recebido carta de Tycho, de 28 de agosto de 1600, pedindo que regressasse a Praga :

“ não hesiteis, apressai-vos, e tende confiança”

Nesta carta, Tycho informou a Kepler que o Imperador havia concordado com o vínculo oficial de Kepler ao observatório, porém, em um pós-escrito, Tycho insistia no panfleto contra Ursus e a refutação a um panfleto de John Craig, médico de Jaime da Escócia, no qual Craig ousara duvidar das opiniões de Tycho sobre os cometas.

Em outubro de 1600, Kepler retornou a Praga, cidade onde a pedido do Imperador, Tycho havia se transferido. Durante os próximos seis meses, isto é, até março de 1601 Kepler teve pouco tempo para dedicar a astronomia, por estar muito ocupado em escrever as polêmicas contra Ursus e Craig. Dreyer [68] comenta:

“.... logo depois de sua chegada em Praga, Tycho começou a tomar providências legais para refutar Ursus, que havia fugido para a Silésia, de onde voltaria secretamente para Praga em meados de 1600 Tycho soube que Ursus estava muito doente, mas isto não amoleceu seu coração e Tycho convenceu o Imperador Rodolfo II a constituir uma comissão de quatro

membros, dois barões e dois doutores da lei, para levar a julgamento a questão. Entretanto, quando o julgamento estava para se iniciar, Ursus morre [69], em 15 de agosto de 1600. Por outro lado, o Imperador pediu ao Arcebispo de Praga que juntasse todas as cópias da obra de Ursus de 1588, para confisco e queima Tycho decidiu publicar uma obra que continha todos os documentos objetos do alegado plágio A preparação desta obra era incumbência de Kepler que escreveu “ Apologia Tychonis Contra Ursum “ na qual mostra que nenhum outro antes, de Tycho, havia proposto o Sistema Tychônico. A morte de Tycho transformou esta refutação em algo desnecessário o mesmo foi feito com a réplica não terminada, contra Craig” [70].

A refutação contra Ursus [71] ficou sem publicação até o século XIX, em função da morte de Ursus, e aparece por ocasião da publicação das obras completas de Tycho Brahe por Dreyer. A morte de Ursus, comunicada por Tycho a Kepler, na carta de 28 de agosto de 1600, não foi suficiente para aplacar a ira de Tycho, que se achava roubado no seu original Sistema do Universo. Para Tycho, a parte mais importante da sua obra era o sistema Tychônico, cuja republicação deveria ser feita com todos os dados observacionais obtidos.

Paul Chatel [72] apresenta um possível diálogo entre Tycho e Kepler, por ocasião da preparação das refutações :

“ disse Kepler a Tycho :

- Veja bem, senhor Brahe, já está na hora de publicar a totalidade de vossas observações, bem como o tratado monumental de vossas teorias. É preciso revelar tudo antes que roubem e dilapidem vossas descobertas.... “.

3.8 - TYCHO : A PARTIDA DA DINAMARCA

A partida de Tycho, em 29 de março de 1597, de sua ilha de Hveen, foi longa e dramática: estabeleceu-se um enorme movimento entre Uraniborg, Stjerneborg e o pequeno porto da ilha e conseqüentemente muitos barcos foram carregados. As ordens dadas por Tycho, determinavam que os criados deveriam partir imediatamente com ele e sua família, mas seus assistentes deveriam permanecer em Hveen, para cuidarem dos instrumentos, que deveriam ser parcialmente desmontados e colocados em caixas, ou estojos, que estavam sendo confeccionados, especialmente, para o transporte. Os administradores diretos da ilha, que tinham sido nomeados pelo próprio Tycho, deveriam permanecer na ilha com o objetivo de darem continuidade ao *modus vivendi* da ilha, até que Tycho estivesse longe dos domínios da Dinamarca. Paul Chatel [73] formula com brilho esta partida:

“ Partir era fácil. Era preciso apenas dirigir-se rumo ao mar aberto e deixar-se levar pelo vento. Partir era a evidência simples, sob a condição de esquecer, de não se virar, de nada deixar atrás de si. No calor da ação, no reboiço dos preparativos e na febre da partida, Tycho não havia pensado (sobre a partida)..... Não levava em conta o seu coração. Repentinamente a dor o invadiu. Ele compreendeu que deixava o essencial em Hveen : a busca pela perfeição, pela harmonia, pela felicidade De repente, trinta pessoas invadiram a Casa de Copenhague e a rua mudou de aspecto : criados, domésticos, cavalos, cães crianças gritavam, riam, se interpelavam sem embaraço, acreditando que ainda estavam em Hveen. Elas não conheciam os costumes da cidade e ignoravam que não podiam dispor de todo o espaço”.

Paul Chatel [74] menciona uma carta que teria sido entregue a Tycho, em Copenhague, enviada por Cristian IV :

“ Ao grande e poderoso Senhor Brahe, astrônomo do reino da Dinamarca.

Contam-me, senhor, que deixastes vosso feudo de Hveen e que estarias em minha Capital, tencionando afastar-vos, sem minha permissão, do reino que vos viu nascer.

A Côroa e meu pai tanto fizeram por vós, que seria tempo, senhor Brahe, que vós lhes fizesseis justiça, aceitando reocupar Vosso lugar sobre o solo de nosso reino.

Desagrada-me muito que vós não tenhais pensado em vir conversar com vosso soberano, a respeito de vossos projetos futuros. Não fosse a elevada estima na qual meu falecido pai vos tinha, eu teria sido tentado a me deixar levar pela cólera. Não ! Senhor astrônomo, eu vos aconselho a vir, assim que possível, à corte, pedir desculpas e saudar vosso rei. Ele perdoará vossas dívidas e vós vos comprometeréis a retornar a Uraniborg, na ilha de Hveen, a fim de aí prosseguir vossos trabalhos científicos. Deve-se servir o estado tanto quanto às estrelas longínquas.

Lavrado em nosso Castelo de Kronborg, no trigésimo dia do mês de abril, no ano da graça de mil, quinhentos e noventa e sete.

Cristian, rei da Dinamarca ”.

Ao ler esta carta de Cristian IV, Tycho sentiu-se ofendido e resolveu deixar Copenhague em 2 de junho de 1597, em direção a Rostok, Alemanha. O astrônomo Mourão [75] relata a resposta de Tycho a Cristian IV, escrita em Rostok em 10 de julho de 1597 :

“.... em Rostok , Alemanha, Tycho escreveu a Sua Majestade, expondo os motivos de sua partida. O tom da carta só poderia indispor-lo com o rei:

“.... Se tivesse a possibilidade de continuar minha obra na Dinamarca, não recusaria”, escreveu após queixar-se do tratamento recebido e declarando sua intenção de procurar ajuda e assistência com outros principados e potentados ...”

Em carta de 24 de agosto de 1597, Cristian IV respondeu a Tycho :

“.... Se quiser trabalhar como nosso matemático e cumprir o seu dever, voce deve, de início, oferecer humildemente os seus serviços e solicitar, como deve fazer um cidadão, em lugar de se exprimir em termos equivocados”.

Não houve resposta desta carta a Cristian IV. Tycho deixou Rostok em direção ao Castelo de Wandsberg, onde se instalou em 1598 e teve a oportunidade de fazer uma observação em 10 de fevereiro de 1598, a respeito de um eclipse lunar total. A importância desta observação reside no fato de que foi feita longe da ilha de Hveen. Ainda, em Wandsberg, no mesmo ano, Tycho imprimiu a mais importante de suas obras “ ASTRONOMIAE INSTAURATAE MECHANICA” (*)(**)(***). Tycho deixou Wandsberg em outubro de 1598, chegando a Wittenberg em 4 de dezembro de 1598. Finalmente, em 14 de junho de 1599 Tycho deixa Wittenberg rumo a Bohêmia.

(*) Ver Figura 18, pag. 355.

(**) O prefácio à esta obra, escrito pelo próprio Tycho Brahe, encontra-se, na íntegra, no anexo A1.3, pag 216.

(***) Esta obra de Tycho contém sua auto-biografia ; no anexo A1.4, pag. 226, encontra-se parte desta auto-biografia.

3.9 - TYCHO : NA BOHÊMIA E O PRIMEIRO ENCONTRO COM KEPLER

Na primavera de 1597, finalmente apareceu o “Mysterium Cosmographicum” de Johannes Kepler (*), impresso. Esta obra de Kepler causou uma certa agitação na vida acadêmica internacional, através de intensa troca de cartas que havia se estabelecido, naquela época. Nos diz Koestler [76] :

“ A astronomia, de Ptolomeu a Kepler, fora uma simples geografia descritiva do céu, cuja tarefa era dar mapas das estrelas fixas, tabelas de horários dos movimentos do Sol, Lua e planetas, e de acontecimentos especiais como eclipses, oposições, conjunções, solstícios, equinócios, etc.... As causas físicas dos movimentos, as forças da natureza por trás deles, não interessavam aos astrônomos. Quando necessário, adicionavam alguns epiciclos ao maquinismo de trajetórias existentes, os quais não importavam muito, por serem fictícios e por não merecerem crédito de ninguém, na sua realidade física. A hierarquia dos querubins e serafins que, segundo se acreditava, mantinham as rodas em movimento Assim, a física do céu tornara-se um vazio completo. Havia fatos, não causas, movimentos mas não forças motrizes. A tarefa dos astrônomos era observar, descrever e predizer, e não pesquisar causas - “ não lhes cabia discutir porque “ - A física Aristotélica, tornava inimaginável qualquer acesso racional e causal aos fenômenos celestes, ia em plena decadência, e só deixava atrás de si um vácuo.... Neste fértil silêncio, a voz não formada, balbuciante, do jovem Kepler logrou imediata audição em 1597 com a publicação do Mysterium. As opiniões foram divididas, os de espírito moderno e empírico, como Galileu em Pádua, Pratório em Altdorf, rejeitavam as especulações místicas a priori de Kepler, e com elas, o livro

(*) A apresentação de Johannes Kepler está no anexo A1.5, pag 235.

todo, sem perceber as explosivas idéias novas. Os que, contudo, viviam no outro lado e acreditavam no sonho de uma dedução a priori da ordem cósmica entusiasmaram-se, entre eles o mestre de Kepler, Michael Maestlin. Por outro lado, somente um homem escolheu o caminho do meio, rejeitou as doidas especulações de Kepler, mas imediatamente reconheceu o gênio, tratava-se do mais notável astrônomo da época: Tycho Brahe”.

No futuro, após a aproximação de Tycho e Kepler, este passou a chamar Tycho de “*fênix da astronomia* “ [77].

Kepler escreveu uma carta entusiasmada a Tycho em 13 de dezembro de 1597, na qual chamava-o de :

“ príncipe dos matemáticos não somente da nossa época mas de todas as épocas”

e pedira a Ursus, inimigo em astronomia de Tycho , que enviasse a Tycho um volume do *Mysterium*. Tycho respondeu em 01 de abril de 1598 agradecendo o volume do *Mysterium* e acrescentando :

“ todos estimam a si próprios, mas podemos ver sua elevada opinião do meu método”

Nesta mesma carta, Tycho queixou-se do louvor de Kepler a Ursus. No mesmo ano de 1599, em 21 de abril, Tycho escreveu uma carta a Michael Maestlin, mestre de Kepler, onde criticava fortemente o livro de Kepler e repetia a queixa contra Ursus. Para Koestler [78]:

“ a intenção de Tycho era evidente : Tycho percebera imediatamente os dons excepcionais do jovem Kepler, pretendia conquista-lo e esperava que Maestlin o ajudasse, utilizando sua

autoridade com o antigo aluno e discípulo Maestlin transmitiu a Kepler as intenções de Tycho”.

Em 19 de fevereiro de 1599, Kepler escreve a Tycho:

“ E então ? Porque dá tamanho valor aos meus elogios a Ursus? Se (eu) fosse um grande homem desprezá-los-ia, se (eu) fosse um sábio não os exibiria em público. A nulidade que eu era naquele tempo, levou-me a procurar um varão famoso que elogiasse o meu novo descobrimento. Pedi-lhe uma dádiva e foi ele que extorqui do pedinte uma dádiva O meu espírito pairava no ar e desfazia-se de júbilo pelo descobrimento. Se, no desejo egoísta de lisongeá-lo, derramei palavras que superaram minha opinião a respeito dele, a explicação está na impulsividade da juventude”.

Para Koestler [79] ,

“ Tycho quis esquecer o infeliz episódio, ansiando pela colaboração de Kepler. Foi-lhe difícil por em funcionamento o novo observatório no Castelo de Benatky”.

Em carta de 26 de fevereiro de 1599 a Maestlin, escreve Kepler [80]:

“ ... Calemo-nos e ouçamos Tycho, que dedicou trinta e cinco anos às observações.... Somente Tycho é que eu espero ; ele me explicará a ordem e a disposição das órbitas ... Espero, então, um dia, se Deus me der vida, erguer um admirável edifício Um só instrumento dele, custa mais que toda minha fortuna, e a de toda minha família juntas Tenho opinião de Tycho : é superlativamente rico, mas não sabe fazer uso adequado da riqueza, como se dá com a maioria dos ricos. Portanto, devemos tentar arrancar-lhe a riqueza....”.

Kepler referia-se, nesta carta, ao fato de que Tycho não havia publicado suas observações e estaria esperando para

publicá-las juntamente com sua teoria completa. Aparentemente, para Kepler, a riqueza de Tycho, consistia nos resultados de suas observações. Por outro lado, a situação econômica e emocional de Kepler, durante 1599, era bastante complexa : a Escola Provincial de Gratz, da qual participava, havia sido fechada e ele tinha perdido seu segundo filho, vítima do mesmo mal. Em carta, de 29 de agosto de 1599, escreve a Maestlin, que estava em Werttemberg :

“ mas Deus ofereceu esse fruto, também para depois levá-lo de novo. A criança faleceu de meningite cerebral (exatamente como o irmão há um ano) depois de trinta e cinco dias Se o pai tiver de o seguir em breve, a sorte não será inesperada Quanto custa o vinho (), quanto o trigo, e como estão as coisas no tocante ao fornecimento de guloseimas, porque minha mulher não está habituada a viver de feijão.....”*

Em 9 de dezembro de 1599, Tycho escreve a Kepler [81]:

“ Já vos informaram, sem dúvida, que fui graciosamente chamado por sua Majestade Imperial e acolhido da maneira mais amigável e benévola. Muito desejaria que viésseis aqui, não forçado pela adversidade da sorte, mas por vossa vontade e desejo de estudo comum. Seja qual for, porém, o motivo, encontrareis em mim um amigo que não vos negará conselho e auxílio na adversidade, e sempre estará ao vosso dispor. Se vierdes logo, talvez encontraremos meios para que vós e vossa família tenhais um futuro melhor Dado em Benatky, ou Veneza da Boêmia, em 9 de dezembro de 1599, pelo próprio punho de vosso Tycho Brahe....”

Tycho havia sido designado Mathematicus Imperial pelo Imperador Rodolfo II e residia perto de Praga. O barão Hoffmann, conselheiro do Imperador, iria retornar a Praga, partindo de Gratz, em 1º de janeiro de 1600 e trouxe consigo Kepler [82].

(*) Kepler pergunta sobre o custo de vida em Werttemberg, onde estava Maestlin.

Em carta resposta de Maestlin a Kepler em 25 de janeiro de 1600, lemos [83] :

“ Quem me dera que tivésseis procurado o conselho de varões mais sábios e experimentados do que eu em política; confesso que nessas questões sou tão inexperiente como qualquer criança”.

A carta resposta de Maestlin chegou após a partida de Kepler para Praga. Para Kepler, Tycho era sua única esperança.

O Castelo de Benatky situava-se nos arredores de Praga. Tycho havia escolhido este Castelo entre três, que lhe foram ofertados pelo Imperador Rodolfo II. Arthur Koestler [84] comenta como a escolha fora feita :

“ talvez por lembrarem a Tycho as adjacências da ilha de Hveen....”.

Do Castelo de Benatky se avistava o rio Iser, que inundava os pomares vizinhos, motivo pelo qual a região se chamava Veneza da Bohêmia. Tycho tomara posse do Castelo em 20 de agosto de 1599 e começaram as reformas para transformar Benatky em um observatório.

Kepler chegara a Praga em meados de janeiro de 1600, e escrevera para Benatky anunciando sua chegada, tendo recebido, dias depois, resposta de Tycho, que lamentava não ter ido recebe-lo em Praga em virtude de uma iminente oposição de Marte e Jupiter, que seria seguida de um eclipse Lunar. Tycho convidava Kepler para reunir-se com ele em Benatky como colega admirador dos céus :

“ não tanto como hóspede, mas como apreciadíssimo amigo e colega na contemplação dos céus.....”.

Koestler [85] comenta que :

“ foram portadores da missiva o filho mais velho de Tycho e o Junker Tegnagel (genro de Tycho), ambos a invejarem Kepler desde o início, e hostis até o fim Foi na companhia deles que Kepler deu o último passo na caminhada rumo a Tycho, mas houve uma demora de nove dias, motivada por Tegnagel e Tycho filho, que divertiam-se em Praga e não tinham nenhuma pressa de voltar”.

O primeiro encontro entre Tycho Brahe e Johannes Kepler deu-se em 4 de fevereiro de 1600. Tycho havia atingido a idade de 53 anos e o jovem Kepler tinha apenas 28 anos. Arthur Koestler [86] comenta brilhantemente este encontro :

“ nariz de prata contra face sarnenta; Tycho era aristocrata, Kepler plebeu; Tycho era creso, Kepler probetão; Tycho um dinamarquês ilustre, Kepler um cão sarnento.... opunham-se em todos os pontos, salvo um : a disposição à irritação e em consequência constantes atritos tudo isso, na superfície...., mas debaixo da superfície, sabiam ambos, com a certeza de sonâmbulos (), que tinham nascido para completarem-se, que era a gravidade da sorte que os unia . A relação entre eles iria alternar-se sempre, entre estes dois polos : como sonâmbulos, caminhavam de braços dados através de espaços não traçados, mas nos contatos da vida desperta, cada um despertava no outro o pior do humor, como que por indução mutua”*

(*) Arthur Koestler, em “ Os Sonâmbulos”, pag. 284.

Por outro lado, Paul Chatel [87], de forma também brilhante, cria este encontro entre Tycho e Kepler :

“ Kepler estava muito pálido.... Neste dia, Tycho tinha a barba em desalinho e o ar desesperado. Eles se cumprimentaram, sentaram-se um em frente ao outro, depois se observaram em silêncio.

Kepler falou primeiro.

- Minha emoção é grande por me encontrar diante do grande Tycho Brahe e minha gratidão é igual a minha emoção, pela maneira como vós agistes junto a Sua Majestade , o Imperador , para facilitar minha vinda.

Tycho fêz vênia e resmungou como quem fala para dentro:

*- É muito natural !
Tycho não podia tirar os olhos de cima de Kepler .
Ele devia dizer alguma coisa, mas não conseguia.
Embora tivesse tentado, uma grande timidez tomava conta dele. Ele via a juventude de Johannes Kepler e sentia-se velho, muito velho. Então, para lutar contra o desespero e a amargura, ele levantou-se e girando na sala como um animal nervoso, anunciou sem preâmbulo suas diretrizes, com um tom orgulhoso e arrogante :*

- Nós nos lançaremos ao trabalho o mais rápido possível”.

3.10 - TYCHO : ENFERMO

Dreyer, biógrafo de Tycho, menciona que houve um rumor que Tycho Brahe havia falecido por envenenamento, administrado por alguns cortesões invejosos em Praga, ou ainda, como outros teriam desconfiado, por ordens de seu antigo inimigo Ursos [88]. Em fevereiro de 1602, Andreas Foos, bispo de Bergen, que havia visitado Tycho em 1596, ainda em Hveen, escreveu a Longomontanus para perguntar se os rumores que cercavam a morte de Tycho tinham algum fundamento [89].

Por outro lado, o astrólogo Rollenhagen escreveu a Kepler para afirmar que Tycho havia morrido “ per Ursianum quoddam venenum” [90] . Estas desconfianças com relação a Ursus, estavam ligadas ao processo que Tycho instaurara contra Ursus em Praga, mas como Ursus veio a falecer meses antes de Tycho, estas desconfianças não puderam ser confirmadas ou refutadas. Todos aqueles que estiveram presentes aos últimos dias de Tycho, inclusive Kepler, são unânimes em afirmar, através dos historiadores, que o mal de Tycho tinha como sintoma inicial uma enorme dificuldade em urinar. Thoren [91] comenta que :

“ um jovem médico chamado James Wittich que assistiu Tycho em sua morte atribuiu a causa de sua enfermidade a pedras nos rins ... “.

Também comenta Thoren que :

“ nenhuma pedra associada ao rim foi encontrada por ocasião de sua exumação em 1901” ()*.

(*) Hoje, em nossos tempos, sabemos que existe uma forte possibilidade de que Tycho tenha desenvolvido uremia devido a hipertrofia da próstata.

Feita esta observação sobre os rumores, que não se confirmaram, podemos comentar as situações apresentadas pelos historiadores, em que os fatos aconteceram : Em 13 de outubro de 1601, Tycho acompanhou o Consul Imperial Ernfried Minckowitz a um jantar na casa de Peter Vok Ursinus, que muitos autores apresentam como Barão de Rozmberk ou Rosemberg, em Praga. Em função da reunião ter sido ilustre, Tycho teria estado mais preocupado com a etiqueta do que consigo mesmo e apesar de sentir necessidade de urinar, permaneceu sentado. Biógrafos de Tycho, tais como Gassendi(*), Dreyer e outros tomam como base o Diário de observações de Kepler, que embora não estivesse presente à reunião, ouviu o próprio Tycho, quando este retornou do encontro para sua casa em Praga. Relata Kepler [92] :

“Em 13 de outubro, Tycho Brahe, na companhia do Mestre Minckowitz, jantou à mesa ilustre de Rosemberg, e reteve a urina além das exigências da cortesia. Ao beber mais sentiu que aumentava a tensão na bexiga mas deixou que a polidez antecedesse a saúde. Quando voltou para casa mal conseguia urinar

No começo da enfermidade, a Lua achava-se em oposição com Saturno (segue-se o horóscopo do dia). Após cinco dias de insônia, só lograva urinar com enorme dificuldade, e mesmo assim a passagem ficava impedida. A insônia continuou, com uma febre interna, a levar gradativamente ao delírio; o mal era exacerbado pela comida que ele ingeria. Em 24 de outubro, o delírio cessou por várias horas ; a natureza venceu e ele expirou tranquilamente entre o consolo (a Tycho), as orações e lágrimas de seus próximos .

(*) Gassendi é o primeiro biógrafo de Tycho, tendo publicado sua obra em 1654, hoje considerada rara.

Assim, a partir desta data, a série de observações celestes ficou interrompida, concluíram-se as suas (de Tycho), durante trinta e oito anos.

Na derradeira noite, repetiu várias vezes estas palavras, como alguém que estivesse a compor um poema:

***“ Não pareça a ninguém que minha vida tenha sido em vão”
(ne frusta vixisse videar)***

Sem dúvida, queria que tais palavras fossem acrescentadas ao cabeçalho de suas obras, dedicando-se assim à lembrança e ao uso na posteridade

Para Arthur Kostler [93], o significado de “*ne frusta vixisse videar*” fica claro quando se observa o último pedido que fez a Kepler :

“ que Kepler construísse o novo Universo no Sistema Tychônico e não no Copernicano”

Este pedido feito a Kepler, está descrito em sua obra “Nova Astronomia”, de 1609.

Dreyer [94] nos relata :

“ retornando para casa, sofreu imensamente por 5 dias, tendo alcançado, alguma melhora, embora sem dormir e com febre contínua. Delirava frequentemente e em alguns instantes de lucides recusava manter a dieta prescrita Mas cinco dias transcorreram desta maneira. Durante a noite de 24 de outubro, Tycho repetia frequentemente “ne frusta vixisse videar”. Quando a manhã chegou, o delírio passou, mas estava esgotado e sentiu a aproximação da morte. Seu filho primogênito estava ausente e sua segunda filha e o marido também, mas ele encarregou seu filho mais novo e seus assistentes para continuarem

seus estudos, e pediu a Kepler que terminasse as tábuas Rodolfianas tão logo quanto possível e que Kepler continuasse seu trabalho de acordo com o sistema Tychônico e não por aquele de Copérnico”

Thoren [95] apresenta um interessante comentário :

“ por todas indicações, Tycho tinha grande espírito familiar e muita vontade de ter bom relacionamento social na Bohêmia”.

Este comentário de Thoren, sugere que os motivos para sua demora à mesa do Barão Rosemberg podem ser relacionados à sua condição de estrangeiro na Bohêmia.

É Chatel [96] que magistralmente dá vida aos fatos:

“ Tycho mandou chamar Kepler e disse, sentai-vos Kepler, meu amigo, não nos veremos mais. Vós terminareis as tábuas Rodolfianas. Tenho confiança em vós. Eu conto convosco para continuar a obra começada. Eu vos deixo minhas anotações e meus cálculos sob uma única condição, mas ela é imperativa e grave: não me traias ! As estrelas são fixas , o céu se move. A terra é imóvel no centro do mundo. Não vos deixe levar pela arrogância do Sol. O infinito é limitado. Deus o quis assim Se a terra estivesse em movimento, haveria com certeza outros mundos na imensidão do espaço estelar, mas não é assim. A terra é imóvel. O Sol e os planetas, que giram em torno dele, giram em torno de nós. Eu não abandono isso, pois ninguém jamais conseguiu provar o contrário Johannes Kepler, jurai-me continuar minha obra sobre as bases do sistema Tychônico e dele apenas Lembrai-vos Kepler, a terra não é um pião! E não esqueceis que Deus paira”.

3.11 - TYCHO : O FUNERAL

Tycho Brahe til Knudstrup og Maarlest, Mathematicus Imperial em Praga, faleceu na Bohêmia, longe de sua querida Dinamarca em 24 de outubro de 1601. Dreyer [97] comenta esta distância da seguinte forma :

“ talvez ele tivesse, algumas vezes, pensado se não teria sido mais sábio ter permanecido na Dinamarca ao invés de vir para a tempestuosa Bohêmia, onde não tinha garantia de recursos Sua saúde, também parecia ter se tornado mais frágil, se considerarmos as observações de Kepler, sobre a fraqueza da velha idade, que ia se aproximando”.

Em 4 de novembro de 1601, o corpo do renomado astrônomo foi sepultado na grande Teynkirche (Teyn Cathedral) em Praga. O cortejo para a Catedral foi tão imponente, que muitas descrições detalhadas chegaram oralmente até seu primeiro biógrafo, Gassendi e, posteriormente, até outros biógrafos como Dreyer. Relata Dreyer [98] :

“ A urna foi forrada com tecido bordado em ouro, com o brasão dos Brahe. Na frente da urna, foram colocadas velas igualmente decoradas com suas armas e uma flâmula preta exibindo seus títulos e armas em ouro. Atrás da urna, seu cavalo favorito, sucedido por outra flâmula preta com dourados e em seguida um cavalo decorado de preto , seguindo os cavalos algumas pessoas caminhavam sózinhas e em fila, carregando as armas da família, as armaduras de Tycho, além de capacetes com plumas nas cores de sua família, e um escudo com o brasão dos Brahe. A urna, coberta com um manto de veludo era carregada por doze oficiais imperiais, todos nobres.

Atrás estavam o filho mais novo de Tycho, Jörgen, entre o Conde Sueco Erick Brahe e o Consul Imperial Ernfried Von Minckowicz, seguidos por barões, nobres, assistentes e serventes de Tycho. Em seguida vinha a esposa de Tycho, Cristine, amparada por dois nobres idosos, do alto escalão, e eram seguidos por três das filhas de Tycho (o filho mais velho, de nome Tycho, estava em viagem a Itália e sua filha, Elizabeth, estava em missão diplomática na Inglaterra, acompanhando seu marido, o Junker Tengnagel). Ao final do cortejo, seguiam muitas pessoas importantes e depois delas, muitas outras pessoas que admiravam o Mathematicus Imperial Tycho Brahe. As ruas foram lotadas por pessoas nobres e comuns. A Catedral Teyn estava tão lotada, que mal se podia entrar. As cadeiras da Catedral foram decoradas com tecido inglês preto. Uma longa oração fúnebre foi proferida pelo Dr. Gessinsky, de Wittemberg, que hospedou Tycho em Wittemberg em 1598, depois da partida da ilha de Hveen em 1597. Nesta oração, Tycho foi elogiado por sua vida íntegra e por ter sido um homem de grande saber. Também foi elogiado por ter vivido muito perto de sua família e cuidado, constantemente, de sua esposa, filhos e filhas e por ter sido um polido estrangeiro fora da Dinamarca. Nesta mesma oração, Tycho foi lembrado por não ter sido hipócrita e por ter sempre exposto seus pensamentos. O orador insistiu em seus méritos científicos e fez referência ao seu rosto desfigurado e ao plágio e calúnias de Ursus. Quando a oração terminou, flâmulas, escudos, capacetes e outras armas foram colocadas sobre a sepultura. Os filhos de Tycho, alguns anos depois, ergueram um monumento impressionante, de mármore Vermelho, que contém uma lápide colocada na posição vertical, com uma figura de tamanho natural de Tycho, talhada em relevo (*). Nesta figura Tycho está vestido com sua armadura, com sua mão esquerda sobre a espada em punho e sua mão direita sobre um globo. Como suporte do globo, no lado esquerdo, há, em relêvo, os escudos da família Brahe e Bille, bem como os escudos de seus avós Ulfstand e Rud. No lado direito da lápide, a seus pés, está seu capacete em relêvo. Ao redor da lápide, encontramos inscrições com o nome completo de Tycho, citações e data da morte.

(*) Ver Figuras 19 e 20, pags. 356 e 357 respectivamente.

Abaixo, encontra-se uma inscrição de Stjerneborg :

“Non fasces nec opes, sola artis sceptrum perennant “.

“ Nem poder nem riqueza, apenas a arte e a ciência triunfarão ”

Acima desta lápide, há uma outra lápide menor, colocada posteriormente, com uma longa inscrição em latim, registrando sua vida, seus méritos e fazendo referência ao fato de que a esposa () de Tycho também está sepultada no mesmo local que Tycho....”.*

Thoren [99] comenta que :

“ A Catedral de Teyn ainda está no mesmo lugar, apesar da remoção indiscriminada das sepulturas Protestantes, durante a guerra dos 30 anos, e a renovação do piso da Catedral no século XVIII. A exumação e necrópsia dos restos mortais de Tycho em 1901, indica que Tycho ainda descansa lá “.

(*) A esposa de Tycho, Cristine, faleceu em 1604.

3.12 - TYCHO : A HERANÇA

Em 6 de novembro de 1601, dois dias após os funerais de Tycho Brahe, o conselheiro do Imperador Rodolfo II, Barwitz, chamou Johannes Kepler para nomeá-lo Mathematicus Imperial, como sucessor de Tycho. Kepler permaneceu em Praga, como Mathematicus Imperial, até a morte de Rodolfo II em 1612. Foi nesta condição, que travou, durante anos, uma acirrada disputa com os herdeiros de Tycho, que finalmente terminou em 1608. A maior dificuldade enfrentada por Kepler foi com Junker Tenggengel, marido de Elizabeth, filha de Tycho.

Comenta Koestler [100] :

“ este tipo, como lembramos, desposara a filha de Tycho , Elizabeth , após deixá-la em estado interessante, feito único no qual pode ter base para revindicar a herança de Tycho. Estava determinado a fazer dinheiro e vendeu as observações e os instrumentos de Tycho ao Imperador Rodolfo II pela quantia de vinte mil táleres. Mas o tesouro imperial jamais pagou Junker, que teve de se contentar com juros de cinco por cento, anuais, sobre a dívida, ou seja, duas vezes o salário de Kepler. Como resultado, os instrumentos de Tycho, a maravilha do mundo, foram guardados a cadeado por Tenggengel, e em poucos anos se transformaram em metal inútil. Mesmo destino teria o conjunto de observações de Tycho, se Kepler não se apoderasse dele para a posteridade” .

Em carta de outubro de 1605, a Heyton (*), escreve Kepler :

(*) Trata-se de um admirador inglês de Kepler. Ver Arthur Koestler em “Os Sonâmbulos”, pag. 238.

“ Confesso que quando Tycho morreu me vali imediatamente da ausência, ou da falta de atenção dos herdeiros, para apoderar-me das observações”.

Kepler, em carta a David Fabricius, de 01 de outubro de 1602, escreve [101] :

“ A causa desta briga está na natureza desconfiada e nas más maneiras da família Brahe, mas por outro lado, também no meu caráter apaixonado e zombeteiro. Devo admitir que Tegnagel tinha razões importantes para suspeitar de mim, pois eu estava de posse das observações e me recusava a entregá-las aos herdeiros”.

O Junker Tegnagel, que fora assistente de Tycho, propôs a Kepler que a disputa poderia ser encerrada se Kepler colocasse o nome dele em todas as suas obras futuras, como co-autor. Arthur Koestler [102] , estudioso de Kepler, comenta que :

“ Kepler aceitou indiferente, como sempre fora, com relação a seus trabalhos publicados, mas pediu que Junker, em troca, cedesse um quarto dos mil táleres anuais que recebia do tesouro. Tegnagel recusou-se, considerando que duzentos e cinquenta táleres anuais era um preço elevado demais para a imortalidade....”.

Apesar de ocupar o cargo de Mathematicus Imperial Kepler viu-se em situação difícil quando Junker Tegnagel passara a ser Conselheiro Apelatório da Corte, o que permitiu a Tegnagel impedir a publicação de “Nova Astronomia”. O preparo de “Nova Astronomia” revelou-se, para Kepler, ser uma série de obstáculos: primeiramente, a difícil tarefa de preparar as refutações contra Ursus e Craig em 1601, em seguida, quando nomeado Mathematicus

Imperial em 1601 vieram os deveres oficiais e não oficiais, que incluíam a publicação de calendários anuais com previsões astrológicas, horóscopos para ilustres visitantes, na corte, publicações para comentar eclipses, cometas, etc e também as dificuldades para receber seus salários e os custos das impressões que lhe eram devidos. Foi apenas em meados de 1605 que um esboço de “ Nova Astronomia” ficou pronto; mas não havia recursos para a impressão e seguiram-se as disputas com o Junker Tegnagel.

Finalmente, em 1609 Kepler publica “ Nova Astronomia” , que Koestler [103] denomina de magnum opus, com o seguinte título completo:

NOVA ASTRONOMIA baseada nas causas
ou FÍSICA DO CÉU
derivada das invetigações dos
MOVIMENTOS DO ASTRO MARTE
fundamentada nas Observações do NOBRE TYCHO BRAHE

Quando Kepler chegou a Benatky, em 1601, houve uma reorganização dos trabalhos: o filho mais novo de Tycho, de nome Jörgen, era responsável pelo laboratório astronômico, o assistente mais antigo Longomontanus, era responsável pela órbita de Marte. Com o fato de Longomontanus ter muitas dificuldades com Marte e com a chegada de Kepler, a Lua ficou sob responsabilidade de Longomontanus e Marte passou a ser estudado por Kepler, que resolveu o problema de sua órbita em oito dias; estes oito dias transformaram-se em alguns anos, que culminaram com sua obra “Nova Astronomia”. Dreyer [104] comenta :

“ Mas Kepler não foi apenas um grande gênio, visto que tinha um puro e nobre caráter e nunca ele se esqueceu, em seus escritos, de honrar o homem, sem o qual, seus trabalhos nunca poderiam ter encontrado o secreto movimento planetário.... mas por outro lado, é necessário reconhecer que foi maravilhoso para a glória de Tycho que suas observações tivessem caído nas mãos de Kepler....”.

Sobre os instrumentos de Tycho, encontramos o seguinte comentário em Helmann [105] :

“ Kepler não obteve os instrumentos de Tycho. Eles foram armazenados na parte inferior da casa Kurtz e seu destino posterior é incerto. O grande globo foi colocado na abóbada da Torre de Copenhague, na metade do século XVIII ... tendo estado anteriormente na Universidade de Copenhague. Alguns instrumentos precisaram ser retirados durante a guerra dos trinta anos, e apareceram em um Castelo da Suécia no século XX “.

Paul Chatel [106] cria interessante diálogo:

“ declarou Tycho a Kepler : O que importa, são as leis simples que devem ser, justamente, extraídas deste amontoado de cálculos e observações. As estrelas são como as sereias, voluptuosas, que desejariam atrair para o seu leito o marinheiro exausto pelos esforços no mar. A mais infinita estrela pretende ser o centro do universo, e eu, pobre observador, gostaria de contentar a todas “.

2ª PARTE

SOBRE O EXISTENCIALISMO-PRIMEIRO APRESENTADO POR SÖREN AABYE KIERKEGAARD

Kepler, o incansável, um dia se cansou.
E incrédulo , escreveu:

“ A conclusão é simplesmente a de não ser o círculo o caminho do planeta; curva-se para dentro em ambos os lados e para fora, mais uma vêz, nas extremidades opostas. Essa curva chama-se oval. A órbita não é circular, e sim oval

Johannes Kepler em
“ Nova Astronomia ”

1 - INTRODUÇÃO DA 2ª PARTE

A denominação existencialismo foi cunhada por Sören Aabye Kierkegaard, que na forma do idioma Dinamarquês escreveu “EXISTENSFORHD “ . Seu significado , em português, é “condição de existência “. Kierkegaard não escreveu sobre o mundo, mas sobre o “Indivíduo Existente “, isto é, sobre como vivemos e como escolhemos viver sob os limites de nossa condição de existência, ou melhor dizendo, sob os limites de nossa condição humana. Não há perda de alcance se dissermos que Kierkegaard escreveu sobre o Indivíduo e sua vida, se entendermos que o Indivíduo esteja submetido aos limites da condição humana:

- Do pavor de sua degeneração e finitude.

*- Do desespero de querer ser a síntese
cujos termos são não conciliáveis.*

*- Da ansiedade de saber de sua
impotência para superar, por si
próprio, o desespero e o pavor.*

*- Do terror em observar, constantemente,
no mundo, fenômenos finitos.*

Esta condição humana é o objeto de grande parte da produção de Kierkegaard. O desenvolvimento do pensamento Kierkegaardiano, sobre esta condição humana, será apresentado adiante. Muitos comentadores de Kierkegaard concordam com a análise de que o existencialismo é a única tentativa ocidental de filosofia subjetiva. Também não duvidam do sucesso do existencialismo, principalmente após a metade do século XX, através

de Jean Paul Sartre (1905 - 1980). Entretanto, o próprio Sartre insistia em que seu existencialismo nada tinha a ver com o existencialismo Dinamarquês.

Paul Strathern [1] , nos chama a atenção para o fato de que Sartre não tinha objeções em aceitar que sua filosofia fosse limitada e foi o primeiro a intitular-se existencialista, no início da década de 1940, quase um século após a morte de Kierkegaard, em 1855. Deve-se observar, então, que o sucesso do existencialismo, desde o pós-guerra e até nossos dias, não teve como base as idéias desenvolvidas por Kierkegaard.

Kierkegaard estava a frente de seu tempo, isto é, sua produção é um reexame, há muito esperado, sobre a questão primeira da filosofia : O que é existência ? Ou, como já foi dito, que significado pode ter a existência do Indivíduo, que a vive, sob os limites da condição humana ?

Para Kierkegaard, esta questão é puramente subjetiva e está além do alcance da razão, da lógica, dos sistemas filosóficos, da teologia e até mesmo além das pretensões da psicologia.

Kierkegaard publicou suas principais obras na década de 1840, porém escrevia em dinamarquês e a tradução para o alemão só ocorreu nas décadas de 1860 e 1870, isto é, alguns anos após sua morte, em 1855. Apesar disso, sua obra teve pouco impacto a princípio, tornando-se progressivamente mais influente na Europa ao final do século XIX e início do século XX.

2- KIERKEGAARD, BREVE APRESENTAÇÃO

Sören Aabye Kierkegaard nasceu em Copenhague em 05 de maio de 1813. Ao todo foram sete os filhos de Michael Pedersen Kierkegaard (1757 - 1838). A mãe de Kierkegaard, Ana, com quem o pai se casara após a morte prematura de sua primeira mulher, fora empregada dela e era analfabeta, parecendo ter desempenhado papel menor na criação dos filhos, e tendo falecido quando Kierkegaard tinha apenas 21 anos. Sören Kierkegaard fazia parte de uma família de sete filhos em que apenas dois sobreviveram. O pai, ao contrário, foi uma influência dominante. Auto-didata e comerciante, era também membro da Igreja Luterana e dotado de firme crença na auto disciplina. Já adulto, Kierkegaard diria que lhe foi exigida obediência exagerada quando criança.

Em 1830, com 17 anos, Kierkegaard matriculou-se na Universidade de Copenhague. Durante seu primeiro ano, cursou muitas disciplinas : grego , latin, história, matemática, física e filosofia. E continuou seus estudos para se formar em teologia, seguindo os passos de seu irmão mais velho Peter Kierkegaard. Este seu único irmão, já havia se formado em teologia e cursava o Doutorado na Alemanha. Entretanto, Sören logo deixou a teologia pela filosofia. Estes anos, na vida de Kierkegaard, foram um período durante o qual se podia dizer que sua aparência festiva e despreocupada mascaravam um profundo sentimento de inadequação e confusão pessoal. Este período durou até a morte repentina de seu pai em 1838. Para Patrick Gardiner, Kierkegaard acreditava que seu pai estava destinado a viver mais que ele e seu irmão Peter. Como isto não aconteceu, segundo o autor, Sören interpretou a morte do pai como uma espécie de sacrifício feito em seu favor. Gardiner [2], menciona um trecho de “The Journals of Sören Kierkegaard”,

coletânea de publicações do próprio Kierkegaard, onde há um trecho em que ele diz “... *para que fosse possível que eu me tornasse algo...*”, isto é, que o sacrifício feito por seu pai teria como objetivo tornar Sören algo na vida. Em julho de 1840, Kierkegaard finalmente formou-se em teologia. Em seguida, em setembro, anunciou seu noivado com Regine Olsen. Mas as aparências enganavam e este noivado, desfeito em 1841, desempenharia um papel importante em sua vida. Para Gardiner [3],

“... Kierkegaard conta que se arrependeu do pedido de casamento no dia seguinte e com o passar dos meses suas dúvidas e ansiedades tornaram-se cada vez mais agudas, embora estivessem sempre cuidadosamente escondidas...”.

Kierkegaard diria, alguns anos depois, que aquele noivado foi uma ferida que ele mesmo abriu e que lhe traria imenso sofrimento, por toda sua vida. Kierkegaard recolheu-se a uma existência reservada, utilizando os recursos financeiros vindos da herança de seu pai para produzir. Para ele, produzir era sua vida. Desenvolve sua tese de Mestrado sob o título “ O Conceito de Ironia, com Especial Referência a Socrates “. A esta altura dos acontecimentos, Kierkegaard já desenvolvia uma posição crítica com relação a Hegel (*).

Apresentada sua tese de mestrado, em 1841, Kierkegaard deixou Copenhague e foi para Berlim. Sua intenção era

(*) George Wilhem Friedrich Hegel (1770 - 1831).

assistir as palestras de Schelling (*) , filósofo alemão, que na juventude esteve muito próximo à Hegel (**) e que naquele ano de 1841 era conhecido por suas posições abertas e contrárias à Hegel. Em uma carta a seu irmão Peter, diz Kierkegaard : “ *A tagarelice de Schelling é intolerável*” . Kierkegaard já estava engajado em seu projeto próprio. Kierkegaard volta para Copenhague, em 1842, para concluir “Ou Ou”, primeira obra de uma série de livros de filosofia , escritos nos anos seguintes. “ Ou Ou” foi publicado em dois volumes em 1843. Foi com a noção interior de que estava dotado de uma missão providencial que ele decidiu se manter fiel a sua vocação literária, falando de sua necessidade “ *de navegar em mar aberto, vivendo em graça ou não, inteiramente no poder de Deus* “.

Gardiner enfatiza que após o noivado desfeito em 1841 e após a crítica a “ Estágios no Caminho da Vida “, critica esta publicada em 1845 por P.L.Möller ; e ainda após o enfrentamento a esta crítica, apresentada por Kierkegaard em 1846, Kierkegaard voltou à rotina, mas com intensa atividade produtiva.

Gardiner [4] afirma que Kierkegaard utilizava-se da herança para compensações materiais, para trabalhar em condições favoráveis, isto é :

“ ... *dedicava sua vida para divulgar uma mensagem que estava longe de ser confortável. Convencido de que a sociedade, em geral, estava contaminada por condescendência e hipocrisia, e que isto se manifestava, especialmente, na esfera da observância e do pensamento religioso, ele se dispôs a chocar as pessoas para fazê-los tomar a devida consciência de sua situação....*” .

(*) Friedrich Von Schelling (1775 - 1854).

(**) Conta-se que Hegel e Schelling plantaram, juntos, uma árvore representando a liberdade, na noite do início da Revolução Francesa, em 1789.

Como já foi dito, grande parte de suas obras foram publicadas na década de 1840. Durante os primeiros anos da década de 1850 Kierkegaard publicou menos.

No caso de Kierkegaard, o reconhecimento foi especialmente demorado. Embora escrevesse em dinamarquês, para seus contemporâneos dinamarquêses ele era uma figura supérflua, ou seja, ou seus compatriotas não liam o que ele escrevia ou, se o faziam, não compreendiam seu significado mais profundo. Mesmo quando as traduções para o alemão começaram a aparecer, anos depois de sua morte, elas tiveram pouco impacto, a princípio. Apesar disso, a obra de Kierkegaard iria se tornar progressivamente mais influente na Europa Central. Foi na primeira metade do século XX, que as idéias do existencialismo foram mais divulgadas por outros autores. Entretanto, estas não eram exatamente as idéias de Kierkegaard.

Os pareceres sobre as instituições acadêmicas, contendo críticas contundentes e sua antipatia pela Igreja foram suas marcas claras. A grande preocupação de Kierkegaard com relação às instituições acadêmicas estava naquilo que ele chamava de *“ilusões de objetividade”*. Para Kierkegaard estas ilusões da objetividade tinham a tendência de sufocar o núcleo vital da experiência subjetiva através de comentários históricos e generalizações pseudo-científicas e na discussão de idéias a partir de pontos de vista abstratos, que não levavam em conta seu significado, para os compromissos e expectativas dos Indivíduos. Era a questão do Indivíduo e sua vida. Kierkegaard queria falar do Indivíduo e sua vida : sobre *“o Indivíduo existente”*

Falece em 1854 o primaz da Dinamarca, bispo Mynster, que foi sucedido por Hans Martensen, um dos orientadores de Kierkegaard na faculdade de Teologia. Por ocasião do funeral, Martensen elogiou Mynster como tendo sido uma “testemunha da verdade”; por outro lado, Kierkegaard conhecia Mynster, que fora amigo de seu pai, e estava convencido de que Mynster personificava a vaidade e a preguiça com relação ao Cristianismo, que ele denunciara em seus trabalhos anteriores.

Em dezembro de 1854, Kierkegaard escreveu um artigo criticando duramente o discurso feito por Martensen, por ocasião do funeral, e ampliou seus alvos para incluir tudo o que o cristianismo oficial defendia, lançando acusações sobre seus representantes.

Como cita Gardiner, Kierkegaard atacava a Igreja, que se tornara uma instituição de mãos dadas com o Estado e dirigida por uma burocracia cuja principal preocupação era prover os interesses materiais de seus membros. Desta forma, Kierkegaard dava a entender que um gigantesco “*conto do vigário*” estava sendo aplicado àqueles a quem a Igreja professava servir. Kierkegaard conclamava seus leitores a abandonar totalmente o que chamava de “*devoção oficial*”, se não quisessem participar de práticas que debochavam de Deus.

Os ataques de Kierkegaard eram tão violentos quanto solitários. Provocou inquietação e representações foram feitas exigindo que ações fossem tomadas contra o que era visto como subversivo.

Em abril de 1855, na manhã em que deixava a Dinamarca, Regine preparou um breve encontro com Kierkegaard em uma das ruas de Copenhague. Parou e então lhe disse, calmamente:

“ Deus o abençoe, que as coisas saiam bem para voce”; Kierkegaard ergueu o chapéu, trocando saudações gentilmente. Foi a primeira vêz que se falaram depois de rompido o noivado em 1841, quase quinze anos depois. E seria a última vêz que poriam os olhos um no outro.

Uma fraqueza crescente, combinada com o estresse da sua campanha contra a Igreja, logo cobrou tributo à saúde de Kierkegaard. Sete meses depois da partida de Regine para as Índias Ocidentais, ele sofreu um colapso na rua e foi levado para o hospital. Fraco (*) e triste, perdeu a vontade de viver. Os que o viram, repararam no olhar radiante, que dava vida a seu rosto e seu ar de serenidade. Morreu em 11 de novembro de 1855, deixando , em testamento, seus bens para Regine. Houve um serviço religioso na Catedral de Copenhagen, estando presente seu irmão Peter, o Teólogo. Ao dirigir-se à congregação, Peter expressou sua admiração pelo seu irmão Sören, mas lamentou seu pensamento confuso nos últimos anos. Kierkegaard, certamente teria rido.

O funeral de Kierkegaard reuniu uma multidão enorme, o que não era esperado. Surpreendentemente, estudantes competiam para carregar seu caixão e um incidente escandaloso teve lugar no cemitério : um grupo protestou contra a hipocrisia da Igreja, que reivindicava Kierkegaard ao seu rebanho, desejando sepultá-lo em Campo Santo. Alguém leu uma passagem insultuosa de “ O Instante(**) “ ; após a leitura seguiu-se um tumulto. Tudo exatamente como Kierkegaard teria gostado.

(*) não podia mais andar

(**) revista publicada por Kierkegaard para atacar a Igreja números 1 a 9 todos de 1855.

3 - KIERKEGAARD, COMO AUTOR

Patrick Gardiner [5] nos ensina que :

“ ... estudiosos de Kierkegaard tendem a concordar que ele não era um filósofo no sentido tradicional do termo, seus métodos característicos de apresentar idéias contrastam, agudamente, não apenas com os procedimentos rigorosos adotados por teóricos sistemáticos como Descartes () e Espinosa (**), mas também com os padrões demonstrativos mais informais de escritores de orientação empírica como Locke(***) e Berkeley (****). Tampouco faziam parte de suas preocupações centrais os tópicos que estavam no cerne das considerações filosóficas dos séculos XVII e XVIII; questões sobre a estrutura fundamental do Universo ou a natureza e o objetivo de nosso conhecimento da realidade não constavam entre suas principais investigações “*

Podemos dizer que as ambições teóricas, que tanto inspiraram seus grandes predecessores, isto é, ambições profundamente influenciadas pelos abrangentes avanços que as ciências naturais haviam conquistado, eram-lhe, tanto por temperamento, como por convicção, muito adversas.

A própria concepção do pensamento “*especulativo*”, colocado à parte das contingências da vida e friamente contemplando a existência, de um ponto de vista privilegiado,

(*) René Descartes (1596 - 1650)

(**) Benedictus Espinosa (1632 - 1677)

(***) John Locke (1632 - 1704)

(****) George Berkeley (1685 - 1753)

já lhe provocava suspeita e até mesmo antipatias. Kierkegaard considerava que essa atitude envolvia uma indiferença apática às questões que realmente importavam às pessoas como Indivíduos, cujos interesses reais não eram encontrados nas mãos dos “*filósofos sistemáticos e objetivos*”.

Para Gardiner, as obras de Kierkegaard são, em geral, densas e difíceis de penetrar. Kierkegaard procurou desembaralhar a questão da fé das outras concepções, a seu ver errôneas, que serviram para obscurecer o caráter essencial da questão da fé. A pedra de toque do pensamento de Kierkegaard é o “*Indivíduo existente*”.

Kierkegaard foi determinado na resistência àquilo que acreditava ser uma disposição disseminada e encorajada por representantes da Igreja Dinamarquês, de distorcer a mensagem Cristã por meio da recusa em encarar sua importância no nível da motivação e da vida prática. Para Kierkegaard, não era suficiente participar de rituais estabelecidos, e tampouco repetir as palavras de Cristo ; para ele era necessário viver de acordo com o que Cristo dissera.

Em seus escritos e discursos explicitamente cristãos, que na maior parte foram publicados com seu nome verdadeiro e complementavam os trabalhos com pseudônimos, mais teóricos, Kierkegaard dedicou-se a acentuar a severidade do chamado do cristianismo ao Indivíduo.

Gardiner comenta que, para Kierkegaard, a mundaneidade e a hipocrisia, disfarçadas, que caracterizavam a “*cristiandade*” deviam ser expostas sem piedade. Ainda, comenta Gardiner, as obras “ PURITY OF HEART “ e “TRINING IN CHRISTIANITY” foram escritas para manifestar o que significava “*morrer para o mundo e viver uma vida de dedicação ao desejo de Deus*” . Kierkegaard nunca abandonou o ponto de vista de que o compromisso com um modo de vista cristão, assim como o compromisso com os outros modos de existência, era, em última análise, uma questão de decisão individual, que cada pessoa deveria escolher livremente, sem a necessidade de justificação objetiva.

De acôrdo com Kierkegaard, a razão não nos foi dada para conhecer a Deus, mas para conhecer o mundo.

Ainda que alguns pensadores cristãos tenham festejado as idéias de Kierkegaard, no sentido de que tais idéias permitissem uma barreira contra as presunções e incursões do racionalismo, também existem outros pensadores que protestaram contra Kierkegaard, por ele não ter dado nenhuma preferência ao Crstianismo sobre qualquer outra religião ou crença. Kierkegaard foi um dos mais originais pensadores do século XIX, sua singular visão da existência humana, a originalidade literária e sua imaginação, são qualidades que tocaram Ludwig Wittgenstein [6], que assim escreveu:

“...Um pensador que crê no irracional, honesto, é como um equilibrista na corda bamba. Quase parece que ele está andando sobre o nada, apenas ar. Seu apoio é o mais escasso imaginável. E mesmo assim é possível andar sobre ele... “.

Strathern[7] diz que Kierkegaard não foi exatamente um filósofo . Não no sentido acadêmico. E no entanto produziu o que muitos esperam da filosofia :

“ Kierkegaard não escreveu sobre o mundo, mas sobre a vida e como a vivemos”.

Há uma grande falta de afinidade entre o estilo e a orientação do pensamento de Kierkegaard e os métodos objetivos, típicos da investigação filosófica, conforme esta se formou nos cerca de duzentos anos anteriores à produção de Kierkegaard.

Entretanto, sobre o que é a filosofia, são os filósofos Gilles Deluzze e Félix Guattari [8], que nos ensinam:

“Talvez só possamos colocar a questão O que é a filosofia ?, tardiamente, quando chega a velhice, e a hora de falar corretamente.... Esta é uma questão que enfrentamos numa agitação discreta, à meia-noite, quando nada mais resta a perguntar. Antigamente, nós a formulávamos, não deixávamos de formulá-la, mas de maneira muito indireta ou oblíqua, demasiadamente artificial, abstrata demais; expunhamos a questão, mas dominando-a pela rama, sem deixar-mos engolir por ela. Não estávamos suficientemente sóbrios. Tínhamos muita vontade de fazer filosofia, não nos perguntávamos o que ela era, salvo por exercício de estilo; não tínhamos atingido este ponto de não-estilo em que se pode dizer finalmente: mas o que é isto que fiz durante toda minha vida ? a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos....” .

Por outro lado , como veremos, a produção de Kierkegaard se aproxima da invenção ou fabricação de conceitos a respeito do Indivíduo e sua vida, portanto , podemos chamá-lo de filósofo.

Kierkegaard filosofou sobre o que significa estar vivo. Seu tema foi o “*Indivíduo existente*”. Na visão de Kierkegaard, o “*Indivíduo existente*” é puramente subjetivo e está além do alcance da razão, da lógica, dos sistemas filosóficos, da teologia ou mesmo das pretensões psicológicas. No entanto, escreve Strathern [9], “o Indivíduo existente é fonte de tudo isto “. O resultado desta forma de pensar de Kierkegaard, foi que filósofos e teólogos, em algum momento, repudiaram Kierkegaard. O ramo da filosofia, também conhecido como anti-filosofia, por muitos puristas, viria a ser cohecido como existencialismo.

A questão do “*Indivíduo existente*” continuou, naturalmente, a ser formulada, exceto pelos filósofos. Para os filósofos, esta questão não era válida, ou respondida de modo tão completo por sua filosofia clássica, que não havia mais motivos para formulá-la. Kierkegaard, por outro lado, insistiu que todo Indivíduo deveria apenas formular a pergunta “ o que significa existir” e fazer da própria vida uma resposta objetiva a esta questão. É esta ênfase na subjetividade que é a principal contribuição de Kierkegaard.

O problema da existência esteve no cerne do pensamento de muitos dos primeiros filósofos. Antes que Sócrates e Platão introduzissem um elemento de razão na filosofia, tornando-a assim academicamente respeitável , os filósofos preocuparam-se

muito com a questão do Ser, isto é, indagavam-se sobre o que significa estar vivo e qual era o sentido da existência.

Strathern [10], nos ensina que :

“Parmênides, que viveu na colônia grega de Eléia, sul da Itália, no século V antes de Cristo, dizia que o Ser era o único elemento imutável de todo o Universo. Parmênides dizia “tudo é um “ e que coisas como multiplicidade, a mudança e o movimento eram apenas meras aparências.... “.

Outros filósofos pré-socráticos começaram a questionar a diferença entre a existência das coisas “reais” e as noções abstratas ou coisas imaginadas. O que diferenciava a minha existência da matemática ou dos sonhos? O que significa existir?

Continua Strathern [11],

“.... Então surgiram Sócrates e Platão - Conhece a ti mesmo e não conhece o que significa ser tu mesmo - tornou-se a ordem do dia...”.

O problema do Ser desapareceu, então, da filosofia. Essa noção fundamental, talvez a mais fundamental de todas , foi simplesmente ignorada. Para Platão, a existência era simplesmente aceita como dada, não questionava a sua natureza. Pode-se argumentar que Platão foi o espírito filosófico mais abrangente de todos os tempos e ainda assim, foi capaz de desconsiderar o que muitos consideram a mais importante de todas as questões da filosofia.

Os filósofos seguintes a Platão continuaram a ignorar a condição humana. A existência subjetiva, provavelmente a única coisa que todos nós temos em comum, foi deixada à contemplação dos filosoficamente tolos. Por quase dois mil anos, a filosofia de Platão e seu discípulo Aristóteles reinou soberana.

Já no século XVII a filosofia voltou à base, este alicerce fundamental do qual surgira originalmente: Quem sou eu e o que quero dizer quando afirmo que “existo” ? O filósofo francês René Descartes declarou : “ cogito ergo Sum” (Penso logo Existo). Para Descartes, tudo que há na mente e no mundo pode ser uma ilusão ou uma fantasia enganosa de algum tipo, tudo exceto o fato de que estou pensando. A noção fundamental, a pedra absolutamente inquestionável sobre a qual toda filosofia deveria se assentar era, mais uma vez, vista como sendo o Indivíduo subjetivo; mas como comenta Strathern:

“ só existia enquanto pensava racionalmente
Sentimentos e percepções poderiam ser ilusões”

Contra todo esforço para condensar a realidade num sistema, Kierkegaard aponta para um residuo irreduzível, de oposições absolutas, fundadas, as oposições, no princípio de que a existência é uma tensão, em direção não a uma totalidade pensada, o sistema, mas sim em direção ao Indivíduo, categoria essencial da existência.

Quando Kierkegaard voltou a Copenhague, no final de 1842, levava um volumoso manuscrito intitulado “Ou isso Ou aquilo - Um fragmento de vida “ . A referência auto-bibliográfica do título, fica evidente, mas foi publicada com pseudônimo. Mas o que Kierkegaard disse em “Ou isso Ou aquilo” ? Fundamentalmente sugeriu que há duas maneiras de viver a vida : a estética e a ética.

Indivíduos que optam pelo ponto de vista estético, vivem basicamente para si mesmos e para seu próprio prazer.

Comenta Strathern [12] :

“ ... Kierkegaard sabia do que estava falando, porque tinha vivido dessa forma (estética) no tempo de estudante e ainda sentia o peso da culpa ...”

Ainda , segundo Strathern [13] :

“ Num nível básico, o indivíduo que vive a vida estética não tem sentido de sua existência. Ele vive o momento, levado pelo prazer. Sua vida pode ser contraditória, carente de estabilidade e certeza. Mesmo num nível mais calculado , a vida estética continua sendo “experimental”. Sentimos certo prazer apenas enquanto a vida estética exerce apelo sobre nós. É fundamental observar que para Kierkegaard o ponto de vista estético é inadequado, porque este ponto de vista estético se apóia no mundo externo. Este ponto de vista “espera tudo de fora”. Desta forma, este viver estético é passivo e carente de liberdade. Este viver estético apóia-se em coisas que estão, em última instância, além do controle de sua vontade, tais como o poder, as posses ou a amizade....”.

Meses depois da publicação de “Ou Ou” , em 1843, aparecem “Diário de um Sedutor” (1843) e “Temor e Tremor” (1843). Além destas, as obras de Kierkegaard mais conhecidas são: “ O Conceito de Ironia “ (1841), “Migalhas Filosóficas”(1844), “ O Conceito de Angústia “ (1844), “Estágios no Caminho da Vida “ (1845), “ O Matrimônio” (1847), “ O Ponto de Vista da Minha Obra como Autor” (1848) e O Desespero Humano, Doença até a Morte” (1849).

4 - KIERKEGAARD E HEGEL

Para Hegel, o mundo desenvolvia-se num processo dialético trídico, isto é, uma tese original gerava uma antítese, que eram então ambas enfeixadas numa síntese, que por sua vêz era vista como uma nova tese e assim sucessivamente.

Por meio desta dialética, tudo se movia rumo a um auto-conhecimento maior e por fim para o Espírito Absoluto, a mente, que incluía tudo à medida que contemplava a si mesmo. Este Espírito Absoluto, a mente, que tudo abarca, incluía até mesmo a religião, vista como um estágio anterior à filosofia de Hegel.

Se por um lado, Kierkegaard admirasse Hegel, por outro lado a relação de Kierkegaard com Hegel foi dialética desde o início. Kierkegaard amava e odiava Hegel ao mesmo tempo, acabando por criar uma filosofia anti-Hegelianana. Porém, o ponto mais importante é que Kierkegaard, desde o início, tinha dúvidas sobre o espírito Absoluto (a mente) e seu auto-conhecimento. Para Kierkegaard, o auto-conhecimento tinha que ser alcançado no nível subjetivo. Insistia que para os Indivíduos, o subjetivo tinha que ser mais importante que qualquer Espírito Absoluto. Para Kierkegaard o reino subjetivo seria nossa maior preocupação e riqueza.

Para Hegel, o grande filósofo é aquele que encarna o espírito de sua época. É assim que o próprio Kierkegaard se insurge contra Hegel para restaurar o pluralismo da subjetividade dessas três realidades, distintas entre si e fundamentais : Deus, o mundo e o Indivíduo. Por toda parte há transcendência, mas para esta

transcendência, só há um caminho possível, o da subjetividade, e uma única saída, a verdade do Indivíduo na sua subjetividade.

Strathern nos conta que foi o filósofo alemão Kant(*) quem deu morada adequada para abrigar essa pobre criatura indefesa, o “eu” subjetivo. Ele construiu um sistema filosófico que a tudo abriga, baseado na razão, que acomodava o “eu” subjetivo com majestoso esplendor. Kant foi seguido por Hegel, que ergueu um sistema abrangente ainda mais grandioso, baseado na noção de que *“tudo que é racional é real e tudo que é real é racional”*.

Mas Kant e Hegel perderam de vista a questão original. Seus sistemas de conceitos não deram resposta satisfatória à questão subjetiva : *“ O que significa existir ? ”*. Um sistema racional presuppõe uma realidade racional. São apenas respostas racionais a perguntas racionais. O “eu” subjetivo está além da razão e não faz inteiramente parte do mundo. Kierkegaard entendia isto. A resposta não estava na construção de um sistema perfeito que tudo explicasse. Havia um problema fundamental, que provocava questões como *“o que significa existir”?* . Foi Kierkegaard quem assumiu a tarefa de responder a essas questões.

Para Kierkegaard [14],

“ O que Hegel empreendeu no seu grandioso sistema , em que o racional é real, em que o interno e o externo coincidem no universal concreto, foi a supressão de toda distinção entre Deus, o mundo e o Indivíduo, mergulhando tudo no sistema, uma vêz que tudo se integra na essência única que é o Espírito Absoluto, a mente ”.

(*) Imanuel Kant (1724 - 1804)

Escreveu Kierkegaard [15] :

“.... Se Hegel tivesse completado a sua lógica e depois dissesse, no prefácio, que toda a coisa não passava de uma experiência do pensamento, mesmo que houvesse feito uma série de suposições injustificadas, teria sido definitivamente o maior pensador de todos os tempos. Tal como é (o sistema), não passa de uma curiosidade”.

Para Kierkegaard, há uma oposição irreduzível entre as realidades de Deus, do mundo e do Indivíduo. Aliás, para ele a filosofia não reconcilia as contradições da realidade, para ele a filosofia só pode conseguir reduzir tais realidades (Deus, o mundo e o Indivíduo) a uma realidade fictícia, que é criação da filosofia. Esta realidade fictícia foi (ainda é) o objeto da ciência.

Thomas Giles [16] nos mostra que :

“ Segundo Hegel, concluía-se por toda parte que a racionalidade era a etapa mais alta na evolução do Indivíduo, já que nele é a razão que aparentemente exerce o primato absoluto. Mas, ao mesmo tempo, a filosofia distanciava-se cada vês mais do contato com as realidades existenciais do Indivíduo e sua vida, pois não havia mais nada a explorar, nada a experimentar. Bastava considerar toda realidade como as diversas manifestações do Espírito Absoluto (a mente), uma vês que o pensamento especulativo se contentava em classificar e encaixar metódicamente toda realidade em esquemas ideais. Só que nesses esquemas não se vive mais, não se crê mais : o próprio Indivíduo é absorvido no absoluto da Idéia ; só resta determinar-lhe o lugar dentro do sistema.... “.

O sistema de Hegel pretende ser a realização máxima do Espírito Absoluto (a mente) como Espírito Objetivo (isento de

subjetividade), no qual o Indivíduo não passa de uma simples manifestação, sem valor algum . O Indivíduo de Kierkegaard é o Indivíduo existente. É contra esta concepção do Indivíduo, como simples manifestação do Espírito Absoluto (mente), elemento a ser incorporado num sistema , que os protestos de Kierkegaard se dirigem.

É Thomas Giles [17] que afirma:

“ Hegel pretendia explicar, racionalmente, todos os mistérios do Cristianismo, o que levaria à secularização da fé. Contra esta tentativa, Kierkegaard se levanta em nome da apropriação do Cristianismo pelo Indivíduo; somente mediante esta apropriação, conseguirá o Indivíduo realizar a paixão do Infinito, que é a subjetividade “.

Hegel edificou uma construção imensa, um sistema universal que abarca toda existência e história do mundo, mas diz Kierkegaard [18]:

“.... Se alguém atentasse para sua própria vida privada, descobriria, pasmo, este enorme ridículo: que ele próprio (alguém) não habitava este vasto palácio de abóbodas, mas um barracão lateral”.

Contra as teorias de Hegel, Kierkegaard insiste na necessidade da apropriação subjetiva da verdade, pois se trata de fundamentar o desenrolar do pensar em algo que seja ligado à raiz mais profunda da existência, o Indivíduo.

Afirma Giles [19] :

“.... Hegel procurou resolver no Espírito Absoluto todas as diferenças entre os Indivíduos, ao passo que Kierkegaard tentou elevar o Indivíduo concreto ao nível de elemento central do pensamento filosófico, sublinhando as diferenças que são características da subjetividade. Contra a certeza racionalista de Hegel, Kierkegaard aponta para a ambivalência de um pensamento que procura seguir as linhas tortuosas e as riquezas do singular na subjetividade. Aliás, a própria existência reluta contra a dissipação em fatores puramente ideais, pois, na realidade, não se consegue incorporar a existência em um sistema, porém , apenas a idéia da existência.... “.

Kierkegaard fundamenta suas críticas a Hegel no abismo infinito que há entre o Indivíduo, em sua singularidade, e o Espírito Absoluto ; entre o tempo em que o Indivíduo deve realizar suas potencialidades e a eternidade que é o Indivíduo Infinito (o Poder Criador). É a importância que Kierkegaard atribuiu ao Indivíduo, eixo-condutor do seu pensamento e ponto focal de toda sua filosofia, que distingue Kierkegaard de Hegel.

Para Kierkegaard, evidentemente, a universalidade e a objetividade são elementos importantes na Filosofia, porém não ao preço de se sacrificar o Indivíduo. A universalidade e a objetividade são apenas conceitos da intelectualidade, ao passo que a existência do Indivíduo não consiste na simples intelectualidade, isolada do resto da existência.

Giles [20] afirma que , para Kierkegaard:

“.... a própria verdade, em vez de representar uma simples equação entre ser e pensar, torna-se sinônimo de subjetividade, o que quer dizer

que a verdade deve significar um compromisso pessoal do Indivíduo, já que teve (a verdade) suas raízes na existência concreta e integrada de cada Indivíduo particular “.

Afinal, pergunta Kierkegaard , de que vale conhecer a assim chamada verdade objetiva, se ela não tiver nenhum efeito na existência concreta de cada Indivíduo particular? Que adianta explicar racionalmente toda a realidade, resolver todos os problemas teóricamente, se essa explicação e essa resolução não tiverem nenhuma repercussão correspondente na existência do Indivíduo?

A verdade deve tornar-se existencial no ato do Indivíduo viver aquilo em que acredita. Na realização dos seus objetivos mais profundos.

Portanto, para Kierkegaard o que é indispensável não é tanto conhecer a verdade e sim, introduzi-la na existência. Em outras palavras, cada Indivíduo deve viver em função de uma idéia concreta que seja para ele o ideal de uma existência vivida. Aliás, é por este motivo que não se encontra em Kierkegaard um pensamento sistemático, fundamentado em argumentos que levem a conclusões lógicas, senão situações de opções vivenciais a partir da categoria essencial, que é o Indivíduo.

Para Kierkegaard, a primeira exigência para se chegar a uma atitude de seriedade existencial consiste em concentrar o olhar em si próprio, isto é, no agir íntimo, conforme a verdade deste olhar. É só sob essas condições que o Indivíduo poderá chegar ao momento em que possa chamar-se um eu particular . Essa atitude

de seriedade existencial exige um engajamento pessoal que é a própria condição da existência do Indivíduo.

Para Kierkegaard , todos os erros de Hegel decorrem do esquecimento do Indivíduo como Indivíduo existencial, que tem seu Ser essencial no tempo e que é simultaneamente o ponto de encontro (o Indivíduo) entre o temporal e o eterno, aquele que realiza a vocação de existente no dever, na luta e no esforço, na possibilidade de estar no erro e na não-verdade. De outro modo, o Indivíduo é empurrado para fora do sistema.

O Indivíduo Kierkegaardiano é energia viva, ativa, autodeterminante, que surge a partir de situações concretas de opções, situações essas enraizadas nos momentos em que o Indivíduo focaliza todas as suas potencialidades numa opção que ressoará por toda a sua vida. Nessa opção , a subjetividade revela-se no exercício máximo da apropriação da atualidade e da fatualidade. Essa opção, que torna o Indivíduo simples, num Indivíduo existencial, constitui a tarefa suprema do ser humano, pois é uma missão dirigida a cada ser humano e é a possibilidade de todos.

Para Kierkegaard, ousarmos ser nós próprios, ousarmos ser Indivíduo, não um qualquer, mas este que somos, só em face do Poder Criador, isolado na imensidade do esforço e da responsabilidade, é este o desafio do existencialismo Kierkegaardiano. Isolar cada Indivíduo, a fim de que, sózinho, conecte-se com o Poder Criador. Mas Kierkegaard sabia que não são a estas coisas que o mundo dá muita importância e que são estas mesmas coisas que menos curiosidade despertam. Afirma Kierkegaard [21]:

“ O maior dos perigos é que essa dimensão existencial passe tão despercebida aos seres humanos, como se nada tivesse acontecido, pois nada há que faça tão pouco ruído....”

O Indivíduo é uma relação que não se estabelece com qualquer coisa de alheio a si, mas consigo próprio. Mais e melhor do que na relação propriamente dita, ele consiste (o Indivíduo) no orientar-se dessa relação para a própria interioridade. O eu (*) não é a relação em si, mas sim o voltar-se sobre si mesmo.

Sobre a comunicação indireta, isto é, sobre o uso de pseudônimos por Kierkegaard, Thomas Gilles [22] comenta que:

“.... a comunicação indireta reflete essencialmente o caráter indeterminado das afirmações essenciais a respeito da categoria fundamental da existência, o Indivíduo, porque tanto revela, como esconde, os diversos momentos dessa existência num movimento dialético....”.

A dialética Kierkegaardiana procura seguir as sinuosidades das determinações decisivas de todo conjunto da existência. É uma dialética instaurada para ir em direção daquilo que essencialmente a transcende. Em curtas palavras, Kierkegaard faz tudo para arruinar a dialética como fim em si. Para ele, a dialética é um instrumento que tem por finalidade procurar a verdade na realidade. Cantoni [23], estudioso de Kierkegaard, comenta brilhantemente :

(*) A questão do eu, segundo Kierkegaard, está no anexo A2.1 , pag 242.

“ ... O sub-título de Temor e Tremor - lírica dialética de Johannes de Silentio - indica que a dialética Kierkegaardiana não é, como aquela de Hegel, um movimento lógico e objetivo, claramente exprimível através do meio revelador da palavra. O sub-título anuncia o movimento interior intraduzível racionalmente e quase “lírico”, que constitui o percurso existencial da questão da fé”;

Thomas Giles [24] afirma ;

“ Kierkegaard reconhece a força intelectual da dialética Hegeliana, a nobreza daquela tentativa para construir um sistema sem pressupostos, os quais abarcassem a plenitude do Ser. Só que ele pergunta se o sistema de Hegel não acaba fazendo desaparecer a própria realidade, pois, a dialética não pode ser real, a não ser que encontre o novo real, sob os aspectos finitos, e sob o tempo constituído pela plenitude da história, onde a existência se desenrola..... “.

Kierkegaard não se propõe à ambiciosa missão de construir um sistema que transmitisse o fundamento exclusivo da sabedoria. A sua tarefa e a sua missão são muito mais humildes : mostrar que, uma vêz, um Indivíduo viu o que significa existir. É neste sentido que Kierkegaard tenta transmitir, mediante diversas formas, o que significa existir. Não como aquele que, ele próprio, já viveu tal existência, mas apenas como aquele que viu o que significa existir.

5 - KIERKEGAARD, SOBRE O INDIVÍDUO E SUA VIDA

Este capítulo, tem o difícil objetivo de mostrar que o exame da condição humana nos remete à questão da crença em um Poder Criador, segundo a visão Kierkegaardiana.

Sören Kierkegaard nos deu algumas das melhores observações empíricas, nele mesmo, da condição humana, já concebidas pela mente humana. Kierkegaard nos dá a fusão das categorias religiosas e psicológicas de forma clara. O antropólogo Ernest Becker (*) (1924 - 1974), [25] nos diz:

“.... ironicamente, todavia, só na época do ateu científico Freud foi possível vermos a estrutura da obra do teólogo Kierkegaard. Só então dispusemos de provas clínicas para apoiá-la”

Foi após Sigmund Freud (1856 - 1939) que encontramos resultados experimentais, ou clínicos (**), que apontam na direção de Kierkegaard como autor genial em psicologia. Este termo, psicologia, vem no sentido de comparar as idéias de Kierkegaard às idéias de Freud. Ainda, de forma mais correta, pode-se dizer que as idéias de Kierkegaard caminharam em um sentido mais amplo, além dos limites da psicologia Freudiana (***).

(*) A apresentação de Ernest Becker está no anexo A3.4, pag. 335.

(**) Somente após a apresentação da Teoria da Libido e do tratamento psicanalítico, por Freud, é que se aprendeu sobre a possibilidade da abordagem clínica do Indivíduo, isto é, sobre a possibilidade de ouvir o Indivíduo como paciente, ver anexo A3.1, pag 284.

(***) A comparação das idéias de Freud e Kierkegaard, encontra-se na 3ª parte deste estudo, pag.146.

Kierkegaard viveu em época anterior a Freud e sobre este fato o psicólogo Mowrer [26] sintetizou, perfeitamente, nos anos 50 (1950):

“ ... Freud teve de viver e escrever antes que a obra, anterior, de Kierkegaard pudesse ser corretamente entendida e apreciada ”.

Segundo Becker [27] :

“.... O fato é que, embora escrevendo durante a década de 1840, ele foi realmente pós-freudiano, o que mostra a assombrosa eternidade do gênio”

O Indivíduo de Kierkegaard é proveniente do mito da expulsão de Adão e Eva do Jardim do Paraíso:tu morrerás, porque te Dei corpo! Neste mito está contido o ponto fundamental da psicologia moderna, isto é, que o Indivíduo é uma síntese cujos termos são não conciliáveis, de infinito e de finito, de liberdade e de necessidade, de alma e de corpo, de eterno e de temporal, de anjo e de bicho, de infinitual e corporal.

O Indivíduo se distinguiu da não consciência dos animais inferiores, ou de algo desconhecido, e passou a viver sua própria situação. Como nos diz Becker [28] :

“ Foi-lhe concedida a consciência de sua individualidade e de sua divindade parcial, beleza e originalidade de seu rosto e de seu nome..... ”.

Ao mesmo tempo em que se distingue e passa a existir, desenvolve o pavor à sua degeneração(*), o desespero de querer ser a síntese de termos não conciliáveis e a ansiedade devida ao conhecimento de sua impotência para superar, por si próprio, o desespero e o pavor decorrentes da ambiguidade. Desenvolve,

(*) A degeneração é constante; a finitude é um processo degenerativo. A criança percebe, inicialmente, a degeneração, para depois perceber a finitude.

também, o terror do mundo, que reconhece repleto de fenômenos que degeneram e são finitos. Esta situação, própria da existência humana, é a essência do Indivíduo em todos os períodos de sua história. O próprio Kierkegaard [29] nos diz :

“Além daqui a psicologia não pode ir ... e pode a psicologia confirmar este seu ponto de parada, a partir de suas próprias observações da vida humana”.

A angústia Kierkegaard chama de pavor. Para ele, não há pavor no animal, exatamente pela razão do animal não ser, como animal, restringido (*) pelo espírito.

É necessário esclarecer que por espírito deva-se entender o eu (**) ou identidade interior simbólica. É neste sentido, que o animal nada tem desta identidade, sendo ignorante e portanto inocente ; mas o Indivíduo é uma “síntese de finito e infinito “. É em “ O Conceito de Angústia” que Kierkegaard [30] nos ensina :

“.... Se o Indivíduo fosse bicho ou um anjo, não seria capaz de experimentar o pavor, isto é, se ele fosse totalmente desprovido de auto-consciência, ou totalmente não animal. Já que ele é uma síntese o próprio Indivíduo produz pavor O espírito não pode abolir a si mesmo, isto é, o eu consciente (***) não pode desaparecer Tampouco pode o Indivíduo mergulhar na vida vegetativa, isto é, ser inteiramente animal Ele não pode escapar ao pavor”

(*) restringido significa que o Indivíduo não pode ser inteiramente animal, ainda que queira, porque é síntese de finito e infinito.

(**) A questão do eu , segundo Kierkegaard, está no anexo A2.1 , pag 242.

(***) O eu é sempre consciente, conforme descrito no anexoA2.1, pag 242.

O pavor deriva da consciência do eu , com relação a sua própria degenerescência. Este é o significado do mito do Jardim do Edem, da expulsão do paraíso. A constatação da psicologia moderna é a de que a angústia do Indivíduo provém da consciência da sua degeneração e finitude.

Por outro lado, para Kierkegaard o caráter do Indivíduo é a estrutura construída para evitar a percepção do pavor e do aniquilamento, que vivem junto de todo Indivíduo. Em outras palavras, o caráter é o instrumento para a mentira vital (*). Hoje, quando falamos em mecanismos de defesa, tais como repressão e negação, podemos observar que Kierkegaard falava a mesma coisa, de forma diferente, isto é, ele se referiu ao fato da maior parte dos Indivíduos viver em uma semi-obscuridade a respeito de sua própria condição. Esta atuação do caráter é um estado de hermetismo, no qual parte das percepções da realidade não são percebidas.

Kierkegaard percebeu a função básica do caráter, a posição fechada da pessoa que construiu os mecanismos de defesa contra o pavor, contra o desespero e, conseqüentemente contra a ansiedade e assim nos ensinou [31] :

“Um partidário da mais rígida ortodoxia.... conhece tudo isto, faz reverência perante o sagrado, para ele a verdade é um conjunto de cerimônias, fala em apresentar-se diante do trono de Deus, de quantas vezes a pessoa deve inclinar-se, conhece tudo, da mesma maneira do aluno que é capaz de demonstrar um teorema matemático com as letras ABC, mas não quando estas são trocadas por DEF. Ele fica, por conseguinte, perdido, sempre que ouve algo não organizado na mesma ordem”

(*) a mentira vital significa a negação da degeneração e finitude.

A mentira vital é a negação da condição humana, através do caráter, para evitar a percepção do pavor e do desespero, isto é, a negação diminui a consciência do eu (*) . O resultado da mentira vital no Indivíduo, é a semi-obscuridade de sua própria condição.

Para Kierkegaard, o hermetismo é o que hoje chamamos de repressão. Para ele este hermetismo tem origem na infância, onde a criança (**) não teve a oportunidade de experimentar suas próprias forças, não esteve livre para descobrir a si própria e ao mundo, de forma descontraída.

Ainda, Kierkegaard nos ensina que se a criança não for oprimida exageradamente em suas atividades, pelos pais, a criança pode manter um caráter um pouco mais fluído e aberto. Kierkegaard faz, então, uma distinção entre hermetismo orgulhoso e hermetismo equivocado. O caráter mais fluído e aberto é função do hermetismo orgulhoso, ao qual Kierkegaard [32] se refere a seguir :

“.... É de grande relevância que uma criança seja criada com uma concepção de hermetismo orgulhoso, isto é , com uma certa reserva, e longe do tipo equivocado. Sob um aspecto exterior, é fácil perceber quando chegou o momento de se deixar uma criança andar sózinha, ... a arte consiste em estar constantemente presente, sem se mostrar presente, isto é, deixar a criança desenvolver-se, por si mesma, embora se tenha sempre um quadro claro da situação diante de si. A arte está em deixar a criança entregue a si mesma no mais alto grau e na maior escala possível, e expressar este aparente abandono de tal forma que, despercebidamente e ao mesmo tempo, a gente esteja a par de tudo e o pai que educa, fazendo tudo para a criançamas não a impediu do hermetismo equivocado, assumiu séria responsabilidade “.

(*) ver anexo A2.1 , pag 242.

(**) As dificuldades da criança estão descritas, sob o ponto de vista da psicologia moderna, na 3ª parte deste estudo.

Continua Kierkegaard [33] :

“.... É fácil perceber que o hermetismo equivocado significa uma mentira, ou, se preferir, uma inverdade. Mas inverdade é exatamente não-liberdade a elasticidade é consumida a serviço do hermetismo equivocado.... O hermetismo equivocado foi efeito do reentrincheiramento do eu dentro da individualidade ”.

Podemos entender estas afirmações da seguinte forma: Para Kierkegaard, a abertura é a abertura para novas possibilidades e escolhas , a capacidade para defrontar-se com a angústia , e o fechado é o fechado que afasta as pessoas das novas possibilidades, das novas percepções e das experiências mais amplas. O fechado não percebe quando as possibilidades se revelam.

Assim, percebemos que o hermetismo é o que chamamos de reserva e não podemos viver sem um certo hermetismo. Temos aqui o hermetismo natural ou reserva natural. Kierkegaard entendeu que a reserva se forma porque a criança precisa ajustar-se ao mundo, aos pais e aos seus próprios dilemas existenciais . O máximo com que a criança pode contar é que seu hermetismo não seja do tipo equivocado, no qual seu caráter teme demais o mundo para ser capaz de abrir-se às possibilidades da experiência.

Agora, se cada um de nós tem seu próprio e singular rosto, também tem seu próprio hermetismo, sua reserva singular. Por outro lado, se a qualidade deste hermetismo depende dos pais, também depende dos acidentes do ambiente.

Kierkegaard nos fornece alguns esboços dos estilos de negação a estas possibilidades, ou mentiras do caráter, quando descreve o que hoje chamamos de Indivíduos inautênticos : são aqueles que evitam desenvolver a originalidade de seus próprios rostos, aqueles que acompanham os estilos de vida chamados automáticos, aos quais estes Indivíduos foram condicionados quando crianças. São inautênticos porque não pertencem a si mesmo, não são suas próprias pessoas. É Kierkegaard [34] que nos ensina :

“.... O indivíduo imediatista é algo incluído, juntamente com o outro, no âmbito do temporal e do mundano..... Na cristandade ele é também cristão, vai a Igreja todo domingo, ouve e entende o sacerdote, realmente eles se entendem um ao outro mas ele não foi um eu e nunca se tornou um eu Pois o Indivíduo imediatista não reconhece seu eu, ele só se reconhece por sua roupa..... ele se reconhece como um eu só de aparências “.

Segundo Becker [35], esta é a descrição do Indivíduo cultural automático, aquele que é confinado pela cultura, seu escravo, e que imagina que dispõe de controle sobre a vida:

“.... Hoje em dia, os Indivíduos inautênticos ou imediatistas são tipos familiares, quando observados após décadas de análise existencialista da escravidão do homem a seu sistema social.... Para Kierkegaard, o filisteísmo () significa o homem embaldo pela rotina diária de sua sociedade “*

Novamente, é Kierkegaard [36], que nos ensina:

“ Desprovido de imaginação, como sempre é o filisteu, ele vive em um certo setor de experiências triviais, no que toca ao andamento das coisas do que é possível, do que geralmente ocorre”.

(*) Para Kierkegaard, o filisteu é o Indivíduo cultural automático.

É Becker [37], que traz a questão fundamental :

“.... Porque o Indivíduo aceita levar uma vida trivial ? Devido ao perigo de um horizonte amplo de experiências Esta é a motivação mais íntima do filisteísmo, o fato dele celebrar o triunfo sobre a possibilidade, sobre a liberdade. O filisteísmo conhece seu inimigo real : a liberdade é perigosa. Se você a segue com muita disposição, ela ameaça arrastá-lo para o ar. Se voce abre mão dela completamente, fica prisioneiro da necessidade “.

Ainda sobre este tema, Kierkegaard [38] nos diz:

“ Pois o filisteísmo crê estar no controle da possibilidade (liberdade).... quando apanhou esta prodigiosa elasticidade no campo da possibilidade e a mantém presa ele leva por toda parte a possibilidade, como um prisioneiro na janela do provável, e exhibe-a “.

Em outras palavras, o filisteísmo percebe a liberdade, mas a mantém presa, e paradoxalmente a exhibe equivocadamente. Por outro lado , o controle sobre a liberdade representa apenas uma parte infinitesimal desta mesma liberdade.

Entretanto, a maioria dos Indivíduos esquiva-se dos dilemas existenciais. Pode-se até dizer que desejam permanecer no meio termo do filisteísmo, isto é, conformar-se com aquilo que é socialmente possível. Devemos entender por meio-termo do trivial, a situação de liberdade limitada a que a maioria dos Indivíduos

vive. Também é verdade que o colapso (*) deste Indivíduo, meio trivial, ocorre devido à falta de possibilidade ou ao excesso dela, isto é, o meio filisteísmo é o que hoje chamamos de neurose (**) comum.

A análise de Kierkegaard torna-se mais notável neste ponto : ele está procurando tirar as pessoas da mentira de suas vidas; vidas estas que não se afiguram como mentira, que parecem ter conseguido ser pessoas verdadeiras, completas e autênticas.

Como disse Kierkegaard [39] :

“.... O filisteísmo funciona tranquilizando-se com a trivialidade.....” .

Para Kierkegaard, as condições humanas a que o Indivíduo está sujeito, não esgotam a questão do caráter do Indivíduo. Ele reconhecia que os imediatistas constituem uma boa parcela dos Indivíduos, mas não todos. Admite a existência de pessoas que parecem ter conseguido ser pessoas verdadeiras, completas e autênticas, isto é , o Indivíduo real . Ao Indivíduo que sente um certo desprezo pelo imediatismo, que cria uma certa distância entre si e o Indivíduo comum, imediatista, Kierkegaard chama de Indivíduo interior, voltado para dentro. Este Indivíduo interior está preocupado com o que significa ser uma pessoa, com individualidade e originalidade.

(*) O colapso significa a frustração do Indivíduo, porque não sabe lidar com o excesso ou falta de liberdade.

(**) Aqui, o conceito de neurose é o apresentado por Otto Rank (1884 - 1939), isto é, trata-se do poder criativo que se confundiu e se perdeu.

Becker [40] nos ensina que :

“ ... o único problema real da vida, a única preocupação valiosa do Indivíduo é : Qual é o verdadeiro talento de cada um, seu dom secreto, sua autêntica vocação ? De que maneira se é verdadeiramente ímpar, e como se pode expressar esta originalidade, dar-lhe forma, dedicá-la (a originalidade) a algo para além de si mesmo ?. Como pode a pessoa tomar seu eu interior particular, o grande mistério que ela sente bem no coração, suas emoções, seus desejos, e usá-los para viver de forma mais característica, para enriquecer tanto a si quanto a humanidade, com a qualidade peculiar de seu talento ?”

Entretanto, é preciso dizer que a vida, muitas vezes, nos leva para os caminhos da trivialidade. A sedução do sistema de heróis culturais, a sedução do luxo, do conforto, as necessidades de agradar aos outros, são sempre muito fortes. Nesta queda à sedução da vida, tornamo-nos Indivíduos exclusivamente exteriores, ou comuns.

Por outro lado, nos diz Becker [41] :

“.... Seria tão bom ser o eu que o eu quer ser, concretizar sua vocação, seu talento autêntico, este é o Indivíduo real.... ”.

Porém, esta não é uma posição fácil de manter com serenidade. Para Kierkegaard é raro continuar nela.

Segundo Becker, toda esta situação humana nos leva ao que se chama tipo final de Indivíduo, isto é, aquele que se afirma desafiando a própria fraqueza, que tenta compreender a si próprio, tenta ser senhor de seu destino, um Indivíduo lapidado por si próprio, que não será meramente um peão nas mãos da sociedade.

Este tipo final de Indivíduo mergulhará no infinito. O tipo final de Indivíduo é aquele que busca ser o Indivíduo real.

Kierkegaard publicou suas principais obras na década de 1840. Não viveu nossos dias, mas entendeu de forma genial as dificuldades que o Indivíduo real enfrenta para manter suas características de Indivíduo verdadeiro, isto é, o eu que compreende a si próprio.

Kierkegaard não tinha respostas claras para o Indivíduo real, entretanto sabia o que ele não era, isto é , não era o ajustamento normal, o Indivíduo comum. Para Kierkegaard ser um homem cultural automático é estar enfermo (*). Novamente, para Kierkegaard o Indivíduo real é o Indivíduo verdadeiro.

Por outro lado, voltando às características do Indivíduo aqui apresentadas, estas características representam graus de mentira a si próprio, com relação à condição humana. Kierkegaard investe no difícil exercício de avaliar como seria uma pessoa se não mentisse com relação a sua condição humana. Neste ponto Kierkegaard aponta qual seria a verdadeira possibilidade para o Indivíduo. Kierkegaard foi um teórico da possibilidade humana e pode-se dizer que nesta investigação, a psicologia moderna ainda está bem atrasada em relação a ele.

O que pode ser perguntado, neste ponto, é como alguém transcende a si próprio, como desvenda a nova possibilidade? Kierkegaard nos responde, que é dando-se conta de sua verdadeira situação, fazendo dissipar-se a mentira de seu caráter, soltando o espírito da prisão condicionada.

(*) Estar enfermo significa necessitar de cuidado.

Para Kierkegaard, o inimigo é o narcisismo infantil(*) ; a criança constrói estratégias e técnicas para manter sua auto-estima, em face ao pavor de sua situação. Estas técnicas convertem-se em uma armadura que conserva o Indivíduo preso. As defesas de que a pessoa necessita, para movimentar-se com confiança em si própria e manter a auto-estima, revelam-se uma armadilha para a vida toda.

Para Kierkegaard, a pessoa tem de derrubar todos os empréstimos culturais e enfrentar nua a tempestade da vida para alcançar a transcendência a ela própria. Para ele, o anseio do Indivíduo pela liberdade está restrito em função da acomodação na prisão de suas defesas de caráter. Para ele, na prisão de seu próprio caráter, pode-se fingir que se é alguém. Pode-se até acreditar que o mundo é controlável e que há uma razão para a vida. Kierkegaard chamou a este acreditar em que o mundo é controlável, de heroísmo da prisão.

A prisão de seu próprio caráter é esmeradamente construída, com o objetivo de negar uma única coisa apenas : a condição animal de cada um de nós. Trata-se, então, da negação ao pavor. A angústia, ou pavor, é resultante da percepção da verdade quanto à própria situação de cada um. Este é o pavor : ter emergido do nada, ter um nome, um eu consciente, sentimentos íntimos, um enorme desejo interior pela vida e pela auto-expressão e apesar de tudo isso, degenerar.

(*) O narcisismo infantil, ou natural, está apresentado na 3ª parte deste estudo.

Neste ponto, uma questão especial poderia ser levantada: Que espécie de divindade criaria tão complexa e extravagante criatura ? Entre outros, os gregos diziam que tratavam-se de divindades cósmicas, que usam os tormentos do Indivíduo para seu divertimento próprio.

A leitura de Kierkegaard, pode nos levar a um aparente paradoxo: ele nos falou que ao perceber a verdade acerca de nossa situação somos capazes de transcender a nós mesmos. Por outro lado, nos fala que a verdade de nossa condição é nossa animalidade, que aparentemente parece nos empurrar mais para baixo na escala da auto-realização, mais longe da possibilidade de auto-transcendência. Becker [42] responde a isto, dizendo que este é um paradoxo aparente:

“ A torrente de angústia não é o fim para o Indivíduo. Ela é, pelo contrário, uma escola que dota o Indivíduo com a educação definitiva, a maturidade final..... porque a realidade pode ser enganada, distorcida e refreada pelos truques da percepção e da repressão cultural. Mas não se pode mentir para a angústia. Uma vez que a enfrentamos, ela revela a verdade de nossa situação, e só vendo tal verdade pode-se abrir , para nós, uma nova possibilidade” .

Para Kierkegaard [43], a torrente de angústia ,

“ é uma mestra melhor que a realidade”

Neste sentido , é Kierkegaard [44] que nos diz:

“ Quem é educado pela angústia é educado pela possibilidade Quando uma tal pessoa, por conseguinte, sai da escola da possibilidade, e conhece mais perfeitamente do que uma criança o alfabeto, de modo a não exigir da vida absolutamente nada, e sabe que o pavor, perdição e aniquilamento moram ao lado de todo o Indivíduo, e aprendeu a lição útil

de que todo pavor que alarma pode, no instante seguinte, tornar-se um fato, então intrerpretará a realidade diversamente”

Na escola da angústia observamos o desaprender da mentira vital, o desaprender de tudo que a criança ensinou a si própria, isto é, o que ensinou a si negar, para poder se movimentar dentro das condições, bastante difíceis, a que está sujeita.

Para Becker [45] :

“ A criança emerge com um nome, uma família, um mundo de brinquedo, tudo nitidamente talhado para elao caráter da criança é um modus vivendi obtido após a luta mais desigual pela qual tem que passar qualquer criatura ; uma luta que a criança nunca pode, realmente, entender.....”.

Entretanto, o Kierkegaard nos diz é que a escola da angústia leva à possibilidade apenas pelo fato de destruir a mentira vital, representada pelo caráter. Aqui, pode-se fazer uma pergunta : Restará alguma coisa ao Indivíduo após a dissipação da mentira vital?

É Kierkegaard mesmo que responde [46] :

“ A direção é bastante normal, clara, ... o eu deve ser rompido a fim de se converter em eu....”

Sem dúvida trata-se de morrer para o mundo, para renascer para o Poder Criador, o que caracteriza Kierkegaard como existencialista-primeiro.

Para Becker, esta é a destruição da armadura emocional do caráter dos Indivíduos que compreendem a si próprios, em qualquer época.

Becker [47], de forma magistral nos diz :

“ ... Só se você provar a morte com seus lábios quentes e vivos é que poderá compreender que voce é um animal que experimenta a finitude ... ”.

Encontramos em José Ortega Y Gasset [48] uma expressão bastante clara deste tema, de certa forma muito parecida com a de Kierkegaard :

“ O Indivíduo de mente desempedida é aquele que se livra daquelas idéias fantásticas, isto é, a mentira caracterológica acerca da realidade, e fita a vida no rosto, percebe que tudo nela é problemático e sente-se perdido. Aquele que aceita isso já começou a encontrar-se, a colocar-se em terreno firme. Instintivamente , como fazem os náufragos, olhará em torno à busca de algo a que se agarrar, e esse olhar trágico, implacável, absolutamente sincero, pois se trata de sua salvação, o fará por ordem no caos de sua vida. Estas são as únicas idéias genuínas, as dos náufragos. Tudo o mais é retórica, pose e farsa. Quem não se sente realmente perdido não tem escapatória , isto é, nunca se encontrará ; nunca se defrontará com sua própria realidade ”.

Willian James [49] , resume de forma brilhante esta tradição Luterana :

“ Esta é a salvação por meio do auto-desespero, o morrer para nascer verdadeiramente da teologia Luterana, a passagem ao nada de que Jacob Boheme() escreve. Para aí chegar, geralmente cumpre passar por um ponto crítico, uma esquina e virar dentro de si próprio. Algo tem de ceder, uma dureza inata tem de quebrar e liquefazer-se....”.*

(*) Jacob Boheme (1575 - 1624)

Para se chegar à nova possibilidade, é necessário a destruição do eu , no enfrentamento da angústia e do terror do mundo. Quando o eu é reduzido a quase nada, conseqüentemente chegamos à diminuição da mentira vital e assim pode ter início a compreensão de si próprio. Para Kierkegaard, o eu , pode começar a relacionar-se com poderes além de si mesmo. Este eu deve lutar com sua finitude, reduzir-se drasticamente, para depois interrogar essa finitude e transcendê-la. Para onde aponta esta transcendência ?

É Kierkegaard que responde :

“ Parar a infinitude, para a transcendência absoluta, para o Poder Criador, que faz as criaturas finitas.... “.

Em outras palavras, trata-se de abandonar seu projeto finito para participar de Seu projeto infinito.

Ernest Becker [50], nos explica que esta é :

“ a trama irracional, que permite ao Indivíduo acreditar em si próprio É neste ponto que o Indivíduo pode começar a posicionar sua condição de criatura diante de um Poder Criador, que é a Causa Primeira de todas as coisas criadas Uma vez que a pessoa se ponha a examinar seu relacionamento com o Poder Criador, com a infinitude, e a reformular seus vínculos, desligando-se dos que a rodeiam para liga-los (os vínculos) ao Poder Criador, ela abre para si o horizonte da possibilidade ilimitada, da verdadeira liberdade “

As idéias de Kierkegaard, especialmente em “ O Conceito de Angústia ” de 1844 e “ O Desespero Humano, Doença até

a Morte” de 1849, nos dizem que o Indivíduo que passa pela escola da angústia , isto é , pela busca da verdadeira possibilidade (pela liberdade) pode chegar à infinitude, onde a própria condição de criatura tem certo significado para o Poder Criador, isto é, que apesar da finitude, fragilidade e degeneração do Indivíduo, sua existência tem um significado eterno, porque esta existência finita faz parte do Projeto Eterno e Infinito do Poder Criador. Neste sentido, afirma, Kierkegaard :

“ a gente é uma criatura que nada pode fazer, mas existe diante de um Criador (Autor) vivo, para quem tudo é possível”

Em função do que foi exposto, podemos formular três questões fundamentais :

- a) porque a angustia (pavor) é o caminho para a possibilidade?
- b) porque a angústia (pavor) derruba todas as metas finitas ?
- c) porque o Indivíduo, que é educado pela possibilidade, é educado de acôrdo com sua infinitude ?

Estas afirmações, que transformamos em questões, estão em “ O Conceito de Angústia”, de 1844. Na busca pelo conjunto de respostas, devemos iniciar, por um ponto básico de Kierkegaard : A possibilidade a nada conduz, se não conduzir à questão da fé, à Conexão com o Poder Criador. A angústia é uma etapa intermediária (caminho) entre o condicionamento cultural, a mentira vital, e a abertura da infinitude, com a qual o Indivíduo pode relacionar-se por meio do irracional, ou do absurdo. Mas sem o salto

para o absurdo, o novo sentimento de desamparo, por ter abandonado a armadura do próprio caráter, infunde o mais puro pavor.

Isto significa que sem o salto para o movimento da fé (*), para a Conexão ao Poder Criador, o Indivíduo vive desprotegido pela falta da armadura do caráter, e fica exposto à sua solidão e desamparo, vivendo a angústia constante.

Continua Kierkegaard [51] ,

“ Agora o pavor da possibilidade (liberdade) conserva-o como sua presa, até poder entregá-lo a salvo nas mãos do absurdo. Em nenhum outro lugar encontrará repouso (**) ele, que atravessou o currículo do infortúnio, oferecido pela possibilidade (liberdade), perdeu tudo (***), absolutamente tudo, como ninguém o perdeu na realidade. Se nesta situação ele não se comporta falsamente face à possibilidade, se não tenta falar, desviando-se do pavor que o salvaria, então receberá tudo de volta novamente, pois o aluno da possibilidade recebeu a infinitude”

A interpretação destas idéias de Kierkegaard nos leva a imaginar a destruição do herói cultural, no plano social e finito, para o renascimento do herói cósmico, isto é, para o próprio Projeto do Criador.

O Indivíduo, não detém apenas o eu cultural, mas também, o eu particular, invisível, uma vez que o Indivíduo é , em

(*) O movimento da fé, está descrito na página 136.

(**) repouso, aqui, significa a quase conciliação.

(***) perder tudo, significa perder todas as metas finitas.

parte, infinito (*). Demolido o eu cultural, é este eu misterioso, que sempre desejou por um significado definitivo, pelo heroísmo cósmico que emerge. É Becker [52] que nos diz :

“.... Este (eu) mistério invisível no coração de toda criatura, agora alcança significado cósmico ao afirmar sua conexão com o mistério invisível do âmago da criação....”

Para Kierkegaard, o significado do movimento da fé é exatamente esta conexão entre criatura e Criador. E, ao mesmo tempo, para ele, é o significado da fusão da psicologia e da escolha pelo irracional (**). Então, após estes significados, podemos entender as objeções de Kierkegaard com relação a ciência :

“ ... O Indivíduo verdadeiramente aberto, aquele que se desfez de sua couraça de caráter, da mentira vital de seu condicionamento cultural, está além do auxílio de qualquer mera ciência, de qualquer padrão meramente social de saúde.....”

Para Kierkegaard, a pessoa verdadeiramente aberta está absolutamente só e tremendo à beira do esquecimento , e ao mesmo tempo vislumbra a infinitude. Por outro lado, adverte Kierkegaard, apenas o movimento da fé é capaz de dar-lhe o apoio que necessita :

“ a coragem para renunciar ao pavor, sem nenhum pavor disso só o absurdo é capaz”

E completa, de forma magistral, em “O Conceito de Angústia” [53] :

(*) O eu particular, invisível, significa que o infinito é parte do eu.

(**) Trata-se do que viria a se chamar psicologia moderna

“ não que o absurdo aniquile o pavor, mas permanecendo sempre jovem, ele está continuamente se formando na convulsão mortal do pavor....”

O que Kierkegaard quer nos dizer é que renascendo todos os dias, o absurdo, vivido com paixão, está continuamente em renovação ; renovando, então, o vislumbre da infinitude (viver o infinito) , sem jamais aniquilar o pavor.

O desespero é a característica do Indivíduo devido a sua ambiguidade. Para Kierkegaard, a escolha pelo absurdo representa a transcendência do Indivíduo, a abertura para uma realidade multidimensional. É novamente Kierkegaard [54] que nos ensina, em “ O Conceito de Angústia “, algo extraordinário :

“ O verdadeiro auto-didata, isto é, aquele que por si só cruza a escola da angústia, até o absurdo (), é exatamente no mesmo grau, um teodidata tão logo a psicologia tenha terminado seu trabalho, limitado, com o pavor, nada mais tem a fazer senão entregar o pavor à dogmática.... “.*

Podemos observar finalmente que, para Kierkegaard, as suas análises sobre a psicologia, a crença no Poder Criador, com paixão, a filosofia e a ciência, fundem-se indistintamente, juntamente com a arte e a verdade, tudo reunido no anseio da criatura, isto é, no seu eu secreto, seu talento autêntico, conectado ao centro da criação, pelo absurdo, pelo irracional, com paixão. Este é, para Kierkegaard, o significado do movimento da fé, isto é, o estágio alcançado pelo Cavaleiro da Fé, onde a fé (**) pode surgir.

(*) até o absurdo , significa a escolha pelo absurdo.

(**) Para Kierkegaard, a conciliação da síntese (que supera o repouso), só pode ser alcançada, subjetivamente, através do milagre da fé.

6 - KIERKEGAARD E O CAVALEIRO DA FÉ

A obra de Sören Kierkegaard, “ Temor e Tremor”, apresentada em 1843, é assinada por Johannes de Silentio, um dos pseudônimos de Kierkegaard. Nesta obra, Kierkegaard fez uma profunda reflexão sobre a questão da fé (*), tendo como paradigma da fé o conto Bíblico de Abrahão, que aceita matar seu único filho Isaac, em obediência à ordem de Deus (**). Nesta mesma obra de Kierkegaard, que se dizia a meio caminho entre a crença e a fé, é apresentado o Cavaleiro da Fé. A seguir, é citado um trecho de “Temor e Tremor” para apresentar o Cavaleiro da Fé ; relata Kierkegaard :

“ Tenho de confessar , sinceramente, que jamais encontrei, no curso de minhas observações, um só exemplar autêntico do CAVALEIRO DA FÉ, sem com isto negar que talvez um homem em cada dois o seja Em vão, no entanto, durante vários anos procurei sinal de seus passos. É comum dar-se a volta ao mundo para ver rios e montanhas, novas estrelas, aves multicoloridas, estranhos peixes, ou diversas raças humanas Mas, se acaso soubesse onde mora um CAVALEIRO DA FÉ, iria, com meus próprios pés ao encontro desse prodígio, que representa para mim um interesse absoluto. Não o abandonaria um instante sequer; em cada minuto que passasse observaria seus mais secretos movimentos e, considerando-me para sempre enriquecido, dividiria o meu tempo em duas partes :

a) uma parte para observar miudamente e

(*) O Paradigma da Fé, para Kierkegaard está descrito no anexo A2.2, pag 249.

(**) O pseudônimo Johannes de Silentio, está associado à figura bíblica da Abrahão, que por ordem de Deus, segue em silêncio, para sacrificar seu filho Isaac, em Moriá. No último instante, Deus deteve a mão de Abrahão e Isaac foi poupado.

b) outra para me exercitar de tal modo que, ao fim só me empenharia em o admirar. Repito : nunca encontrei tal homem; contudo, me é bem possível representá-lo. Ei-lo : está travado o conhecimento: fui-lhe apresentado. No próprio instante em que o fito afasto-o de mim, retrocedo instantâneamente, junto as mãos em prece e digo a meia voz: MEUS DEUS! ESTE É O INDIVÍDUO ! MAS SE-LO-Á VERDADEIRAMENTE? TEM TODO UM AR DUM PRECEPTOR ! Contudo é ele, aproximo-me um pouco, vigio os mínimos movimentos tentando supreender qualquer coisa de natureza diferente, um pequeno sinal telegráfico emanado do infinito, um olhar, uma expressão fisionômica, um gesto, um ar melancólico, um ligeiro sorriso que traísse o infinito na sua irreducibilidade finita (*). Mas nada ! Examino-o com minúcia da cabeça aos pés, procurando a fissura por onde escape a luz do infinito. Nada ! A sua conduta é firme, integralmente dada ao finito. O burguês endomingado que dá o seu passeio semanal a Fresberg não o pode ser mais; nem o merceeiro é capaz de ser tão inteiramente deste mundo, como ele ! No entanto, paga os favores do tempo, cada instante de sua vida pelo preço mais elevado - porque a mínima coisa é sempre realizada em função do absurdo (**). E era caso para se enfurecer, pelo menos de ciúme, porque este homem efetuou e completou , a todo momento, o movimento da resignação infinita. Converte em resignação infinita a profunda melancolia da vida ; conhece a felicidade do infinito; experimentou a dor da total renúncia àquilo que mais ama no mundo - e no entanto, saboreia o finito com tão pleno prazer, como se nada tivesse conhecido melhor, não mostra indício de sofrer temor e tremor, diverte-se com uma tal tranquilidade, que , parece, nada há de mais certo que este mundo finito. E, no entanto, toda essa representação do mundo que ele figura é nova criação do absurdo. Resignou-se infinitamente a tudo para, tudo recuperar pelo absurdo (***) Imagino, que, para um bailarino, o esforço mais difícil consiste em colocar-se, de um golpe, na posição precisa, sem um segundo de

(*) Procurar no finito significa que o Indivíduo, sendo uma síntese de finito e infinito, não pode ser inteiramente infinito, mesmo o Cavaleiro da Fé.

(**) pelo movimento da fé.

(***) pelo movimento da fé.

excitação Os cavaleiros da resignação infinita são bailarinos a quem não falta elevação. Saltam no ar, logo voltam a cair, o que não deixa de constituir passatempo divertido e nada desagradável à vista . Mas de cada vêz que recaem não podem, logo no primeiro momento, guardar completo equilíbrio. Por instantes vacilam indecisos, o que logo mostra que são estranhos ao mundo. Tal indecisão é mais ou menos sensível conforme a sua maestria, mas nem o mais hábil a consegue de todo dissimular. Inútil vê-los no ar. Basta observá-los no momento em que tocam e se firmam no solo, é então que se reconhecem. Voltar porém, a cair de tal modo que se dê a impressão do êxtase e da marcha ao mesmo tempo; transformar em andamento normal o salto ; exprimir o impulso sublime num passo terreno; eis o único pródigo de que só é capaz o Cavaleiro da Fé....”

Para Kierkegaard, o movimento da fé é precedido pelo movimento da resignação infinita. A escola da angústia forja o Cavaleiro da Resignação Infinita, através do chamado movimento da resignação infinita e pode prepará-lo, como teodidata, para o movimento da fé. É neste mergulho na infinitude, neste ter-se esgotado na infinitude, neste movimento da resignação infinita, que o Cavaleiro da Resignação Infinita pode conectar-se ao Poder Criador, através da escolha pelo absurdo, transformando-se no Cavaleiro da Fé.

Para Kierkegaard, o movimento da fé é a opção pelo absurdo e deve ser feito com paixão, sem jamais abandonar o finito. É Kierkegaard [55] que nos diz :

“ O movimento da fé deve constantemente efetuar-se em virtude do absurdo, mas - e aqui a questão é essencial - de maneira a não perder o mundo finito, antes pelo contrário, a permitir ganhá-lo constantemente.....”

Para Kierkegaard, aquele que perdeu o orgulho na escola da angústia, mas não fez o movimento da fé, não fez a opção pelo absurdo, encontra-se desamparado. Para este, faltou-lhe a paixão, condição fundamental para o movimento da fé.

Para Kierkegaard, a ironia e o humor são essencialmente diferentes da crença no Poder Criador, porque pertencem à esfera do movimento da resignação infinita; a ironia e o humor encontram seus motivos no fato de o Indivíduo ser incomensurável com a realidade, no sentido de darem uma aparente segurança que o Indivíduo necessita. Também, para Kierkegaard, qualquer Indivíduo pode realizar o movimento da resignação infinita, mas com o movimento da fé tudo é diferente. O Cavaleiro da Fé, aquele que fez a opção pelo absurdo, com paixão, que vive na possibilidade do absurdo, está no ponto em que a fé pode surgir, como graça Divina. Trata-se do Indivíduo que vive a sua vida e que atinge, por seu próprio esforço, na escola da angústia, o estágio do Cavaleiro da Resignação Infinita, podendo escolher viver no absurdo com paixão, deixando seu projeto finito, para participar do Seu projeto Infinito, como “Cavaleiro da Fé”.

Para Kierkegaard, o “ Cavaleiro da Fé ” é o indivíduo que vive na possibilidade (liberdade) do absurdo, que entregou o significado de sua vida ao seu Criador e que existe concentrado nas energias de seu Autor.

Este “ Cavaleiro da Fé ” aceita tudo o que aconteça nessa dimensão visível, sem se queixar. Leva a vida como um dever e enfrenta a degeneração vislumbrando o infinito, mas jamais livre do pavor.

Nenhuma coisa insignificante tem poder significativo para ameaçar os significados do “ Cavaleiro da Fé”. Sua coragem é grande e autêntica e portanto pode realizar qualquer missão. Este “Cavaleiro da Fé” está inteiramente neste mundo, isto é, nas condições deste mundo e simultaneamente e inteiramente além do mundo, em conexão com a dimensão invisível.

Para Kierkegaard, o absurdo é o que há de mais árduo; ele se situava pessoalmente entre a crença e o movimento da fé, incapaz de dar o salto. Além disso, para ele, a fé é uma questão de graça Divina. Diz Kierkegaard :

“ A fé é um milagre em si mesma” .

Uma questão importante pode ser apresentada: como pode-se viver ligado ao Poder Criador e mesmo assim participar do mundo finito e objetivo, inclusive participando do próprio movimento científico ? Esta não é uma pergunta simples, mas é real e aponta para o centro de outra questão : como ser um Indivíduo real?

Não há dúvida que esta questão nos leva à singularidade de cada Indivíduo. William James [56] , nos diz sobre este tema :

“ problema sobre o qual ninguém pode, satisfatoriamente, aconselhar a outrem cada Indivíduo resume uma gama inteira de experiências muito especiais, de modo que uma vida é um problema ímpar, requerendo tipos de soluções muito individuais..... “

Kierkegaard dissera coisa muito parecida quando respondeu aos que objetavam a seu estilo de vida : declarou que ele era singular, por ser a única singularidade destinada a ser aquilo de que ele necessitava para viver.

O ideal do “ Cavaleiro da Fé” está contido na maioria das religiões, de uma ou outra forma. Trata-se, certamente, de um dos mais belos ideais manifestados pelos Indivíduos e descrito com extremo talento por Kierkegaard em Temor e Tremor, de 1843. Trata-se de um ideal que tem como objetivo guiar os Indivíduos, enquanto viver conectado ao Poder Criador.

3ª PARTE

**SOBRE AS PSICOLOGIAS MODERNA E PÓS-MODERNA ; E
SOBRE O QUE ESTAS PSICOLOGIAS PODEM DIZER SOBRE
O INDIVÍDUO TYCHO BRAHE.**

“ É evidente, mas muito frequentemente esquecido,
que a ciência é feita por homens. Isto é aqui
relembrado, na esperança de reduzir o hiato
entre duas culturas, a arte e a ciência

Werner Heisenberg, no prefácio de
“ Physics and Beyond”

1 - INTRODUÇÃO DA 3ª PARTE

O século XIX se mostrou repleto de sonhos dos Indivíduos, que acreditavam firmemente no futuro da ciência, certos do progresso de uma civilização enriquecida constantemente pelas descobertas científicas. O positivismo, de Auguste Conte (1798-1857), acreditava firmemente no glorioso estágio científico. Sucedeu-lhe o século XX, em que predominaram a dúvida e a desilusão. Onde o século XIX via clareza, simplicidade e facilidade, o século XX vê enigma e escuridão.

O fato do indivíduo enraizar-se na finitude de seu ser histórico, aparentemente, o condena a uma existência cega e limitada.

Estamos acostumados a ter esperanças na ciência, em função das muitas promessas feitas no séculos XIX e XX. Entretanto, não podemos deixar de ver a situação real em que nos encontramos hoje : março de 2003, início do século XXI, não somos mais felizes do que as gerações anteriores.

Muitos cientistas continuam prometendo maravilhas para o século XXI, promessas estas que, de uma forma ou de outra, visam a modificação de nossa condição básica de degeneração e finitude.

O século XX se iniciou com a figura magistral de Sigmund Freud (*) que, independentemente de seu método de

(*) A apresentação de Sigmund Freud encontra-se no anexo A3.1 , pag.253. No anexo A 3.1 encontram-se quatro publicações de Freud, que procuram traduzir a trajetória do pensamento Freudiano.

tratamento, tinha e tem um conjunto formidável de conjecturas, que fundamentaram sua Teoria da Libído, e passamos a acreditar firmemente nelas, ainda que o Indivíduo comum não as conheça bem. Instalou-se, entre nós , a expressão “*Freud explica*”, mas a experiência cotidiana de cada um de nós mostra que as explicações são apenas parciais.

Em especial, a psicologia Freudiana nos prometeu felicidade. Bastaria para isto que achássemos os motivos de nossas culpas e angústias, e em seguida os métodos da psicologia resolveriam nosso sofrimento individual. Este caminho, aparentemente fácil, é mais uma faceta da supermente de Laplace (*) (1749 - 1827), que nos leva ao impossível.

É difícil acreditar, neste início de século XXI, que a humanidade caminha para a felicidade . Não é objetivo deste estudo solapar o belíssimo conjunto das idéias de Freud, uma vêz que não se pode negar a importância destas idéias no mundo contemporâneo. Entretanto pode-se e deve-se discutir a verdadeira grandeza desta importância.

(*) Físico e astrônomo francês Pierre Simon (1749 - 1827), Marquês de Laplace, em “Ensaio Filosófico Sobre as Probabilidades”, de 1814, nos apresenta a supermente, que entre outras soluções, resolveria o problema fundamental da mecânica : “.... Uma inteligência que, num dado instante, conhecesse todas as forças que animam a natureza e a posição relativa dos seres que a compõe, e se, além disso, fosse inteiramente capaz de submeter à análise estes dados, abrangeria, na mesma fórmula os movimentos dos maiores corpos do Universo e do átomo mais leve; nada seria incerto para esta inteligência e o futuro, como o passado, estariam presentes aos seus olhos” . O físico Werner Heisenberg, em sua obra “A Imagem da Natureza na Física Moderna”, designa esta inteligência (supermente), como o demônio de Laplace.

A Teoria da Libído tornou-se cada vêz mais aceita no decorrer do século XX. Testemunhamos em 1999, um século da publicação de “*A Interpretação dos Sonhos*”, que o mestre de Viena chamava de “meu livro sobre os sonhos” (*). Acreditamos firmemente na força determinante dos instintos sexuais, mas, um século depois, a era da informação nos revela que a situação da humanidade, em nossos tempos, é bastante preocupante. A Teoria da Libído mostrou-se insuficiente para representar o Indivíduo e sua vida.

Carl Gustav Jung (1875-1961) [1], contemporâneo de Freud, resume brilhantemente estes aspectos :

“ Freud nunca se perguntou porque era compelido a falar continuamente sobre sexo, porque esta idéia se apoderava tanto dele. Permaneceu alheio ao fato de que essa monotonia de interpretação poderia expressar uma fuga de si próprio, ou do outro lado do próprio Freud, que poderíamos chamar de irracional. Na medida em que se recusou a reconhecer esse lado, nunca pode reconciliar-se consigo mesmo Permaneceu vítima do único aspecto que podia reconhecer, e por essa razão vejo-o como uma figura trágica; pois ele foi um grande homem, e o que é mais, um homem dominado por seu daimon (**)...”.

(*) Esta obra de Freud, considerada um marco no conhecimento sobre o homem, tem dois aspectos interessantes : a primeira edição, de 1899, com 351 exemplares demorou 6 anos para ser comercializada, já a segunda edição, de 1909, obteve mais sucesso. Entretanto, alguns anos após a segunda edição, Freud já havia percebido a pouca utilidade de interpretar os sonhos nos tratamentos psicanalíticos.

(**) daimon : poder sobrenatural intermediário entre os deuses e homens e nunca encarado como claramente personificado.

Por outro lado, como vimos, para Kierkegaard, o Indivíduo existente só pode ser compreendido e compreender a si próprio, subjetivamente.

Adiante, faremos um paralelo entre Freud, legítimo representante da ciência objetiva do século XX , e Kierkegaard. Este paralelo tem o objetivo de registrar a importância real do pensamento de Kierkegaard, em nossos dias.

2 - FREUD E KIERKEGAARD

Para o Indivíduo, no passado , a natureza era imaginada como obra de Deus; e ele próprio também (o Indivíduo). Quando, no século XVII, os trabalhos de Kepler, Galileu e Newton (*) se solidificaram, começaram a se formar as raízes da ciência moderna. No decorrer do tempo, percebeu-se que podia-se isolar fenômenos, descreve-los matematicamente e explicar como aconteciam. Na ciência, quando se considera a natureza (os fenômenos) como independentes não só de Deus, mas também do próprio homem, temos o ideal da descrição objetiva da natureza complexa.

Passamos, na ciência moderna, a isolar determinadas partes do sistema natural complexo e a observar as partes, ou parte, objetivamente, como citado anteriormente. Dentro desta perspectiva da ciência moderna, Freud foi brilhante : disse que o homem não é mais senhor de si mesmo, sofrendo ataques dos instintos sexuais, uma espécie de conspiração dos instintos sexuais. É esta conspiração dos instintos sexuais e sua atuação sobre o ego que constituíram o objeto inicial de estudo de Freud. O sistema isolado de Freud, constituído pelo ego e pelos instintos rebelados, está afastado de Deus, dos outros fenômenos do mundo e do próprio homem, uma vez que o homem não pode atuar sobre ele, necessitando do tratamento psicanalítico. Neste sistema isolado, o ego(**) é tomado de assalto:“.... O ego não é senhor da sua própria casa (***)” . É desta rebelião dos instintos que Freud se ocupou para desenvolver suas primeiras conjecturas.

(*) Isaac Newton (1642 - 1727)

(**) Trata-se do ego real, descrito no artigo “ A dissecação da personalidade psíquica” Ver anexo A3.1, pag. 318

(***) Freud, Sigmund ; em “ Uma dificuldade no caminho da psicanálise “ (Os três golpes contra o narcisismo humano) - Ver anexo A3.1, pag.264.

No artigo “ Uma dificuldade no caminho da psicanálise “ (sobre os três golpes contra o narcisismo humano), Freud se utiliza de Copérnico, para afastar Deus da proximidade com os homens e com os fenômenos do Mundo. No mesmo artigo, Freud utiliza Darwin para, primeiramente, confirmar Copérnico, com relação ao distanciamento de Deus, para em seguida afastar Deus da criação do homem e finalmente, utiliza Copérnico e Darwin como suporte para suas idéias, onde não há lugar para Deus, e sim para o aspecto ateu da ciência moderna. Em seguida, Freud divide o homem, como unidade(*), e considera-o incapaz de atuar sobre os instintos rebelados. Portanto, Freud é legítimo representante da ciência moderna, seu sistema isolado (**) é independente de Deus, do homem, e dos demais fenômenos(***). Infelizmente, trata-se de um ponto de vista parcial e portanto insuficiente. Freud desenvolve a Teoria da Líbido para explicar como se processa a revolta dos instintos sexuais.

Observamos, no início do século XX, o homem dividido pela ciência objetiva e, curiosamente, depositando suas esperanças nesta ciência moderna que o separou e dividiu.

Por outro lado, Kierkegaard pensava de forma contrária, isto é, o Indivíduo não está dividido internamente, traz consigo o conjunto formado por todos os outros Indivíduos (****) e anseia por estar conectado ao poder que o criou. Este é o Indivíduo existente.

(*) O aparelho psíquico apresentado por Freud no anexo A3.1, 3º tema, considera os instintos sexuais distribuídos em todos os processos mentais elementares. Entretanto, tais instintos não estão presentes no todo do eu, especialmente nos processos mentais relativos à consciência-primeira, raiz da existência.

(**) O sistema isolado é formado pelos instintos rebelados e pelo ego.

(***) Isolado dos demais fenômenos do mundo e conseqüentemente dos outros homens também.

(****) O Indivíduo não está isolado, interage com os demais Indivíduos e os traz como fenômenos.

Experimentamos , especialmente, durante os séculos XIX e XX, a substituição da dimensão sagrada pelas teorias científicas , e esta substituição afetou a vida dos Indivíduos. O existencialismo, como vimos, trata dos Indivíduos e suas vidas, portanto trataremos deste aspecto.

O preço pago pelo Indivíduo pelo eclipse da dimensão sagrada é o de não encontrar seu papel de herói cósmico na vida cotidiana, como ocorria com os Indivíduos das sociedades tradicionais, que se ocupavam em criar filhos, trabalhar, cultuar a Deus e sentir-se do lado do bem. O Indivíduo moderno necessita de revoluções e guerras contínuas. Quando o Indivíduo moderno aboliu as idéias de alma e Deus, ele foi atirado, sem esperanças, à suas próprias forças. A vida interior do Indivíduo sempre fora retratada, tradicionalmente, como região do espírito, mas os cientistas do século XIX quiseram reivindicar este último domínio da Igreja. Esta mesma ciência, quiz fazer da vida interior do Indivíduo uma região sem mistério e sujeita às leis do racionalismo e da objetividade. Pouco a pouco, o termo espírito foi substituído pelo aparelho psíquico (*), e passou-se a estudar como este aparelho psíquico se forma na criança.

O antropólogo Ernest Becker [2] nos diz :

“ O Indivíduo moderno se tornou psicológico porque se isolou das ideologias coletivas e protetoras. Ele necessitou justificar-se a partir do íntimo de si mesmo. Mas também se tornou psicológico porque o próprio pensamento moderno evoluiu dessa maneira, ao expandir-se a partir do rito religioso ”.

(*) O aparelho psíquico está descrito no anexo A3.1 , em “ A dissecção da Personalidade Psíquica”, pag.297.

Os grandes milagres da linguagem, pensamento e ética podiam agora ser estudados como produtos evolutivos, e não intervenções divinas. Foi uma grande penetração da ciência, que culminou com a obra de Freud. Entretanto, essa vitória científica suscitou mais problemas do que resolveu.

A ciência imaginou ter se livrado, para sempre, das questões do espírito ao transformar o mundo interior do Indivíduo em assunto de análise(*) científica. Por outro lado, todo este esforço da ciência ainda deixava o espírito intacto, uma vez que a mesma ciência não foi capaz de explicar o mistério da criação e a vida de organismos superiores, com seus complexos mecanismos de regulação. A ciência ainda não explicou as forças interiores da evolução, que conduziram ao desenvolvimento de um organismo superior capaz de desenvolver a consciência de si próprio. Para Niels Bohr [3] (1885 - 1962), os segredos da vida destes organismos superiores e seus mecanismos de regulação, formariam uma espécie de verdade profunda, como o quantum de ação ou constante de Max Planck (1858 - 1947).

A Doutrina do espírito mostrava porque o Indivíduo era inferior, pecador e culpado e ainda dava-lhe os meios para livrar-se dessa maldade e buscar a felicidade. A psicologia Freudiana também pretendia mostrar ao homem porque se sentia infeliz ; o caminho para tanto estaria na busca pelos motivos que os levariam a sentirem-se pecadores e culpados. Após esta busca, os homens poderiam aceitar estes motivos, buscar novas situações e soluções, esperando viver a felicidade. Mas, na verdade, a Psicologia Freudiana resolveu parte deste problema.

(*) análise, neste estudo, significa dividir ou separar

A promessa da Psicologia Freudiana consistia em uma nova era de felicidade para o homem, mostrando-lhe como tudo funcionava, como uma coisa provocava outra. Quando conhecessemos todas as causas e efeitos de tudo, apenas seria necessário ativar a supermente de Laplace e estaria assegurada a felicidade. Como nos ensina Becker [4] :

“... a psicologia Freudiana fez descobertas a cerca das culpas pessoais exageradas, e não devidamente contadas, mas nada teve a dizer sobre a culpa existencial. A psicologia procurou chamar para si o problema da infelicidade, quando só fazia jus a uma parte do problema....”

Podemos refazer a questão levantada por Becker:

“.... Porque a vida é tão difícil para o Indivíduo ? Porque o Indivíduo se dedica com tanto empenho na procura de recursos que o habilite a enfrentar sua vida franca e bravamente ?”

É Becker [5], novamente, que sintetiza brilhantemente:

“ Parece haver muita veracidade na visão Freudiana do mundo e, ao mesmo tempo, muito desta visão se afigura mera teimosia. As ambiguidades da herança de Freud não decorreram de seus conceitos errados.... o problema consistiu em suas percepções, brilhantes de verdade, pois foram enunciadas de tal maneira que mostram apenas parte da realidade”

Há séculos, quando os filósofos falavam do âmago do Indivíduo se referiam a sua essência, algo fixado em sua natureza, bem no íntimo, alguma qualidade ou substância especial. Mas nada

disso foi jamais encontrado. A essência do indivíduo é, na verdade, sua natureza paradoxal, o fato dele ser meio animal e meio simbólico, meio anjo e meio bicho.

Sempre soubemos que há algo de peculiar no Indivíduo, algo lá no fundo que o caracteriza e o fazia diferente quando comparado com os animais. Era algo que tinha que estar bem em seu interior, algo que o fazia suportar seu próprio destino, que o impossibilitava de escapar.

Foi Kierkegaard [6] quem introduziu vigorosamente o paradoxo existencial na psicologia moderna (*) , com sua brilhante análise do mito de Adão e Eva [7], que sempre transmitira esse paradoxo ao pensamento ocidental. Podemos entender este paradoxo existencial como consequência direta da sentença de expulsão do paraíso : tu morrerás, porque te Dei corpo!

Kierkegaard diria que Freud ainda tinha orgulho, que lhe faltava a consciência de criatura (ele como criatura), do Indivíduo realmente analisado existencialmente ; que ele não passara pelo aprendizado completo na escola da angústia, e que portanto ele ainda vivia inteiramente na dimensão do mundo visível e era limitado pelo que era possível, exclusivamente nessa dimensão. Por conseguinte, todos os seus significados tinham que provir da dimensão do mundo visível.

(*) A psicologia moderna deve ser entendida, aqui, como uma ampliação da psicologia Freudiana, isto é, registra os méritos da Teoria da Líbido, mas não se restringe a ela.

Como foi dito anteriormente, Kierkegaard publicou suas obras na década de 1840, tendo sido traduzidas para o alemão nas décadas de 1860 e 1870 . Por outro lado, os primeiros artigos de Sigmund Freud começaram a ser publicados na década de 1890, naturalmente em alemão. Temos, então uma situação muito interessante : Em Viena, fim do século XIX, dois pensamentos opostos eram divulgados, tratando de assuntos que convergiam para o Indivíduo e sua vida. Freud tratou do homem e sua vida, numa visão radicalmente objetiva. Como dissemos anteriormente, para Kierkegaard esta era uma questão puramente subjetiva. Entretanto, é preciso dizer que o homem é diferente do Indivíduo[8]. O homem está sujeito a condição humana, mas a psicologia Freudiana não o sabe; o Indivíduo é o existente, portanto sujeito à condição humana e visto pelo existencialismo-primeiro desta forma.

É Ernest Becker [9] que sintetiza a relação Freud e Kierkegaard, de forma brilhante:

“ O ponto onde quero chegar, é que se tomarmos a vida de Kierkegaard como cristão convicto, e a compararmos com a de Freud, como um agnóstico, não há balancete a apresentar para cada exagero que possamos apontar em Freud, encontraremos um correspondente em Kierkegaard, isto é, se Freud exagerou do lado visível, então certamente se poderá afirmar que Kierkegaard exagerou igualmente do lado invisível ... Minha intenção é enfatizar que nem tudo é possível para o Indivíduo () (em sua produção)....”.*

(*) Freud e Kierkegaard vistos como Indivíduos

3 - SOBRE A PSICOLOGIA MODERNA E SOBRE A PSICOLOGIA PÓS-MODERNA

Na segunda parte deste estudo, dissemos que para Kierkegaard o importante era o Indivíduo e sua vida, e aprendemos com ele as difíceis condições a que o Indivíduo está sujeito; aprendemos também o caminho da liberdade, ou possibilidade. Alguns meses depois da morte de Kierkegaard, em 1855, nasceu Sigmund Freud, em 1856. O brilhantismo do mestre de Viena chega até os nossos dias, mas mostramos que o ponto de vista de Freud é insuficiente e citamos, algumas vezes, a psicologia moderna, mas não dissemos qual o conteúdo dessa psicologia pós-freudiana. Entretanto, apresentamos na segunda parte deste estudo, as raízes desta psicologia. Esta psicologia pode ser chamada de psicologia existencialista, mas, como o existencialismo-primeiro, deve ser chamada de psicologia existencialista-primeira, porque está enraizada nas idéias de Kierkegaard. Muitos autores citam o existencialismo moderno, ou pós-Kierkegaardiano, com base nas idéias de Otto Rank (1884-1939); Friederich Nietzsche (1844-1900); Edmund Husserl (1859-1938); Martin Heidegger (1889-1976); Max Scheler (1874-1928); Martin Buber (1878-1965); Karl Jaspers (1883-1969) e outros. Em função das idéias brilhantes destes autores, outros tantos autores, tem tentado formular uma psicologia pós-moderna ou simplesmente existencialista. Nesta última parte deste estudo, vamos falar de Tycho Brahe, com base na psicologia moderna (ou existencialista-primeira) e, também, apresentaremos parte das idéias de Otto Rank, sobre a arte e o artista, com o objetivo de mostrar Tycho como autor criativo. Estas idéias de Rank, constituem-se em um dos pilares da psicologia pós-moderna (ou existencialista).

Vivemos , hoje, oprimidos pelo fardo pesado de verdades que foram produzidas e que não podemos absorver. Acreditávamos que as verdades eram poucas e que a busca e o encontro das verdades nos levaria à diminuição de nossas dificuldades, mas estamos sufocados pelas verdades que produzimos. Entre aqueles que buscaram as verdades, e sabiam de suas implicações , encontramos a figura de Otto Rank (*) (1884-1939).

Em certa correspondência datada de fevereiro de 1933, Otto Rank afirma:

“..... por algum tempo desisti de escrever, há um excesso de verdade no mundo , uma super produção que aparentemente não pode ser consumida !.....”.

Rank deixou sua marca nos temas da evolução infantil, psicologia da arte e em muitos outros temas. Ernest Becker[10], estudioso de Otto Rank, nos afirma que:

“ Rank teve seu próprio sistema de idéias, original e perfeitamente concebido.....”

Se as raízes da psicologia moderna são créditos de Kierkegaard, como vimos anteriormente, na segunda parte deste estudo, as raízes da psicologia pós-moderna são créditos de Kierkegaard, Otto Rank e outros. A seguir , mostraremos parte do conteúdo destas psicologias.

(*) A apresentação de Otto Rank encontra-se no anexo A3.3, pag 331.

Como foi dito anteriormente, Freud muitas vezes inclinou-se a entender a situação do Indivíduo de uma maneira que foi indicada, neste estudo, como insuficiente. Em seus primeiros trabalhos, Freud afirmou ser o Complexo de Édipo a dinâmica central da vida psíquica do homem, isto é, para Freud o menino tem impulsos constitucionais (inatos) de desejos sexuais e quer possuir sexualmente a própria mãe. Simultaneamente, para Freud, o menino sabe que o pai é seu competidor, nesta busca pela mãe, e desenvolve e controla uma agressividade homicida contra o pai. Para Freud, a razão deste controle da agressividade homicida deve-se ao fato de que o menino conhece a superioridade física do pai e imagina que em um embate entre ele e o pai, resultaria o pai vitorioso e ele (o menino) castrado pelo pai. É neste ponto, segundo Freud, que temos o horror ao sangue, à mutilação e aos órgãos genitais femininos, que o menino imagina mutilados, e vê nesta mutilação o seu próprio risco no embate com o pai. A culpa, para Freud, estaria ligada ao (potencial) crime de parricídio e ao incesto.

Hoje, percebemos que todas as idéias apresentadas sobre sangue, excrementos, sexo e culpa são verdadeiras. Mas são verdadeiras, não apenas por causa dos impulsos de parricídio, pelo incesto e pelo medo da castração, mas porque tudo isto reflete o desespero do Indivíduo à sua condição de síntese não conciliável de alma e corpo, síntese que o Indivíduo não pode entender, especialmente quando criança, conforme Kierkegaard mostrou. Quando adulto, o Indivíduo está sujeito ao desespero, ao pavor e a ansiedade, conforme nos ensinou Kierkegaard. A frustração que o Indivíduo experimenta está relacionada à dificuldade que este Indivíduo sente por não compreender a síntese não conciliável, de corpo e alma, isto é, por ter um corpo. Frustração por ter um corpo que sua alma não pode entender, isto é, frustração em sentir que está impedido (o Indivíduo) de agir livremente dentro de si próprio, como anjo ou bicho (*). As raízes destas idéias, como vimos anteriormente,

(*) Se o Indivíduo quer ser apenas anjo, está impedido porque tem necessidades (finito); se o Indivíduo quer ser apenas bicho, está impedido porque tem alma (infinito).

são créditos de Kierkegaard e constituem as raízes da visão da psicologia moderna. Seus desenvolvimentos e até aprofundamentos são créditos de Otto Rank e outros, e constituem as raízes da visão da psicologia pós-moderna.

Para a psicologia moderna, a questão Edipiana existe, mas não é estritamente sexual, de lascívia e competição, mas um produto do conflito da ambivalência, associada à tentativa de superar este conflito por meio da presunção narcisista. Para Ernest Becker [11],

“..... a culpa e a frustração provém do constrangimento da condição animal básica o incompreensível mistério do corpo e do mundo (que se encontra repleto de fenômenos finitos).....Mais ainda, o complexo de Édipo é o Projeto Edipiano, projeto este em que se resume o problema existencial básico da vida da criança : se ela virá a ser um objeto passivo da sorte um brinquedo para o mundo ou se será um centro atuante dentro de si própriase ela comandará ou não seu próprio destino com suas próprias forças.....”

A criança está bem no cruzamento do dualismo humano. Ela descobre que tem um corpo falível, e está aprendendo que existe toda uma visão de mundo cultural que lhe permitirá triunfar sobre ele (o corpo). As perguntas que as crianças fazem, a respeito do sexo, são relativas ao significado do corpo, do pavor de viver com

um corpo, isto é, a criança quer saber porque tem um corpo, de onde veio, e o que significa, para uma criatura com consciência de si própria, ser limitada por seu corpo. Em geral, as crianças estão perguntando a respeito do mistério último da vida e não da questão sexual.

Podemos dizer que a criança ainda é demasiado frágil para ser capaz de aguentar o conflito de tentar ser uma personalidade e, ao mesmo tempo, uma espécie de animal. O adulto também é frágil, mas foi capaz de desenvolver os mecanismos necessários de defesa, repressão e negação que lhe permitem conviver com a questão da ambiguidade.

Na infância vemos a luta da criança pela auto-estima com o mínimo possível de disfarce; seu organismo inteiro brada reivindicações de seu narcisismo natural. Na criança, temos a expressão do coração da criatura: o desejo de sobressair, de ser a única na criação. Para Becker [12],

“... Quando se combina narcisismo com a necessidade fundamental de auto-estima, forma-se um projeto de herói cultural que tem que se sentir como um objeto de valor primordial: o primeiro do universo, representando por si tudo o que há na vida.....”

Ainda, para Becker [13]:

“..... quando apreciamos quão natural é para o indivíduo esforçar-se por ser um herói cultural, como isso está profundamente entranhado em sua constituição evolutiva e orgânica, quão abertamente ele o demonstra quando criança, então torna-se mais curioso como a maior parte de nós

ignora, conscientemente, o que realmente quer ou de que precisa se tomassemos um organismo cego e surdo e se incutíssemos nele auto-consciência e um nome, fazendo-o destacar-se e saber-se conscientemente ímpar, então teríamos aí o narcisismo....”.

Afim de compreender o peso da ambiguidade no Indivíduo, é necessário saber que a criança realmente não pode exercer controle sobre qualquer aspecto desta ambiguidade. Desde o princípio , a criança dispõe de um complexo sistema sensorial que, rapidamente , se desenvolve para receber todas as sensações de seu mundo com extrema habilidade. Some-se a isto, a rápida formação da linguagem e a consciência do próprio eu e empilhe-se tudo isso por cima de um corpo infantil, tentando , em vão, agarrar o mundo corretamente e em segurança . O resultado é trágico : a criança fica esmagada pelas experiências do dualismo da alma e do corpo, de anjo e de bicho, do infinito e do finito e, em ambas as partes, a criança não tem controle. A criança não é um eu social desenvolvido, especialmente com relação ao tempo, este grande mistério para ela, tampouco é um animal adulto e desenvolvido, capaz de produzir , procriar e participar das coisa que vê acontecendo ao seu redor.

A criança não pode fazer como seus pais, é um prodígio no limbo. Entretanto, as impressões continuam a cair sobre ela e as sensações a crescer no seu interior formando e inundando seu mundo. A criança tem que formar algum sentido de tudo isso, estabelecer algum gênero de ascendência sobre impressões e sensações. Becker formula a seguinte questão: Os pensamentos dominam o corpo ou o corpo domina os pensamentos ? Não há vitória nítida ou solução objetiva do dilema existencial em que a criança se acha. Este é o principal problema da criança, desde o começo de sua

vida ; no entanto é apenas uma criança para lidar com ele. As crianças sentem-se pressionadas por símbolos cuja necessidade desconhecem, ordens verbais que para elas parecem sem sentido e regras e códigos que as afastam do prazer que obteriam, em função de suas expressões livres e naturais de anjo e bicho; mas expressões, sempre singulares, de anjo que não é anjo ou de bicho que não é bicho, pois a criança é síntese de anjo e de bicho. E quando tentam dominar o corpo , tentam agir como um pequeno adulto, o corpo de repente as subjulga, submergindo-as em vômito e excremento. A criança cai em lágrimas de desespero, por sua desmedida pretensão em ser algo puramente simbólico. Becker [14] chama nossa atenção para o que se segue:

“..... desta forma, percebemos que o que chamamos de caráter da criança é um modus vivendi obtido após a luta mais desigual porque tem que passar qualquer animal ; uma luta que a criança nunca pode realmente entender, porque não sabe o que está acontecendo..... ou o que está realmente em jogo o caráter (da criança) é uma aparência que se adota para o mundo ver, mas oculta uma derrota interior Mas seu íntimo está cheio de pesadas recordações, ou de batalhas impossíveis, de terror à sangue e à dor, de terror à solidão e ao escuro; tudo isto misturado com desejos ilimitados, sensações de beleza indiscreta, de poder, de mistério e de não entendimento.... e fantasias da mistura de tudo isto, ou seja, a tentativa impossível de conciliar alma e corpo..... a sexualidade participa de modo bem definido, para confundir ainda mais o mundo da criança....”

Como aprendemos com Kierkegaard, as dimensões de alma e corpo não podem ser conciliadas na esfera racional. Becker [15], comenta :

“ a criança reprime a si mesma. Ela assume o comando de seu próprio corpo como uma reação à totalidade de suas experiências, não

apenas de seus desejos os problemas da criança são existenciais, eles se referem a seu mundo total : para que servem os corpos, o que fazer com eles, qual o significado de toda criação ?“.

O que Becker nos explica é que é a realidade que faz com que a criança desenvolva o projeto causa sui (criadora de si mesma). Trata-se da fantasia básica e necessária para que a criança possa sobreviver, e que se explicita no narcisismo infantil.

Este desenvolvimento do narcisismo infantil , que é sempre perverso (voltado contra si próprio) é um difícil movimento existencial, que ocorre no amêgo da criança e vem acompanhado pela culpa fundamental da criatura, isto é, a culpa existencial. Esta culpa tem importantes componentes : a culpa por não ter feito algo melhor do que o projeto causa sui, isto é , algo melhor do que o narcisismo infantil perverso ; a culpa cultural devida aos desejos sexuais reais ; e a mais importante delas, a culpa pela traição afetiva com relação à figura da mãe, isto é, por transformá-la de figura eterna e pura, em uma figura humana (finita) e desejável sexualmente.

Para Otto Rank, nós nos sentimos frustrados pelo nosso corpo, porque trata-se (o corpo) de uma contenção à nossa liberdade. É como se o corpo fosse uma limitação à possibilidade. Para Rank, essa frustração e culpa por não entender o corpo, começa na infância nas perguntas ansiosas sobre questões sexuais. Para Rank , ela (criança) quer saber porque se sente frustrada e culpada, e mais , quer que os pais lhe respondam que seu sentimento de frustração e culpa tem fundamento. Quando dizemos à criança que tratam-se de bobagens, causamos frustrações maiores e fundamentamos as condições de pavor que estão nas raízes das perguntas. Sobre isto nos diz Becker [16] :

“ A criança descobre que tem um corpo falível, (isto é, que sangra e que tem aromas desagradáveis) e está aprendendo que existe uma visão de mundo cultural que lhe permite triunfar sobre o corpo . As perguntas que as crianças nos fazem a cerca do sexo, não são, absolutamente, sobre sexo, quando examinadas de modo profundo. Elas são relativas ao significado do corpo, do pavor de viver com um corpo que degenera (ou produz a sensação de degenerescência). Quando os pais dão respostas biológicas a perguntas sexuais, não respondem, de modo algum à indagação infantil. A criança quer saber porque tem um corpo, de onde veio e o que significa, para uma criatura com consciência de si própria, ser limitada por ele. Ela (a criança) está perguntando a respeito do mistério último da vida, não da questão sexual....”.

É Otto Rank [17] que nos diz :

“..... a solução biológica do problema da humanidade é também tão inadequada e pouco gratificante para o adulto quanto para a criança”.

Quando procuramos e encontramos as respostas biológicas, ainda continuamos a procura do sentido de nossas vidas. É Becker [18] que comenta este aspecto :

“ Quando reduzimos os nossos significados a este mundo (mergulho no finito), ainda estamos à procura do absoluto, do supremo poder, mistério e majestade que transcendem nosso eu”

Para Rank [19], a criança recusa a “explicação científica correta” da sexualidade e ela também se recusa ao mandato que lhe é assim concedido, pela natureza, para desenvolver, livre de culpa, sua libído.

Para Becker, a criança necessita de um antagonista definido para crescer e tornar-se um herói cultural imortal, especialmente no começo de seus esforços para incorporar o projeto

cultural causa sui (Deus de si próprio). Como a criança percebe a limitação do corpo, este passa a ser um antagonista nítido contra o qual deve lutar , com o objetivo de construir sua personalidade cultural.

Portanto, a criança resiste à tentativa dos adultos em responder que o corpo não é um adversário, ao dar-lhe a “explicação biológica correta”. É neste sentido que podemos dizer que a criança é, ainda , demasiado não desenvolvida para lidar com o conflito da finitude imposta pelo corpo. É verdade que os adultos também sofrem a mesma dificuldade , daí o desespero , o pavor e a ansiedade, mas estes mesmos adultos foram capazes de desenvolver os mecanismos de defesa, de repressão e de negação, que lhes permitem viver como síntese não conciliável.

Da mesma forma que comentamos, anteriormente, o chamado Complexo de Édipo, transformando-o no Projeto Edipian, podemos afirmar que os traumas da infância não são necessariamente, aquelas situações de ordem sexual apresentadas por Freud [20]. Para o mestre de Viena, quando a criança fosse exposta a determinadas situações sexuais, nela (a criança) despertariam sensações de prazer, ou sofrimento, que no início da idade adulta seriam lembradas e interpretadas, de forma equivocada, e gerariam a culpa, fundamentada nos desejos sexuais do adulto(*); culpa esta que é derivada de conceitos culturais . Para Freud, os traumas da infância, seriam resultantes de abusos sexuais sofridos pelas crianças e da própria sexualidade infantil(**) [21]. Ao sofrer

(*) Ver artigo de Sigmund Freud, de 1896, “Novos Comentários....” no anexo A3.1, pag.268.

(**) idem.

tais abusos sexuais, ou desenvolver fantasias com conteúdo sexual, a libído destas crianças, ainda incipiente, seria prematuramente despertada, mas o aparelho psíquico infantil não saberia lidar com esta libído despertada, fato este que geraria frustrações de ordem sexual, quando a criança viesse a sentir a limitação de seu aparelho psíquico. Para Freud, seriam estas frustrações que tornariam o homem, no início da idade adulta, enfermo [22]. Por outro lado, como foi mostrado anteriormente as reais frustrações das crianças referem-se às questões existenciais. A importância das frustrações sexuais, também é real, mas estas frustrações sexuais são apenas uma parte, limitada, do conjunto maior, que contém as frustrações da criança.

A este conjunto, chamamos de frustrações contínuas na infância da criatura, que são as frustrações que decorrem do trauma de ter um corpo que sua alma não pode entender, isto é, a frustração em sentir que está impedida para atuar livremente dentro de si própria, como anjo ou como bicho. As frustrações sexuais, se ocorrerem, podem fazer parte deste conjunto, constituindo um subconjunto, não contínuo (*), contido no primeiro. Podemos observar, em função do que já foi exposto, que as situações chamadas traumáticas, às quais a criança pode estar exposta, de origem existencial, estão relacionadas às dificuldades existenciais que se apresentam a cada criança e estão relacionadas a como cada criança responde a estas dificuldades existenciais; trata-se, aqui, do fator ambiental e do fator constitucional de cada criança. Podemos dizer, finalmente, que a vida emocional do indivíduo adulto está intrínsecamente ligada às vivências existenciais da infância, o que implica na necessidade constante de cuidar as crianças (**).

(*) Em geral, estas frustrações não são contínuas, embora possam se repetir.

(**) Este cuidar está explicado por Kierkegaard, na página 118 e 119 deste estudo. Trata-se do hermetismo orgulhoso.

4 - TYCHO BRAHE : CAVALEIRO DA FÉ

É sob o ponto de vista da psicologia moderna e pós-moderna que vamos observar aspectos da vida de Tycho Brahe, que lhe conferem as denominações de Cavaleiro da Fé e autor criativo. O primeiro aspecto será a desfiguração sofrida aos 20 anos, cujos detalhes históricos foram descritos na primeira parte deste estudo. O segundo aspecto será observar a obra de Tycho como produto de um autor criativo, sob o ponto de vista da psicologia pós-moderna.

Como disse José Ortega Y Gasset [23], no trecho citado à página 128 deste estudo, será no olhar dos naufragos que encontraremos a sinceridade absoluta, e será este olhar que fará o naufrago pôr ordem no caos de sua vida. Este olhar, o do naufrago, é o mesmo que se instala no rosto do jovem que se vê desfigurado. O jovem Tycho Brahe, descendente da nobreza dinamarquês e herdeiro de mais de uma fortuna, aos dezenove anos, em 1565, tinha o apoio do rei aos seus sonhos de astrônomo e a admiração de seus mestres. Este mesmo jovem, como vimos, desde criança desenvolveu seu narcisismo natural para tentar superar o conflito da ambivalência de alma e corpo. Em 1566, aos vinte anos, vê-se realmente perdido, após o duelo, tendo como única saída o confronto com a sua própria realidade como Indivíduo.

Ao sofrer o golpe, é o narcisismo natural, isto é, seu mecanismo de defesa, que é ferido de morte. Tycho estará por toda a sua vida ligado ao nariz decepado, isto é, ao corpo, ao finito, que como já foi dito, em conjunto com os fenômenos do mundo, nos é incompreensível e causa o desespero, o pavor, o terror e a ansiedade. Seu olhar é o do naufrago à procura da salvação: Tycho

se sente realmente perdido e , no futuro, deixará seu projeto finito para participar do Seu projeto infinito. Será este olhar sincero que fará com que passe “por um ponto crítico, uma esquina, e vire dentro de si próprio ” [24]. É neste ponto crítico que o eu pode começar a relacionar-se com poderes além de si mesmo. Como nos diz Becker, à pag. 132 deste estudo:

“..... este (eu) mistério invisível no coração de toda criatura, agora alcança significado cósmico ao afirmar sua conexão com o mistério invisível do âmago da criação”.

Pelo já exposto, sabemos que as raízes do narcisismo está na única reação possível da criança frente a si mesma e ao mundo. Temos, então, o conceito do narcisismo natural, comum a todos nós. Quando este narcisismo natural é ferido de morte, voltamos às condições de desespero, pavor, terror e ansiedade; teremos então um pobre e desnudo animal, de casco fendido e olhar sincero. Entretanto, será exatamente neste ponto crítico, que poderá surgir o eu particular, invisível, cujo surgimento dependerá da demolição do eu cultural. Este eu invisível, como ensina Becker, sempre desejou por um significado definitivo, o significado do heroísmo cósmico.

A quem tem o nariz decepado, no século XVI, como Tycho, só resta o caminho do auto-didatismo, isto é, aquele que por si só cruza a escola da angústia (pavor), podendo chegar ao absurdo e teremos então o teodidata, como nos ensinou Kierkegaard. Mas, como disse Kierkegaard, será preciso paixão para o salto para o absurdo.

No ponto crítico a que Tycho foi lançado, após o duelo, as condições da criatura ficaram exacerbadas e ao

desespero de querer ser é somado o desespero de não querer ser, isto é, não querer ser a criatura que não pode refazer o nariz, buscando o distanciamento do Poder Criador e querendo ser algo criado por ele mesmo (Tycho) e não pelo Autor. É o que nos ensina Kierkegaard [25]:

“..... O que ele quer, com efeito, é separar o seu eu do seu Autor. Mas aqui ele falha, não obstante desesperar, e apesar de todos os esforços do desespero, este Autor permanece o mais forte e constrange-o () a ser o eu que ele não quer ser. Entretanto, o Indivíduo deseja sempre libertar-se do seu eu que é, para se tornar um (eu) da sua própria invenção. Ser este eu que ele quer, faria sua delícia mas não pode libertar-se de si próprio....”.*

Em carta (**) ao amigo Baldus, escrita em Uraniburgo, em 1589, Tycho relata seu relacionamento com o finito e o infinito, isto é, com seu corpo e com as estrelas; observamos, neste trecho, a sensível diminuição do desespero, conforme Kierkegaard nos ensinou. Escreve Tycho :

“ Todos estes anos foram duros e exigentes. As observações eram difíceis e fisicamente extenuantes. Foi-nos preciso muitas vezes trabalhar fora, em pleno inverno. Meus assistentes e eu mesmo nos revezávamos e fazíamos as medições o mais regularmente possível. Tínhamos deixado crescer a barba e nos embuçávamos de peles, verdadeiros astrônomos de comédia. Sob o firmamento gelado, nós escrutávamos estes corpos celestes novos e maravilhosos. Novos para nós e para todos. Fazia frio, nossos narizes se avermelhavam; exceto o meu, evidentemente. Sentíamos-nos os descobridores do mundo, heróis,

(*) constrange-o porque este Infinito (Autor) faz parte do eu.

(**) Esta carta, na íntegra, está no anexo A3.2, pag 326.

corajosos e inabaláveis, ignorando a dor para o bem da ciência. Até que, entorpecidos pelo frio, apesar da luvas ou das minetes, nossos dedos se tornassem duros e cor de violeta e não pudessem mais se mexer. Então nos tornávamos terrestres de novo, e retornávamos para junto do fogo da lareira do átrio, apresentando nossas mãos às chamas e estremecendo de alegria

Não se pode dizer, ao certo, em que época da vida de Tycho, após o duelo, ele tenha “dobrado a esquina e virado dentro de si próprio” [26] , mas sabemos que a vida de Tycho foi marcada pela paixão pelas estrelas, pelo Infinito . Este é o Cavaleiro da Fé, o herói cósmico que jamais abandonou o finito. É este Cavaleiro da fé que clama “ Não pareça a ninguém que minha vida tenha sido em vão”, como testemunhou Kepler (*). Por outro lado, junto ao Cavaleiro da Fé, desenvolveu-se o Tycho autor criativo, como veremos mais adiante.

(*) Este testemunho de Kepler está na página 78.

5 - AS SOLUÇÕES EXISTENCIAIS (PARCIAIS) : RELIGIOSA , ROMÂNTICA E CRIATIVA (TYCHO BRAHE COMO AUTOR CRIATIVO)

Apesar das condições a que o Indivíduo está sujeito, como vimos, soluções foram e são buscadas, pelos próprios Indivíduos, para tentar diminuir o conflito referente à ambiguidade. Entre outras, três destas soluções são apresentadas a seguir :

5.1 - A SOLUÇÃO RELIGIOSA

Quando o Indivíduo vivia sua vida sob a proteção do mito judaico-cristão, fazia parte de um grande conjunto, isto é, seu heroísmo cósmico estava bem determinado e era inconfundível : O Indivíduo veio do mundo invisível por um ato de Deus, e cumpria seus deveres para com Deus vivendo sua vida com dignidade, vivendo junto ao absurdo, casando-se e procriando , como um dever para com Deus, isto é, oferecia toda sua vida ao Criador , como Cristo fizera. Neste quadro, o indivíduo estava seguro e seria recompensado, pelo Criador, com a vida eterna na dimensão invisível. Este cenário não dependia do pano de fundo, isto é, pouco importava que a terra fosse um vale de lágrimas ou apenas um lugar para o indivíduo realizar algo para si mesmo. Esta pouca importância devia-se ao fato de que o Indivíduo servia a Deus. É Becker [27] que comenta :

“ o heroísmo cósmico do Indivíduo estava assegurado esta é a mais notável realização da imagem cristã do mundo : tornar heróis cósmicos os simples e os poderosos, os escravos e os imbecis, simplesmente recuando um passo do mundo real, para uma outra dimensão das coisas, a dimensão chamada céu Ou, melhor dizendo, o Cristianismo tomava a consciência que o Indivíduo tinha da animalidade (finitude), aquela que o Indivíduo mais queria negar e tornava-a a própria condição para seu heroísmo cósmico”

5.2 - A SOLUÇÃO ROMÂNTICA

Afastado da solução religiosa, o Indivíduo parecia imerso numa situação impossível : precisava sentir-se heróico , saber que sua vida tinha importância no plano geral das coisas. Também ele tinha que englobar-se em algo superior, um significado que absorvesse seu eu, mas se ele não tinha mais a Deus, como poderia fazer estas coisas ? Otto Rank observou a “solução romântica” : o indivíduo fixou seu impulso para o heroísmo cósmico, em uma outra pessoa sob a forma de objeto de afeto (*).

Para Rank, a autoglorificação que ele buscava, em sua mais profunda natureza, agora buscava em seu parceiro afetivo. Para Becker [28],

“.... o que se deve ressaltar é que, se o objeto afetivo é a perfeição divina, então o próprio eu da pessoa é elevado, ao juntar-se a ele”.

Para Becker, quando desapareceu a grande comunidade religiosa supervisionada por Deus, o homem procurou o tu, ou, como não havia mais uma cosmologia religiosa na qual pudesse buscar a negação de sua animalidade, o indivíduo se agarrava a um parceiro afetivo. Diz Becker [29] :

“ para Rank a dependência do Indivíduo moderno, em relação a outro não era o resultado do Complexo de Édipo, como imaginara Freud, mas sim a continuidade, ou continuação do projeto causa sui (Deus de si próprio). A dependência do Indivíduo moderno face ao parceiro afetivo é, então, o resultado da perda da dimensão sagrada”

(*) O afeto, aqui significa o “bem querer”, a “admiração” e não o amor ou a paixão.

5.3 - A SOLUÇÃO CRIATIVA (TYCHO COMO AUTOR CRIATIVO)

O heroísmo cósmico, através da individualização é uma aventura bastante audaz para o Indivíduo, porque o separa da trivialidade. Como Jung [30] nos diz :

“ isto requer vigor e coragem, que o Indivíduo comum não possui e nem poderia entender “

Para Becker, o fardo mais aterrorizante da criatura é ficar isolada, como ocorre na individualização : a pessoa separa a si própria do lugar comum, do coletivo. Este movimento, expõe o Indivíduo ao sentimento de ser completamente esmagado, isolado e aniquilado por sobressair, em meio aos outros, e por levar tanto consigo. Estes são os riscos quando o Indivíduo principia a modelar, consciente e criticamente, seu próprio arcabouço de auto-referência heróica. Para Becker, esta é a definição do Indivíduo criativo e, neste caso, transpomos os obstáculos para um novo tipo de reação face à situação do Indivíduo. Para Becker, a chave do Indivíduo criativo é ele (o Indivíduo) estar separado do lugar comum de significados compartilhados.

Há algo na vivência do Indivíduo criativo que o faz tomar o mundo como uma questão, e então este Indivíduo passa a tentar entender tudo por si próprio; esta é uma característica das pessoas criativas. A existência constitui uma questão que impõe uma resposta ideal . Para Kierkegaard, a resposta é a figura do Cavaleiro da Fé; ou seja , quando não mais se aceita a solução coletiva para o problema da existência, então o Indivíduo tem que modelar a sua própria solução. Entre os Indivíduos criativos, é o artista que

sobressai no sentido de procurar sua própria solução. Para Becker, a obra de arte também é uma resposta ideal do Indivíduo criativo ao problema da existência , especialmente à questão da sua própria existência , isto é, quem é ele como pessoa dolorosamente separada das outras pessoas.

O artista tem que responder ao peso de sua extrema individualidade, de seu tão penoso isolamento e talento. O artista procura a forma de conquistar a imortalidade, como fruto de seus próprios dons ímpares. Sua obra criativa é, ao mesmo tempo, a expressão de seu heroísmo cósmico e a justificação dele. Para o artista, é sua religião particular, como afirma Otto Rank em “Art and Artist”. A originalidade do artista assegura-lhe a imortalidade pessoal, é a sua dimensão especial, própria. Mas a solução criativa é parcial. É Becker [31] que nos ensina :

“ se sobressaímos da natureza, a ponto de ter que criar nossa própria justificativa heróica, isso é demais para nós quanto mais a pessoa se desenvolve como ser humano livre, distinto e crítico, tanto mais culpa sente sua própria criação o acusa, ela o faz sentir-se inferior : Que direito voce tem de bancar Deus ? especialmente se sua criação é grande, absolutamente nova e diferente.....”

Podemos, então, considerar um observador singular dos céus, a olho nú, no século XVI, como um artista, quando registra suas observações no papel e no globo de cobre . Este é o Tycho artista, ou autor criativo. Se, por um lado a criação do artista o culpa, no sentido de faze-lo questionar-se : Que direito você tem de bancar Deus ? Por outro lado Tycho foi um Cavaleiro da Fé, e portanto participou do Seu projeto ; isto é, trata-se de trazer ao mundo, no papel e no cobre, a Criação do Divino Construtor : as estrelas, todas elas, as fixas, as errantes e as de cabeleiras pousaram para Tycho durante quase quarenta anos. E foram registradas no papel e no

cobre, como Tycho as via , isto é, esta era sua visão do Universo. O modelo Tychonico, que seria publicado em conjunto com os dados observacionais, seria a sua maior obra. Este Tycho, autor criativo, sempre esteve entrelaçado com o Tycho Cavaleiro da Fé.

A obra de arte é a tentativa do artista para justificar seu heroísmo cósmico, na criação concreta. É o testemunho de sua absoluta originalidade e transcendência heróica. Mas, diz Becker, “o artista é e será sempre uma criatura, e pode sentir isto mais intensamente do que qualquer outra criatura”.

O artista sabe que a obra é ele, e portanto , sabe que ela é terrestre e efêmera, exceto se esta obra de arte seja justificada de fora de si mesmo e também de si mesmo : é o caso de Tycho, onde sua obra de arte é justificada como retratação da obra do Divino Construtor e feita por ele (Tycho) como Cavaleiro da Fé, conectado ao Poder Criador, vivendo o absurdo, o irracional com paixão. Nesta situação, Tycho sentia-se a salvo, para fora de si mesmo, conectado ao Poder Criador. É por esta situação que nós todos buscamos, como Kierkegaard ensinou.

Mas a obra do artista é ambígua, sempre : Não importa quão grandiosa ela (a obra) seja ou venha ser, o artista ainda sente o pavor quando a compara com a obra do Criador, do Autor, isto é, com a majestade do mundo dos fenômenos . Por isso, a obra de arte não é, em si mesma, um monumento à imortalidade. É neste ponto que Becker [32], nos diz :

“ Não surpeende que, historicamente, arte e psicose tenham estado em tão íntimo relacionamento, que o caminho para a criatividade

passa tão perto do hospício e frequentemente faça uma volta ou termine ali Se você é um artista, você tem um dom peculiarmente pessoal, que é a justificativa de sua própria identidade heróica, o que indica que você está sempre visando, pelo menos parcialmente, a algo acima das cabeças de seus semelhantes. Afinal os seus semelhantes, que estão abaixo, podem garantir a imortalidade da sua alma pessoal (dom pessoal)....”.

Como Otto Rank argumentou em “Art and Artist”, não há meio para o artista estar em paz com sua obra ou com a sociedade que aceita esta obra. O dom do artista é sempre para a criação em si (não para ele), para o sentido definitivo da vida, para o Poder Criador. Neste ponto o filósofo Otto Rank chega à mesma conclusão do teólogo Sören Kierkegaard : A única saída do conflito da criatura é a renúncia total, dar sua própria vida aos mais elevados poderes, isto é, morrer para o seu projeto e renascer para o Seu Projeto. Para Becker, a absolvição deve vir de outra dimensão, do absoluto, e não apenas da obra de arte. Esse foi o caminho buscado por Tycho Brahe. Mas, renunciar ao mundo e a si mesmo, submeter o significado do mundo e de si próprio aos poderes da criação, é a coisa mais árdua para o indivíduo alcançar. E neste ponto surge mais um paradoxo : Como desenvolver um trabalho criador, com a força total da paixão, um trabalho que salva a alma, e ao mesmo tempo renunciar a este próprio trabalho, por ele não poder, por si mesmo, dar a salvação? Como fazer uma obra de arte e depois dá-la ao infinito absoluto ?

Só o Cavaleiro da Fé é capaz disto. E este Cavaleiro da Fé não quer que sua obra e sua escolha subjetiva pelo absurdo tenham sido em vão, isto é, como Tycho repetia em seus últimos

dias : “ ne frustra vixisse videar “(*). A saída para a criatura, que tem o dom criativo, é renunciar à sua obra e a seu dom criador ao Poder Criador: é renunciar à obra criativa e ao mundo que aceita sua obra criativa; renunciar ao que parecia ser a salvação para alcançar o repouso. Só o Cavaleiro da Fé é capaz disto.

A auto-expressão e a auto-rendição são quase impossíveis aos indivíduos. Otto Rank [33] escreveu sobre Freud :

“ ele próprio (Freud) podia , com tanta facilidade confessar seu agnosticismo, enquanto criara para si próprio uma religião particular.....”.

Para Rank, esta religião particular é o conjunto formado pela Teoria da Líbido e o tratamento psicanalítico, como obra de arte. Porém, para Becker, Freud pensava que não havia ninguém para (ele) oferecer sua obra de arte, isto é, ninguém que tivesse mais imortalidade do que ele próprio. Para Becker, este era o grande obstáculo para Freud, isto é, Freud viu tal entrega de seu dom e sua obra, ao Poder Criador, como fraqueza e um caminho de derrota e frustração. Rank nos ensina que o Indivíduo deve cultivar a passividade da renúncia aos mais altos poderes, isto é, deve-se procurar a dimensão superior, da crença, com paixão, para renunciar ao seu dom criativo. Este é o caminho do Cavaleiro da Fé, o absurdo com paixão. Ainda, Rank [34] nos diz que :

“ a necessidade de uma ideologia realmente religiosa (crença com paixão) é inerente à natureza humana (ao Indivíduo) e a satisfação desta ideologia realmente religiosa é básica a qualquer gênero de sociedade.....”.

(*) Não pareça, a ninguém, que minha vida tenha sido em vão

Para Rank, a entrega ao Poder Criador representa o ponto mais distante que o eu pode alcançar, a máxima idealização acessível ao Indivíduo. Ainda, para Rank [35]:

“só se rendendo à grandeza da obra do Criador, no mais elevado e menos fetichizado nível, pode o Indivíduo conquistar a morte”.

Aqui, é Becker [36] que nos diz:

“ a verdadeira confirmação heroica (heroísmo cómisco) da vida de cada um, fica além da questão sexual, além do outro (além do tú) e além da religião particulartudo isso (a questão sexual, o outro e a religião particular) é uma imitação não adequada, que atraem o Indivíduo para baixo e o enclausuram, deixando-o arrasado pela questão da síntese não conciliável de Kierkegaard”

Em outras palavras, o que Becker quer nos dizer é que o Indivíduo deve olhar para além das coisas do mundo, para além do tú, sem jamais abandonar o mundo e o tú.

Para Rank [37] o indivíduo é um “*ser teológico*” e não um “*ser biológico*”. Surpreendentemente, este é o ponto de vista de um psicanalista original e considerado, pelo próprio Freud, como o “mais leal de meus assistentes e colaboradores”. Para Becker, esta é a soma do intenso discernimento clínico e pura ideologia cristã. A obra de Rank é de importância vital para uma compreensão pós-freudiana do Indivíduo. Finalmente, observamos que a compreensão do Indivíduo passa, necessariamente, pelo ponto de encontro das idéias de Rank e Kierkegaard.

PALAVRAS FINAIS

Tycho foi afastado do Castelo de Knudstrup desde os primeiros anos de sua infância, em 1548. Cresceu no Castelo de Maarslest, junto a seu tio Jörgen Brahe, casado com Inger Brahe. Desde menino, fixou seu olhar nos céus do Divino Construtor ; é possível que este “olhar para os céus “ contivesse o forte vínculo afetivo que existiu entre Tycho e seu tio Jörgen. Para Tycho, quando o almirante Jörgen estava ausente, em suas viagens pelos mares, ambos olhavam para os mesmos céus. Como vimos, foi a morte heróica do almirante Jörgen, em 1565, que desviou o olhar do rei Frederico II para Tycho. O historiador Victor Thoren, biógrafo de Tycho, levanta apropriadamente sua preocupação com a influência destas separações nas decisões futuras de Tycho, em sua obra “The Lord of Uraniborg”, publicada em 1990.

Tycho decidiu por viver com Cristine, em 1571, que curiosamente, não tinha descendência nobre. Ainda, em 1577, escolheu não aceitar a nomeação para ser Reitor da Universidade de Copenhague. Tycho tinha uma enorme dificuldade para o convívio social e demonstrava aversão pelos valores da nobreza. Após 1576 Tycho tornou-se o Senhor de Hveen, mas inicialmente relutou em aceitar a pequena ilha ; aceitou-a para ficar longe da corte e dos amigos e, segundo o próprio Tycho (*), para poder filosofar. Semi isolado em Hveen, tornou a ilha auto-suficiente e durante as noites, enquanto a ilha dormia, Tycho observava os céus.

(*) Ver auto-biografia (parcial) de Tycho Brahe no anexo A1.3, pag 226.

Neste estudo, demos destaque especial ao duelo de 1566. É possível afirmar que a desfiguração sofrida, após o duelo, tenha desempenhado papel importante nas escolhas futuras de Tycho. Estas foram as escolhas do Tycho Cavaleiro da Fé, submetidas ao pavor que nunca foi aniquilado. O Cavaleiro da Fé vive o absurdo com paixão, mas jamais se anula o pavor, conforme Kierkegaard ensinou. O significado de suas últimas palavras “ *não pareça a ninguém que minha vida tenha sido em vão* ” reside no fato de que o Cavaleiro da Fé (e autor criativo) jamais se distancia do mundo finito, como Kierkegaard afirmou.

O modelo Copernicano do Universo causou impacto e rejeição. Esta rejeição só não foi maior devido ao prefácio instrumentalista de Osiander. Desde sua juventude, antes mesmo do duelo, Tycho imaginava poder obter as leis que regiam os céus através da observação. Assim o fez durante toda sua vida, mostrando-se um verdadeiro realista. Esta foi sua paixão pelo infinito. O astrônomo Dreyer nos mostrou, apropriadamente, que para a astronomia do século XVI, especialmente para os instrumentalistas, o modelo Copernicano representava apenas uma nova distribuição geométrica para o Universo. Mas Tycho foi um realista e manteve a terra ao centro. Esta foi a escolha do Cavaleiro da Fé. Tycho guardou, em segredo, seus dados observacionais, obtidos durante quase quarenta anos, pretendendo publicá-los em conjunto com seu modelo Tychonico, isto é , para ele o conjunto de dados só poderia estar relacionado com o seu modelo ; mas não pode fazê-lo em vida. A seu pedido foi Kepler quem publicou o conjunto de dados, mas segundo o entendimento do próprio Kepler : o Copernicanismo.

Em função do tratado de Copenhague, de 1660, Hveen, a ilha da fantasia, passou a ser território da Suécia. Em 1959, Hveen foi incorporada à cidade de Landskrona e o nome Hveen foi alterado para Ven. O Castelo dos Céus, Uraniborg, e o Castelo das

Estrelas, Stjerneborg, foram destruídos pelos quatro séculos que se passaram, mas não a figura de Tycho Brahe. Não é exagero dizer que Ven, hoje, gravita em torno do lendário Tycho Brahe.

Na segunda parte deste estudo foi apresentada parte da obra do teólogo Søren Kierkegaard, e o chamamos de filósofo. Para Régis Jovilet [38], estudioso de Kierkegaard, a filosofia Kierkegaardiana é, precisamente, ele mesmo. E ainda, é ele mesmo propositadamente, isto é, voluntária e sistematicamente, até o extremo em que o existir como Indivíduo e a consciência desse existir chegaram a ser, para ele, condições absolutas da sua filosofia e, juntas, sua única razão de ser. Para outro estudioso de Kierkegaard, György Lukács [39], a tragédia da vida de Kierkegaard reside no fato de ter desejado viver aquilo que jamais poderia ser vivido.

É possível que Otto Rank tenha sido a grande contribuição de Sigmund Freud para o futuro de nossa conturbada civilização ocidental. É provável que o mestre de Viena soubesse, a priori, do alcance do potencial de Rank e o tivesse acolhido propositadamente, como secretário da jovem sociedade de psicanálise. Como Tycho fizera com Kepler. É, também, bastante possível que o mestre de Viena estivesse mais à frente do que escreveu objetivamente. Esta forma, a objetiva, foi a escolhida pelo médico Freud, para alcançar e diminuir o sofrimento de outros, e certamente realizou bem seu objetivo.

As contribuições de Søren Kierkegaard e Otto Rank para a psicologia pós moderna, que está em constante formação, foi, sem dúvida, bastante grande, e só não foi maior devido ao fato de que ambos viveram pouco. A importância de Freud é indiscutível.

Este estudo abraça um Indivíduo singular, o Cavaleiro da Fé e autor criativo Tycho Brahe, mas não é um estudo apenas

sobre Tycho Brahe til Knudstrup og Maarlest e sim sobre o Tycho que cada um de nós tem dentro de si e que se evidencia quando olhamos para as estrelas no céu. A cada observação, temos a revelação do infinito que nos compõe, conectando-se com o infinito das estrelas. É um estudo sobre cada um de nós, que expomos e arriscamos nossos narizes, a cada instante, em nome de nossas crenças e paixões, nesta aventura deslumbrante que é o existir, cujo significado é estar fora (*). Ainda, sendo este um estudo sobre o Indivíduo existente, também é, na mesma proporção, um estudo sobre o tempo. Não o tempo convencional indicado pelos relógios, mas o tempo subjetivo, conceitual; uma vez que o Indivíduo existente é consciência, e consciência é tempo. Qualquer tentativa de continuidade deste estudo, deverá seguir por este caminho.

Como este é um modesto estudo, que não pode ter fim, o mérito da síntese será dado ao gênio do médico e filósofo Karl Jaspers (1883-1969) [40], que assim escreveu:

“Saí de uma escuridão em que eu não existia, ainda, e estou caminhando para outra escuridão, em que não existirei mais. No curto instante de luz em que me encontro, atualmente, estou preocupado comigo mesmo e com as coisas, mas o motivo de tal preocupação é ainda um mistério para mim. Consequentemente, estou sempre a procura de algum Ser, cuja existência não se esgote na transitoriedade, um Ser que possa dar estabilidade e permanência a meu próprio Ser ”

Embora o motivo de tais preocupações seja um mistério, como afirmou Jaspers, cada um de nós quer que suas preocupações não tenham sido em vão, como Tycho.

(*) Aniceto Molinaro, em Lexico de Metafísica pags. 58 e 59, “..... Na Filosofia contemporânea, a noção de existência define a essência singular do Indivíduo, que EK-SISTE estando fora no Ser....”.

NOTAS DA 1ª PARTE

- [1] - Verdet, Jean Pierre ; em “ O Céu, Mistério, Magia e Mito” - pag. 23
- [2] - Verdet, Jean Pierre; em “ O Céu, Mistério, Magia e Mito “ - Contra-capla
- [3] - Verdet, Jean Pierre; em “ O Céu, Mistério, Magia e Mito “ - pag. 32
- [4] - Chatel, Paul; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 76
- [5] - Dreyer; J.L.E.; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 18 e 19.
- [6] - Dreyer; J.L.E.; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 14 e seguintes.
- [7] - Thoren, Victor ; em “ The Lord of Uraniborg “ - pag. 20 e seguinte.
- [8] - Dreyer; J.L.E.; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag.22 e seguintes.
- [9] - Thoren, Victor ; em “ The Lord of Uraniborg “ - pag. 22
- [10] - Mourão, R.R.F. ; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 9
- [11] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 26
- [12] - Thoren, Victor ; em “ The Lord of Uraniborg “ - pag. 23
- [13] - Thoren, Victor ; em “ The Lord of Uraniborg “ - pag. 23
- [14] - Thoren, Victor ; em “ The Lord of Uraniborg “ - pag. 23

- [15] - Thoren, Victor ; em “ The Lord of Uraniborg “ - pag. 23 e seguintes
- [16] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 26
- [17] - Hellman, C.D. ; em “ Dictionary of Scientific Biography - Tycho Brahe “ - pag. 402
- [18] -Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 27
- [19] - Chatel, Paul; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 116 até 119
- [20] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 38
- [21] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 39
- [22] - Thoren, Victor ; em “ The Lord of Uraniborg “ - pag. 55
- [23] - Thoren, Victor ; em “ The Lord of Uraniborg “ - pag. 58
- [24] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 41
- [25] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 43
- [26] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 43
- [27] - Thoren, Victor ; em “ The Lord of Uraniborg “ - pag. 73
- [28] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 44

- [29] - Chatel, Paul; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 172;173 e 174
- [30] - Chatel, Paul; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 168
- [31] - Mourão, R.R.F. ; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 12
- [32] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 84 e 85
- [33] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 86 e 87
- [34] - Chatel, Paul; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 183
- [35] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 93
- [36] - Chatel, Paul; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 184
- [37] - Thoren, Victor ; em “ The Lord of Uraniborg “ - pag. 118
- [38] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 97
- [39] - Mourão, R.R.F. ; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 13
- [40] - Chatel, Paul; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 185
- [41] - Chatel, Paul; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 192
- [42] - Chatel, Paul; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 192
- [43] - Mourão, R.R.F. ; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 14
- [44] - Chatel, Paul; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 199

- [45] - Mourão, R.R.F. ; em “ O Castelo das Estrelas “- pag. 14
- [46] - Chatel, Paul; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 219
- [47] - Mourão, R.R.F. ; em “ O Castelo das Estrelas “- pag. 15
- [48] - Chatel, Paul; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 276
- [49] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 158
- [50] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 159
- [51] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 160
- [52] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 160
- [53] - Mourão, R.R.F. ; em “ O Castelo das Estrelas “- pag. 13
- [54] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 160
- [55] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 161
- [56] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 161
- [57] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 162
- [58] - Mourão, R.R.F. ; em “ O Castelo das Estrelas “- pag. 17

- [59] - Chatel, Paul; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 185
- [60] - Thoren, Victor ; em “ The Lord of Uraniborg “ - pag. 253
- [61] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 178
- [62] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 176
- [63] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 181
- [64] - Chatel, Paul; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 199
- [65] - Koestler, Arthur ; em “ Os Sonâmbulos “ - pag. 203 e seguintes
- [66] - Koestler, Arthur ; em “ Os Sonâmbulos “ - pag. 203 e 204
- [67] - Koestler, Arthur ; em “ Os Sonâmbulos “ - pag. 205
- [68] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 304
- [69] - Thoren, Victor ; em “ The Lord of Uraniborg “ - pag. 454
- [70] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 305
- [71] - Hellman, C.D.; em “ Dictionary of Scientific Biography - Tycho Brahe“- pag. 413
- [72] - Chatel, Paul; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 296
- [73] - Chatel, Paul; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 276 e 277

- [74] - Chatel, Paul; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 279
- [75] - Mourão, R.R.F. ; em “ O Castelo das Estrelas “- pag. 15 e 16
- [76] - Koestler, Arthur ; em “ Os Sonâmbulos “ - pag. 187 e 188
- [77] - Koestler, Arthur ; em “ Os Sonâmbulos “ - pag. 196
- [78] - Koestler, Arthur ; em “ Os Sonâmbulos “ - pag. 204
- [79] - Koestler, Arthur ; em “ Os Sonâmbulos “ - pag. 205
- [80] - Koestler, Arthur ; em “ Os Sonâmbulos “ - pag. 190
- [81] - Koestler, Arthur ; em “ Os Sonâmbulos “ - pag. 205
- [82] - Koestler, Arthur ; em “ Os Sonâmbulos “ - pag. 193
- [83] - Koestler, Arthur ; em “ Os Sonâmbulos “ - pag. 193
- [84] - Koestler, Arthur ; em “ Os Sonâmbulos “ - pag. 206
- [85] - Koestler, Arthur ; em “ Os Sonâmbulos “ - pag. 207
- [86] - Koestler, Arthur ; em “ Os Sonâmbulos “ - pag. 284
- [87] - Chatel, Paul; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 284
- [88] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 312
- [89] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 31
- [90] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 312

- [91] - Thoren, Victor ; em “ The Lord of Uraniborg “ - pag. 469
- [92] - Koestler, Arthur ; em “ Os Sonâmbulos “ - pag. 213
- [93] - Koestler, Arthur ; em “ Os Sonâmbulos “ - pag. 213
- [94] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 309
- [95] - Thoren, Victor ; em “ The Lord of Uraniborg “ - pag. 468
- [96] - Chatel, Paul; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 306
- [97] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 307
- [98] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 309 e seguintes
- [99] - Thoren, Victor ; em “ The Lord of Uraniborg “ - pag. 470
- [100] - Koestler, Arthur ; em “ Os Sonâmbulos “ - pag. 237
- [101] - Koestler, Arthur ; em “ Os Sonâmbulos “ - pag. 238
- [102] - Koestler, Arthur ; em “ Os Sonâmbulos “ - pag. 237
- [103] - Koestler, Arthur ; em “ Os Sonâmbulos “ - pag. 214
- [104] - Dreyer; J.L.E. ; em “ Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in The Sixteenth Century “ - pag. 313
- [105] - Hellman, C.D. ; em “ Dictionary of Scientific Biography - Tycho Brahe “ - pag. 413
- [106] - Chatel, Paul; em “ O Castelo das Estrelas “ - pag. 299

NOTAS DA 2ª PARTE

- [1] - Strathern, Paul ; em “ Kierkegaard” - pag. 65

- [2] - Gardiner, Patrick ; em “ Kierkegaard” - pag. 14 - “ The Journals of Sören Kierkegaard, editado por A. Dru - London - Oxford University Press - 1938

- [3] - Gardiner, Patrick ; em “ Kierkegaard” - pag. 15

- [4] - Gardiner, Patrick ; em “ Kierkegaard” - pag. 20

- [5] - Gardiner, Patrick ; em “ Kierkegaard” - pag. 23

- [6] - Wittgenstein, Ludwig ; em “ Culture and Value” - pag.73

- [7] - Strathern, Paul ; em Kierkegaard - pag. 7

- [8] - Deluzze, Gilles e Guattari, Felix ; em “O que é a Filosofia ” - pag. 9 e 10

- [9] - Strathern, Paul ; em “Kierkegaard” - pag. 7

- [10] - Strathern, Paul ; em “Kierkegaard” - pag. 10

- [11] - Strathern, Paul ; em “Kierkegaard” - pag. 11

- [12] - Strathern, Paul ; em “Kierkegaard” - pag. 32

- [13] - Strathern, Paul; em “ Kierkegaard” - pag. 33

- [14] - Kierkegaard, Sören ; em Pós-Escrito Conclusivo não Científico “ extraído de Thomas Gilles em “ A história do Existencialismo” pag. 7

[15] - Kierkegaard, Sören; em “ Diário”, extraído de Paul Strathern em “Kierkegaard”

[16] - Giles, Thomas; em “A História do existencialismo e da fenomenologia” pag. 8 - Vol. I

[17] - Giles, Thomas; em “A História do existencialismo e da fenomenologia” pag.18 - Vol. I

[18] - Kierkegaard, Sören; em “ Pós-Escrito Conclusivo não Científico” extraído de Thomas Giles em “ A História do Existencialismo.....” Pag. 9 - Vol. I

[19] - Giles, Thomas ; em “ A História do Existencialismo” pag. 9 - Vol. I

[20] - Giles, Thomas ; em “ A História do Existencialismo” pag. 10 - Vol. I

[21] - Kierkegaard, Sören; em “ Pós-Escrito Conclusivo não Científico” extraído de Thomas Giles em “A História do Existencialismo” pag. 11 - Vol. 1

[22] - Giles, Thomas ; em “ A História do Existencialismo.....” pag. 12 - Vol.I

[23] - Cantoni, Remo; em “ La Conscienza Inquieta “ - pag. 132

[24] - Giles Thomas ; em “A História do Existencialismo” - pag. 12 - Vol.I

[25] - Becker, Ernest ; em “ The Denial of Death “ - pag. 89 - cap. 5

[26] - Mower, O.H. em “Learning Theory and Personality Dynamics “- pag. 541

[27] - Becker, Ernest ; em “ The Denial of Death “ - pag.90

- [28] - Becker, Ernest ; em “ The Denial of Death” - pag. 91
- [29] - Kierkegaard, Sören ; em “ The Concept of Dread” - pag. 41
- [30] - Kierkegaard, Sören ; em “ The Concept of Dread” - pag. 139
- [31] - Kierkegaard, Sören ; em “The Concept of Dread” - pag. 124
- [32] - Kierkegaard, Sören ; em “ The Concept of Dread” pag. 112 e 113
- [33] - Kierkegaard, Sören ; em “ The Concept of Dread” pag. 114 e 115
- [34] - Kierkegaard, Sören ; em “The Sickness Unto Death” - pag. 184 - 187
- [35] - Becker, Ernest ; em “ The Denial of Death” - pag. 96 - cap. 5
- [36] - Kierkegaard, Sören ; em “The Sickness Unto Death” - pag. 174 e 175
- [37] - Becker, Ernest ; em “The Denial of Death” - pag. 97 - cap. 5
- [38] - Kierkegaard, Sören ; em “ The Sickness Unto Death” - pag. 175
- [39] - Kierkegaard, Sören ; em “ The Sickness Unto Death” - pag. 174
- [40] - Becker, Ernest; em “ The Denial of Death” - pag. 105 - cap. 5
- [41] - Becker, Ernest; em “The Denial Of Death” - pag. 106 - cap. 5
- [42] - Becker, Ernest ; em “The Denial of Death” - pag. 111 - cap.5
- [43] - Kierkegaard, Sören ; em “ The Concept of Dread” - pag. 144
- [44] - Kierkegaard, Sören ; em “ The Concept of Dread” - pag. 140
- [45] - Becker, Ernest ; em “ The Denial of Death “ - pag. 48 - cap. 2
- [46] - Kierkegaard, Sören ; em “ The Sickness Unto Death” - pag. 199

- [47] - Becker, Ernest ; em “ The Denial of Death “ - pag. 112 - cap. 5
- [48] - José Ortega Y Gasset em “ A Rebelião das Massas “ - pag.174
- [49] - James, William ; em “ Varieties of Religious Experience “ - pag 99
- [50] - Becker, Ernest ; em “ The Denial of Death” - pag. 113 - cap. 5
- [51] - Kierkegaard, Sören ; em “ The Concept of Dread “ -pag 141 e 142
- [52] - Becker, Ernest ; em “ The Denial of Death” - pag. 115 - cap. 5
- [53] - Kierkegaard, Sören ; em “ The Concept of Dread” - pag. 144
- [54] - Kierkegaard, Sören ; em “ The Concept of Dread” - pag. 145
- [55] - Kierkegaard, Sören ; em “ Temor e Tremor “ -pag. 130
- [56] - William, James ; em “ Varieties of Religious Experience” pag. 138 e seguintes.

NOTAS DA 3ª PARTE

[1] - Jung, Carl Gustav ; em “Memories, Dreams and Reflections” - pag. 152 e 153

[2] - Becker, Ernest ; em “ The Denial of Death ” - 1973 - pag. 220 - cap. 9

[3] - Bohr, Niels ; em “ A Ciência Física e o problema da vida “ - 1949

[4] - Becker, Ernest ; em “ The Denial of Death “ - 1973 - pag. 222 - cap. 9

[5] - Becker, Ernest ; em “ The Denial of Death “ - 1973 - pag. 49 - cap 3

[6] - Kierkegaard, Sören ; em “ The Concept of Dread”

[7] - Kierkegaard, Sören ; em “ The Concept of Dread”

[8] - É preciso explicar que o homem é diferente do Indivíduo. O homem é o ente (ente no Ser) arrancado do Ser, e parte dele é objeto da psicologia Freudiana ; está sujeito a condição humana (o homem), mas a psicologia Freudiana não o sabe. O Indivíduo se aproxima do ente (ente no Ser), isto é, o Indivíduo é o existente, portanto sujeito à condição humana e visto pelo existencialismo-primeiro desta forma.

O homem e o Indivíduo são abstrações do ente (ente no Ser) para que possamos dele (o ente no Ser) falar. O Indivíduo é mais rico que o homem, por isso podemos dele falar mais, isto é, sobre sua condição humana e sobre o pensamento de Kierkegaard a respeito desta condição humana. Sobre o homem, temos apenas o que a psicologia Freudiana dele fala.

[9] - Becker, Ernest ; em “ The Denial of Death “ - 1973 - pag. 294 e 295 - cap. 11

[10] - Becker, Ernest ; em “ The Denial of Death” - 1973 - pag. 14 - Prefácio

- [11] - Becker, Ernest ; em “The Denial of Death “ - 1973 - pag. 55 -cap.3
- [12] - Becker, Ernest; em “ The Denial of Death “ - pag. 19 e 20 - cap. 1
- [13] - Becker, Ernest ; em “ The Denial of Death” - pag. 19 - cap. 1
- [14] - Becker, Ernest ; em “ The Denial of Death” - pag. 48 - cap. 3
- [15] - Becker, Ernest ; em “ The Denial of Death” - pag. 298 - cap. 11
- [16] - Becker, Ernest ; em “The Denial of Death” - pag. 192 - cap. 8
- [17] - Rank, Otto ; em “ Modern Education “ - pag. 44
- [18] - Becker, Ernest ; em “The Denial of Death” - pag. 197 -cap. 8
- [19] - Rank, Otto ; em “ Modern Education “ - pag. 43
- [20] - Freud, Sigmund ; em “ Novos Comentários Sobre as Neuropsicoses de Defesa “ - Ver Anexo A3.1.
- [21] - Freud, Sigmund ; em “ Novos Comentários Sobre as Neuropsicoses de Defesa “ - Ver Anexo A3.1.
- [22] - Freud, Sigmund; em “ Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica” - Ver anexo A3.1
- [23] - José Ortega Y Gasset ; em “ A Rebelião das Massas “ pag. 174
- [24] - James, William ; em “ Varieties of Religious Experience “ - pag. 99
- [25] - Kierkegaard, Sören ; em “ The Sickness Unto Death “ - pag. 201
- [26] - James, William ; em “ Varieties of Religious Experience “ - pag. 99

[27] - Becker, Ernest ; em “ The Denial of Death “ - pag. 187 - cap. 8

[28] - Becker, Ernest ; em “ The Denial of Death” - pag. 189 - cap. 8

[29] - Becker, Ernest ; em “ The Denial of Death “ - pag. 189 - cap. 8

[30] - Jung, Carl Gustav ; em “ Psychology of Transference “ pag. 101

[31] - Becker, Ernest ; em “ The Structure of Evil “ pag. 190 e seguintes

[32] - Becker, Ernest ; em “ The Denial of Death “ - pag. 201 - cap. 8

[33] - Rank, Otto ; em “ Beyond Psychology “ - pag. 272

[34] - Rank, Otto ; em “ Beyond Psychology “ - pag. 194

[35] - Rank, Otto ; em “ Beyond Psychology “ - pag. 198 e seguintes

[36] - Becker, Ernest ; em “ The Denial of Death “ - pag. 203 - cap. 8

[37] - Rank, Otto ; em “ Beyond Psychology “ - pag. 198 e seguintes

(*) [38] - Jovilet, Régis ; em “ Las Doutrinas Existencialistas, desde Kierkegaard a Jean Paul Sartre”

(*) [39] - Luckás, György ; em “La Signification Presente du Réalisme Critique”

(*) [40] - Jaspers, Karl ; em “ Filosofia “ - Volume I - Introdução - pag. XXIX

(*) Estas notas referem-se a PALAVRAS FINAS (Página 176).

BIBLIOGRAFIA

ABRAHAM, Karl ; em “ Teoria Psicanalítica da Líbido “ - Ed. Imago - 1970

ANGERAMI, Valdemar Augusto ; em “ Psicoterapia Existencial - Ed. Livraria Pioneira - 1993

ANTUNES, Arnaldo Augusto Nora ; em “ Mecânica Racional “ - Ed. Mc. Graw-Hill do Brasil - 1975

AQUINO, Tomás ; em “ O Ente e a Essência “ - Ed. Vozes - 1995

BARNES, Jonathan ; em “ Aristóteles “ - Ed. Loyola - 2001

BEAINI, Thais Curi ; em “ Heidegger : Arte como cultivo do inaparente” - Ed. EDUSP - Nova Estela - 1986

BECKER, Ernest ; em “ The Denial of Death “ - New York - Ed. The Free Press (Mac Millan) - 1973

BECKER, Ernest ; em “ The Struture of Evil : An Essay on The Unification of the Science of Man “ - New York - Ed. Braziller - 1968

BECKER, Ernest ; em “ The Birth and Death of Meaning “ - New York - Ed. Mac Millan - 1971

BECKER, Ernest ; em “ Beyond Alienation “ - New York - Ed. Braziller - 1967

BECKER , Ernest ; em “ The Lost Science of Man “ - New York - Ed. Braziller - 1971

BECKER, Ernest ; em “ La Lucha Contra el Mal “ - México - Fondo de Cultura Economica (tradução para o espanhol de “The Escape from Evil”, de 1975)

BELL, E.T. ; em “História de Las Matematicas “ - México - Ed. Fundo de Cultura Econômica - 1992

BERKELEY, George ; em “Tratado Sobre os Princípios do Conhecimento Humano “ - Ed. Nova Cultural - 1989

BERTRAND, Joseph ; em “Les Fondateurs de L’Astronomie Moderne Copernic - Tycho Brahe - Képler - Galilée - Newton “ - Paris - Ed. Bibliotheque d’ Education et de Recréation

BICCA, Luiz; em “ Racionalidade Moderna e Subjetividade “ - Ed. Loyola - 1997

BOEHME, Jacob ; em “A Revelação do Grande Mistério Divino” - Ed. Polar - 1998

BOHR, Niels ; em “Física Atômica e o Conhecimento Humano, Ensaios de 1932 a 1957 “ - Ed. Contraponto - 1995, em especial o título “ A Ciência Física e o Problema da Vida “, de 1949

BOYER , Carl ; em “História da Matemática” - Ed. Edgar Blücher - 1974

BRAHE , Tycho ; em “ Astronomiae Instauratae Mechanica “(1598); primeira tradução para o francês por Jean Peyrox em 1978 - Paris - Ed. Blanchard

BRAHE , Tycho ; em “ Astronomiae Instauratae Progymnasmata” (LIVRO I) ; primeira tradução para o francês por Jean Peyroux em 1982 - Paris - Ed. Blanchard

BRAHE, Tycho ; em “Astronomiae Instauratae Progymnasmata” (LIVRO II - De Mundi Aetherei) ; primeira tradução para o francês por Jean Peurox em 1984 - Paris - Ed. Blanchard

BRONOWSKI , J. ; em “O Senso Comum da Ciência “ - Ed. EDUSP - 1977

BRUNO, Giordano ; em “A Causa, o Princípio e o Uno” - Ed. Nova Estela - 1988

BUBER, Martin ; em “Eu e Tú “ - Ed. Moraes - 1974

BUTTERFIELD, Herbert ; em “Los Origenes de La Ciência Moderna” - Madrid - Ed. Taurus - 1982

CAMPBELL, Joseph ; em “ O Herói de mil faces “ - Ed. Cultrix - 1997

CAMPBELL, Joseph ; em “ O Poder do Mito” - Ed. Palas Athenas - 1990

CANTONI, Remo ; em “ La Conciencia Inquieta “ - Itália - Ed. Arnold Mondadori Editore - 1949

CARUSO, Igor A. ; em “ Psicoanálisis Dialético “ - Buenos Aires - Ed. Paidos - 1964

CHATEL, Paul ; em “ O Castelo das Estrelas” - EDUSP - Nova Stella - 1990.

CHAUI, Marilena ; em “Espinosa, uma Filosofia da Liberdade” - Ed. Moderna - 1995

COLLI, Giorgio ; em “ O Nascimento da Filosofia “ - Ed. UNICAMP 1996

COPÉRNICO, Nicolau ; em “ Comentariolus “ - Ed. Nova Stella - 1990

DELEUZE, Giles e GUATTARI, Félix ; em “ O Que é a Filosofia? “ - Ed. 34 - 2000

DELEUZE, Giles ; em “Empirísmo e Subjetividade “ - Ed. 34 - 2001

DESCARTES, René ; em “ Discurso do Método “ - Ed. Abril Cultural - 1983

DREYER, J.L.E. ; em “Tycho Brahe - A Picture of Scientific Life and Work in the Sixteenth Century “ - New York - Ed. Dover Publications - 1963 (1ª edição em 1890)

DREYER, J.L.E. ; em “A History of Astronomy From Thales to Kepler“ - New York - Ed. Dover Publications - 1953 (1ª edição em 1906)

DUBOS, René ; em “ O Despertar da Razão “ - Ed. EDUSP - 1972

EATON, John ; em “Misteriosos Mensageiros” - Ed. Loyola - 2000

ELIAS, Norbert; em “ Sobre o Tempo “- Ed. Jorge Zahar Editor - 1998

EVANS , Richard I. ; em “ Diálogo com Erich From “ - Ed. Zahar - 1967

ÉVORA, Fátima R.R. ; em “Século XIX : O Nascimento da Ciência Contemporânea “ - Ed. UNICAMP - 1992

ÉVORA, Fátima R.R. ; em “ A Revolução Copérnico-Galileana “ - Ed.UNICAMP - 1993

FISCHER, Klaus ; em “ Galileo Galilei “ - Barcelona - Ed. Heder-1986

FEYRABEND, Paul Carl ; em “Contra o Método “ - Ed. Francisco Alves - 1977

FLEM, Lydia ; em “O Homem Freud, o romance do inconsciente” Ed. Campus - 1994

FLUSSER, Vilém ; em “ Da Religiosidade - A Literatura e o Senso de Realidade “ - Ed. Escrituras - Coleção Ensaios Transversais - 2002

FORDHAM, Frieda ; em “ Introdução à Psicologia de Jung “ - Ed. Verbo - EDUSP - 1978

FRANCA, Leonel ; em “ A Psicologia da Fé e o Problema de Deus” - Ed. Loyola - 2001

FREUD, Sigmund ; em “Pequena Coleção das Obras de Freud “ - Ed. Imago - Volume 1 a 33 - 1976

FREUD, Sigmund ; em “Novos Comentários sobre a Neuropsicoses de Defesa “ - Volume 33

FREUD, Sigmund ; em “ Uma dificuldade no Caminho da Psicanálise” - Volume 27

FREUD, Sigmund ; em “ A dissecção da Personalidade Psíquica”
Volume 28

FREUD, Sigmund; em “ Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica”
Volume 27

FREUD, Sigmund ; em “Sexualidade Infantil y Neurosis “- Madrid - Ed.
Alianza Editorial - 1984

FREUD, Sigmund ; em “ Cinco Lições de Psicanálise “ - Ed. Abril
Cultural - 1978

FROMM, Erich; em “Ter ou Ser” - Ed. Zahar Editores - 1982

GALILEI, Galileu ; em “ O Ensaidor “ - Ed. Nova Cultural - 1987

GALILEI, Galileu ; em “ Diálogo sobre os Dois Máximos Sitemas do
Mundo Ptolomaico e Copernicano “ - Ed. Discurso Editorial - 2001

GALILEI, Galileu ; em “Duas Novas Ciências “ - Ed. Nova Stella - 1988

GALILEI, Galileu; em “Sidereus Nuncius” (1610) - traduzido para o
português como “O Mensageiro das Estrelas” - por Carlos Ziller
Camenietzki, em 1987.

GALILEI, Galileu ; em “Ciência e Fé “ - Ed. Nova Stella - 1988

GARIN , Eugênio ; em “Ciência e Vida Cível no Renascimento Italiano“-
Ed. UNESP - 1996

GARDINER, Patrick; em “Kierkegaard” - Ed. Loyola - 2001

GASSET, José Ortega Y (José Ortega y Gasset) ; em “A Rebelião das Massas” - Livro Ibero-Americano - Rio de Janeiro - 1971

GAY, Peter ; em “ Um Judeu sem Deus “ - Ed. Imago - 1992

GAY, Peter ; em “ Freud Para Historiadores “ - Ed. Paz e Terra - 1989

GAY, Peter ; em “ Freud, uma Vida Para Nosso Tempo “ - Ed. Companhia da Letras - 1989

GEYMONAT, Ludovico ; em “ História de La Filosofia Y de La Ciência” - Barcelona - Ed. editorial Crítica - 1985

GILES, Thomas Ransom ; em “A História do Existencialismo e da Fenomenologia “ - Volume I e II - EDUSP - EPU - 1975

GLEISER, Marcelo ; em “ A Dança do Universo “ - Ed. Schwarcz - 1997

GREINER, Frank ; em “ Alquimia “ - Ed. Loyola - 1994

HARRÉ, R. (Org.) ; em “ Problemas da Revolução Científica “ - Ed. EDUSP - 1976

HELLMAN, C. D. ; em “Dictionary of Scientific Biography - TYCHO BRAHE” - New York -Ed. Charles Colston Gillispie - 1980

HAASBROEK, N.D. ; em “ Gemma Frisius, Tycho Brahe and Snellius and Their Triangulations “ - Netherlands - Ed. Meinema - 1968

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich ; em “ A Fenomenologia do Espírito“ - Ed. Nova Cultural - 2000

HEGENBERG, Leonidas ; em “Etapas da Investigação Científica” - Ed. EDUSP - Volumes I e II - 1976

HEIDEGGER, Martin ; em “ Carta Sobre o Humanismo “ - Ed. Moraes - 1991

HEISENBERG , Werner ; em “ A Parte e o Todo “ - Ed. Contraponto - 2000

HEISENBERG, Werner ; em “Física e Filosofia” - Ed. UNB - 1995

HEISENBERG, Werner ; em “ A Imagem da Natureza na Física Moderna “ - Lisboa - Ed. Livros do Brasil

JAMES, William ; em “ Varieties of Religous Experience : A Study Human Nature “ (1902) - New York - Ed. Menton - 1958

JASPERS, Karl ; em “Filosofia “ - Volumes I e II - Puerto Rico - Ediciones de la Universidade de Puerto Rico - (Prólogo datado de setembro de 1931) - 1958

JOLIF, J. Y. ; em “Compreender o Homem “ - EDUSP - 1970

JONES, Ernest ; em “Vida e Obra de Sigmund Freud “ - Ed. Zahar 1979

JOVILET, Régis ; em “Las Doctrinas existencialistas, desde Kierkegaard a Jean Paul Sartre “ - Madrid - Ed. Editorial - 196

JUNG, Carl Gustav ; em “ Memories, Dreams and Reflexions “ - New York - Ed. Vintage - 1965

JUNG, Carl Gustav ; em “ The Psychology of the Transference “ - Princenton- Ed. Bollingen Books - 1969

KANT, Immanuel ; em “ Crítica da Razão Pura “ - Ed. Nova Cultural - 1996

KEPLER, Johannes ; em “Astronomiae Nouvelle “ - Paris - Ed. Blanchard - 1979

KIERKEGAARD, Sören Aabye ; em “ Diário de um Sedutor “ - Ed. Abril Cultural - 1979

KIERKEGAARD, Sören Aabye ; em “Temor e Tremor “ - Ed. Abril Cultural - 1979

KIERKEGAARD, Sören Aabye; em “ The Sickness Unto Death “ - New York - Ed. Anchor Edition - 1954

KIERKEGAARD , Sören Aabye ; em “ O Desepero Humano, Doença até a Morte “ - Ed. Abril Cultural - 1979

KIERKEGAARD, Sören Aabye ; em “The Concept of Dread “ - Princenton - Princenton University Press - 1957

KIERKEGAARD, Sören Aabye; em “ Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra Como Escritor “ -Lisboa - Ed. Edição 70 -1998

KIERKEGAARD, Sören Aabye ; em “ O conceito de Ironia “ - Ed. Vozes - 1991

KIERKEGAARD, Sören Aabye ; em “ O Matrimônio ” - Ed. Psy II - 1994

KIERKEGAARD, Sören Aabye ; em “ O Banquete ” - Lisboa - Ed. Guimarães Editores - (1ª edição 1953)

KIERKEGAARD, Sören Aabye ; em “Migalhas Filosóficas ” - Ed. Vozes - 1995

KIERKEGAARD, Sören Aabye ; em “Either/Or” (2 volumes) Princeton - Princeton University Press - 1971

KNELLER, G.F. ; em “ A Ciência como Atividade Humana ” - Ed. Zahar - EDUSP - 1980

KOESTLER, Arthur ; em “Os Sonâmbulos ” - São Paulo - Ed. IBRASA- 1961

KOYRÉ, Alexandre ; em “ Do Mundo Fechado ao Universo Infinito ” - Ed. EDUSP - 1979

LANDIM Filho, Raul ; em “ A Evidência e a Verdade no Sistema Cartesiano ” - Ed. Loyola - 1992

LOCKE , John ; em “ Ensaio acerca do Entendimento Humano ” - Ed. Nova Cultural - 1991

LUKÁS, GYÖRGY ; em “La Signification Presente du Réalisme Critique ” - Paris - Ed. Gallimard - 1960

MARQUES, Jordino : em “ Descartes e sua Concepção de Homem ”- Ed. Loyola - 1993

MARSHALL, Francisco ; em “ Édipo Tirano , a Tragédia do Saber“- Ed. UnB - 2001

MEIRA, Silvio ; em “ FAUSTO” , poema dramático de J.W. Goethe” - Volume I e II - Ed. Circulo do Livro

MOLINARO, Aniceto: em “Léxico de Metafísica” - Ed. Paulus -2000

MORANO, Carlos Domíngues ; em “ Orar depois de Freud ” - Ed. Loyola - 1998

MORGENBESSER, Sidney ; em “ Filosofia da Ciência” - Ed. Cultrix - 1975

MOUËL, Gilbert Le; em “ Astrologia e Fé Cristã “ - Ed. Loyola - 1994

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de ; em “ Crítica da Razão na Fenomenologia “ - Ed. EDUSP - Nova Stella - 1989

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas ; em “ Introdução aos Cometas“ - Ed. Francico Alves - 1985

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas ; em “Tycho Brahe e o apoio oficial dos Governos à Ciência “ - Introdução à obra de Paul Chatel “ O Castelo das Estrelas “ - 1990

MOWRER, O.H. ; em “ Learning Theory and Personality Dynamics” - New York - Ed. Ronald Press - 1950

NASCIMENTO, Carlos Arthur R. do ; em “ Para Ler Galileu - Galilei” - Ed. Nova Stella - 1990

NASCIMENTO, Carlos Arthur R. do ; em “ De Thomás de Áquino a Galileu “ - Ed. UNICAMP - 1995

NEWTON, Isaac ; em “ Princípios Matemáticos de La Filosofia Natural - Volume I e II (texto completo) - Madrid - Ed. Alianza Universidade - 1987

NOVAES, Adauto (Org.) ; em “ Tempo e História “ - Ed. Companhia das Letras - 1992

OSADA, Jun'ichi ; em “ A Evolução das Idéias da Física “ - Ed. EDUSP - 1972

PAGANI, Sérgio e LUCIANI, Antonio ; em “ Os Documeno do Processo de Galileu Galilei “ - Ed. Vozes - 1994

PALMER, Michael ; em “ Freud e Jung - Sobre a Religião “ - Ed. Loyola - 2001

PAULO II , João ; em “ Carta Enciclíca Fides et Ratio “ - Ed. Paulus - 1998

PENEDOS, Alvaro J. dos ; em “ História da Filosofia “ - Porto - Ed. Rés - 1986

PENNA, Antonio Gomes ; em “ História e Psicologia “ - Ed. Vértice - 1987

PERESTRELLO , Marialzira; em “ A Formação Cultural de Freud“ Ed. Imago - 1996

POINCARÉ , Henri ; em “ O Valôr da Ciência “ - Ed . Contraponto - 1995

POINCARÉ, Henri ; em “ A Ciência e a Hipótese” - Ed. UnB - 1988

POPPER, Karl ; em “ A Lógica da Pesquisa Científica “ - Ed. Cultrix - 1975

RANK, Otto; em “ Beyond Psycology “ - New York - Ed. Dover Books - 1958

RANK, Otto ; em “ Modern Education : A Critique of it Fundamental Ideas “ - New York - Ed. Knopf - 1932

RANK, Otto ; em “ Personalidade e o Ideal “ - Rio de Janeiro - Emiel Editora - 1940

RANK, Otto ; em “ El Mito del Nascimento del Herói ” - Buenos Aires - Editorial Paidos - (1ª edição de 1914, em alemão)

RANK, Otto ; em “ Art and Artist “ - New York - Ed. Tudor Publishing Company - 1932

RANK, Otto ; em “El Trauma Del Nacimiento” - Barcelona - Ed. Paidos Studio - 1985

REALE, Miguel ; em “Experiência e Cultura “ - Ed. EDUSP - 1977

RIVAL , Michel ; em “ Os Grandes Experimentos Científicos “ - Ed. Zahar - 1997

SARTRE, Jean Paul ; em “As Palavras “ - Ed. Nova Fronteira - 1984

SARTRE, Jean Paul; em “ O Muro” - Ed. Civilização Brasileira - 1974

SARTRE, Jean Paul ; em “ La Nausea “ - Buenos Aires - Ed. Alianza Lozada - 1986

SARTRE, Jean Paul ; em “ O Imaginário “ - Ed. Ática “ - 1996

SARTRE, Jean Paul ; em “ A Imaginação “ - Ed. Bertrand Brasil - 1989

Schelling, Friedrich Von ; em “Obras Escolhidas” - Ed. Nova Cultural - 1991

SCHORSKE, Carl E. ; em “Viena Fim de Século “ - Ed. UNICAMP -1989

SELLERI, Franco ; em “ Paradoxos e Realidade “ - Lisboa - Ed. Fragmentos - 1990

SPANOUDIS, Solon ; em “ Todos nós ninguém “ - Ed. Moraes - 1981

STRATHERN, Paul ; em “ Kant “ - Ed. Jorge Zahar - 1997

STRATHERN, Paul ; em “ Kierkegaard “ - Ed. Jorge Zahar - 1999

STRATHERN , Paul ; em “ Hegel “ - Ed. Jorge Zahar - 1998

STRATHERN, Paul ; em “Sartre “ - Ed. Jorge Zahar - 1999

THOREN, Victor E. ; em “ The Lord of Uraniborg “ - Cambridge -Ed. Cambridge University Press - 1990

VARGAS, Milton ; em “ História da Ciência e da Tecnologia no Brasil: uma sùmula “ - Ed. Humanitas - 2001

VARGAS, Milton ; em “ Para uma Filosofia da Tecnologia “ - Ed. Alfa-Omega - 1994

VARGAS, Milton ; em “Verdade e Ciência “ - Ed. Duas Cidades - 1981

VERDET, Jean-Pierre ; em “ O Céu, Mistério, Magia e Mito - Ed. Objetiva - 2000

VILLALOBOS, João Eduardo R. ; em “ Lógica e Existência “ - Ed. EDUSP - 1971

WAXEMBERG, Jorge ; em “ Da Mística e dos Estados de Consciência“ - Ed. ECE - 1980

WITTGENSTEIN , Ludwig ; em “ Culture and Value “ - London - Ed. Oxford University Press - 1980

ANEXOS

ANEXOS DA PRIMEIRA PARTE

**(SOBRE O INDIVÍDUO TYCHO BRAHE
TIL KNUDSTRUP OG MAARLEST)**

ANEXO A1.1

POEMA METAMORFOSES DE OUVIDEO (43 aC - 18 dC)

“METAMORFOSES”

Antes de o oceano existir, ou a terra, ou o firmamento,
A Natureza era toda igual, sem forma. Caos era chamada,
Com a matéria bruta, inerte, átomos discordantes
Guerreando em total confusão :
Não existia o Sol para iluminar o Universo ;
Não existia a Lua, com seus crescentes que lentamente se preenchem;
Nenhuma terra equilibrava-se no ar.

Nenhum mar expandia-se na beira de longíquas praias.
Terra, sem dúvida, existia, e ar e oceano também,
Mas terra onde nenhum homem pode andar, e água onde
Nenhum homem pode nadar, e ar que nenhum homem pode respirar;

Ar sem luz, substância em constante mudança,
Sempre em guerra:
No mesmo corpo, quente lutava contra frio,
Molhado contra sêco, duro contra macio.
O que era pesado coexistia com o que era leve.

Até que Deus, ou a Natureza generosa,
Resolveu todas as disputas, e separou o
Céu da Terra, a água da terra firme, o ar
Da estratosfera mais elevada, uma liberação
E as coisas evoluíram, achando seus lugares a partir
Da cega confusão inicial.
O fogo, esse elemento etéreo,
Ocupou seu lugar no firmamento,
sobre o ar sob ambos, a terra,
Com suas proporções mais grosseiras, afundou; e a água
Se colocou acima, e em torno da terra.

Esse Deus, que do Caos
Trouxe ordem ao Universo, dando-lhe
Divisão, subdivisão quem quer que ele seja.
Ele moldou a Terra na forma de um grande globo.
Simétrica em todos os lados, e fez com que as águas se
Espalhassem e elevassem, sob a ação dos ventos uivantes (.....)

(*) Extraído de “ A Dança do Universo ” de Marcelo Gleiser.

ANEXO - A1.2

PREFÁCIO DE ANDRÉAS OSIANDER
À OBRA DE NICOLAU COPÉRNICO , DE 1543,
“ DE REVOLUTIONIMBUS”

“AO LEITOR”

SOBRE AS HIPÓTESES DESTE TRABALHO

“Visto que a novidade das hipóteses deste trabalho já foi amplamente divulgada, não me resta dúvida de que alguns sábios se ofenderam bastante por declarar o livro que a terra se move e que o sol está em repouso, no centro do universo; acreditarão êles, com certeza, que as artes liberais, há muito estabelecidas em base correta, não devem ser atiradas à confusão. Mas se houverem por bem examinar cuidadosamente o assunto, verão que o autor deste trabalho nada fez que merecesse censura. Cabe ao astrônomo compor a história dos movimentos celestes mediante observação atenta e hábil. Depois, voltando-se para as causas desses movimentos ou hipóteses sobre eles, deve conceber e planejar, uma vez que não lhe é dado de modo nenhum atingir as verdadeiras causas, hipóteses que, aceitas, permitem sejam os movimentos calculados corretamente com os princípios da geometria, tanto para o futuro como para o passado. O autor cumpriu perfeitamente os dois deveres, pois tais hipóteses não têm de ser verdadeiras nem tampouco prováveis; bastará que forneça um cálculo coerente com as observações. Talvez haja alguém, que, ignorando a geometria e a óptica, considere provável o epícolo de Vênus, ou julgue ser êle o motivo pelo qual Vênus umas vezes precede e outras segue o sol em quarenta graus e até mais. Há quem não perceba, com tal hipótese, que necessariamente se segue parecer o diâmetro do planêta no perigeu mais de quatro vêzes, e o corpo do planêta mais de dezesseis vezes, maior do que no apogeu, resultado contrariado pela experiência de todos os tempos? Neste estudo há outras absurdidades não menos importantes, que não apresentaremos no momento, visto ser evidente que as causas dos movimentos desiguais aparentes são total e simplesmente

desconhecidas desta arte. E se a mente imagina causas, como realmente muitas o são, não surgem para convencer quem quer que seja de que são verdadeira, mas apenas para dar uma base correta de cálculo. Ora, quando, uma vez ou outra, se oferecem para o mesmo movimento diferentes hipóteses (como a excentricidade e um epiciclo para o movimento do sol), o astrônomo aceitará, acima das outras, a mais fácil de apreender. O filósofo talvez prefira indagar da aparência da verdade. Mas nenhum dêles compreenderá nem afirmará nada de certo, salvo se lho tiverem revelado. Portanto, permitamos que essas novas hipóteses se tornem conhecidas com as velhas, que já não são prováveis; façamos assim, sobretudo porque as novas hipóteses são admiráveis e também simples, e com elas trazem um enorme tesouro de habilíssimas observações. No que tange a hipóteses, não espere ninguém nada certo da astronomia, que o não pode dar, a não ser que aceite como verdade as idéias concebidas para outro fim, e, depois de tal estudo, fique mais tolo do que antes. Adeus."

ANEXO - A1.3

**PREFÁCIO DE TYCHO BRAHE À SUA OBRA “ASTRONOMIAE
INSTAURATAE MECHANICA”, DE 1598**

AUGUSTÍSSIMO IMPERADOR

RODOLFO SEGUNDO

PREFÁCIO DE TYCHO BRAHE(*)

A ASTRONOMIA, ciência muito antiga, concedida por favor divino ao gênero humano desde Adão, o Primeiro homem e de longe eminentíssimo. Na medida em que as coisas Celestes e sublimes ultrapassam as coisas terrestres e inferiores; essa Divina Astronomia, dizia, originando-se dos próprios sentidos dos olhos ao observar as eventualidades errantes dos Astros, isso em relação às coisas exteriores, desde o início das coisas há muito tempo, excita os gênios e as inteligências dos homens, os mais distintos. Certamente, é tamanha a majestade de Deus boníssimo e três vezes louvado, que a sabedoria de suas obras não pode ser esgotada por nenhuma criatura. Na verdade, uma vez que o simples olhar não atinge a sutileza e exatidão que seriam necessárias para observar todos esses mistérios do teatro Celeste e os fenômenos aparentes, que estão além da simples maneira de admirar, Mestres variados em todos os séculos imaginaram as linhas intermediárias (trajetórias) e os instrumentos que auxiliam a visão a perceber os movimentos ocultos dos Astros. E há as colunas mencionadas pelo historiador Judaico Josephe, que os descendentes de Adad construíram na Síria, nas quais inscreveram, para os

(*) O prefácio à obra *AAstronomiae Instauratione Mechanica*, escrito pelo próprio Tycho Brahe entre 1597 e 1598 foi publicado em 1598 em latim. Neste estudo, é apresentada uma versão do original em latin, com base nas traduções para o francês e para o inglês, observando os cuidados declarados pelos tradutores, no sentido de manterem-se fiéis à linguagem do texto original.

Descendentes, as suas descobertas, por causa da memória (para não esquecerem). As pirâmides muito altas e suntuosas dos Egípcios e dos outros povos tendem a isso (à memória), e muitas outras obras construídas para esse fim pelos Reis mais antigos, como aqueles da Índia, Arábia, Caldéia, Etiópia, Egito, sobretudo aquela sobre o pórtico Alexandrino, nessa mesma época, aliás, também nas Regiões situadas perto de onde os homens passavam a vida a considerar cuidadosamente a ciência dos Astros, eram contempladas antigamente (as obras). Pois, isso é o principal de tudo, que numerosas e longas observações vindas (feitas) do Céu sejam feitas nos Instrumentos Astronômicos adequados e não sujeitas aos erros, que sejam, em seguida, colocadas em ordem por meio da Geometria, por Hipóteses imaginadas convenientes e com quantidades contínuas e com o movimento circular uniforme, que Naturalmente as coisas Celestes procuram e perseguem, sem interrupção; com certeza, por meio da Aritmética, nas quantidades (aritméticas) corretas para que as revoluções e os lugares dos corpos Celestes venham a corresponder nos tempos (instantes) que se quer. Na verdade, entre todos os que trabalharam ativamente nisso, pelo menos nas observações que chegaram até nós, anotadas por Timocharis, Hiparco, Ptolomeu, Albategni, Rei Afonso, e há um século por Copérnico, se bem que os ensinamentos dos dois precedentes sobre essas coisas dependem das relações de Ptolomeu (Albategni e Rei Afonso). Em todo caso, é evidente em seus escritos, que seguramente utilizaram alguns Instrumentos para medir os Fenômenos dos Astros. E entre eles (instrumentos), encontro três principais: as Regras Paraláticas, as Armilas Zodiacais e o instrumento Tourner que era mais usado entre os árabes do que o Astrolábio plano ; os outros são de menor importância. No entanto, talvez outros tenham existido que, não descobertos por documentos, não chegaram até nós, em função de tão grande e frequente confusão nas condições do Mundo por tantas guerras e devastações, tantas vêzes seguidas, que podem ter facilmente desaparecido (os instrumentos), o que é lamentável. Os mais recentes

(equipamentos) somam o Quadrante, a Vara e o Anel Astronômico, e, até hoje, alguns de menor consideração. Além disso deve ser considerado que os movimentos dos Astros não se mostram, de maneira nenhuma em nossa época, exatamente como eram, de modo que o cálculo obtido, seja os de alguns dos antigos, seja os dos Operários recentes, trazem (os cálculos obtidos), não sem razão, a dúvida se as observações intermediárias (ao longo do tempo) e os instrumentos utilizados, para observar, tenham ou não defeito em algum ponto. Também, porque os lugares próprios das Estrelas fixas, dispostas (hoje) de modo diverso do que os lugares de Hiparco, citados por Ptolomeu, e ainda a distribuição antiga desde então, até nós, nos convence bastante (dos erros), apesar de que outras estejam excluídas (dos erros); nesse ponto, quando os Imperadores e os reis fornecem liberalmente os recursos para confeccionar tais Instrumentos a fim de que assim sejam feitos magnificamente e de maneira sólida e metálica, nem mesmo os antigos encontraram com precisão as grandezas (devido a erros de observação); por mais forte razão, os que Copérnico conseguiu há um século, com despesas privadas; é claro que não foram suficientes (os de Copérnico), nem pela solidez (dos instrumentos) nem ainda pelo modo correto dos usos aos quais estavam destinados, sobretudo a partir de sua obra das Revoluções; especialmente a partir dos Instrumentos utilizados para esse uso que se conservaram até aqui, um deles o Paralático, inteiramente em madeira, que não fica em minhas mãos de forma conveniente para as Observações. É por isso que refletindo por mim mesmo, com extrema atenção, desde a Adolescência, se por um lado não consegui remediar esse inconveniente (instrumentos não confiáveis), tive a dedicação, depois, de construir os Instrumentos Astronômicos, um após o outro, com cuidado e com despesas incriveis, com os quais foi possível escrutar as aparências dos Astros mais exatamente do que fora feito até então por nossos predecessores, que a inveja esteja ausente dessa palavra. Certamente, aqueles que confeccionamos na

Adolescência, quando nem o conhecimento nem o julgamento não tinham ainda chegado à maturidade, não atingiam bem exatamente o fim necessário, entretanto, depois com uma idade mais avançada e com experiência mais abundante, inventei finalmente outros instrumentos maiores e mais excelentes e tomei o cuidado para que fossem elaborados com arte, tais como nenhuma época precedente viu, o que dá maior certeza ao que está sendo afirmado. De outro lado, construí instrumentos variados e múltiplos, e isso por causas evidentes. Primeiro, pelo motivo que explico da seguinte maneira : procurando que as Observações sejam colocadas à prova de todo erro, isto é, se algo neles (instrumentos) fizesse nascer qualquer parcela de vício oculto, o que Ptolomeu parece deplorar sobre alguns instrumentos artisticamente trabalhados a partir de metal sólido, que se mantinha outrora sobre o pórtico Alexandrino, haveria logo outros instrumentos à mão que corrigiriam (o erro) e comprovariam uma maior certeza. E, ainda, tenho consciência de que um outro equipamento poderia descobrir os erros e que a perspicácia na arte (de observar) poderia encontrar o caminho correto e (motivar) o cuidado tido a cada suposição; mas (estes pontos) não foram considerados por nenhum desses Observadores que deviam ser seis ou oito no mínimo (anteriores). Que eu me cale, Observadores mais cuidadosos e ágeis produzem a própria diversidade e divertem-se às próprias custas. E acrescenta-se que há alguns fenômenos entre aqueles a se observar, os quais predominam, que são pesquisados com todo cuidado e conforme as regras, para alguns fenômenos mais do que para outros, adaptando os equipamentos aos fenômenos, como alguns fenômenos requerem somente as Alturas, ao mesmo tempo que outros requerem os Azimutes, outros exigem só as distâncias, outros as Declinações, outros as Distâncias Equatoriais e outros fenômenos as longitudes e latitudes, e ainda para outros fenômenos em especial, as Ascensões e as Declinações a se obter ao mesmo tempo, e assim, com outras considerações a apresentar (posteriormente), de alguma maneira serve (o conjunto de considerações

apresentado) para a Observação Celeste. Também, a abundância e variedade dos Instrumentos são muito necessárias principalmente por este motivo: a necessidade de observações simultâneas (mais de um fenômeno). Certamente, uma vez que é necessário que os instrumentos que são imaginados e elaborados por homens das Artes, sejam tornados públicos para a participação do gênero humano e a propagação das Artes aos descendentes, ou seja, não fiz invenções tão sublimes e úteis para conservá-las só para mim, mas para comunicá-las aos outros, se algumas dessas invenções forem encontradas em algum lugar (o que espero), que tenham muito cuidado com elas. E por essa razão, quis imprimir e mostrar ao público esses Instrumentos que tive em uso até o presente, desenhados aqui (nesta obra) e representados por suas imagens na medida em que isso pudesse se realizar sem demora ; são expostos nas páginas seguintes com uma explicação breve acrescentada a cada um. Por outro lado, cuidei para que estes instrumentos fossem colocados em ordem, seguindo por essa ordem é que coloco aqueles instrumentos que procuram com cuidado as Alturas e os Azimutes dos Astros, alguns dentre eles (instrumentos) dão a conhecer apenas as alturas, além do mais, alguns, tanto essas últimas quanto os Azimutes, enquanto precedem os menores e menos principais. Os outros, mais majestosos, e conferindo uma exata precisão vêm depois; e os oito primeiros Instrumentos lhes são desconexos; e é necessário que eu mostre e lembre ao final, um certo grande Quadrante destinado apenas às Alturas do qual me servi na minha juventude na cidade de Vindéliciens . E o que será feito para este objetivo (Quadrante) será dito em seguida. Depois seguem os Instrumentos Armilares entre os quais há primeiro as Armilas Zodiacais mostrando as longitudes e as latitudes dos astros com maior rapidez e maior exatidão, o que não foi sempre usada (exatidão) pelos antigos. Verdadeiramente, já que essas não colocam o dedo, como se diz, sobre a coisa toda em relação aos motivos expostos aqui, três outras Armilas equinociais vêm imediatamente depois, a primeira (Armila)

consiste em três círculos e um Eixo, uma outra requer quatro círculos ao mesmo tempo com o eixo, a terceira e maior, seguramente, com um círculo e meio e um eixo rígido e bem torneado, como nas outras, distingue toda a coisa, e mostra, ao mesmo tempo, o mais exatamente possível, tanto as Declinações quanto as Ascensões direitas. Dispôs, em terceiro lugar, esses instrumentos que servem para pesquisar os intervalos (de posição) dos astros, não excedendo a sexta parte do círculo e isso tanto para as maiores quanto menores distâncias a obter. E há quatro desses (instrumentos) que são relativos às distâncias; e é razoável que eu tenha vários (instrumentos) em mãos que não foram desenhados tão rapidamente quanto necessário, entre os quais há um que mede as distâncias dos astros, mesmo bem maiores que a sexta parte do círculo, e até para o próprio semi-círculo. Enfim, foi acrescentado, contrariamente à ordem anterior, um certo instrumento do qual me servi, com o qual ficou estabelecida a observação em relação à nova e espantosa estrela no Ano anterior 1572, na medida em que sua altura devia ser conhecida, sobretudo numa posição mais inclinada, e assim foi com o imenso Quadrante que mencionei antes, que tivemos o cuidado de construir muitos anos antes, nas vizinhanças da cidade principal de Vindeliciens, no jardim do Cônsul de excelente memória, Paul Haizelius, apaixonado por essas artes, enquanto esteve entre os vivos; e uma vez que não permaneceu mais tempo e que subsistiu durante cinco anos (Quadrante), não quis lhe conceder um lugar entre os outros instrumentos escrutando as Alturas, mas por causa disso (dar-lhe lugar) o substituí ao fim. E depois do Quadrante sobre o qual falei nas linhas precedentes, entretanto disposto aí de outro modo, uma breve descrição foi finalmente acrescida dos outros (meus) instrumentos acabados, que ainda não desenhei (aqui) e expus aos olhos, onde foi ainda acrescida alguma indicação de outros cujo desenho foi trabalhado com espantosa abreviação. Dou uma descrição mais completa desses últimos, tanto para os que são usados com as mãos, quanto para os outros elaborados para

uso ao tempo (interpéries), por causa da comodidade oferecida, me aplicando à concisão, já que ainda suas imagens não estariam sob os olhos, achei bom tocar (neles) em poucas palavras pelo menos nos pontos que concernem a esse trabalho. Fazemos conhecer ao fim, por formas, esse enorme Globo de latão, como um Signo que marca o fim de um livro, que contém mil estrelas Fixas localizadas por nós com a maior dedicação e precisão há vários anos, na medida em que uma coisa tão difícil e servindo a tantos usos pode ser revelada em poucas palavras. E colocamos assim o fim na descrição dos Instrumentos. Acrescentamos a tudo dentre o que foi até aqui exposto por nós, e o que resta dar ao futuro, alguma menção em poucas palavras relativas a algumas cartas de Homens Ilustres elogiando esses instrumentos, cuja construção empreendemos. Além disso, vê-se, no lugar de apêndice, que são acrescentados os edificios arquitetônicos desenhados e explicados, que fazem conhecer aos olhos, as construções projetadas e realizadas por nós, alguns anos antes, para esses usos astronômicos (Castelo dos Céus). E ainda que possa parecer não necessário para alguns, nesse lugar (Hveen), aqueles que gostariam de doar a esses edificios um verdadeiro interesse, e que seriam capazes de assegurar despesas, descobririam por si razões, sobretudo para a disposição encontrada no lugar, fácil para edificios que aparecem (nos desenhos) e para os instrumentos, mostro entretanto, antecipadamente o projeto para esses edificios (Castelo das estrelas) que foram elaborados sem interrupção por nós em torno desses instrumentos externos, pois pensei que a coisa não estaria bem lá fora (ao tempo), e seria necessário acrescentar esses edificios Astronômicos aqui (nesta obra) representados. E esses últimos (desenhos) são pelos quais esse livro termina, como será possível ver àquele que olhe o conteúdo deste livro. Se algumas outras coisas se misturaram ou se juntaram, o leitor prudente as verá facilmente por si mesmo: que a obra não me tenha por censor.

Em verdade, à Tu, Augustíssimo Imperador RODOLFO SEGUNDO, MESTRE BONÍSSIMO, dedico e consagro esse e os nossos outros trabalhos Astronômicos, com um espírito submisso, e para a atenção estudiosa do bom público. Pois Tua Majestade Imperial supera de longe o resto dos homens, pela maior proeminência; como o Céu e as coisas Celestes, terrestres e comuns, rivalizam-se pela predominância sobre o imenso, tu não ignoras, ser Tu, Majestade, o César da dignidade e do dever, e que por essa razão esses sublimes estudos devem ser estimados e favorecidos. Esse poeta Manilius parece ter voltado os olhos, enquanto escrevia sobre essa Arte Celeste, ao Monarca do Império Romano, Augusto; orna assim com esse elogio não desmerecido:

Os fatos provenientes dos fenômenos que estão mais próximos do Céu são dignos de emocionar, primeiro, os espíritos reais.

E por isso dedico a Tu, Imperador Augustíssimo, esses trabalhos nos quais esgotamos desde já numerosos anos, quase desde a infância, por um labor incansável e com uma incrível despesa, para que essa ciência Astronômica divina e antes de tudo Real, obtendo o primeiro lugar diante de todas as outras, fosse restabelecida e transmitida aos descendentes, mais precisas que jamais anteriormente, recebida com doçura, e tenho confiança que essas coisas ainda que tratadas por Estudos profundos serão em seguida o mais possível recomendadas; a fim de que a Maior Honra e Majestade de Deus, Boníssimo que deu luz sobre as coisas Celestes, diante de outros aspectos desse teatro do Mundo, muito extenso, se faça conhecer mais diretamente e por isso seja elevada e reverenciada mais pelos habitantes da terra; e além disso para que a memória e a reputação de Tua Majestade Imperial não sejam esquecidas, brilhem e subsistam pelas formas mais ilustres, para que esses trabalhos tão eminentes e quase prodigiosos sobre as coisas do Mundo, as conservem,as

mantenham em boa lembrança e as estendam à toda Posteridade, enquanto o Sol e as Estrelas durarem. Pois, a essas únicas coisas que são duráveis e permanentes, como as Celestes, é dado acrescentar nome e honra duráveis e permanentes; como os outros Sublunares e terrestres estão sujeitos a múltiplas mudanças, ainda assim a glória é procurada a partir delas, frágil, indecisa e incerta (a glória), não comparável à eternidade, como essas coisas Celestes das quais falo. Que seu autor o enorme e incompreensível juiz convenha de conferir à tua Majestade Imperial um bom espírito, a saúde do corpo, a paz e a abundância dos bens desse Mundo com um governo tranqüilo e feliz, principalmente na sua glória e na ilustração das coisas fundadas por si, e a vantagem de teus assuntos, o que imploro e desejo humildemente e sinceramente. Que Tua Majestade Imperial esteja bem e que receba com Bondade esse pequeno presente desse Ano novo, que apresento com deferência; essas linhas estavam dedicadas desde a Cidadezinha de Henry de Rançon em Wandesbourg, que está perto de Hamburgo, na fronteira da Alemanha e da Chersonese Cimbrique, às vésperas das Calendas (*) de Janeiro do ano ordinário 1598 da Época Cristã.

(*) O primeiro dia de cada mês entre os Romanos.

ANEXO - A1.4

**AUTO-BIOGRAFIA (PARCIAL) DE TYCHO BRAHE
PUBLICADA EM SUA OBRA “ASTRONOMIAE INSTAURATAE
MECHANICA”, DE 1598.**

SOBRE AQUELES INSTRUMENTOS ASTRONÔMICOS
DOADOS POR DEUS E QUE AINDA RESTAM EXPOR ATÉ HOJE;
DORAVANTE OS ESGOTAMOS QUAISQUER QUE SEJAM,
O MESMO DEUS SENDO FAVORÁVEL*

TYCHO BRAHE**

1598

No ano de 1563 do Senhor, já decorridos cerca de 35 anos, tempo aquele em que houve a grande conjunção dos Planetas superiores (Saturno e Júpiter), ao redor do fim de Câncer e do início de Leão, perto do décimo sexto ano completo de nossa existência (Tycho), eu estudava Letras Humanas em Leipzig com um preceptor que me orientava (Vedel) indicado por meu ilustríssimo tio paterno Georges BRAHE falecido há cerca de 30 anos(1565). De fato, meu pai OTTO BRAHE , de honrada memória, desejou que seus filhos, em número de cinco, sendo eu o mais velho, fossem muito pouco impregnados pelas letras latinas, do que depois se arrependeu. Na verdade, o dito tio havia-me educado desde a infância (1547) e manteve-me por sua vontade até a idade dos dezoito anos, sempre me tomando em lugar de filho, e decidira me adotar como herdeiro. Pois sua esposa era estéril, tendo tomado (Georges) por mulher a Nobilíssima e Perpícaz Dama INGERA D'OXFORD, irmã do grande PIERRE D'OXFORD, depois

(*) O título apresentado por Tycho Brahe, para sua auto-biografia, significa que foi escrita como uma introdução para a obra "Astronomiae Instauratae Mechanica" (1598), onde Tycho descreve os instrumentos e as instalações em Hveen.

(**) A auto-biografia de Tycho Brahe, escrita entre 1597 e 1598, foi publicada em 1598 em Wandsberg, e está contida em sua obra "Astronomiae Instauratae Mechanica". Neste estudo, é apresentada uma versão parcial da original em latim, com base nas traduções para o francês e para o inglês, observando os cuidados declarados pelos tradutores, no sentido de manterem-se fiéis à linguagem dos textos originais.

conselheiro na corte do Reino da Dinamarca, morto há cinco anos (Pierre); esta (Ingera) ainda amou-me com um amor singular, como a um filho enquanto vivera. Ela esteve também, durante doze anos, na Casa da Rainha, no tempo do Rei FREDERICO II, de louvável memória; foi Conselheira na Corte (Ingera) durante oito anos, tendo sido sucedida no mesmo cargo pela minha muito querida e honradíssima mãe, BIENHEUREUSE BILLE que vive ainda, pela graça de Deus, tendo 71 anos de idade (em 1598).Então houve uma decisão do Destino, na qual meu tio (jörgen) me levou para viver com ele, ainda na infância mais antiga. E assim foi feito, com um certo cuidado especial, para que eu me empenhasse no estudo do latim desde os 7 anos de idade até os 14 anos, em seguida fui levado por meu tutor por ordem de meus pais (adotivos)para Leipzig (1562) para continuar os estudos, onde fiquei durante três anos. Reafirmo os fatos acima, para que fique evidente que estive aplicado, nessa ocasião, primeiramente, aos nobres estudos e debrucei, em seguida, o espírito sobre os estudos Astronômicos; reafirmo com a finalidade de lembrar bem, no meu espírito, o reconhecimento à memória, que tenho, dos méritos de meus pais em relação a mim. Na verdade, mesmo antes, na minha Pátria Dinamarquesa, a partir dos livros, sobretudo as Efemérides, havia estabelecido alguns fundamentos dos Rudimentos de Astronomia, a qual me consagrei por certa inclinação natural; em Leipzig, constrangido e oferecendo resistência ao preceptor, que teria preferido que eu me dedicasse à Jurisprudência, fazendo a vontade de meus pais, a partir de livros comprados às escondidas, consegui trabalhar cada vez mais a Astronomia, no entanto secretamente, a fim de que o Preceptor não percebesse; e logo consegui, passo a passo, ganhar a experiência de discernir os Astros do Céu, e todos eram oportunamente examinados sob o Horizonte, com a ajuda de um pequeno Globo, semelhante ao punho, que tinha o costume de carregar comigo, secretamente, à noite; aprendi em um mês, por meu próprio esforço e ninguém me ensinou, da mesma forma como, não tive preceptor em matemática. De resto, progredi nisso mais rápida e

fortemente. Aplicar-me-ia cedo ainda aos movimentos dos planetas. E visto que eu observava seus movimentos junto com os das estrelas fixas, em seguida, por meio de linhas traçadas de um lado a outro (entre o planeta e uma estrela fixa), ou por esse pequeno Globo, percebi que seus lugares celestes não estavam de acordo, fosse pelo cálculo de Alphonsin (das tábuas Alfonsinas), fosse pelo cálculo de Copérnico - aroximavam-se mais do segundo do que do primeiro -; apliquei-me em seguida mais atentamente a anotar, no decorrer dos dias, suas posições aparentes, e depois coloquei em confrontação com o cálculo das tabelas Prutênicas, havia efetivamente me familiarizado com isso por meus próprios estudos, não confiando nas Efemérides (de Jean Stadius 1527 - 1579): pois as descobrira (Efemérides) negligentes e defeituosas, em vários pontos, com relação às Posições que eram derivadas desses Números. Mas já que eu não tinha nenhum instrumento à mão e que o Preceptor se recusava a dá-los, desde o começo com um compasso um pouco maior, prosseguia as observações tanto quanto podia ser feito, quero dizer, seu vértice sendo aplicado ao olho e uma (ou outra) perna sobre o Planeta a ser observado e (a outra) sobre alguma estrela fixa vizinha em linha reta, procurava com cuidado, metodicamente, os graus interceptados entre eles (pelo compasso) ou ainda para tomar assim, segundo a grandeza do Círculo, as distâncias de Planetas entre si. Por outro lado, ainda que esse método de observação não fosse bastante exato, no entanto a partir daí fui levado a notar manifestos e intoleráveis erros de cálculo de um e de outro (Alphonsin e Copérnico). A conjunção do ano de 1563, da qual falei no início, produziu a observação de muitas variações nos movimentos (já anteriormente observados) de Saturno e Júpiter, por isso meditei o melhor possível sobre ela: já que esta (a conjunção) induziu a um erro nos números de Alphonsin de um mês inteiro, e alguns dias nos de Copérnico, se bem que um pequeno número (de dias). De fato, este fenomeno para esses dois Planetas, não está muito longe da regra do céu, sobretudo no ponto em que eu jamais notara que Saturno tenha divergido no cálculo de Copérnico em mais da

metade de um Grau ou até de dois terços; Júpiter traz, às vezes, uma divergência maior. Em seguida, no ano de 1564, executo; (observações) às escondidas, com uma Vara Astronômica feita madeira, a partir do modelo de Gemma de la Frise, que Bartholemi Scultet havia dividido com cuidado por meio de pontos transversais, estes ensinados por seu professor Homelius, que então vivia ainda em Leipzig e me era familiar por causa dos estudos comuns (com Scultet). Essa Vara Astronômica estando comigo, dei sequência, com atenção cuidadosa, às observações dos Astros, todas as vezes que um céu sereno (claro) era permitido e, muitas vezes, apliquei-me durante a noite toda, o Preceptor dormindo e ignorando, da janela de um andar alto (observando), para medir distâncias entre estrelas, e as escrevi em particular sobre um pequeno livro que conservo ainda hoje. De outro lado, percebi, pouco depois, que os Ângulos das distâncias, de forma diversa, quando considerados iguais e conforme distâncias iguais na Vara Astronômica, e depois relançados Geometricamente nos números, ao aplicar a Regra das proporções, não concordavam consigo mesmo de nenhum modo. É por este motivo que, por ocasião da procura do erro, inventei uma pequena Tabela pela qual me foi permitido corrigir os defeitos dessa Vara. Na verdade, esta oportunidade mostrou-se a mim mas não foi possível confeccionar uma nova. Pois o Preceptor, que estava no controle do dinheiro, não permitiu que eu a fabricasse. E assim, enquanto eu estava em Leipzig e depois ainda tendo retornado à Pátria, prosseguia, com essa Vara, em inúmeras observações. Depois, partindo novamente para a Alemanha, primeiro em Wittemberg (1566) e depois em Rostok (1566), dedicava-me aos Astros tanto quanto me era permitido. Mas, em 1569 e no ano seguinte, encontrava-me em Augsbourg, observando com o grande Quadrante que construímos fora da cidade, no jardim do Cônsul, e observava também, freqüentemente, os Astros com um outro Instrumento, um Sextante em madeira montado por nós, e eu anotava as observações em um livro particular; o que fiz depois tendo voltado à Pátria, dedicadamente com um outro (sextante) semelhante, mas um

pouco maior; sobretudo quando admirei aquela nova estrela, que brilhou no ano de 1572 e me lembrou os trabalhos Pirotécnicos empreendidos em Augsbourg e continuados então, dos quais (trabalhos pirotécnicos) me valia muito para entender as coisas celestes; e tendo observado com dedicação, a descrevi fielmente e com cuidado, primeiramente na época, em um certo pequeno livro, e depois em um volume inteiro. Depois, cuidei para que sucessivamente cada um dos Instrumentos Astronômicos fossem confeccionados, dos quais levei alguns comigo, viajando através de toda a Alemanha e parte da Itália (1575), onde não abandonei, em meio a viagem, as observações dos Astros cada vez que a oportunidade era dada. Enfim, na verdade, tendo voltado com cerca de 28 anos (1575), construí um pouco depois os meus instrumentos, secretamente, para outra viagem mais longa. De fato, decidi fixar-me em Bâle ou nas vizinhanças, que já havia antes explorado com essa intenção, para minha morada, a fim de que me dedicasse aos fundamentos da Astronomia renovada. De fato, esse lugar me agradou dentre os outros da Alemanha, de um lado por causa da célebre Academia e de homens sábios, de maneira notável nesse lugar, de outro, por causa da salubridade do ar e pela comodidade do tipo de vida: porque Bâle estava como que no encontro das três mais vastas regiões da Europa, a Itália, a França e a Alemanha; e assim seria permitido fazer nascer pelas letras, de um lado ao outro, a familiaridade com muitos homens ilustres e eruditos, e de facilitar mais amplamente o uso público de minhas invenções. Pois eu pressentia que não poderia cultivar com cuidado esses estudos tão adequadamente na Pátria, sobretudo se ficasse fixado na Scania, lugar de meu feudo de Knudstrup ou quem sabe, em uma importante parte da Dinamarca onde havia uma afluência numerosa de Nobres e Amigos que seriam um impedimento por interromperem a atividade filosófica. Certamente, enquanto eu desejava isto com espírito secreto, um fato aconteceu quando eu já me preparava para a viagem, sem que eu esperasse o Muito Favorável e Todo Poderoso Rei da Dinamarca e da Noruega, Frederico II, de muito

louvável memória, enviou-me um de seus Nobres Filhos a Knudstrup com as letras Reais (em 1576) ordenando que eu fosse logo ter com ele, em algum lugar onde ele estaria na Zelândia. Então, após ter comparecido ao local, esse boníssimo Rei e jamais louvado o suficiente, espontaneamente ofereceu-me, por sua clemente vontade, essa Ilha do famoso Detroit Dinamarquês, dita de Hveen por nossos compatriotas, que se acostumou chamar em latim Venusia, e que os estrangeiros nomeavam Escarlata ; e pediu que eu cuidasse para que fossem construídos os edifícios e os Instrumentos necessários para os exercícios Astronômicos, depois igualmente para os trabalhos Pirotécnicos; assumindo, clemente e deliberadamente às suas custas (do Rei), de tudo que deveria ser provida. E assim, tendo gasto algum tempo pensando a questão, e tendo me aconselhado com pessoas Prudentes, consenti, sem arrependimento, mudado o primeiro convite por vontade Real (oferta de outros Castelos), sobretudo porque uma vez que estivesse nessa Ilha, situada entre a Scania e a Zelândia livre em especial do ruído e das visitas, e que a oportunidade que eu procurava a tempos, podia, assim, ser a mim concedida ainda na Pátria, à qual devemos mais do que a outras regiões. Comecei logo à construir o lugarejo de Uraniburgo, próprio às coisas Astronômicas, no ano de 1576 e, sucessivamente, fui fazendo tanto os edifícios quanto os Instrumentos Astronômicos variados, próprios a empreender, com cuidado, as observações Astronômicas, cuja parte principal foi desenhada e explicada nesse livro (*"Astronomiae Instauratae Mechanica"*). Durante esse tempo, cuidava ainda ativamente das observações e numerosos sábios a seu serviço (do Rei) foram chamados, notáveis pela penetração do espírito e visão, que mantive (em Hveen) uns depois dos outros nesse lugar, e que instruí nessas disciplinas (Astronomicas) e em várias outras matérias Filosóficas. Assim foi feito pela benevolência de Deus, e obtivemos essas numerosas e exatíssimas observações Astronômicas celestes; e isso tanto para as estrelas fixas quanto para todas as estrelas errantes, e depois, em seguida, para os cometas do Céu durante o tempo

em que brilhavam, e anotamos com cuidado sete deles (em Hveen). De outra parte, dessa mesma maneira, observações cuidadosas de 21 anos foram prosseguidas aí (Hveen) as quais tivemos o cuidado de juntar no fim do ano (1597) e de transcrever para o mundo, de início inscritas (as observações) em grandes volumes, depois em particular em cada livro (anualmente); e prossegui isso com uma disposição tal que as estrelas fixas, separadamente, tantas quanto fossem observadas até este ano (1597), tivessem seu lugar. Também para que todos os Planetas, começando pelo Sol e pela Lua, tivessem seu próprio lugar particular, distintamente, passando pelos cinco Planetas restantes até Mercúrio. De fato, não deixamos nem esse último sem observação, ainda que estivesse bem raramente acessível. Ainda mais observações (de Mercúrio) foram anotadas, dedicadamente por nós (quase) a cada ano, tanto pela manhã, quanto à noite. Copérnico, ilustre tanto quanto se quisesse, desculpou-se de não tê-lo observado (Mercúrio) por causa da excessiva latitude e dos vapores do rio Vistule, mas, no entanto, nós o observamos e medimos, com elevada latitude e na Ilha, rodeada por todos os lados por um mar quase sempre muito vaporoso. Mas a casa de Copérnico não estava localizada de modo a oferecer um Horizonte livre por todos os lados, e por essa razão, foi menos oportuna para as observações, especialmente para baixas altitudes. O que me foi relatado por um Sábio por mim enviado lá 14 anos antes (1584), para examinar a altitude do Pólo. É por isso que Copérnico, tendo abandonado as observações corretas de Mercúrio, foi levado a usar algumas medidas do livro de Observações de Gualteri, aluno de Regiomontanus e cidadão de Nurembergue; é possível que não as aplicou (as medidas) tão fiel e precisamente aos seus princípios e Demonstrações; no entanto devia-se esperar que para os outros Planetas (usando suas observações) ele tivesse trabalhado com uma grande e audaciosa tentativa de restabelecer suas opiniões, o que ele não alcançou, senão conservando tudo muito mais incerto. Então, certamente, teremos agora (por Tycho) seus Apogeus e Excentricidades

(dos Planetas), conduzindo tudo a um ponto muito mais correto; e eu teria podido economizar enormes e infatigáveis trabalhos de muitos anos e de imensos gastos. É fato, uma vez que tenho em mãos, conquistadas do céu, as observações muito escolhidas e cuidadosas de 21 anos por Instrumentos diversos e fabricados com a arte que mostramos nas páginas precedentes não digo nada agora sobre as observações dos 14 anos anteriores : guardo nesse lugar (Wandsberg) estas (medições) como um raro e preciosíssimo tesouro, que no entanto faria todas (as medidas) de Direito de Domínio Público, talvez um dia desses, quando a Divina clemência permitir que lhes acrescente várias outras (medidas).

É evidente por todos estes motivos, que ganhei experiência, desde meus 16 anos de idade, nas observações dos Astros, e continuei essas (observações) até aqui durante 35 anos contínuos, entre os quais umas são mais seguras e importantes do que outras. De fato acostumei a chamar de duvidosas as que persegui de início, na juventude, em Leipzig e até cerca de vinte anos de idade. Seguramente, chamo jovens e medíocres aquelas que obtive em seguida, até os 28 anos. De outro lado, penso e chamo viris, seguras e muito confiáveis as terceiras que medi em seguida com maior dedicação e com os Instrumentos muito exatos de Uraniburgo, em idade madura, quase durante 21 anos, até os 50 anos completos de idade (março de 1597, paritu de Hveen). E ainda apoiei-me o mais possível sobre essas (as de Uraniburgo) para estabelecer e construir, por penosos esforços, a renovação da Astronomia, e é possível que algumas das observações dos anos precedentes não conduziram pouco a isso. E na verdade todas essas coisas dentre a obra de Deus, que sustentamos e temos por estabelecidas até aqui e as que ainda restam, cada uma (das coisas da obra de Deus), a prosseguir até o fim e realizar(o entendimento), no porvir, através do benefício de sua Onipotência, estão desse modo (hoje) (*) :.....

(*) Dando continuidade a sua auto-biografia, Tycho passa a tecer comentários específicos sobre seus avanços em astronomia e tece, também, comentários sobre a astrologia.

ANEXO - A1.5

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE JOHANNES KEPLER

A1.5 - ALGUMAS PALAVRAS SOBRE JOHANNES KEPLER

A vida e obra de Johannes Kepler foram muito intensas, com oscilações marcantes. Tanto a vida como a obra de Kepler, tem sido objeto de inúmeros estudos. Neste estudo, Kepler surge em 1597, com a publicação do “Mistério Cósmico” e com o envio de uma cópia para Tycho Brahe. Estas poucas palavras sobre Kepler, neste anexo, têm o único objetivo de apresentá-lo, antes de 1597 e indicar sua trajetória depois de 1601, ano da morte de Tycho Brahe, sob o ponto de vista cosmológico de sua obra.

Johannes Kepler nasceu em 27 de dezembro de 1571, no sul da atual Alemanha, que naquela época pertencia ao Sacro Império Romano, em uma cidade chamada Weil-der-Stadt, região da Swabia. Era filho de Heinrich Kepler, um soldado, e de sua esposa Katharina, cujo sobrenome de solteria era Guldenmann. Seu avô paterno, Sebald Kepler, era burgomestre da cidade, apesar de ser protestante (Luterano), numa cidade católica. Esta era a época da Renascença e da Reforma Protestante.

Por ter saúde frágil e pelas poucas condições financeiras da família, foi enviado ao seminário para seus estudos. Em setembro de 1588, Kepler passou no exame de admissão ao bacharelado, da Universidade de Tübingen, e iniciou seus estudos em setembro de 1589, onde estudou teologia no seminário Stift. Em agosto de 1591 foi aprovado no mestrado, completando os dois anos de estudos restantes em Artes, que incluía grego, hebreu, matemática e astronomia. Iniciou então os estudos em grego e outras disciplinas. Em matemática e astronomia foi aluno de Michael Maestlin, aprendendo com este as idéias de Copérnico. Kepler foi convidado a ensinar matemática no seminário protestante de Graz, na Áustria, onde chegou em abril de

1594. Seu trabalho, além de ensinar matemática , que se ligava com a astronomia, também incluía a posição de matemático e calendarista do distrito.

Naquela época, o calendarista deveria prever o clima, dizendo qual a melhor data para se plantar e colher, prever guerras e epidemias e mesmo prever eventos políticos . Kepler fazia os calendários porque era sua obrigação, mas tinha sérias restrições à sua veracidade, dizendo por exemplo : *“Os céus não podem causar muitos danos ao mais forte de dois inimigos , nem ajudar o mais fraco Aquele bem preparado, supera qualquer situação celeste desfavorável.”* Kepler usava calendários para sugerir cuidados, disfarçados como prognósticos, para prevenir doenças.

No início de 1597, Kepler publica seu primeiro livro, cujo título abreviado é “Mistério Cósmico”. Neste livro, defendia o heliocentrismo de Copérnico e propunha que o tamanho de cada órbita planetária é estabelecido por um sólido geométrico (poliedro) circunscrito à órbita anterior. Este modelo matemático poderia prever os tamanhos relativos das órbitas. Kepler enviou um exemplar para Tycho Brahe, que respondeu que existiam diferenças entre as previsões do modelo de Kepler e suas medidas.

Em setembro de 1598, o arquiduque da Áustria, príncipe Fernando de Habsburgo, líder da Contra Reforma Católica, fechou o colégio e a igreja protestante em Graz e ordenou que todos os professores e padres deixassem a cidade imediatamente. Kepler foi autorizado a retornar a cidade de Graz, como matemático do distrito, onde permaneceu até 11 de janeiro 1600, quando abandonou definitivamente a cidade por recusar-se a se converter ao catolicismo.

Em 1599 o imperador Rodolfo II, da Bohêmia, convidou Tycho Brahe para ser o matemático da corte em Praga. Em 4 de fevereiro de 1600, Kepler e Tycho se encontraram pela 1ª vez no Castelo de Benatky, em Praga, que o imperador havia colocado à disposição de Tycho. Kepler sabia que somente com os dados de Tycho Brahe poderia resolver as diferenças entre os modelos e as observações. Tycho, como vimos, não acreditava no modelo de Copérnico.

Kepler começou a trabalhar com Tycho Brahe em Benatky. Em setembro de 1601 Kepler retornou a Graz para receber a herança de seu sogro. Tycho já havia instalado seus instrumentos, que haviam sido trazidos de Hveen. Tycho apresentou Kepler ao Imperador, que o contratou como assistente de Tycho. Logo depois, em 24 de outubro de 1601, morre Tycho. Dois dias depois, o imperador nomeou Kepler como matemático Imperial, cargo que ocupou até 1612.

Em outubro de 1604 Kepler observou uma nova estrela na Constelação de Serpentarius que coincidiu com a conjunção de Saturno, Jupiter e Marte. Kepler imediatamente publicou um pequeno trabalho sobre ela, mas dois anos depois, em 1606, publicou um tratado, chamado de “De Stella Nova” descrevendo o decaimento gradual da luminosidade, a mudança na cor, e considerações sobre sua distância, o que a colocava junto com as outras estrelas fixas.

Em 1609 publica “Nova Astronomia”, uma de suas mais importantes obras. Kepler trabalhou nesta obra de 1600 a 1606, sem interrupções, e nela contém as duas primeiras das três leis planetárias : Os planetas giram em torno do Sol, não em círculos, mas em órbitas elípticas ovais, sendo que um dos focos da elipse é ocupado pelo Sol; o planeta não se move, em sua órbita, com velocidade constante, mas de maneira que uma linha traçada do planeta ao Sol cubra, sempre, áreas iguais em tempos iguais ; A terceira lei, formulada

por Kepler em 1618 diz que o quadrado do período (tempo para uma volta completa) é proporcional ao cubo do semi-eixo maior da elipse.

Em 1610, Kepler leu o livro “Mensageiro das Estrelas”, de Galileu Galileu (1564 - 1642), que trazia novas descobertas com o uso do telescópio, e escreveu uma longa carta publicada como “Conversação com o Mensageiro das Estrelas”, apoiando Galileu. De 3 a 9 de agosto de 1610, Kepler usou um telescópio emprestado pelo Duque da Baviera, Ernest Cologne, para observar os satélites de Júpiter; telescópio este dado ao Duque por Galileu. Em função destas poucas observações, Kepler publicou “Relatório de observação dos quatro satélites errantes de Júpiter”. Estas obras deram um grande suporte as idéias de Galileu, cujas descobertas eram negadas por muitos. As duas obras foram republicadas em Florença.

Entre 1618 e 1621 Kepler publicou os volumes do “Compendio da Astronomia Copernicana”, que se tornou a mais importante obra da Astronomia Kepleriana, e um livro texto de grande uso. A primeira parte do Compendio, publicada em 1618, foi colocada no Index de livros proibidos pela Igreja Católica, em 10 de maio de 1619. A proibição por parte da Igreja Católica às obras sobre o modelo heliocêntrico começou com a publicação, em 1610, do livro “Mensageiro das Estrelas” de Galileu, livro este que despertou o interesse do povo. A razão da proibição era que na Bíblia está escrito: “Deus colocou a Terra em suas fundações, para que nunca se mova”.

Em 1618 Kepler terminou “Harmonia do Mundo”, publicado em 1619, em que afirma que as distâncias heliocêntricas dos planetas e seus períodos estão relacionados pela Terceira Lei.

A partir de 1615 houve uma real caça às bruxas em Well der Studt e Kepler defendeu sua mãe num processo em que ela era acusada de bruxarias. O processo se estendeu até 1620, quando ela foi

presa, torturada e finalmente libertada em 1621, com 74 anos de idade. Em 1623, Kepler iniciou os trabalhos para imprimir as “Tabelas Rudolfianas”, em Linz, baseadas nas observações de Tycho Brahe e calculadas de acordo com suas órbitas elípticas. Estas tabelas incluíam a posição dos planetas e cálculos de eclipses. Por ocasião da rebelião de camponeses de 1626, Linz foi tomada e a oficina de impressão foi queimada com ela boa parte da edição já impressa. Kepler e sua família deixaram Linz em 1626. Sua família ficou em Regensburg, enquanto ele mudou-se para Ulm com o objetivo de imprimir as “Tabelas Rudolfianas”, finalmente publicadas em 1627. Essas tabelas mostraram-se precisas por um longo período, motivando a aceitação do sistema heliocêntrico. Kepler falece em 15 de novembro de 1630, tendo sido sepultado no cemitério de São Pedro, que foi destruído na guerra dos 30 anos. Entretanto, resta o epitáfio que ele próprio compôs :

*“ Mensus eram coelos, nunca terrae metiar umbras
Mens coeles erat, corporis umbra iace ”*

*“ Os céus medi, e agora meço as sombras, minha alma
ao céu esteve sempre prêsa, e agora prêso à terra jaz
meu corpo ”*

ANEXOS DA SEGUNDA PARTE

**(SOBRE O EXISTENCIALISMO-PRIMEIRO APRESENTADO
POR SÖREN AABYE KIERKEGAARD)**

ANEXO - A2.1

BREVE COMENTÁRIO SOBRE A OBRA “O DESESPERO HUMANO, DOENÇA ATÉ A MORTE” APRESENTADA POR SÖREN AABYE KIERKEGAARD, EM 1849

2.1 - BREVE COMENTÁRIO SOBRE A OBRA “ O DESESPERO HUMANO, DOENÇA ATÉ A MORTE”, APRESENTADA POR SÖREN AABYE KIERKEGAARD, EM 1849.

Uma das obras mais importantes de Kierkegaard é “O Desespero Humano, Doença até a Morte” , de 1849. Nas últimas linhas do prefácio, diz Kierkegaard :

“.... Quanto ao resto, uma última observação, sem dúvida supérflua, mas que não quero deixar de fazer : quero acentuar por uma vêz qual a acepção que tem a palavra desespero em todas as páginas que se seguem; como o título indica, ele é a doença e não o remédio. É essa sua a dialética. Tal como na terminologia cristã, a morte exprime miséria espiritual, se bem que o remédio seja precisamente morrer, morrer para o mundo....”.

Para Kierkegaard, morrer para o mundo significa deixar seu projeto finito para participar, fora, de Seu Projeto infinito.

Para Kierkegaard,

“.... O Homem é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e necessidade, de anjo e de animal, de alma e de corpo, é em suma, uma síntese. Uma síntese é uma relação de dois termos. Sob este ponto de vista, o eu não existe ainda Se a relação se conhece a si própria, esta última relação que se estabelece é um terceiro termo e temos então o eu, o espírito...”.

Para Kierkegaard, o Indivíduo é espírito, isto é, o espírito é o eu . O eu é uma relação que não se estabelece com qualquer coisa alheio a si, mas consigo própria:

“.... mais e melhor do que na relação propriamente dita, ele (eu) consiste no orientar-se dessa relação para a própria interioridade. O eu não é uma relação em si, mas sim o seu voltar-se sobre si própria, o conhecimento que ela (a relação) tem de si própria depois de estabelecida”.

Para Kierkegaard,

“.... A ligação da alma (infinito) e do corpo (finito) é uma simples relação, entretanto , se esta relação tem consciência de si mesma, temos o eu, o espírito.....”.

O que Kierkegaard quer nos dizer, é que a alma (o infinito) volta-se sobre a síntese, tem consciência da finitude do corpo e da não conciliação e temos o eu.

Para Kierkegaard, uma relação (eu) que se orienta sobre si própria, não pode ser estabelecida senão por si ou por outro (Autor) e ainda, o eu do Indivíduo é a relação estabelecida não apenas consigo mesma, mas com outrem e por este motivo experimentamos a vontade desesperada de sermos nós próprios. Para Kierkegaard este desespero é a dependência (o depender de) do eu, isto é, a incapacidade do eu, por suas próprias forças, conseguir o equilíbrio e o repouso, (a conciliação) isto é, não lhe é possível na sua relação consigo próprio, senão relacionando-se (a dependência) com outrem (o seu Autor) com paixão. E Kierkegaard nos diz :

“... Eis a fórmula que descreve o estado do eu , quando deste se extirpa completamente o desespero : orientando-se para si próprio, querendo ser ele próprio, o eu mergulha, através da sua própria transparência, até o Poder que o Criou....”

A superioridade do Indivíduo sobre o animal está em poder o Indivíduo desesperar-se e, segundo Kierkegaard, o cristão é

superior ao Indivíduo comum porque desespera-se com consciência. Desta forma, afirma Kierkegaard, há uma infinita vantagem em desesperar, e, contudo o desespero é a nossa miséria.

De onde vem então o desespero ? Pergunta Kierkegaard. O desespero vem do eu , do espírito. Este é o desespero do eu que quer ser ele próprio. O desespero é a discordância do eu na relação com a síntese.

Como a síntese é não conciliável, aí reside a discordância do eu que quer desesperadamente ser ele próprio. O eu quer ser infinito, daí o desespero.

Para Kierkegaard, só se estabelece a quase conciliação quando o eu se relaciona com seu Autor e isto se dá quando Ao eu mergulha, através da sua própria transparência, até o Poder que o Criou A. Esta quase conciliação é o repouso, que só o Cavaleiro da Fé pode alcançar.

Kierkegaard apresenta a seguinte questão: este desespero é uma vantagem ou uma imperfeição? Nos responde que trata-se de ambas, em pura dialética. Ainda , diz Kierkegaard que, sem pensar num caso real, deveríamos julgá-lo como uma grande vantagem, porque este sofrer deste mal coloca-o acima do animal, progresso que o distingue muito mais do que o caminhar ereto.

O desespero não é consequência ou discordância, mas consequência do eu . O desespero é característica do eu que se forma quando a síntese tem consciência de si própria. Para Kierkegaard só o Indivíduo pode desesperar-se:

“..... Porque bem longe dele (desespero) se morrer, ou de que esse mal leve à morte física, a sua tortura, pelo contrário, está em não se poder morrer,

como se debate na agonia o moribundo sem poder acabar. Assim, estar mortalmente doente é não poder morrer”.

Podemos dizer que:

O cavalo não se desespera.

A pedra não se desespera.

Deus não pode se desesperar.

Só o homem se desespera.

Esta é uma das condições humanas de Kierkegaard:
o desesperar.

Para Kierkegaard, a condição humana a que o Indivíduo está sujeito, é:

O desespero de querer ser a síntese não conciliável, como obra do Autor.

O pavor de sua finitude.

A ansiedade de conhecer sua impotência para superar, por si próprio, o desespero e o pavor.

Para Kierkegaard :

“.... Quem desespera não pode morrer ; assim como um punhal não serve para matar pensamentos, assim também o desespero, verme imortal, fogo inextinguível, não devora a eternidade do eu , que é o seu próprio sustentáculo....”.

Para Kierkegaard, como o eu é voltado para si próprio, o desespero, a discordância, é destruição de si próprio (a relação, o eu), mas é impotente e não atinge a destruição.

E a própria impotência é outra forma de destruição.
Diz Kierkegaard:

“... eis o ácido, a gangrena do desespero, esse suplício cuja ponta, dirigida sobre o interior, nos afunda cada vês mais na auto destruição impotente”

Assim é o desespero, essa enfermidade do eu , Aa doença mortal A. Mais do que em nenhuma outra enfermidade, é o mais nobre do eu que é atacado pelo mal; mas o Indivíduo não pode dela (a enfermidade) morrer. A morte não é neste caso o termo da enfermidade : é um termo interminável. Salvar-nos dessa doença, nem a morte (morte por desespero) o pode, pois aqui a doença, com seu sofrimento, é não poder morrer. (tornarmo-nos totalmente finitos).

E segue Kierkegaard :

“.... E porque nos espantaremos deste rigor? Pois que este eu, nosso ter, nosso ser, é ao mesmo tempo a suprema, infinita concessão de eternidade ao Indivíduo e a garantia que tem sobre ele (o desespero)”.....

Kierkegaard nos diz que o desespero, esta característica do eu , representa nosso ponto de contato com a infinitude.

Afirma Kierkegaard,

“... conhecendo bem o Indivíduo, nem um só existe que esteja isento de desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia, um receio de não se sabe o quê, de desconhecido, ou que ele nem ousa conhecer, receio de uma eventualidade exterior ou receio de si

próprio o desespero na verdade é universal Não é ser desesperado que é raro, raríssimo, é realmente não o ser”.

Kierkegaard, quando fala de que raríssimo é não o ser, refere-se ao cristão verdadeiro, agraciado com o milagre da fé.

Para Kierkegaard, o eu é formado de finito e infinito, de corpo e alma. Mas a síntese de finito e infinito é uma relação que se relaciona consigo própria, que é a liberdade. O eu é liberdade. A consciência é liberdade. Mas a liberdade é a dialética das duas categorias do possível, isto é, das possibilidades e das necessidades. Quanto mais consciência houver, tanto mais eu haverá, e mais vontade do eu querer ser ele próprio, portanto mais desespero.

Nos diz Kierkegaard:

“... O eu é a síntese consciente de infinito e de finito em relação com ela própria. Mas tornar-se si próprio, é tornar-se concreto, coisa irrealizável no finito e no infinito, visto o concreto em questão ser uma síntese não conciliável. A evolução consiste em afastar-se indefinidamente de si próprio, numa infinitização...”.

O eu que não se torna ele próprio, permanece desesperado; o eu que está em evolução, está em evolução a cada instante da sua existência, e não é senão o que será, enquanto não consegue tornar-se ele próprio. Mas não ser ele próprio é o desespero.

Por outro lado, Kierkegaard aponta para o Autor, para a conexão entre o Indivíduo e o Autor, com paixão; este é o Cavaleiro da Fé, que participa da Infinitude do Seu Projeto, onde a fé pode surgir e onde a finitude, como parte do projeto do Autor, passa a ter sentido infinito.

ANEXO - A2.2

KIERKEGAARD E O PARADIGMA DA FÉ

A2.2 KIERKEGAARD E O PARADIGMA DA FÉ

Para Kierkegaard, o paradigma da fé está na história bíblica de Abraão que posto à prova por Deus, vencida a tentação sem perder a fé, recebia, contra toda a expectativa, o seu filho pela segunda vez :

“... E Deus pôs Abraão à prova e disse-lhe : toma seu filho, o teu único filho, aquele que amas, Isaac; Vai com ele ao país de Morija e, ali oferece-o em holocausto sobre uma das montanhas que te indicarei ()”.*

Diz Kierkegaard (**)

“... Os grandes Indivíduos hão de sobreviver na memória dos vindouros, mas cada um deles foi grande pela importância do que combateu. Porque aquele que lutou contra o mundo, foi grande triunfando sobre o mundo; o que combateu consigo próprio foi grande pela vitória que alcançou sobre si; mas aquele que lutou contra Deus foi o maior de todos. Tal é a suma dos combates travados na terra; Indivíduo contra Indivíduo, um contra mil; mas aquele que luta contra Deus é o maior de todos. Tais são os combates deste mundo : um chega a termo usando a força, o outro desarma Deus pela sua fraqueza. Viu-se os que se apoiaram em si próprios, de tudo triunfarem e os outros, fortes de sua força, tudo sacrificarem; mas o maior de todos foi o que acreditou em Deus. E houve grandes Indivíduos, pela sua energia, sabedoria, esperança ou amor; mas Abraão foi o maior de todos : grande pela energia cuja força é a fraqueza, grande pelo saber cujo segredo é loucura, grande pela esperança cuja forma é a demência, grande pelo amor que é o ódio a si mesmo”.

(*) Extraído de “Temor e Tremor” ; No último instante, Deus deteve a mão de Abraão e Isaac não foi sacrificado.

(**) Kierkegaard, Sören ; em “Temor e Tremor”.

Nos ensina Kierkegaard (*) :

“ ... É agora meu propósito extrair de sua história (Abrahão), a dialética que comporta, para ver que inaudito paradoxo é a questão da fé, paradoxo capaz de fazer de um crime um ato santo e agradável a Deus, paradoxo que devolve a Abrahão o seu filho, paradoxo que não pode reduzir-se a nenhum raciocínio, porque a questão da fé começa precisamente onde acaba a razão (no absurdo)”.

(*) Kierkegaard, Sören; em “Temor e Tremor”.

ANEXOS DA TERCEIRA PARTE

**(SOBRE AS PSICOLOGIAS MODERNA E PÓS-MODERNA; E
SOBRE O QUE ESTAS PSICOLOGIAS PODEM DIZER SOBRE
O INDIVÍDUO TYCHO BRAHE)**

ANEXO - A3.1

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE SIGMUND FREUD
E APRESENTAÇÃO DE QUATRO PUBLICAÇÕES :

- a) ARTIGO DE 1916, DE TÍTULO “ UMA DIFICULDADE NO CAMINHO DA PSICANÁLISE”.
- b) ARTIGO DE 1896, DE TÍTULO “ NOVOS COMENTÁRIOS SOBRE AS NEUROPSICOSES DE DEFESA”.
- c) CONFERÊNCIA DE 1918, DE TÍTULO “ LINHAS DE PROGRESSO NA TERAPIA PSICANALÍTICA”.
- d) CONFERÊNCIA DE 1932, DE TÍTULO “ A DISSECÇÃO DA PERSONALIDADE PSÍQUICA”.

A3.1 - ALGUMAS PALAVRAS SOBRE SIGMUND FREUD E APRESENTAÇÃO DE QUATRO PUBLICAÇÕES .

Sigmund Freud nasceu em Freiberg, na Mourávia, hoje República Tcheca, em 6 de maio de 1856. Em 1860 sua família transferiu-se para Viena, onde morou até 1938.

Em 1873, Freud ingressou na Universidade de Viena para estudar medicina. Ainda aluno, trabalhou com Ernest Wilhelm Von Brücke, no laboratório de fisiologia de 1876 a 1882, tendo concentrado suas atenções nas pesquisas sobre histologia do sistema nervoso.

Freud dedicou-se à prática da psiquiatria a partir de 1882. Em Paris, frequentou os cursos do Prof. Jean-Martin Charcot. Obteve o equivalente ao mestrado em neuropatologia em 1885. Freud atribuiria a Charcot, grande importância e influência em suas conjecturas futuras. Para Freud, fora Charcot quem lhe chamou a atenção para as relações existentes entre histeria e instintos sexuais. Também foi grande a influência de Josef Breuer sobre Freud, uma vez que Breuer havia descoberto a relação entre os sintomas histéricos e certos traumas da infância. Com Breuer, Freud teve a oportunidade de acompanhar o caso de uma paciente, Cecily, cujos sintomas, começaram a enfraquecer à medida que a paciente descrevia os fatos ocorridos durante sua infância. Estes relatos eram obtidos através da hipnose. Freud publicou, com Breuer, um trabalho de grande importância: “Estudos sobre a Histeria”, de 1895 (houve uma comunicação preliminar, parcial, em 1893). Pode-se dizer que este trabalho representa o início das investigações de Freud. Em 1896, Freud distanciou-se de Breuer e substituiu a hipnose pelo processo da livre associações de idéias. Este foi o primeiro grande passo de Freud que permitiu-lhe estudar os fenômenos da chamada resistência e da chamada transferência. A resistência surge quando o paciente

reluta em revelar suas experiências anteriores ao psicanalista e a transferência se estabelece como um vínculo afetivo entre o paciente e o psicanalista. Estava se formando o início do tratamento psicanalítico. Em 1896 Freud começou a estabelecer conjecturas sobre o conteúdo dos traumas infantis, estabelecendo, depois, que este conteúdo seria de natureza sexual. Em seguida estabeleceu conjecturas sobre a etiologia da histeria e das neuroses. Para Freud, seriam os traumas sexuais da infância, que produziram sofrimento ou prazer, que seriam os motivos para a histeria e a neurose nos adultos.

Os primeiros artigos de Freud datam da 2ª metade da década de 1890. Entretanto, sua primeira obra data de 1899 e diz respeito aos sonhos, através da publicação de “A interpretação dos Sonhos”. Esta obra de Freud, considerada um marco no conhecimento sobre o homem, tem dois aspectos interessantes : a primeira edição, de 1899, com 351 exemplares, demorou 6 anos para ser comercializada; já a segunda edição , de 1909, obteve maior sucesso. Entretanto, alguns anos após a 2ª edição, Freud já havia percebido a pouca utilidade de interpretar os sonhos, durante o tratamento psicanalítico. Ainda assim, Freud chamava esta obra, carinhosamente, de “O meu livro sobre os sonhos”. No outono de 1902, Freud começou a reunir-se, nas quartas-feiras, à noite, com um pequeno grupo de médicos, que , no início, eram apenas cinco. A este grupo deu-se o nome de Sociedade de Psicologia. Ainda , em 1902, Freud obteve sua Cátedra na Universidade de Viena, que havia cobiçado durante tantos anos. A partir daí, nunca lhe faltaria posição social, seguidores e controvérsias. Em 1908 Freud fundou a Sociedade Psicanalítica de Viena, um pequeno grupo que se reunia semanalmente e que deu continuidade a Sociedade de Psicologia. No mesmo ano de 1908 houve o primeiro Congresso de Psicanálise ,em Salzburg, onde se decidiu pela publicação de um periódico psicanalítico, chamado Jahrbuch, dirigido por Freud e Eugen Bleuler e tendo como editor Carl Gustav Jung. Em 1909 Freud apresentou, pela 1ª vez, um

ciclo de Conferências nos Estados Unidos, a convite da Clark University. Em 1910, quando da realização do segundo congresso de psicanálise, em Nürenberg, a Sociedade Psicanalítica de Viena expandiu-se para a Sociedade Internacional de Psicanálise. Nesta época, Freud estava com 54 anos e o conjunto das primeiras conjecturas já se encontrava maduro para transformarem-se na Teoria da Líbido e no tratamento psicanalítico. Ao periódico psicanalítico, já citado, somou-se um periódico mensal de nome Zentralblatt Für Psychoanalyse, especializado na teoria e no tratamento, dirigido por Alfred Adler e Wilhem Stekel. Em 1912, somou-se uma publicação destinada aos estudos não médicos da teoria e do tratamento psicanalítico, chamada Imago, sob responsabilidade de Otto Rank e Hanns Sachs, com o apoio de Freud.

Freud deixou Viena em um sábado, 4 de junho de 1938, com 82 anos, com destino a Inglaterra.

Em sua primeira carta, escrita em Londres, escreve :

“..... O sentimento de libertação..... vem muito intensamente mesclado com tristeza, pois amava-se muito a prisão da qual se fora libertado.....”

Desde 1928, devido a seus problemas de saúde, Freud sempre esteve acompanhado de seu médico e amigo Max Schur (1892 - 1969), que deixou Viena, para Londres, junto com Freud. Havia um pacto secreto entre os médicos Freud e Schur, a respeito da longa doença que acometera Freud. Em 21 de setembro de 1939, Freud lembrou Schur a respeito do pacto. Em lágrimas, Schur cumpriu sua parte do pacto, aplicando doses maiores de morfina nos dias 21 e 22 de setembro do mesmo ano.

Uma enorme quantidade de artigos, conferências e obras foram publicadas por Freud, em quase 45 anos, isto é, desde a metade da década de 1890, até sua morte em 23 de setembro de 1939.

A seguir, neste anexo, serão apresentados quatro temas importantes (dois artigos e duas conferências) que procuram traduzir parte do pensamento Freudiano :

- Artigo de 1916, de título “Uma dificuldade no caminho da Psicanálise”.

- Artigo de 1896, de título “Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa”.

- Conferência de 1918, de título “Linhas de progresso na terapia psicanalítica”.

- Conferência de 1932, de título “A dissecção da personalidade psíquica”.

PRIMEIRO TEMA DO ANEXO - A3.1

Artigo de Sigmund Freud, de 1916, sob o título “Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise”; foi publicado em húngaro nos primeiros dias de 1917, em um periódico Húngaro chamado NUYGAT, para um público leigo, mas culto. O original, em alemão, foi publicado em Imago no mesmo ano de 1917. Este artigo, reproduzido na íntegra, deriva da tradução inglesa de 1925 e da tradução para o português coordenada por Jaime Salomão, em 1976 (*).

(*) Jaime Salomão, estudioso de Freud, é membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

“UMA DIFICULDADE NO CAMINHO DA PSICANÁLISE”

Para começar, direi que não se trata de uma dificuldade intelectual, de algo que torne a psicanálise difícil de ser entendida pelo ouvinte ou pelo leitor, mas de uma dificuldade afetiva - alguma coisa que aliena os sentimentos daqueles que entram em contato com a psicanálise, de tal forma que os deixa menos inclinados a acreditar nela ou a interessar-se por ela. Conforme se poderá observar, os dois tipos de dificuldade afinal, equivalem-se. Onde falta simpatia, a compreensão não virá facilmente.

Os que agora me lêem, presumo, nada têm a ver com o assunto até o momento, e serei obrigado, portanto, a retroceder um pouco. A partir de um grande número de observações e impressões individuais, algo com a natureza de uma teoria tomou forma, afinal, na psicanálise, algo que é conhecido pelo nome de “teoria da libido”. Como é sabido, a psicanálise preocupa-se com o esclarecimento e a eliminação dos denominados distúrbios nervosos. Como houvesse que encontrar um ponto de partida, do qual se pudesse abordar esse problema decidiu-se procurá-lo na vida instintual da mente. As hipóteses acerca dos instintos do homem vieram, portanto, a formar a base da nossa concepção de doença nervosa.

A psicologia, conforme é ensinada academicamente, dá nos apenas respostas muito inadequadas a questões que dizem respeito à nossa vida mental, mas em nenhum outro sentido a sua informação é tão escassa quanto no que concerne aos instintos.

Abriu-se-nos a possibilidade de fazer nossas sondagens como nos agrada. O consenso popular distingue entre a fome

e o amor como sendo os representantes de instintos que visam, respectivamente, à preservação do indivíduo e à reprodução da espécie. Aceitamos essa distinção bastante evidente, de tal modo que também na psicanálise fazemos uma distinção entre os instintos autopreservativos ou instintos do ego, por um lado, e os instintos sexuais, por outro lado. À força pela qual o instinto sexual está representado na mente chamamos “libido” - desejo sexual - e consideramo-la como algo análogo à fome, à vontade de poder e assim por diante, na medida em que diz respeito aos instintos do ego.

Com esse dado como ponto de partida, prosseguimos para efetuar a nossa primeira descoberta importante. Aprendemos que, quando tentamos compreender os distúrbios neuróticos, sem dúvida o maior significado liga-se aos instintos sexuais; que, na verdade, as neuroses são os distúrbios específicos, por assim dizer, na função sexual; que, de um modo geral, o fato de a pessoa desenvolver ou não uma neurose, depende da quantidade de sua libido e da possibilidade de saciá-la e de descarregá-la através da satisfação; que a forma assumida pela doença é determinada pela forma com que o indivíduo atravessa o curso de desenvolvimento da sua função sexual, ou, conforme o formulamos, pelas fixações a que sua libido se submeteu no decorrer do seu desenvolvimento; e, ademais, que, por uma técnica especial e não muito simples de influenciar a mente, conseguimos esclarecer a natureza de determinados tipos de neuroses e, ao mesmo tempo, eliminá-las. Nossos esforços terapêuticos obtêm seu maior êxito com uma determinada classe de neuroses que provêm de um conflito entre os instintos do ego e os instintos sexuais. Porque, nos seres humanos, pode acontecer que as exigências dos instintos sexuais, cujo alcance se estende muito além do indivíduo, pareçam, ao ego, constituir um perigo que ameaça a sua autopreservação ou a sua auto-estima. O ego assume então a defensiva, nega aos instintos sexuais a satisfação

que almejam e força-os pelos caminhos estreitos da satisfação substitutiva, que se tornam manifestos como sintomas nervosos.

O método psicanalítico de tratamento é, então, capaz de submeter a revisão esse processo de repressão e conseguir uma solução melhor para o conflito - uma solução que seja compatível com a saúde. Opositores pouco inteligentes acusam-nos de parcialidade na avaliação dos instintos sexuais. “Os seres humanos têm outros interesses, além dos sexuais” , dizem eles. Nem por um momento esquecemos ou negamos esse dado. Nossa parcialidade é como a do químico, que atribui a todos os componentes a força da atração química. Nem por isso está negando a força da gravidade; deixa que o físico lide com ela.

Durante o processo de tratamento temos que considerar a distribuição da libido do paciente; procuramos representações objetais às quais esteja ligada e libertamo-la delas, de modo a colocá-la à disposição do ego. No decorrer desse processo, chegamos a formar uma imagem muito curiosa do original, a distribuição primeira da libido dos seres humanos. Fomos levados a presumir que, no início do desenvolvimento do indivíduo, toda a sua libido (todas as tendências eróticas, toda a sua capacidade de amar) está vinculada a si mesma - ou, como dizemos, catexiza o seu próprio ego. É somente mais tarde que, ligando-se à satisfação das principais necessidades vitais, a libido flui do ego para os objetos externos. Até então, não conseguimos reconhecer os instintos libidinais como tais e distingui-los dos instintos do ego. Para a libido, é possível desvincular-se desses objetos e regressar outra vez ao ego.

A condição em que o ego retém a libido é por nós denominada “narcisismo”, em referência à lenda grega do jovem, Narciso, que se apaixonou pelo seu próprio reflexo.

Assim, na nossa concepção, o indivíduo progride do narcisismo para o amor objetal. Não cremos, porém, que *toda* a sua libido passe do ego para os objetos. Determinada quantidade de libido é sempre retida pelo ego; mesmo quando o amor objetal é altamente desenvolvido, persiste determinada quantidade de narcisismo. O ego é um grande reservatório, do qual flui a libido destinada aos objetos e para o qual regressa, vinda dos objetos. A libido objetal era inicialmente libido do ego e pode ser outra vez convertida em tal. Para a completa sanidade, é essencial que a libido não perca essa mobilidade plena. Como ilustração dessa situação, podemos pensar em uma ameba, cuja substância viscosa desprende pseudópodes, prolongamentos .pelos quais se estende a substância do corpo, os quais, contudo, podem retrair-se a qualquer momento, de modo que a forma da massa protoplásmica seja restaurada.

O que estou tentando descrever neste esboço é a *teoria da libido* das neuroses, sobre a qual se fundamentam todas as nossas concepções acerca da natureza desses estados mórbidos, paralelamente às medidas terapêuticas para aliviá-los. Naturalmente, consideramos as premissas da teoria da libido válidas também para o comportamento normal. Falamos do narcisismo das crianças, e é ao excessivo narcisismo do homem primitivo que atribuímos sua crença na onipotência das suas idéias e as conseqüentes tentativas de influenciar o curso dos acontecimentos do mundo exterior pela técnica da magia.

Após essa introdução, proponho-me a descrever como o narcisismo universal dos homens, o seu amor-próprio, sofreu até o presente três severos golpes por parte das pesquisas científicas.

(a) Nas primeiras etapas de suas pesquisas, o homem acreditou, de início, que o seu domicílio, a Terra, era o centro estacionário do universo, com o sol, a lua e os planetas girando ao seu redor. Seguía, assim, ingenuamente, os ditames das percepções dos seus sentidos, pois não sentia movimento na

Terra, e, todas as vezes que conseguia uma visão sem obstáculos, encontrava-se no centro de um círculo que abarcava o mundo exterior. A posição central da Terra, de mais a mais, era para ele um sinal do papel dominante desempenhado por ela no universo e parecia-lhe ajustar-se muito bem à sua propensão a considerar-se o senhor do mundo.

A destruição dessa ilusão narcisista associa-se, em nossas mentes, com o nome e a obra de Copérnico, no século XVI. Muito antes dessa época, porém, já os pitagóricos haviam lançado dúvidas sobre a posição privilegiada da Terra, e, no século III a. C., Aristarco de Samos havia declarado que a Terra era muito menor que o sol e movia-se ao redor deste corpo celeste. Mesmo a grande descoberta de Copérnico, portanto, já fora feita antes dele. Quando essa descoberta atingiu um reconhecimento geral, o amor-próprio da humanidade sofreu o seu primeiro golpe, o golpe cosmológico.

(b) No curso do desenvolvimento da civilização, o homem adquiriu uma posição dominante sobre as outras criaturas do reino animal. Não satisfeito com essa supremacia, contudo, começou a colocar um abismo entre a sua natureza e a dos animais. Negava-lhes a posse de uma razão e atribuiu a si próprio uma alma imortal, alegando uma ascendência divina que lhe permitia romper o laço de comunidade entre ele e o reino animal. Curiosamente, esse aspecto de arrogância é ainda estranho às crianças, tal como o é para o homem primitivo. É consequência de uma etapa posterior, mais pretensiosa, de desenvolvimento. No nível do totemismo primitivo, o homem não tinha repugnância de atribuir sua ascendência a um ancestral animal. Nos mitos, que contêm resíduos dessa antiga atitude mental, os deuses assumem formas de animais, e na arte de épocas primevas são representados com cabeças de animais. Uma criança não vê diferença entre a sua própria natureza e a dos animais. Não se espanta com animais que pensam e que falam nos contos de fadas; transfere uma emoção de medo, que sente do seu pai humano, para um cão ou um cavalo, sem pretender com isso qualquer depreciação do pai. Só quando se torna adulta é que os animais se tornam tão estranhos a ela, que usa os seus nomes para aviltar seres humanos.

Todos sabemos que, há pouco mais de meio século, as pesquisas de Charles Darwin, e seus colaboradores e precursores puseram fim a essa presunção por parte do homem. O homem não é um ser diferente dos animais, ou superior a eles; ele próprio tem ascendência animal, relacionando-se mais estreitamente com algumas espécies, e mais distanciadamente com outras. As conquistas que realizou posteriormente não conseguiram apagar as evidências, tanto na sua estrutura física quanto nas suas aptidões mentais, da analogia do homem com os animais. Foi este o segundo, o golpe biológico no narcisismo do homem.

(c)O terceiro golpe, que é de natureza psicológica, talvez seja o que mais fere.

Embora assim humilhado nas suas relações externas, o homem sente-se superior dentro da própria mente. Em algum lugar do núcleo do seu ego, desenvolveu um órgão de observação a fim de manter-se atento aos seus impulsos e ações e verificar se se harmonizam com as exigências do ego. Se não se harmonizam, esses impulsos e ações são impiedosamente inibidos e afastados. Sua percepção interna, a consciência, dá ao ego notícias de todas as ocorrências importantes nas operações mentais, e a vontade, dirigida por essas informações, executa o que o ego ordena e modifica tudo aquilo que procura realizar-se espontaneamente. Isso porque a mente não é uma coisa simples; ao contrário, é uma hierarquia de instâncias superiores e subordinadas, um labirinto de impulsos que se esforçam, independentemente um do outro, no sentido da ação, correspondentes à multiplicidade de instintos e de relações com o mundo externo, muitos dos quais antagônicos e incompatíveis. Para um funcionamento adequado, é necessário que a mais elevada dessas instâncias tenha conhecimento de tudo o que está acontecendo, e que sua vontade penetre em tudo, de modo que possa exercer sua influência. E, com efeito, o ego sente-se seguro quanto à integridade e fidedignidade das informações que recebe, bem como quanto à abertura dos canais através dos quais impõe suas ordens.

Em determinadas doenças - incluindo as próprias neuroses que estudamos em particular -, as coisas são diferentes. O ego sente-se apreensivo; rebela-se contra os limites de poder em sua própria casa,

a mente. Os pensamentos emergem de súbito, sem que se saiba de onde vêm, nem se possa fazer algo para afastá-los. Esses estranhos hóspedes parecem até ser mais poderosos do que os pensamentos que estão sob o comando do ego. Resistem a todas as medidas de coação utilizadas pela vontade, não se deixam mover pela refutação lógica e não são afetados pelas afirmações contraditórias da realidade. Ou então os impulsos surgem, parecendo como que os de um estranho, de modo que o ego os rejeita; mas, ainda assim, os teme e toma precauções contra eles. O ego diz para consigo: “Isto é uma doença, uma invasão estrangeira”. Aumenta sua vigilância, mas não pode compreender por que se sente tão estranhamente paralisado.

É bem verdade que a psiquiatria nega que tais coisas signifiquem a intrusão, na mente, de maus espíritos vindos de fora ; para além disso, no entanto, só consegue dizer com indiferença: “Degenerescência, inclinação hereditária, inferioridade constitucional!” A psicanálise procura explicar esses distúrbios misteriosos; empenha-se em cuidadosas e laboriosas investigações, delinea hipóteses e construções científicas, até que, finalmente, possa falar assim ao ego:

“Nada vindo de fora penetrou em você; uma parte da atividade da sua própria mente foi tirada do seu conhecimento e do comando da sua vontade. Isso, também, é porque você está tão enfraquecido em sua defesa; você está utilizando uma parte da sua força para combater a outra parte e é impossível concentrar a totalidade da sua força como você o faria contra um inimigo externo. E nem mesmo é a parte pior ou menos importante das suas forças mentais que se tornou, desse modo, antagônica e independente de você. A culpa, sou forçado a dizer, está em você mesmo. Você superestimou sua força quando achou que podia tratar seus instintos sexuais da maneira que quisesse e ignorar absolutamente as intenções desses instintos. O resultado é que se rebelaram e assumiram suas próprias vias obscuras para escapar a essa supressão; estabeleceram seus direitos de uma forma que você não pode aprovar, a modo pelo qual conseguiram isso e os caminhos que tomaram não chegaram ao seu conhecimento. Tudo o que você sabe é a consequência do trabalho deles - o sintoma que você experimenta como sofrimento. Assim, você não o reconhece como um derivativo dos seus

próprios instintos rejeitados e não sabe que é uma satisfação substitutiva para eles.

“Todo o processo, no entanto, só se torna possível pela circunstância única de que você está equivocado também em um outro ponto importante. Sente-se seguro de que, está informado de tudo o que se passa em sua mente, se tem qualquer importância, porque nesse caso, crê você, sua consciência dá-lhe notícia disso. E se você não tem informação de algo que ocorre em sua mente, presume, confiante, que tal coisa não existe. Na verdade, você chega a considerar o que é “mental” como idêntico ao que é ‘consciente’ - isto é, aquilo que é conhecido por você - , apesar da mais óbvia evidência de que muito mais coisas devem acontecer em sua mente, do que aquelas que chegam à sua consciência. Vamos, deixe que lhe ensinem algo sobre esse problema! O que está em sua mente não coincide com aquilo de que você está consciente; o que acontece realmente e aquilo que você sabe, são duas coisas distintas. Normalmente, admito, a inteligência que alcança a sua consciência é suficiente para as suas necessidades; e você pode nutrir a ilusão de que fica sabendo de todas as coisas importantes. Em alguns casos, porém, como no de um conflito instintual como o que descrevi, a função da sua inteligência falha e sua vontade, então, não se estende para mais além do seu conhecimento. Em todo caso, contudo, a informação que alcança sua consciência é incompleta e muitas vezes não é de muita confiança. Com freqüência, também, acontece que você só obtém informação dos eventos quando eles acabaram e quando você nada mais pode fazer para modifica-los. Mesmo se você não está doente, quem poderá dizer tudo o que está agitando sua mente, coisas que você não sabe ou das quais tem falsas informações? Você se comporta como um governante absoluto, que se contenta com as informações fornecidas pelos seus altos funcionários e jamais se mistura com o povo para ouvir a sua voz. Volte seus olhos para dentro, contemple suas próprias profundezas, aprenda primeiro a conhecer-se! Então, compreenderá por que está destinado a ficar doente e, talvez, evite adoecer no futuro.”

É assim que a psicanálise tem procurado educar o ego. Essas duas descobertas - a de que a vida dos nossos instintos sexuais não pode ser inteiramente domada, e a de que os processos mentais são, em si,

inconscientes, e só atingem o ego e se submetem ao seu controle por meio de percepções incompletas e de pouca confiança -, essas duas descobertas equivalem, contudo, à afirmação de que o ego não é o senhor da sua própria casa. Juntas, representam o terceiro golpe no amor próprio do homem, o que posso chamar de golpe psicológico. Não é de espantar, então, que o ego não veja com bons olhos a psicanálise e se recuse obstinadamente a acreditar nela.

Provavelmente muito poucas pessoas podem ter compreendido o significado, para a ciência e para a vida, do reconhecimento dos processos mentais inconscientes. Não foi, no entanto, a psicanálise, apressemo-nos a acrescentar, que deu esse primeiro passo. Há filósofos famosos que podem ser citados como precursores - acima de todos, o grande pensador Schopenhauer, cuja “Vontade” inconsciente equivale aos instintos mentais da psicanálise. Foi esse mesmo pensador, ademais, que, em palavras de inesquecível impacto, advertiu a humanidade quanto à importância, ainda tão subestimada pela espécie humana da sua ânsia sexual (1). A psicanálise tem apenas a vantagem de não haver afirmado essas duas propostas tão penosas (para o narcisismo) - a importância psíquica da sexualidade e a inconsciência da vida mental - sobre uma base em abstrato, mas demonstrou-as em questões que tocam pessoalmente cada indivíduo e o forçam a assumir alguma atitude em relação a esses problemas. É somente por esse motivo, no entanto, que atrai sobre si a aversão e as resistências que ainda se detêm, com pavor, diante do nome do grande filósofo.

Nota referente ao artigo de 1916 “Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise”

(1) - Essa última alusão, temos quase certeza, é feita a uma passagem de *O Mundo como Vontade e Idéia*, de Schopenhauer (publicado, pela primeira vez, em 1819).

SEGUNDO TEMA DO ANEXO -A3.1

Artigo de Sigmund Freud, de 1896 sob o título “Novos Comentários Sobre as Neuropsicoses de Defesa”. Trata-se de um dos primeiros trabalhos de Freud, na época, porque ainda incompleto. Este artigo tem um aspecto interessante : sua primeira publicação data de 1896, em alemão. Outras três publicações ocorreram, em alemão, nos anos de 1906 ; 1925 e 1952. Na edição alemã de 1925, Freud acrescentou três importantes notas de rodapé. Por outro lado, a primeira publicação em inglês, data de 1909 e a segunda publicação em inglês data de 1924, na qual (a segunda) Freud fizera um substancial acréscimo a uma das três notas de rodapé já citadas, mas este substancial e importante acréscimo não consta nas publicações em alemão de 1925 e 1952. Este artigo, aqui reproduzido, em parte, deriva da tradução inglesa de 1924 e da tradução para o português coordenada por Jaime Salomão, em 1976, onde se observa a nota de rodapé acrescida. Foi o conjunto de notas de rodapé que completaram o artigo original de 1896, segundo o próprio Freud. É no original de 1896, que a palavra Psicanálise aparece pela 1ª vez, em alemão.

“NOVOS COMENTÁRIOS SOBRE AS NEUROPSICOSES DE DEFESA”

INTRODUÇÃO

Em um breve artigo publicado em 1894, agrupei a histeria, as obsessões e certos casos de confusão alucinatória aguda sob o nome de “neuropsicoses de defesa” (Freud, 1894), porque tais afecções revelaram ter um aspecto em comum. Este consistia em que seus sintomas emergiam através do mecanismo psíquico de *defesa* (inconsciente) - isto é, emergiam como uma tentativa de reprimir uma idéia incompatível que se opunha aflitivamente ao ego do paciente. Em algumas passagens de um livro publicado pelo Dr. J. Breuer e por mim (*Estudos sobre a Histeria [1895]*), pude elucidar e ilustrar, partindo das observações clínicas, o sentido no qual se deve entender esse processo psíquico de “defesa” ou “repressão”. Há também alguma informação sobre o trabalhoso mas completamente confiável método de psicanálise (1) usado por mim no curso daquelas investigações - investigações que também constituem um método terapêutico.

Minhas observações durante os dois últimos anos de trabalho fortaleceram-me a tendência a considerar a defesa como o ponto nuclear no mecanismo psíquico das neuroses em questão, e também me capacitaram a fornecer uma fundamentação clínica a essa teoria psicológica. Para minha surpresa, cheguei nas páginas seguintes a umas poucas soluções simples, embora estritamente circunscritas, para os problemas das neuroses. Farei um preliminar e breve relato delas. Nesse tipo de comunicação é impossível apresentar a evidência necessária para apoiar minhas asserções, mas espero poder depois satisfazer a essa obrigação através de uma apresentação detalhada (2).

A ETIOLOGIA “ESPECÍFICA” DA HISTERIA

Em publicações anteriores, Breuer e eu já expressávamos a opinião de que os sintomas da histeria só poderiam ser compreendidos se remetidos às experiências de efeito traumático, referindo-se esses traumas psíquicos à vida sexual do paciente(3). O que devo acrescentar aqui, como resultado uniforme das análises de treze casos de histeria, realizadas por mim, diz respeito, por um lado, à *natureza* daqueles ,traumas,sexuais e, por outro, ao período da vida em que eles ocorreram. Para causar a histeria, não basta ocorrer em algum período da vida do sujeito um evento relacionado à sua vida sexual, que se torna patogênico pela liberação e supressão de um afeto aflitivo. Pelo contrário, *tais traumas sexuais devem ocorrer na tenra infância, antes da puberdade, e seu conteúdo deve consistir na irritação real dos genitais (por processos semelhantes à copulação.)*

Descobri esse determinante específico da histeria - *passividade sexual durante o período pré-sexual* - em cada caso de histeria (inclusive dois casos masculinos) que analisei. Não é necessário mais que mencionar o quanto diminuíram as asserções favoráveis à disposição hereditária em face desse estabelecimento de fatores etiológicos acidentais como sendo determinantes. Além do mais, fica aberto um caminho para se compreender por que a histeria é tão imensamente mais freqüente nos membros do sexo feminino, pois mesmo na infância estes são mais suscetíveis de provocar ataques sexuais.

As objeções mais imediatas a essa conclusão serão provavelmente as de que os assaltos sexuais a crianças pequenas, ocorrem com demasiada freqüência para terem qualquer importância etiológica; ou de que esse tipo de experiências está destinado a não ter efeito precisamente porque acontece a pessoas não desenvolvidas

sexualmente; e, além do mais, de que se deve estar atento tanto à possibilidade de impor aos pacientes supostas reminiscências dessa espécie, ao interrogá-los, quanto à possibilidade de acreditar nos romances que eles possam inventar. Em resposta às últimas objeções, podíamos pedir que não se emitissem julgamentos muito seguros quanto a esse campo obscuro, até que ele fosse submetido ao único método que pode lançar-lhe luz - o método da psicanálise, com o propósito de tornar consciente o que foi até então inconsciente (4). O que é essencial nas primeiras objeções pode ser contestado indicando-se que não são as próprias experiências que agem traumáticamente, mas o seu reviver como uma *lembrança* depois que o sujeito entrou na maturidade sexual.

Meus treze casos foram todos graves, sem exceção; em todos eles a doença durou muitos anos, e alguns chegaram-me após longo e fracassado tratamento institucional. Os traumas de infância que a análise descobriu nesses casos graves deveriam todos ser classificados como graves ofensas sexuais; alguns deles foram positivamente revoltantes. Em primeiro lugar, entre os culpados de abusos como esses, com suas importantes consequências, estão as babás, governantas e empregadas domésticas, às quais as crianças são muito impensadamente confiadas; os professores, além do mais, figuram com lamentável freqüência (5). Em sete dos treze casos, entretanto, deu-se que os assaltantes foram inocentes crianças; havia principalmente irmãos que, por anos a fio, tinham mantido relações sexuais com irmãs um pouco mais novas. Sem dúvida o curso dos eventos era, em todos os casos, similar àquele que foi possível reconstituir com certeza em uns poucos casos individuais: o garoto sofreu abuso por parte de alguém, do sexo feminino, de modo que sua libido foi prematuramente despertada, e então, poucos anos mais tarde, ele cometeu um ato de agressão sexual contra sua irmã, na qual repetiu precisamente os mesmos procedimentos aos quais ele próprio fora sujeito.

A masturbação ativa deve ser excluída da minha lista de perturbações sexuais, na tenra infância, que são patogênicas para a histeria. Embora seja encontrada muito freqüentemente, lado a lado com a histeria, isto se deve à circunstância de que a própria masturbação é uma consequência de abuso ou de sedução muito mais freqüentemente do que se supõe.

Não é de todo raro que, mais tarde, as duas crianças sejam acometidas de uma neurose de defesa - o irmão com obsessões e a irmã com histeria. Isso naturalmente produz uma aparência de disposição neurótica familiar. Ocasionalmente, contudo, essa pseudo-hereditariedade é resolvida de modo surpreendente. Em um de meus casos, um irmão, uma irmã e um primo pouco mais velho estavam todos doentes. A partir da análise do irmão por mim levada a efeito, fiquei sabendo que ele se auto-acusava de ser a causa da doença da irmã. Ele próprio fora seduzido por seu primo, e o último, era sabido na família, fora vítima de sua babá.

Não posso dizer qual a idade máxima abaixo da qual a ofensa sexual desempenha um papel na etiologia da histeria; duvido, porém, que à passividade sexual possa resultar em repressão depois de uma idade entre oito e dez anos, a não ser que isso seja possibilitado por experiências anteriores. O limite mínimo recua na medida da própria memória - isto é, portanto, à tenra idade de um ou dois anos! (Eu tive dois casos desse tipo.) Em inúmeros de meus casos o trauma sexual (ou série de traumas) ocorreu no terceiro ou quarto ano de vida. Não devia dar crédito a essas extraordinárias descobertas se sua completa confiabilidade não fosse provada pelo desenvolvimento da neurose subsequente. Em todos os casos, inúmeros sintomas patológicos, hábitos e fobias só podem ser explicados retrocedendo-se a essas experiências na infância, e a estrutura lógica das manifestações neuróticas, torna impossível rejeitar essas lembranças, preservadas fielmente, que

emergem da infância. É verdade que seria inútil tentar extrair traumas de infância de um histérico, interrogando-o fora da psicanálise; seus traços nunca estão presentes na memória consciente, mas apenas nos sintomas da doença.

Todas as experiências e excitações que, no período posterior à puberdade, preparam o caminho ou precipitam a eclosão da histeria, operam, *como se pode demonstrar*, apenas porque despertaram o traço de memória desses traumas da infância; os quais não se tornam conscientes de imediato, mas levam a uma liberação de afeto e à repressão. Esse papel dos traumas posterior se adequa bem ao fato de que eles não estão sujeitos às condições estritas que governam os traumas na infância, mas podem variar em intensidade e natureza, desde a verdadeira violação sexual a meras introduções sexuais, como o testemunho dos atos sexuais de outras pessoas ou o recebimento de informação quanto aos processos sexuais (6).

Em meu primeiro artigo sobre neuroses de defesa (1894) ficou explicado como os esforços do sujeito, até então saudável, para esquecer uma experiência traumática como essa podiam produzir realmente a repressão pretendida e assim abrir as portas à neurose de defesa. Isso não podia estar na natureza das experiências, desde que outras pessoas permaneciam saudáveis apesar de terem sido expostas às mesmas causas precipitantes. Portanto, a histeria não poderia ser explicável a partir do efeito do trauma : devia-se reconhecer que a suscetibilidade a uma reação histérica preexistia ao trauma.

O lugar dessa indefinida disposição histérica pode agora ser assumido, inteiramente ou em parte, pela operação póstuma de um trauma sexual na infância. A “repressão” da lembrança de uma experiência sexual aflitiva, que ocorre em idade mais madura, só é

possível. para aqueles que podem ativar o traço de memória de um trauma da infância (7).

As obsessões pressupõem, do mesmo modo, uma experiência sexual na infância (embora de natureza diferente daquela encontrada na histeria). A etiologia das duas neuropsicoses de defesa relaciona-se, como se segue, à etiologia das duas neuroses simples(8), a neurastenia e a neurose de angústia. Essas duas últimas perturbações são efeitos diretos das próprias perturbações sexuais, como demonstrei em meu artigo sobre a neurose de angústia (1895); ambas as neuroses de defesa são conseqüências indiretas das perturbações sexuais ocorridas antes do advento da maturidade sexual - ou seja, são consequência dos traços de memória psíquicos dessas perturbações. As causas atuais que produzem a neurastenia e a neurose de angústia frequentemente desempenham ao mesmo tempo o papel de causas excitantes das neuroses de defesa; por outro lado, as causas específicas de uma neurose de defesa - os traumas de infância - podem ao mesmo tempo constituir os fundamentos de um ulterior desenvolvimento da neurastenia. Finalmente, também não é raro que a neurastenia ou a neurose de angústia sejam mantidas não pelas perturbações sexuais contemporâneas, mas, ao contrário, apenas pelo afeto persistente de uma lembrança de traumas de infância (9).

A NATUREZA E O MECANISMO DA NEUROSE OBSESSIVA

As experiências sexuais da tenra infância têm na etiologia da neurose obsessiva a mesma significação que na histeria. Aqui , entretanto, não se trata mais de *passividade* sexual, mas de atos de agressão executados com prazer ou de prazerosa participação nos atos sexuais - o que vale dizer, trata-se de *atividade* sexual. Essa

diferença nas circunstâncias etiológicas relaciona-se ao fato de que a neurose obsessiva mostra visível preferência pelo sexo masculino.

Além do mais, em todos os meus casos de neurose obsessiva, descobri um *substrato de sintomas histéricos*(10) que podiam ser reportados à cena da passividade sexual que precedia a ação prazerosa. Suspeito que essa coincidência não seja fortuita e que a agressividade sexual precoce sempre implique uma experiência de sedução prévia. Entretanto, não posso ainda apresentar um enfoque definitivo da etiologia da neurose obsessiva; tenho apenas a impressão de que o fator que decide quanto à emergência da histeria ou da neurose obsessiva, a partir de traumas na infância, depende de circunstâncias *cronológicas* no desenvolvimento da libido.

A natureza da neurose obsessiva pode ser expressa numa fórmula simples. As *idéias obsessivas* são invariavelmente *auto acusações* transformadas que reemergiram da *repressão* e que sempre se relacionam a algum ato *sexual* executado com prazer *na infância*(11). A fim de elucidar essa afirmação é necessário descrever o curso típico tomado por uma neurose obsessiva.

Em um primeiro período - o período da imoralidade infantil - ocorrem os eventos que contêm o germe da neurose posterior. Antes de tudo, na mais tenra infância, temos experiências de sedução sexual que tornarão a repressão possível mais tarde, e então sobrevêm os atos de agressão sexual contra o outro sexo, que aparecerão depois sob a forma de atos que envolvem auto-acusação.

Esse período chega a um fim pelo advento da “maturação” sexual, freqüentemente precoce demais. Uma auto-acusação fica ligada agora à lembrança dessas ações prazerosas; e a conexão com a experiência inicial passiva torna possível - freqüentemente só após

esforços conscientes e lembrados - reprimi-las e substituí-las por um *sintoma primário de defesa*. A conscienciosidade, a vergonha e a autodesconfiança são sintomas dessa espécie, que dão início ao terceiro período - período de *aparente* saúde, mas, na realidade, de defesa bem sucedida.

O período seguinte, o da doença, é caracterizado *pelo retorno das lembranças reprimidas* - isto é, pelo fracasso da defesa. Não se sabe ao certo se o despertar de tais lembranças ocorre, com maior frequência, espontânea e acidentalmente ou em consequência de distúrbios sexuais contemporâneos, como uma espécie de subproduto deles. Entretanto, as lembranças reativadas e as auto-acusações delas decorrentes nunca reemergem inalteradas na consciência: o que se torna consciente como idéias e afetos obsessivos, substituindo as lembranças patogênicas, no que concerne à vida consciente, são estruturas que consistem em uma *conciliação* entre idéias reprimidas e repressoras(12).

A fim de descrever claramente, e com provável precisão, os processos de repressão, o retorno do reprimido (13) e a formação de idéias de conciliação patológicas, será necessário preparar asserções bastante definitivas sobre o substrato dos eventos psíquicos e da consciência (14). Na medida em que se procure evitar isso, devemos contentar-nos com os comentários que se seguem, presumidos de maneira mais ou menos figurativa. Há duas formas de neurose obsessiva, conforme a passagem à consciência seja forçada somente pelo *conteúdo mnêmico* do ato que envolve auto-acusação, ou também caso se introduza o *afeto* auto-acusador ligado ao ato.

A primeira forma inclui as idéias obsessivas típicas nas quais o conteúdo compromete a atenção do paciente, sentindo ele, como afeto, apenas um desprazer indefinido, em lugar do único afeto adequado à idéia obsessiva, o de uma auto-acusação. O conteúdo da

idéia obsessiva é distorcido de dois modos em relação ao ato obsessivo da infância. Em primeiro lugar, o contemporâneo toma o lugar do passado e, em segundo, o sexual é substituído por algo análogo, não sexual. Essas duas alterações são o efeito da inclinação a reprimir, ainda em vigor, que atribuiremos ao “ego”. A influência da lembrança patogênica reativada é mostrada pelo fato de que o conteúdo da idéia obsessiva é ainda parcialmente idêntico ao que fora reprimido, ou decorre dele por um encadeamento lógico do pensamento. Se, com a ajuda do método psicanalítico, reconstruímos a origem de uma idéia obsessiva individual, descobrimos que de uma única impressão corrente podem proceder dois cursos de pensamento. Um, que passou pela via da lembrança reprimida, prova ser tão corretamente lógico em sua estrutura quanto o outro, embora seja incapaz de se tornar consciente, tanto quanto não é suscetível de retificação. Se os produtos dessas duas operações psíquicas não se adequam, o que ocorre não é uma espécie de ajustamento lógico da contradição entre elas; em vez disso, junto ao resultado intelectual *normal*, introduz-se na consciência, como uma conciliação entre a resistência e o produto intelectual *patológico*, uma idéia obsessiva que parece absurda. Se os dois cursos de pensamento levam à *mesma* conclusão, eles se reforçam mutuamente de modo que o produto intelectual, ao qual se chegou normalmente, se comporta psicologicamente como uma idéia obsessiva. *Toda obsessão neurótica que emerge na esfera psíquica decorre de repressão.* As idéias obsessivas têm, de fato, uma circulação psíquica compulsiva (obsessiva), não devido a seu valor intrínseco, mas devido à fonte de que derivam ou que acrescentou uma contribuição a seu valor.

Uma segunda forma da neurose obsessiva manifesta-se quando o que forçou sua representação na vida psíquica consciente não é o conteúdo mnêmico reprimido, mas a também reprimida auto-acusação. O afeto da auto-acusação pode, através de algum incremento mental, transformar-se em qualquer outro afeto

desagradável. Quando isso acontece, não há nada que impeça o afeto substituído de se tornar consciente. Assim a *auto-acusação* (por ter efetuado o ato sexual na infância) pode facilmente virar *vergonha* (de que alguém mais o descubra), *ansiedade hipocondríaca* (medo das conseqüências físicas resultantes do ato que envolve a auto-acusação), *ansiedade social* (medo de ser socialmente punido pelo delito), *ansiedade religiosa*, *delírios de ser observado* (medo de delatar-se, em relação ao ato, diante de outras pessoas), ou *medo da tentação* (justificada desconfiança quanto a seus próprios poderes de resistência), e assim por diante. Além disso, o conteúdo mnêmico do ato envolvendo a auto-acusação pode ser representado também na consciência, ou pode permanecer completamente na sombra - o que torna o diagnóstico mais difícil. Muitos casos que, superficialmente examinados, parecem ser hipocondria (neurastênica) comum, pertencem a esse grupo de *afetos obsessivos*; o que se conhece como “neurastenia periódica” ou “melancolia periódica” parece, em particular, resolver-se com inesperada frequência em afetos obsessivos e idéias obsessivas - uma descoberta que terapeuticamente não é indiferente.

Além desses sintomas de conciliação, que significam o retorno do reprimido e conseqüentemente um colapso da defesa a que se chegara originalmente, a neurose obsessiva constrói um conjunto de outros sintomas, cuja origem é muito diferente. O ego procura afastar os derivados da lembrança inicialmente reprimida e, nessa luta defensiva, cria sintomas que podiam ser classificados conjuntamente como “*defesa secundária*”. Todas estas são “*medidas protetoras*”, que já prestaram bom serviço na luta contra as idéias e afetos obsessivos. Se essas ajudas na luta defensiva conseguem *genuinamente* reprimir mais uma vez os sintomas do retorno (do reprimido), que forçaram sua introdução no ego, então a obsessão é transferida às próprias medidas protetoras e é criada uma terceira forma de “neurose obsessiva” - *ações obsessivas*. Essas ações nunca são

primárias; contêm exclusivamente uma defesa - nunca uma agressão. Uma análise psíquica delas mostra que, a despeito de sua peculiaridade, elas podem sempre ser inteiramente explicadas, se forem reportadas às lembranças obsessivas contra as quais estão lutando (15).

A defesa secundária contra as idéias obsessivas pode ser efetuada por um violento desvio em relação a outros pensamentos, de conteúdo tão contrário quanto possível. Eis por que a *meditação obsessiva*, se levada a efeito, lida regularmente com coisas abstratas e *supra-sensuais*, pois as idéias reprimidas têm a ver com *sensualidade*. Ou ainda, o próprio paciente tenta controlar cada uma de suas idéias obsessivas exclusivamente pelo trabalho lógico e pelo recurso às lembranças conscientes. Isso leva a um *pensamento obsessivo*, a uma *compulsão de testar coisas* e à *mania de duvidar*. A vantagem que a percepção leva sobre a lembrança em tais testes inicialmente impulsiona e finalmente força o paciente a colecionar e estocar todas as coisas com que tenha entrado em contato. A defesa secundária contra os *afetos* obsessivos leva a um conjunto ainda mais vasto de medidas protetoras capazes de serem transformadas em atos obsessivos. Estes podem ser agrupados de acordo com seu objetivo: medidas *penitenciais* (cerimoniais opressivos, observação de números); medidas *de precaução* (todas as espécies de fobias, superstição, minuciosidade, incremento do sintoma primário da conscienciosidade); medidas relacionadas ao *medo de delatar-se* (coleccionar aparas de papel (16), misantropia), ou para assegurar o *entorpecimento* [da mente] (dipsomania). Entre esses atos e impulsos obsessivos, as fobias, já que circunscrevem a existência do paciente, desempenham o papel mais importante.

Há casos em que se pode observar como a obsessão é transferida da idéia ou do afeto para a medida protetora; outros nos quais a obsessão oscila periodicamente entre o sintoma do retorno do reprimido e o sintoma da defesa secundária; e ainda outros

casos nos quais nenhuma idéia obsessiva é construída, mas, em vez disso, a lembrança reprimida é imediatamente representada pelo que é aparentemente uma medida primária de defesa. Aqui atingimos de um salto o estágio que completa o curso percorrido pela neurose obsessiva, após a ocorrência da luta defensiva. Casos graves dessa perturbação findam em ações cerimoniais que se fixam, ou em um estado geral de mania de duvidar, ou em uma vida de excentricidades condicionada pelas fobias.

O fato de as idéias obsessivas e o que delas deriva não encontrarem nenhum crédito (por parte do sujeito) explica-se, sem dúvida, pelo fato de à época da primeira repressão delas ter-se formado o sintoma defensivo da *conscienciosidade*, e por tal sintoma adquirir também uma força obsessiva. A certeza do sujeito de ter vivido uma vida moral durante todo o período da defesa bem sucedida torna-lhe impossível acreditar na auto-acusação que sua idéia obsessiva envolve. Apenas transitoriamente, ao aparecer uma nova idéia obsessiva ou, ocasionalmente, em estados melancólicos de exaustão do ego, os sintomas patológicos do retorno do reprimido compelem à crença. O caráter “obsessivo” das formações psíquicas que descrevi aqui geralmente nada tem a ver com a crença que se lhes atribua. Nem se deve confundir isso com o fator que é descrito como “força” ou “intensidade” de uma idéia. Sua essência é antes a indissolubilidade pela atividade psíquica que é capaz de estar consciente; e esse atributo não sofre nenhuma mudança se a idéia à qual se liga a obsessão é mais forte ou mais fraca, mais ou menos intensamente “iluminada” ou “catexizada com energia”, e assim por diante.

A causa dessa invulnerabilidade da idéia obsessiva e de seus derivados é, entretanto, nada mais que sua conexão com a lembrança reprimida da tenra infância. Se conseguimos tornar tal conexão consciente - e os métodos psicoterapêuticos parecem poder fazer isso -, também a obsessão está resolvida(*).

(*) Dando continuidade a este artigo, Freud descreve um caso de paranóia crônica (dementia paranóides), como psicose de defesa.

Notas referentes ao artigo de 1896 “Novos Comentários Sobre as Neuro-Psicoses de Defesa”.

(1) - Primeiro aparecimento do termo em alemão.

(2) - Imediatamente após escrever isso, a 16 de março de 1896, Freud relatou a Fliess: “Meu trabalho científico prosegue gradualmente. Hoje, como um florescente poeta, escrevi no alto de uma folha de papel *Conferências sobre as Neuroses Maiores (Neurastenia, Neurose de Angústia, Histeria, Neurose Obsessiva)* ... Atrás, assoma um outro ótimo trabalho: *Psicologia e Psicoterapia das Neuroses de Defesa*. Mas, à parte poucas conferências não publicadas e os dois ou três artigos que se seguem no presente volume, nada de imediato decorreu disso. Outros assuntos, a auto-análise de Freud e o problema dos sonhos, logo absorveram seu interesse.

(3) - Conforme a “Comunicação Preliminar” de Freud e Breuer (1893) e o primeiro artigo de Freud sobre as neuropsicoses de defesa (1894).

(4) - Eu próprio me inclino a pensar que as histórias de assalto que os histéricos tão freqüentemente inventam possam ser ficções obsessivas que emergem do traço de memória de um trauma de infância.

(5) - Deve-se notar que neste artigo publicado Freud não menciona o fato de que nas pacientes femininas o aparente sedutor era muito freqüentemente o pai, como ele assinalou na carta a Fliess, Na edição de 1925 dos *Estados Sobre Histeria* (1895) Freud admitiu ter suprimido o fato em dois casos ali narrados.

(6) - Em um artigo sobre a neurose de angústia (1895), observei que a “neurose de angústia pode ser produzida em garotas aproximando-se da maturidade, no seu primeiro encontro com o problema do sexo... Tal neurose de angústia combina-se com a histeria de um modo quase típico”. Sei agora que o momento em que essa “ansiedade virginal” eclode nas meninas não representa de fato seu primeiro encontro com a sexualidade, mas que ocorrera previamente na infância uma experiência de passividade sexual, cuja lembrança é despertada nesse “primeiro encontro”

(7) - Uma teoria psicológica da repressão deve também esclarecer a questão de por que se reprimem apenas as idéias de conteúdo *sexual*. Tal explicação podia partir das seguintes indicações. Sabe-se que as idéias de conteúdo sexual produzem processos excitatórios nos genitais, muito semelhantes aos produzidos pela própria experiência sexual. Podemos admitir que essa excitação somática seja transposta à esfera psíquica.

Em geral o efeito mencionado é muito mais forte no caso da experiência que no caso da lembrança. Contudo, se a experiência sexual ocorre durante o período de imaturidade sexual e a lembrança dela é despertada durante ou após a maturidade, então a lembrança terá um efeito excitatório muito mais forte que a experiência ocorrida na época; e isto porque, nesse ínterim, a puberdade aumenta imensamente a capacidade de reação do aparelho sexual. Uma relação invertida como essa entre a experiência e a real lembrança, parece conter a precondição psicológica para a ocorrência de uma repressão. A vida sexual permite - através do atraso da puberdade em relação às outras funções psíquicas - a única possibilidade de ocorrência dessa inversão de efetividade relativa. *Os traumas da infância operam, de modo adiado, como se fossem experiências recentes; mas o fazem inconscientemente.* Devo adiar para outro momento a penetração em qualquer discussão psicológica muito abrangente. Deixem me dizer, entretanto, que o período de “maturidade sexual”, em questão aqui, não coincide com a puberdade, mas situa-se mais cedo (dos oito aos dez anos). [Toda essa questão da operação adiada dos traumas precoces foi discutida extensamente por Freud nas Seções 4, 5 e 6 da Parte II do seu “Project” de 1895 . É também mencionada anteriormente no artigo em francês sobre a hereditariedade (1896), sendo depois longamente discutida no artigo que se segue a este, sobre a etiologia da histeria (1896) , assim como nas várias cartas da correspondência com Fliess desse período, tal como a de 1.º de março, 30 de maio e 6 de dezembro de 1896. A idade de oito a dez anos, mencionada nesta nota de rodapé e em outras partes refere-se, como mostra a passagem posterior adiante, ao período da segunda dentição. Por volta dessa época, Freud dava especial importância ao papel desempenhado por ela no desenvolvimento sexual, e mencionou isso repetidamente no curso dessas discussões. Algumas elaboradas tabelas cronológicas tratando tanto da idade em que ocorriam os traumas e a repressão quanto do problema conexo da “escolha da neurose” serão encontradas nas cartas a Fliess referida acima. Um exemplo da operação adiada dos primeiros traumas é dado na análise de “Katharina” nos *Estudos sobre a Histeria* (1895)].

(8) - I.e. as “neuroses atuais”.

(9) - (*Nota de rodapé acrescentada em 1924:*) Esta seção é dominada por um erro que desde então tenho por várias vezes reconhecido e corrigido. Aquela época eu não podia ainda distinguir entre as fantasias de meus pacientes sobre sua infância e suas recordações reais. Em consequência, atribui ao fator etiológico da sedução uma importância e universalidade que ele não possui. Quando esse erro foi superado tornou-se possível obter uma compreensão interna (*insight*) das manifestações espontâneas da sexualidade nas crianças que descrevi em meus *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905). Entretanto, não é necessário que rejeitemos tudo que está escrito

no texto acima. A sedução retém uma certa importância etiológica, e mesmo hoje considero alguns desses comentários psicológicos adequados.

(10) - Freud apresentou um exemplo posterior desse fato no caso clínico do “Homem dos Logos” (1918), e referiu-se novamente a isso em *Inibições, Sintomas e Ansiedade* (1926) .

(11) - Freud reexaminou essa definição criticamente no início do Capítulo II do seu caso clínico do “Rat Man” (1909).

(12) - Essa última sentença foi também criticada em nota de rodapé à passagem do caso clínico do “Rat Man” referida na última nota.

(13) - O primeiro aparecimento da expressão.

(14) - Uma outra indicação do interesse de Freud pelo problema dos processos mentais inconscientes.

(15) - Para tomar apenas um exemplo simples. Um menino de onze anos tinha instituído de modo obsessivo um cerimonial que precedia sua ida para a cama. Não ia dormir até que contasse à sua mãe, com os mínimos detalhes, as experiências por que passara durante o dia; não devia haver nenhum pedacinho de papel ou qualquer outro lixo no chão de seu quarto à noite; sua cama devia ser empurrada até encostar na parede, três cadeiras deviam ser postas diante dela, e os travesseiros arranjados de modo particular. Para dormir ele era obrigado a desferir chutes um certo número de vezes, com ambas as pernas. e então deitava-se de lado. Isso foi explicado da seguinte maneira. Anos antes, uma Jovem empregada que punha o belo menino na cama tivera a oportunidade de deitar sobre ele e abusar dele sexualmente. Quando, mais tarde, a lembrança lhe fora despertada por recente experiência, tal fato manifestou-se na consciência em uma compulsão de realizar o cerimonial descrito acima. O sentido do cerimonial era fácil de ser estabelecido, ponto por ponto, pela psicanálise. As cadeiras colocadas defronte da cama e a cama empurrada contra a parede visavam a impedir que alguém pudesse chegar até, a cama; os travesseiros eram arrumados de modo particular, diferente de sua posição naquela noite; os movimentos com as pernas se destinavam a afastar, pelos chutes, a pessoa que se deitava sobre ele; dormir de lado justificava-se porque na cena ele se deitava de costas; sua confissão detalhada à mãe era devida ao fato de que, em obediência à proibição de sua sedutora, ele silenciara sobre essa e outras experiências sexuais; e, finalmente, a razão de manter limpo o chão do quarto era que negligenciar isso fora a principal acusação que ele ouvira de sua mãe até então. [Um cerimonial de dormir não menos complicado foi analisado por Freud, vinte anos depois, na Conferência XVII de suas *Conferências Introdutórias* (1916-17)].

(16) - Um outro exemplo será encontrado no Caso 10 de “Obsessões e Fobias” (1895).

TERCEIRO TEMA DO ANEXO - A3.1

Conferência de Sigmund Freud, lida por ele perante o quinto Congresso Psicanalítico Internacional, realizado em Budapest em 28 e 29 de setembro de 1918. Este pronunciamento de Freud foi publicado várias vezes, em alemão, entre os anos de 1919 e 1947. A tradução para o inglês foi feita em 1924. Neste anexo, é reproduzida, na íntegra, a Conferência “Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica”, que deriva a tradução inglesa de 1924 e da tradução para o português, coordenada por Jaime Salomão, em 1976.

“LINHAS DE PROGRESSO NA TERAPIA PSICANALITICA”

SENHORES:

Como sabem, nunca nos vangloriamos da inteireza e do acabamento definitivo de nosso conhecimento e de nossa capacidade. Estamos tão prontos agora, como o estávamos antes, a admitir as imperfeições da nossa compreensão, a aprender novas coisas e a alterar os nossos métodos de qualquer forma que os possa melhorar.

Agora que nos reunimos uma vez mais, após os longos e difíceis anos que atravessamos, sinto-me impelido a rever a posição do nosso procedimento terapêutica - ao qual, na verdade, devemos o nosso lugar na sociedade humana - e a assumir uma visão geral das novas direções em que se pode desenvolver.

Assim formulamos a nossa incumbência como médicos: dar ao paciente conhecimento do inconsciente, dos impulsos reprimidos que nele existem, e, para essa finalidade, revelar as resistências que se opõem a essa extensão do seu conhecimento sobre si mesmo. A revelação dessas resistências garante que serão também superadas? Certamente nem sempre; mas a nossa esperança é atingir isso explorando a transferência do paciente para a pessoa do médico, de modo a induzi-lo a adotar a nossa convicção quanto à inconveniência do processo repressivo estabelecido na infância e quanto à impossibilidade de conduzir a vida sobre o princípio de prazer. Estabeleci, em outro trabalho, as condições dinâmicas prevalecentes no novo conflito através do qual conduzimos o paciente e que substitui, nele, o seu conflito anterior - o da sua doença. Nesse aspecto, nada tenho a modificar no momento.

Chamamos de psicanálise o processo pelo qual trazemos o material mental reprimido para a consciência do paciente. Por que “análise” - que significa dividir ou separar, e sugere uma analogia com o trabalho, levado a efeito pelos químicos, com substâncias que encontram na natureza e trazem para os seus laboratórios? Porque, em um importante aspecto, existe realmente uma analogia entre os dois trabalhos. Os sintomas e as manifestações patológicas do paciente, como todas as suas atividades mentais, são de natureza altamente complexa; os elementos desse composto são, no fundo, motivos, impulsos instintuais. O paciente, contudo, nada sabe a respeito desses motivos elementares, ou não os conhece com intimidade suficiente. Ensinamo-lo a compreender a maneira pela qual essas formações mentais altamente complicadas são compostas; remetemos os sintomas aos impulsos instintuais que os motivaram; assinalamos ao paciente esses motivos instintuais, que estão presentes em seus sintomas, e dos quais até então não tinha consciência - como o químico que isola a substância fundamental, o “elemento” químico, do sal em que ele se combinara com outros elementos e no qual era irreconhecível. Da mesma forma, no que diz respeito àquelas manifestações mentais do paciente que não são consideradas patológicas, mostramos-lhe que apenas em certa medida ele estava consciente da sua motivação - que outros impulsos instintuais, dos quais permanecera em ignorância, haviam cooperado na causação dessas manifestações.

Mais uma vez, esclarecemos os impulsos sexuais no homem ao dividi-los em seus elementos componentes; e, quando interpretamos um sonho, ignoramos o sonho como um todo e derivamos associações dos seus elementos em separado.

Essa bem fundamentada comparação da atividade médica psicanalítica com um procedimento químico poderia sugerir à nossa terapia uma nova direção. *Analizamos* o paciente - isto é, dividimos

os processos mentais em seus componentes elementares e demonstramos esses elementos instintuais nele, isoladamente; o que seria mais natural do que esperar que também o ajudemos a fazer uma nova e melhor combinação deles? Os senhores sabem que essa exigência tem sido realmente proposta. Disseram-nos que, após a análise de uma mente enferma, deve-se seguir uma síntese. E, relacionada com isso, tem-se expressado a preocupação de que o paciente recebe análise demais e muito pouca síntese; e segue-se então um movimento para colocar todo o peso nessa síntese, como o principal fator no efeito psicoterapêutico, para, nela, ver-se uma espécie de restauração de algo que foi destruído - destruído, por assim dizer, pela vivissecção.

Senhores, contudo não posso achar que essa psicossíntese nos estabelece qualquer nova tarefa. Se me permitisse ser franco e rude, diria que se trata apenas de uma frase vazia. Limitar-me-ei a observar que se trata simplesmente de forçar tanto uma comparação, que ela deixa de ter qualquer sentido; ou, se preferirem, que é uma exploração injustificável de um nome. Um nome, no entanto, é apenas um rótulo aplicado para distinguir uma coisa de outras coisas semelhantes, não um sílabo, uma descrição de seu conteúdo ou uma definição. E os dois objetos comparados precisam apenas coincidir num único ponto, podendo ser inteiramente diferentes um do outro em tudo o mais. Aquilo que é psíquico, é tão único e singular, que nenhuma comparação pode refletir a sua natureza. O trabalho da psicanálise sugere analogias com a análise química, mas o sugere também, na mesma medida, com a intervenção de um cirurgião, ou com as manipulações de um ortopedista, ou com a influência de um educador. A comparação com a análise química tem a sua limitação: porque, na vida mental, temos de lidar com tendências que estão sob uma compulsão para a unificação e a combinação. Sempre que conseguimos analisar um sintoma em seus elementos, liberar um impulso instintual de um vínculo, esse impulso não

permanece em isolamento, mas entra imediatamente numa nova ligação(1).

Para dizer a verdade, o paciente neurótico, com efeito, apresenta-se-nos com a mente dilacerada, dividida por resistências. À medida que a analisamos e eliminamos as resistências, ela se unifica; a grande unidade a que chamamos ego, ajusta-se a todos os impulsos instintuais que haviam sido expelidos (*split off*) e separados dele (2). A psicossíntese é, desse modo, atingida durante o tratamento analítico sem a nossa intervenção, automática e inevitavelmente. Criamos as condições para que isso aconteça, fragmentando os sintomas em seus elementos e removendo as resistências. Não é verdade que algo no paciente tenha sido dividido em seus componentes e aguarde, então, tranqüilamente, que de alguma forma o unifiquemos outra vez.

Os progressos na nossa terapia, portanto, sem dúvida proseguirão ao longo de outras linhas; antes de mais nada, ao longo daquela que Ferenczi, em seu artigo “Technical Difficulties in an Analysis of Hysteria” (1919) (3), denominou recentemente “atividade” por parte do analista.

Que se chegue imediatamente a um acordo sobre aquilo que queremos dizer com essa atividade. Já definimos a nossa tarefa terapêutica como algo que consiste em duas coisas: tornar consciente o material reprimido e descobrir as resistências. Nisso, somos ativos o bastante, não há dúvida. Mas devemos deixar que o paciente lide sozinho com as resistências que lhe assinalamos? Não podemos dar-lhe outro auxílio, além do estímulo que ele obtém da transferência? Não parece natural que o devamos ajudar também de outra maneira, colocando-o na situação mental mais favorável à solução do conflito que temos em vista? Afinal de contas, o que ele pode conseguir, depende, também, de uma combinação de circunstâncias externas. Devemos hesitar em alterar essa combinação, intervindo de maneira adequada?

Acho que uma atividade dessa natureza, por parte do médico que analisa, é irrepreensível e inteiramente justificada.

Observem que isso abre um novo campo de técnica analítica, cujo desenvolvimento exigirá cuidadosa aplicação, e que levará a regras de procedimento bem definidas. Não tentarei apresentar-lhes hoje essa nova técnica, que ainda está em curso de evolução, mas contentar-me-ei em enunciar um princípio fundamental que provavelmente irá dominar o nosso trabalho nesse campo. É o que se segue: *o tratamento analítico deve ser efetuado, na medida do possível, sob privação - num estado de abstinência*(4).

Na medida do possível, a demonstração de que estou certo nesse ponto deve ser deixada para uma exposição mais detalhada. Por abstinência, no entanto, não se deve entender que seja agir sem qualquer satisfação - o que seria certamente impraticável; nem queremos dizer o que o termo popularmente conota, isto é, abster-se da relação sexual; significa algo diferente, que tem muito mais conexão com a dinâmica da doença e da recuperação.

Lembrar-se-ão os senhores de que foi uma frustração que tornou o paciente doente, e que seus sintomas servem-lhe de satisfações substitutivas (5). É possível observar, durante o tratamento, que cada melhora em sua condição reduz o grau em que se recupera e diminui a força instintual que o impele para a recuperação. Mas essa força instintual é indispensável; a redução dela coloca em perigo a nossa finalidade - a restauração da saúde do paciente. Qual, então, é a conclusão que se nos impõe inevitavelmente? Cruel como possa parecer, devemos cuidar para que o sofrimento do paciente, em um grau de um modo ou de outro efetivo, não acabe prematuramente. Se, devido ao fato de que os sintomas foram afastados e perderam o seu valor, seu sofrimento se atenua, devemos restabelecê-lo alhures, sob a

forma de alguma privação apreciável ; de outro modo, corremos o perigo de jamais conseguir senão melhoras insignificantes e transitórias.

Até onde eu possa verificar; o perigo ameaça a partir de duas direções, principalmente. Por um lado, quando a doença foi dominada pela análise, o paciente faz os mais assíduos esforços para criar para si, em lugar dos seus sintomas, novas satisfações substitutivas, que então carecem do aspecto de sofrimento. Faz uso da enorme capacidade de deslocamento possuída pela libido, então parcialmente liberada, com a finalidade de catexizar com a libido e promover à posição de satisfações substitutivas as mais diversas espécies de atividades, preferências e hábitos, sem excluir aqueles que já haviam sido seus. Encontra continuamente novas distrações dessa natureza, para as quais escapa a energia necessária para prosseguir o tratamento, e ele sabe como mantê-las secretas por algum tempo. É tarefa do analista detectar esses caminhos divergentes e exigir-lhe, toda vez, que os abandone, por mais inofensiva que possa ser, em si, a atividade que conduz à satisfação. O paciente meio recuperado pode também ingressar em caminhos menos inofensivos - tal como, por exemplo, se é um homem, quando procura ligar-se prematuramente a uma mulher. Pode-se observar, aliás, que o casamento infeliz e a doença física são as duas coisas que com mais freqüência tomam o lugar de uma neurose. Satisfazem particularmente o sentimento de culpa (necessidade de punição), que faz com que muitos pacientes se apeguem tão rapidamente às suas neuroses. Por uma escolha imprudente no casamento, castigam-se a si próprios; consideram uma longa doença orgânica como uma punição do destino e, conseqüentemente, muitas vezes deixam de manter as suas neuroses.

Em todas as situações como estas, a atividade por parte do médico deve assumir a forma de enérgica oposição a satisfações substitutivas prematuras. É-lhe mais fácil, contudo, evitar o *segundo*

perigo a que se expõe a força propulsora da análise, muito embora este não deva ser subestimado. O paciente procura as suas satisfações substitutivas sobretudo no próprio tratamento, em seu relacionamento transferencial com o médico; e pode até mesmo tentar compensar-se, por esse meio, de todas as outras privações que lhe foram impostas. Algumas concessões devem, certamente, ser-lhe feitas, em maior ou menor medida, de acordo com a natureza do caso e com a individualidade do paciente. Contudo, não é bom deixar que se tornem excessivas. Qualquer analista que, talvez pela grandeza do seu coração e por sua vontade de ajudar, estende ao paciente tudo o que um ser humano pode esperar receber de outro, comete o mesmo erro econômico de que são culpadas as nossas instituições não-analíticas para pacientes nervosos. O único propósito destas é tornar tudo tão agradável quanto possível para o paciente, de modo a este poder sentir-se bem ali e alegrar-se de novamente ali refugiar-se das provações da vida. Ao fazê-lo, não tentam dar-lhe mais força para enfrentar a vida e mais capacidade para levar a cabo as suas verdadeiras incumbências nela. No tratamento analítico, tudo isso deve ser evitado. No que diz respeito às suas relações com o médico, o paciente deve ser deixado com desejos insatisfeitos em abundância. É conveniente negar-lhe precisamente aquelas satisfações que mais intensamente deseja e que mais importunamente expressa.

Não penso haver esgotado o repertório de atividade desejável por parte do médico, ao dizer que uma condição de privação deve ser mantida durante o tratamento. A atividade em outra direção durante o tratamento analítico já foi, como hão de lembrar-se, um ponto de debate entre nós e a escola suíça (6). Recusamo-nos, da maneira mais enfática, a transformar um paciente, que se coloca em nossas mãos em busca de auxílio, em nossa propriedade privada, a decidir por ele o seu destino, a impor-lhe os nossos próprios ideais, e, com o orgulho de um Criador, a formá-lo à nossa própria imagem e verificar que isso é bom. Ainda endosso essa recusa, e acho que é este o lugar adequado

para a descrição médica, que, em outros aspectos, somos obrigados a ignorar. Aprendi também, por experiência própria, que uma tal atividade, de tão longo alcance, em relação aos pacientes não é de forma alguma necessária para os objetivos terapêuticos. Isso porque consegui ajudar pessoas com as quais nada tinha em comum - nem raça, nem educação, nem posição social, nem perspectiva de vida em geral - sem afetar sua individualidade. Na época da controvérsia, falei justamente disso, tinha a impressão de que as objeções dos nossos porta-vozes - penso que foi Ernest Jones quem assumiu o papel principal (7) - eram por demais ásperas e inflexíveis. Não podemos evitar de aceitar para tratamento determinados pacientes que são tão desamparados e incapazes de uma vida comum, que, para eles, há que se combinar a influência analítica com a educativa; e mesmo no caso da maioria, vez por outra surgem ocasiões nas quais o médico é obrigado a assumir a posição de mestre e mentor. Mas isso deve sempre ser feito com muito cuidado, e o paciente deve ser educado para liberar e satisfazer a sua própria natureza, e não para assemelhar-se conosco.

Nosso estimado amigo J.J. Putnam, em terra americana, a qual agora se mostra tão hostil a nós, deve perdoar-nos se também não podemos aceitar a sua proposta - ou seja, a de que a psicanálise deve colocar-se a serviço de uma determinada perspectiva filosófica sobre o mundo e deve impô-la ao paciente com o propósito de enobrecer-lhe a mente. Na minha opinião, em última análise isto é apenas usar de violência, ainda que se revista dos motivos mais honrosos(8).

Por fim, um tipo bastante diferente de atividade torna-se necessário pela apreciação gradativamente crescente de que as várias formas de doenças tratadas por nós não podem ser manipuladas mediante a mesma técnica. Seria prematuro expô-lo detalhadamente, mas posso dar dois exemplos do modo pelo qual entra em questão um

novo tipo de atividade. A nossa técnica desenvolveu-se no tratamento da histeria e ainda é dirigida principalmente, à cura daquela afecção. As fobias, porém, já tornaram necessário que ultrapássemos os nossos antigos limites. Dificilmente se pode dominar uma fobia; se se espera até que o paciente permita à análise influenciá-lo no sentido de renunciar a ela. Nesse caso, ele jamais trará para a análise o material indispensável a uma solução convincente da fobia. Deve-se proceder de forma diferente. Tome-se o exemplo da agorafobia; existem dois tipos de agorafobia, um brando, o outro grave. Os pacientes que pertencem ao primeiro tipo sofrem de ansiedade quando vão sozinhos à rua, mas não desistiram ainda de sair desacompanhados por causa disso; os outros protegem-se da ansiedade deixando completamente de sair sozinhos. Com estes últimos, só se obtém êxito quando se consegue induzi-los, por influência da análise, a comportarem-se como os pacientes fóbicos do primeiro tipo - isto é, a ir para a rua e lutar com a ansiedade enquanto realizam a tentativa. Começa-se, portanto, por moderar a fobia; e apenas quando isso foi conseguido por exigência do médico é que afloram à mente do paciente as associações e lembranças que permitem resolver a fobia.

Nos casos graves de atos obsessivos, uma atitude de espera passiva parece ainda menos indicada. Na verdade, de um modo geral esses casos tendem a um processo “assintótico” de recuperação, a um protraimento interminável do tratamento. A sua análise corre sempre o perigo de trazer muita coisa à tona e não modificar nada. Julgo existirem poucas dúvidas de que a técnica correta, aqui, só pode consistir em esperar até que o tratamento em si se torne uma compulsão, e então, com essa contracompulsão, suprimir forçosamente a compulsão da doença. Os senhores perceberão, no entanto, que esses dois exemplos que lhes dei são apenas amostras dos novos avanços para os quais a nossa terapia tende (9).

Agora, concluindo, tocarei de relance numa situação que pertence ao futuro - situação que parecerá fantástica a muito dos senhores, e que, não obstante, julgo merecer que estejamos com as mentes preparadas para abordá-la. Os senhores sabem que as nossas atividades terapêuticas não têm um alcance muito vasto. Somos apenas um pequeno grupo e, mesmo trabalhando muito, cada um pode dedicar-se, num ano, somente a um pequeno número de pacientes. Comparada à enorme quantidade de miséria neurótica que existe no mundo, e que talvez não precisasse existir, a quantidade que podemos resolver é quase desprezível. Ademais, as nossas necessidades de sobrevivência limitam o nosso trabalho às classes abastadas, que estão acostumadas a escolher seus próprios médicos e cuja escolha se desvia da psicanálise por toda espécie de preconceitos. Presentemente nada podemos fazer pelas camadas sociais mais amplas, que sofrem de neuroses de maneira extremamente grave.

Vamos presumir que, por meio de algum tipo de organização, consigamos aumentar os nossos números em medida suficiente para tratar uma considerável massa da população. Por outro lado, é possível prever que, mais cedo ou mais tarde; a consciência da sociedade despertará, e lembrar-se-á de que o pobre tem exatamente tanto direito a uma assistência à sua mente, quanto o tem, agora, à ajuda oferecida pela cirurgia, e de que as neuroses ameaçam a saúde pública não menos do que a tuberculose, de que, como esta, também não podem ser deixadas aos cuidados impotentes de membros individuais da comunidade. Quando isto acontecer, haverá instituições ou clínicas de pacientes externos, para as quais serão designados médicos analiticamente preparados, de modo que homens que de outra forma cederiam à bebida, mulheres que praticamente sucumbiriam ao seu fardo de privações, crianças para as quais não existe escolha a não ser o embrutecimento ou a neurose, possam tornar-se capazes, pela análise, de resistência e de trabalho eficiente. Tais tratamentos serão gratuitos.

Pode ser que passe um longo tempo antes que o Estado chegue a compreender como são urgentes esses deveres. As condições atuais podem retardar ainda mais esse evento. Provavelmente essas instituições iniciar-se-ão graças à caridade privada. Mais cedo ou mais tarde, contudo, chegaremos a isso (10).

Defrontar-nos-emos, então, com a tarefa de adaptar a nossa técnica às novas condições. Não tenho dúvidas de que a validade das nossas hipóteses psicológicas causará boa impressão também sobre as pessoas pouco instruídas, mas precisaremos buscar as formas mais simples e mais facilmente inteligíveis de expressar as nossas doutrinas teóricas. Provavelmente descobriremos que os pobres estão ainda menos prontos para partilhar as suas neuroses, do que os ricos, porque a vida dura que os espera após a recuperação não lhes oferece atrativos, e a doença dá-lhes um direito a mais à ajuda social. Muitas vezes, talvez, só poderemos conseguir alguma coisa combinando a assistência mental com certo apoio material, à maneira do Imperador José (11). E muito provável, também, que a aplicação em larga escala da nossa terapia nos force a fundir o ouro puro da análise livre com o cobre da sugestão direta; e também a influência hipnótica poderá ter novamente seu lugar na análise, como o tem no tratamento das neuroses de guerra (12). No entanto, qualquer que seja a forma que essa psicoterapia para o povo possa assumir, quaisquer que sejam os elementos dos quais se componha, os seus ingredientes mais efetivos e mais importantes continuarão a ser, certamente, aqueles tomados à psicanálise estrita e não tendenciosa.

Notas referentes à conferência de 1918 A Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica

(1) - Afinal de contas, algo muito semelhante ocorre na análise química. Simultaneamente ao isolamento dos vários elementos, induzido pelo químico, surgem sínteses que não fazem parte da sua intenção, devido à liberação das afinidades eletivas das substâncias em questão.

(2) - A função sintética do ego está exposta, em maior extensão, no Capítulo III de Inibições, Sintomas e Ansiedade .

(3) - Conforme afirmação de Ferenczi no mesmo artigo, além de outra, num artigo posterior (Ferenczi 1921). essa idéia baseava-se numa sugestão oral que lhe fora feita originalmente pelo próprio Freud.

(4) - Freud já havia mencionado esse princípio em relação ao amor transferencial.

(5) - Ver as páginas de abertura de “Tipos de Desencadeamento da Neurose” (Freud, 1912).

(6) - Conforme a última parte da Seção III de “A História do Movimento Psicanalítico” , de Freud (1914).

(7) - Deve tratar-se de uma referência ao artigo lido por Ernest Jones no Quarto Congresso Psicanalítico Internacional (Munique), realizado em 1913.

(8) - Alguns outros comentários sobre as concepções psicanalíticas de Putnam encontram-se no Prefácio de Freud à obra de Putnam *Addresses, on Psycho-Analysis*.

(9) - Conforme o estratagema técnico descrito na primeira seção da análise do “Homem dos Lobos” (1918).

(10) - Na época em que esse texto foi lido, Anton von Freund estava planejando a fundação de um instituto nos moldes aqui sugeridos.

(11) - O imperador José II, da Áustria (1741-1790), sobre cujos métodos pouco convencionais de filantropia corriam muitas lendas.

(12) - O tratamento das neuroses de guerra era um importante tópico do congresso no qual foi feito esse pronunciamento.

QUARTO TEMA DO ANEXO - A3.1

Conferência de Sigmund Freud, datada de 1932, que tem uma história bastante interessante: Houve uma série de Conferências, designadas por Freud, de Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, que foram proferidas durante os dois períodos de inverno, de 1915 para 1916 e de 1916 para 1917. Ao todo, este primeiro conjunto, constitui-se de 28 conferências. No início de 1932, a situação financeira do quadro editorial psicanalítico estava difícil, e Freud teve a idéia de prestar auxílio com uma nova série de Conferências Introdutórias. A primeira e última (no total de sete) estavam prontas no final de maio de 1932 e os demais em agosto. Entretanto, na época da preparação destas Conferências, Freud havia alcançado a idade de 76 anos e estava desobrigado de realizar Conferências na Universidade de Viena e, ainda, seu estado de saúde requeria cuidados, em função de uma cirurgia que o impossibilitava de falar em público. Por estes motivos, estas Conferências não foram apresentadas, mas divulgadas na forma escrita. Por vontade do próprio Freud, estas novas Conferências, deram sequência às primeiras, e foram publicadas sob os números 29 ; 30; 31; 32; 33 ; 34 ; e 35. Neste anexo, é reproduzida na íntegra, a Conferência de nº 31 sob o título “A Dissecção da Personalidade Psíquica”, que deriva da tradução inglesa de 1933 e da tradução para o português coordenada por Jaime Salomão, em 1976.

CONFERÊNCIA XXXI

“A DISSECÇÃO DA PERSONALIDADE PSÍQUICA”

SENHORAS E SENHORES:

Sei que estão conscientes, no que diz respeito aos seus próprios relacionamentos, seja com pessoas, seja com coisas, da importância do ponto de partida dos senhores. Também foi isto o que se passou com a psicanálise. Não foi uma *coisa* sem importância, para o curso do seu desenvolvimento ou para a acolhida que ela encontrou, o fato de ela ter começado seu trabalho sobre aquilo que é, dentre todos os conteúdos da mente, o mais estranho ao ego - sobre os sintomas. Os sintomas são derivados do reprimido, são, por assim dizer, seus representantes perante o ego; mas o reprimido é território estrangeiro para o ego - território estrangeiro *interno* - assim como a realidade (que me perdoem a expressão inusitada) é território estrangeiro externo. A trajetória conduziu dos sintomas ao inconsciente, à vida dos instintos, à sexualidade; e foi então que a psicanálise deparou com a brilhante objeção de que os seres humanos não são simplesmente criaturas sexuais, mas têm, também, impulsos mais nobres e mais elevados. Poder-se-ia acrescentar que, exaltados por sua consciência desses impulsos mais elevados, eles muitas vezes assumem o direito de pensar de modo absurdo e desprezar os fatos.

Os senhores estão bem informados. Já desde o início temos dito que os seres humanos adoecem de um conflito entre as exigências da vida instintual e a resistência que se ergue dentro deles contra esta; e nem por um momento nos esquecemos dessa instância que resiste, rechaça, reprime, que consideramos aparelhada com suas forças especiais, os instintos do ego, e que coincide com o ego da psicologia

popular. A verdade foi simplesmente que, em vista da natureza laboriosa do progresso feito pelo trabalho científico, até mesmo a psicanálise não conseguiu estudar todas as áreas simultaneamente e expressar suas opiniões sobre todos os problemas de um fôlego só. Mas, por fim, atingiu-se o ponto em que nos foi possível desviar nossa atenção do reprimido para, as forças repressoras, e encontramos esse ego que parecera tão evidente por si mesmo, com a segura expectativa de que aqui novamente haveríamos de encontrar coisas para as quais não podíamos estar preparados. Não foi fácil, porém, encontrar uma abordagem inicial; e é a respeito disto que pretendo falar-lhes hoje.

Devo, no entanto, transmitir-lhes a minha suspeita de que esta minha exposição sobre psicologia do ego os influenciará de forma diferente da introdução ao submundo psíquico, a qual a precedeu. Não posso dizer com certeza por que isto tem de ser assim. Pensei, antes, que os senhores descobririam que, enquanto anteriormente eu lhes relatei principalmente fatos, embora estranhos e característicos, os senhores, agora, estarão ouvindo principalmente opiniões - isto é, investigações teóricas. Isto, contudo, não contradiz a situação. Considerando melhor, devo afirmar que o montante da elaboração do material concreto de nossa psicologia do ego não é muito maior do que era na psicologia das neuroses. Fui obrigado a rejeitar também outras explicações do resultado que prevejo: agora acredito que é, de certo modo, uma decorrência da natureza do material em si, e de não estarmos acostumados a abordá-lo. Em todo caso, não me surpreenderei se os senhores se mostrarem ainda mais reservados e cautelosos no seu julgamento do que até agora.

Pode-se esperar que a própria situação em que nos encontramos no início de nossa investigação nos aponte o caminho. Queremos transformar o ego, o nosso próprio ego, em tema de investigação. Mas isto é possível? Afinal, o ego é, em sua própria

essência, sujeito; como pode ser transformado em objeto? Bem, não há dúvida de que pode sê-lo. O ego pode tomar-se a si próprio como objeto, pode tratar-se como trata outros objetos, pode observar-se, criticar-se, sabe-se lá o que pode fazer consigo mesmo. Nisto, uma parte do ego se coloca contra a parte restante. Assim, o ego pode ser dividido; divide-se durante numerosas funções suas - pelo menos temporariamente. Depois, suas partes podem juntar-se novamente. Isto não é propriamente novidade, embora talvez seja conferir ênfase incomum àquilo que é do conhecimento geral. Por outro lado, bem conhecemos a noção de que a patologia, tornando as coisas maiores e mais toscas, pode atrair nossa atenção para condições normais que de outro modo nos escapariam. Onde ela mostra uma brecha ou uma rachadura, ali pode normalmente estar presente uma articulação. Se atiramos ao chão um cristal, ele se parte, mas não em pedaços ao acaso. Ele se desfaz, segundo linhas de clivagem, em fragmentos cujos limites, embora fossem invisíveis, estavam predeterminados pela estrutura do cristal. Os doentes mentais são estruturas divididas e partidas do mesmo tipo. Nem nós mesmos podemos esconder-lhes um pouco desse temor reverente que os povos do passado sentiam pelo insano. Eles, esses pacientes, afastaram-se da realidade externa, mas por essa mesma razão conhecem mais da realidade interna, psíquica, e podem revelar-nos muitas coisas que de outro modo nos seriam inacessíveis.

Um dos grupos dentre tais pacientes, nós o descrevemos como padecendo de delírios de estar sendo observado. Queixam-se a nós de que, permanentemente, e até em suas ações mais íntimas, estão sendo molestados pela observação de poderes desconhecidos - presumivelmente pessoas - e que, em alucinações, ouvem essas pessoas referindo o resultado de sua observação: “agora ele vai dizer isto, agora ele está se vestindo para sair” e assim por diante. Uma observação dessa espécie ainda não é a mesma coisa que perseguição, mas não está longe disto; pressupõe que as pessoas

desconfiam deles e esperam pilhá-los executando atos proibidos pelos quais seriam punidos. Como seria se essas pessoas insanas estivessem certas, se em cada um de nós estivesse presente no ego uma instância como essa que observa e ameaça punir, e que nos doentes mentais se tornou nitidamente separada de seu ego e erroneamente deslocada para a realidade externa?

Não posso dizer se com os senhores acontece a mesma coisa que a mim. Há longo tempo, sob a poderosa impressão deste quadro clínico, formei a idéia de que a separação da instância observadora, do restante do ego, poderia ser um aspecto regular da estrutura do ego; essa idéia nunca me abandonou, e fui levado a investigar as demais características e conexões da instância que assim estava separada. O passo seguinte é dado rapidamente. O conteúdo dos delírios de ser observado já sugere que o observar é apenas uma preparação do julgar e do punir e, por conseguinte, deduzimos que uma outra função dessa instância deve ser o que chamamos nossa consciência. Dificilmente existe em nós alguma outra coisa que tão regularmente separamos de nosso ego e a que facilmente nos opomos como justamente nossa consciência. Sinto-me inclinado a fazer algo que penso irá dar-me prazer, mas abandono-o pelo motivo de que minha consciência não o admite. Ou deixei-me persuadir por uma expectativa muito grande de prazer de fazer algo a que a voz da consciência fez objeções e, após o ato, minha consciência me pune com censuras dolorosas e me faz sentir remorsos pelo ato. Poderia dizer simplesmente que a instância especial que estou começando a diferenciar no ego é a consciência. É mais prudente, contudo, manter a instância como algo independente e supor que a consciência é uma de suas funções, e que a auto-observação, que é um preliminar essencial da atividade de julgar da consciência, é mais uma de tais funções. E desde que, reconhecendo que algo tem existência separada, lhe damos um nome que lhe seja seu,

de ora em diante descreverei essa instância existente no ego como o “*superego*”.

Estou preparado para ouvir agora os senhores perguntarem-me ironicamente se nossa psicologia do ego não está senão tomando literalmente abstrações de uso corrente, e num sentido primário, e transformando-as de conceitos em coisas - com o que não se teria muito a ganhar. A isto eu responderia que, na psicologia do ego, seria difícil evitar aquilo que é conhecido universalmente; antes, será mais uma questão de novas formas de ver as coisas e novas maneiras de situá-las, do que de novas descobertas. Assim, refreiem suas críticas irônicas, por agora, e aguardem mais explicações. Os fatos da patologia conferem ao nosso trabalho uma base de informações que os senhores procurariam inutilmente na psicologia popular. Portanto, prosseguirei.

Seria difícil familiarizarmo-nos com a idéia de um superego como este, que goza de um determinado grau de autonomia, que age segundo suas próprias intenções e que independente do ego para a obtenção de sua energia; há, porém, um quadro clínico que se impõe à nossa observação e que mostra nitidamente a severidade dessa instância e até mesmo sua crueldade, bem como suas cambiantes relações com o ego. Estou-me referindo à situação da melancolia (1), ou, mais precisamente, dos surtos melancólicos, dos quais os senhores terão ouvido falar muito, ainda que não sejam psiquiatras. O aspecto mais evidente dessa doença, de cujas causas e de cujo mecanismo conhecemos quase nada, é o modo como o superego – “consciência”, podem denominá-la assim, tranquilamente - trata o ego. Embora um melancólico possa, assim como outras pessoas, mostrar um grau maior ou menor de severidade para consigo mesmo nos seus períodos sadios, durante um surto melancólico seu superego se torna supersevero, insulta, humilha e maltrata o pobre ego, ameaça-o com os mais duros castigos, recrimina-o por atos do passado mais remoto, que haviam sido

considerados, à época, insignificantes- como se tivesse passado todo o intervalo reunindo acusações e apenas tivesse estado esperando por seu atual acesso de severidade a fim de apresentá-las e proceder a um julgamento condenatório, com base nelas. O superego aplica o mais rígido padrão de moral ao ego indefeso que lhe fica à mercê; representa, em geral, as exigências da moralidade, e compreendemos imediatamente que nosso sentimento moral de culpa é expressão da tensão entre o ego e o superego. Constitui experiência muitíssimo marcante ver a moralidade, que se supõe ter-nos sido dada por Deus e, portanto, profundamente implantada em nós, funcionando nesses pacientes como fenômeno periódico. Pois, após determinado número de meses, todo o exagero moral passou, a crítica do superego silencia, o ego é reabilitado e novamente goza de todos os direitos do homem, até o surto seguinte. Em determinadas formas da doença, na verdade, passa-se algo de tipo contrário, nos intervalos; o ego encontra-se em um estado beatífico de exaltação, celebra um triunfo, como se o superego tivesse perdido toda a sua força ou estivesse fundido no ego; e esse ego liberado, maníaco, permite-se uma satisfação verdadeiramente desinibida de todos os seus apetites. Aqui estão acontecimentos ricos em enigmas não solucionados!

Sem dúvida, os senhores esperarão que eu lhes dê mais do que uma simples ilustração quando lhes informo haveremos descoberto todo tipo de coisas acerca da formação do superego - isto é, sobre a origem da consciência. Seguindo um conhecido pronunciamento de Kant, que liga a consciência dentro de nós com o céu estrelado, um homem piedoso bem poderia ser tentado a venerar essas duas coisas como as obras primas da criação. As estrelas são, na verdade, magnificas, porém, quanto à consciência, Deus executou um trabalho torto e negligente, pois da consciência a maior parte dos homens recebeu apenas uma quantia modesta, ou mal recebeu o suficiente para ser notado. Longe de nós desprezarmos a parcela de verdade psicológica da afirmação segundo a qual a consciência é de origem divina; contudo, a

tese requer interpretação. Conquanto a consciência seja algo “dentro de nós”, ela, mesmo assim, não o é desde o início. Nesse ponto, ela é um contraste real com a vida sexual, que existe de fato desde o início da vida e não é apenas um acréscimo posterior. Pois bem, como todos sabem, as crianças de tenra idade são amorais e não possuem inibições internas contra seus impulsos que buscam o prazer. O papel que mais tarde é assumido pelo superego é desempenhado, no início, por um poder externo, pela autoridade dos pais. A influência dos pais governa a criança, concedendo-lhe provas de amor e ameaçando com castigos, os quais, para a criança, são sinais de perda do amor e se farão temer por essa mesma causa. Essa ansiedade realística é o precursor da ansiedade moral (2) subsequente. Na medida em que ela é dominante, não há necessidade de falar em superego e consciência. Apenas posteriormente é que se desenvolve a situação secundária (que todos nós com demasiada rapidez havemos de considerar como sendo a situação normal), quando a coerção externa é internalizada, e o superego assume o lugar da instância parental e observa, dirige e ameaça o ego, exatamente da mesma forma como anteriormente os pais faziam com a criança.

O superego, que assim assume o poder, a função e até mesmo os métodos da instância parental, é, porém, não simplesmente seu sucessor, mas também, realmente, seu legítimo herdeiro. Procede diretamente dele, e verificaremos agora por que processo. Antes, porém, atentemos para uma discrepância entre os dois. O superego parece ter feito uma escolha unilateral e ter ficado apenas com a rigidez e severidade dos pais, com sua função proibidora e punitiva, ao passo que o cuidado carinhoso deles parece não ter sido assimilado e mantido. Se os pais realmente impuseram sua autoridade com severidade, facilmente podemos compreender que a criança desenvolva, em troca, um superego severo. Contrariando nossas expectativas, porém, a experiência mostra que o superego pode adquirir essas mesmas características de

severidade inflexível, ainda que a criança tenha sido educada de forma branda e afetuosa, e se tenham evitado, na medida do possível, ameaças e punições. Mais adiante, retomaremos a essa contradição, quando tratar-mos das transformações do instinto durante a formação do superego .

Não posso dizer-lhes tanto quanto gostaria a respeito da metamorfose do relacionamento parental em superego, em parte porque esse processo é tão complexo, que uma exposição dele não cabe dentro do esquema de trabalho de uma série de conferências de introdução, como a que tento dar-lhes, mas em parte, também, porque não nos sentimos seguros de que estejamos compreendendo-a por inteiro. Assim, devem satisfazer-se com o esboço que se segue.

A base do processo é o que se chama “identificação” isto é, a ação de assemelhar um ego a outro ego,(3) em consequência do que o primeiro ego se comporta como o segundo, em determinados aspectos, imita-o e, em certo sentido, assimila-o dentro de si. A identificação tem sido comparada, não inadequadamente, com a incorporação oral, canibalística, da outra pessoa. É uma forma muito importante de vinculação a uma outra pessoa, provavelmente a primeira forma, e não é o mesmo que escolha objetal. A diferença entre ambas pode ser expressa mais ou menos da seguinte maneira. Se um menino se identifica com seu pai, ele quer *ser igual* a seu pai; se fizer dele o objeto de sua escolha, o menino quer *tê-lo*, possuí-lo. No primeiro caso, seu ego modifica-se conforme o modelo de seu pai; no segundo caso, isso não é necessário. Identificação e escolha objetal são, em grande parte, independentes uma da outra; no entanto, é possível identificar-se com alguém que, por exemplo, foi tomado como objeto sexual, e modificar o ego segundo esse modelo. Diz-se que a influência sobre o ego, motivada pelo objeto sexual, ocorre com particular freqüência em mulheres e é característica da feminilidade. Devo ter-lhes falado, já, em minhas

conferências anteriores, daquilo que é, sem dúvida, a relação mais esclarecedora entre identificação e escolha objetal. Pode ser observado com igual facilidade em crianças e em adultos, tanto em pessoas normais como em pessoas doentes. Se alguém perdeu um objeto, ou foi obrigado a se desfazer dele, muitas vezes se compensa disto identificando-se com ele e restabelecendo-o novamente no ego, de modo que, aqui, a escolha objetal regride, por assim dizer, à identificação (4).

Eu próprio não estou, de modo algum, satisfeito com esses comentários sobre identificação; mas isto será suficiente se os senhores puderem assegurar-me de que a instalação do superego pode ser classificada como exemplo bem sucedido de identificação com a instância parental. O fato que fala decisivamente a favor desse ponto de vista é que essa nova criação de uma instância superior dentro do ego está muito intimamente ligada ao destino do complexo de Édipo, de modo que o superego surge como o herdeiro dessa vinculação afetiva tão importante para a infância. Abandonando o complexo de Édipo, uma criança deve, conforme podemos ver, renunciar às intensas catexias objetais que depositou em seus pais, e é como compensação por essa perda de objetos que existe uma intensificação tão grande das identificações com seus pais, as quais provavelmente há muito estiveram presentes em seu ego. Identificações desse tipo, cristalização de catexias objetais a que se renunciou, repetir-se-ão muitas vezes, posteriormente, na vida da criança; contudo, está inteiramente de acordo com a importância afetiva desse primeiro caso de uma tal transformação o fato de que se deve encontrar no ego um lugar especial para seu resultado. Uma investigação atenta mostrou-nos, também, que o superego é tolhido em sua força e crescimento se a superação do complexo de Édipo tem êxito apenas parcial. No decurso do desenvolvimento, o superego também assimila as influências que tomaram o lugar dos pais - educadores, professores, pessoas escolhidas como modelos ideais. Normalmente, o superego se afasta mais e mais

das figuras parentais originais; torna-se, digamos assim, mais impessoal. E não se deve esquecer que uma criança tem conceitos diferentes sobre seus pais, em diferentes períodos de sua vida. À época em que o complexo de Édipo dá lugar ao superego, eles são algo de muito extraordinário; depois, porém, perdem muito desse atributo. Realizam-se, pois, identificações também com esses pais dessa fase ulterior, e, na verdade, regularmente fazem importantes contribuições à formação do caráter; nesse caso, porém, apenas atingem o ego, já não mais influenciam o superego que foi determinado pelas imagens parentais mais primitivas (5).

Espero que já tenham formado uma opinião de que a hipótese do superego realmente descreve uma relação estrutural, e não é meramente uma personificação de abstrações tais como a da consciência. Resta mencionar mais uma importante função que atribuímos a esse superego. É também o veículo do ideal do ego, pelo qual o ego se avalia, que o estimula e cuja exigência por uma perfeição sempre maior ele se esforça por cumprir. Não há dúvida de que esse ideal do ego é o precipitado da antiga imagem dos pais, a expressão de admiração pela perfeição que a criança então lhes atribuía (6).

Tenho como certo que os senhores já ouviram falar muito no sentimento de inferioridade, que se supõe caracterize especialmente os neuróticos. Ele freqüenta, em particular, as páginas do que se conhece como *belles lettres*. Um autor, ao usar a expressão “complexo de inferioridade”, pensa que com isto satisfaz todas as exigências da psicanálise e elevou sua criação literária a um plano mais elevado. De fato, “complexo de inferioridade” é um termo técnico quase nunca usado em psicanálise. Para nós, ele não comporta o significado de algo simples, nem, muito menos, de algo elementar. Atribuí-lo à autopercepção de possíveis defeitos orgânicos, como pretende fazê-lo a escola daqueles que são conhecidos como “psicólogos do indivíduo”(7),

parece-nos um erro insensato. O sentimento de inferioridade possui fortes raízes eróticas. Uma criança sente-se inferior quando verifica que não é amada, e o mesmo se passa com o adulto. O único órgão corporal realmente considerado inferior é o pênis atrofiado, o clitóris da menina(8). A parte principal do sentimento de inferioridade, porém, deriva-se da relação do ego com o superego; assim como o sentimento de culpa, é expressão da tensão entre eles. Em conjunto, é difícil separar o sentimento de inferioridade do sentimento de culpa. Talvez seja correto considerar aquele como o complemento erótico do sentimento moral de inferioridade. Deu-se pouca atenção, na psicanálise, à questão referente à delimitação dos dois conceitos.

Justamente porque o complexo de inferioridade se tornou tão popular, arriscar-me-ei, aqui, a entretê-los com uma breve digressão. Um personagem histórico dos nossos dias, que ainda vive, embora no momento se tenha retirado de cena, sofre de um defeito em um dos membros, devido a uma lesão no nascimento. Um conhecido escritor contemporâneo, especialmente dado a compilar biografias de celebridades, abordou, entre outras coisas, a vida do homem de quem estou falando. Ora, ao escrever uma biografia, talvez seja difícil suprimir uma necessidade de sondar as profundezas psicológicas. Por essa razão, nosso autor arriscou-se a uma tentativa de erigir todo o desenvolvimento do caráter de seu herói sobre o sentimento de inferioridade que devia ter sido provocado *por* seu defeito físico. Com isso, desprezou ele um fato diminuto, mas não insignificante. É comum as mães, a quem o destino presenteou com um filho doentio ou portador de alguma outra desvantagem, tentarem compensá-lo de sua injusta desvantagem com uma superabundância de amor. No exemplo em questão, a orgulhosa mãe portou-se de modo diferente; retirou do filho o seu amor, *por* causa da enfermidade dele. Quando chegou a ser um homem de grande poder, demonstrou inequivocamente, por seus atos, não se haver jamais esquecido de sua mãe. Quando os senhores considerarem a importância

do amor de uma mãe para a vida mental de uma criança, sem dúvida efetuarão uma tácita correção da teoria da inferioridade proposta pelo biógrafo.

Retomemos, porém, ao superego. Atribuímos-lhe as funções de auto-observação, de consciência e de [manter] o ideal. Daquilo que dissemos sobre sua origem, segue-se que ele pressupõe um fato biológico extremamente importante e um fato psicológico decisivo; ou seja, a prolongada dependência da criança em relação a seus pais e o complexo de Édipo, ambos intimamente inter-relacionados. O superego é para nós o representante de todas as restrições morais, o advogado de um esforço tendente à perfeição - é, em resumo, tudo o que pudemos captar psicologicamente daquilo que é catalogado como o aspecto mais elevado da vida do homem. Como remonta à influência dos pais, educadores, etc., aprendemos mais sobre seu significado se nos voltamos para aqueles que são sua origem. Via de regra, os pais, e as autoridades análogas a eles, seguem os preceitos de seus próprios superegos ao educar as crianças. Seja qual for o entendimento a que possam ter chegado entre si o seu ego e o seu superego, são severos e exigentes ao educar os filhos. Esqueceram as dificuldades de sua própria infância e agora se sentem contentes com identificar-se eles próprios, inteiramente, com seus pais, que no passado impuseram sobre eles restrições tão severas. Assim, o superego de uma criança é, com efeito, construído segundo o modelo não de seus pais, mas do superego de seus pais; os conteúdos que ele encerra são os mesmos, e torna-se veículo da tradição e de todos os duradouros julgamentos de valores que dessa forma se transmitiram de geração em geração. Facilmente podem adivinhar que, quando levamos em conta o superego, estamos dando um passo importante para a nossa compreensão do comportamento social da humanidade - do problema da delinqüência, por exemplo - e, talvez, até mesmo estejamos dando indicações práticas referentes à educação. Parece provável que aquilo que se conhece como visão materialista da

história pode por subestimar esse fator. Eles o põem de lado, com o comentário de que as “ideologias” do homem nada mais são do que produto e superestrutura de suas condições econômicas contemporâneas. Isto é verdade, mas muito provavelmente não a verdade inteira. A humanidade nunca vive inteiramente no presente. O passado, a tradição da raça e do povo, vive nas ideologias do superego e só lentamente cede às influências do presente, no sentido de mudanças novas; e, enquanto opera através do superego, desempenha um poderoso papel na vida do homem, independentemente de condições econômicas.

Em 1921, procurei utilizar a diferenciação entre o ego e o superego num estudo sobre psicologia de grupo. Cheguei a uma fórmula do seguinte teor: um grupo psicológico é uma coleção de indivíduos que introduziram a mesma pessoa em seu superego e, com base nesse elemento comum, identificaram-se entre si no seu ego. Isto se aplica, naturalmente, apenas a grupos que têm um líder. Se possuíssemos mais aplicações dessa espécie, a hipótese do superego perderia seus últimos resquícios de ser uma coisa estranha para nós, e nos livraríamos completamente da perplexidade de que somos tomados quando, acostumados como estamos à atmosfera do submundo, nos movemos nas camadas mais superficiais, mais elevadas, do aparelho mental. Não supomos, naturalmente, que, com o destaque dado ao superego, tenhamos dito a última palavra sobre a psicologia do ego. É, antes, um primeiro passo; porém, nesse caso, o difícil não é só o primeiro passo.

Agora, contudo, um outro problema nos aguarda - no lado oposto do ego, poderíamos dizer. No-lo apresenta um fato observado durante o trabalho da análise, uma observação que é realmente muito antiga. Como não raro acontece, levou muito tempo até se chegar ao ponto de ser avaliada sua importância. Toda a teoria da

psicanálise, como sabem, é de fato construída sobre a percepção da resistência que o paciente nos oferece, quando tentamos tornar-lhe consciente o seu inconsciente. O sinal objetivo dessa resistência é suas associações deixarem de fluir livremente do assunto que está sendo tratado. Pode, também, o paciente reconhecer *subjetivamente* a resistência pelo fato de que tem sentimentos desagradáveis quando se aproxima do assunto. Esse último sinal, contudo, também pode estar ausente. Dizemos então ao paciente que inferimos de sua conduta que ele está, agora, num estado de resistência; e ele responde que nada sabe disso e só se apercebe de que suas associações se tornaram mais difíceis. Acontece que tínhamos razão; mas, nesse caso, sua resistência também era inconsciente, tão inconsciente quanto o reprimido, em cujo esclarecimento estamos trabalhando. Há muito deveríamos ter feito a pergunta: de que parte de sua mente surge uma resistência de tal ordem? O principiante em psicanálise está pronto para responder de imediato: é, naturalmente, a resistência do inconsciente. Resposta ambígua e inútil! Se significa que a resistência surge do reprimido, devemos acrescentar: certamente não! Devemos, antes, atribuir ao reprimido uma tendência ascendente, um impulso de irromper na consciência. A resistência só pode ser manifestação do ego, que originalmente forçou a repressão e agora deseja mantê-la. Ademais, esta é a opinião que sempre tivemos. Porque chegamos a supor uma instância especial no ego, o superego, o qual representa as exigências de caráter restritivo e objetável, podemos dizer que a repressão é o trabalho desse superego, e que é efetuada ou por este mesmo, ou pelo ego, em obediência a ordens dele. Se, pois, na análise, deparmos com o caso de a resistência não ser consciente para o paciente, isto significa que, em situações muito importantes, o superego e o ego podem operar inconscientemente, ou que - e isto seria ainda mais importante - partes de ambos, do ego e do superego, são inconscientes. Nos dois casos, temos de contar com a desagradável descoberta de que, por um lado, o (super) ego é o consciente e, por

outro lado, o reprimido e o inconsciente não são de modo algum coincidentes.

E aqui, senhoras e senhores, sinto que devo fazer uma pausa para tomar fôlego - o que os senhores receberão com alívio - e, antes de prosseguir, pedir-lhes desculpas. Minha intenção é fornecê-lhes alguns acréscimos às conferências introdutórias sobre psicanálise, que iniciei há quinze anos, e sinto-me obrigado a conduzir-me como se, tanto os senhores como eu, nesse intervalo, não tivéssemos feito outra coisa senão exercer a psicanálise. Sei que uma tal suposição é descabida; não tenho, porém, outro recurso, não posso agir de modo diferente. Isto se relaciona, sem dúvida, ao fato de que, em geral, é tão difícil proporcionar a quem não é psicanalista uma compreensão interna (*insight*) da psicanálise. Os senhores podem acreditar em mim, quando lhes digo que não é de nosso agrado dar uma impressão de sermos membros de uma sociedade secreta e de praticarmos uma ciência mística. Mesmo assim, temos sido obrigados a reconhecer e a expressar nossa convicção de que ninguém tem o direito de participar de uma discussão sobre psicanálise, se não teve experiência própria, que só pode ser obtida ao ser analisado. Quando lhes proferi minhas conferências, há quinze anos, procurei poupar-lhes determinadas partes especulativas de nossa teoria; mas é justamente delas que derivam as novas aquisições de que devo falar-lhes, hoje.

Retorno, agora, ao nosso tema. Em face da dúvida quanto a saber se o ego e o superego são inconscientes, ou se simplesmente produzem efeitos inconscientes, decidimo-nos, por boas razões, a favor da primeira possibilidade. E é realmente este o caso: grande parte do ego e do superego pode permanecer inconsciente e é normalmente inconsciente. Isto é, a pessoa nada sabe dos conteúdos dos mesmos, e é necessário dispendir esforços para torná-los conscientes. É um fato que o ego e o consciente, o reprimido e o inconsciente não

coincidem. Sentimos necessidade de proceder a uma revisão fundamental de nossa atitude relativa a esse problema consciente-inconsciente. Em primeiro lugar, sentimo-nos muito inclinados a reduzir o valor do critério do ser consciente, de vez que se mostrou tão pouco digno de fé. Mas estaríamos fazendo-lhe uma injustiça. E como se pode dizer de nossa vida: não tem muito valor, mas é tudo o que temos. Sem a revelação proporcionada pela qualidade da consciência, estaríamos perdidos na obscuridade da psicologia profunda; devemos, contudo, encontrar nosso rumo.

Não há necessidade de discutir o que se deva denominar consciente: não pairam dúvidas sobre isto. O mais antigo e o melhor significado da palavra “inconsciente” é o significado descritivo. Denominamos inconsciente um processo psíquico cuja existência somos obrigados a supor - devido a algum motivo tal que o inferimos a partir de seus efeitos -, mas do qual nada sabemos. Nesse caso, temos para tal processo a mesma relação que temos com um processo psíquico de uma outra pessoa, exceto que, de fato, se trata de um processo nosso, mesmo. Se quisermos ser ainda mais corretos, modificaremos nossa assertiva dizendo que denominamos inconsciente um processo se somos obrigados a supor que ele está sendo ativado *no momento*, embora *no momento* não saibamos nada a seu respeito. Essa restrição faz-nos raciocinar que a maioria dos processos conscientes são conscientes apenas num curto espaço de tempo; muito em breve se tornam *latentes*, podendo, contudo, facilmente tornar-se de novo conscientes. Também poderíamos dizer que se tornaram inconscientes, se fosse absolutamente certo que, na condição de latência, ainda constituem algo de psíquico. Até aí, não teríamos aprendido nada novo; e não teríamos adquirido o direito de introduzir o conceito de inconsciente na psicologia. Mas então surge a observação que já pudemos fazer com referência às parapraxias. A fim de explicar um lapso de língua, por exemplo, achamo-nos na obrigação de supor que a intenção de fazer um determinado comentário

estava presente na pessoa. Concluímo-lo, com segurança, a partir da interferência dessa intenção no comentário que ocorreu; mas a intenção não foi levada a cabo e era, portanto, inconsciente. Quando, a seguir, nós a revelamos à pessoa que cometeu o lapso, se ela reconhece tal intenção como sendo-lhe já familiar, era-lhe esta, então, apenas temporariamente inconsciente; se, contudo, a repele como algo alheio, tal intenção foi, então, permanentemente inconsciente(9). Partindo dessa experiência, retrospectivamente adquirimos o direito de afirmar ser inconsciente também algo que tinha sido qualificado como latente. Uma reflexão sobre essa relação dinâmica permite-nos, agora, distinguir duas espécies de inconsciente - uma que é facilmente transformada, em circunstâncias de ocorrência frequente, em algo consciente; e uma outra, na qual essa transformação é difícil e apenas se realiza quando sujeita a considerável dispêndio de esforços, ou, possivelmente, jamais se efetue, absolutamente. Com a finalidade de evitar a ambigüidade no sentido de estarmos nos referindo a um ou a outro inconsciente, de estarmos usando a palavra no sentido descritivo ou no sentido dinâmico, utilizamo-nos de um expediente permissível e simples. O inconsciente que está apenas latente, e ,portanto facilmente se torna consciente, denominamo-lo “pré-consciente”, e reservamos o termo “inconsciente” para o outro. Temos, agora, três termos, “consciente”, “pré-consciente” e “inconsciente”, com os quais podemos ser bem sucedidos em nossa descrição dos fenômenos mentais. Repetindo: o pré-consciente também é inconsciente no sentido puramente descritivo, mas não lhe atribuímos esse nome, exceto quando falamos sem a preocupação de conferir-lhe precisão, ou quando temos de fazer a defesa da existência, na vida mental, de processos inconscientes em geral.

Os senhores admitirão, segundo espero, que até esse ponto isto não está totalmente mal e permite um manejo conveniente. Sim, mas infelizmente o trabalho da psicanálise viu-se compelido a empregar a palavra “inconsciente” em mais um sentido, o

terceiro, e isto, certamente, pode ter causado confusão. Sob o novo e poderoso impacto da existência de um extenso e importante campo da vida mental, normalmente afastado do conhecimento do ego, de modo que os processos que nele ocorrem têm de ser considerados como inconscientes, em sentido verdadeiramente dinâmico, vimos a entender o termo “inconsciente” também num sentido topográfico ou sistemático; passamos a falar em “sistema” do pré-consciente e em “sistema” do inconsciente, em conflito entre o ego e o “sistema *Inc.*”, e temos empregado cada vez mais frequentemente essa palavra com a finalidade de assinalar, antes, uma região mental, do que para designar uma qualidade daquilo que é mental. A descoberta, realmente inconveniente, de que partes do ego e também do superego são inconscientes, no sentido dinâmico, atua, nesse *ponto*, como um alívio - possibilita a remoção de uma complicação. Percebemos não termos o direito de denominar “sistema *Inc.*” a região mental alheia ao ego, de vez que a característica de ser inconsciente não lhe é exclusiva. Assim sendo, não usaremos mais o termo “inconsciente” no sentido sistemático e daremos àquilo que até agora temos assim descrito um nome melhor, um nome que não seja mais passível de equívocos. Aceitando uma palavra empregada por Nietzsche e acolhendo uma sugestão de George Groddeck [1923] (10) de ora em diante chama-lo-emos de “id”(11). Esse pronome impessoal parece especialmente bem talhado para expressar a principal característica dessa região da mente - o fato de ser alheia ao ego. O superego, o ego e o id - estes são, pois, os três reinos, regiões, províncias em que dividimos o aparelho mental de um indivíduo, e é das suas relações mútuas que nos ocuparemos a seguir (12).

Antes, porém, uma breve interpolação. Penso que os senhores se sentem insatisfeitos porque as três qualidades da consciência e as três regiões do aparelho mental não se agrupam em três pares harmônicos, e os senhores podem considerar esse fato, em certo sentido, obscurecedor de nossos achados. Não penso, todavia, que

devamos lamentá-lo, e devemos dizer a nós mesmos que não tínhamos o direito de esperar nenhuma disposição homogênea nessas coisas. Permitam-me mostrar-lhes uma analogia; é verdade que as analogias nada decidem, mas podem fazer a pessoa sentir-se mais à vontade. Estou imaginando uma região com uma paisagem de configuração variada - montanhas, planícies e cadeias de lagos - e com uma população mista: é habitada por alemães, magiares e eslovacos, que se dedicam a atividades diferentes. Ora, poderiam as coisas estar repartidas de tal modo que os alemães, criadores de gado, habitam a região montanhosa, os magiares, que plantam cereais e videiras, moram nas planícies, e os eslovacos, que capturam peixes e tecem o junco, vivem junto aos lagos. Se a partilha pudesse ser tão simples e definida, um Woodrow Wilson ficaria feliz da vida com isso (13) ; também seria conveniente um tal arranjo para uma conferência numa aula de geografia. Entretanto, seria provável que os senhores encontrassem menos homogeneidade e mais mistura, se viajassem pela região. Alemães, magiares e eslovacos vivem disseminados por toda parte; na região montanhosa também há terras cultiváveis, e cria-se gado também nas planícies. Algumas coisas, naturalmente, são conforme os senhores esperavam, pois não se pode capturar peixes nas montanhas e os vinhedos não crescem na água. Realmente, o quadro da região, que os senhores se afiguravam, pode, na sua totalidade, ajustar-se aos fatos; os senhores, no entanto, terão de conformar-se com desvios nos detalhes.

Os senhores não deverão de esperar que eu tenha muita coisa nova a dizer-lhes acerca do id, exceto o seu nome novo. É a parte obscura, a parte inacessível de nossa personalidade; o pouco que sabemos a seu respeito, aprendemo-lo de nosso estudo da elaboração onírica e da formação dos sintomas neuróticos, e a maior parte disso é de caráter negativo e pode ser descrita somente como um contraste com o ego. Abordamos o id com analogias; denominamo-lo caos, caldeirão cheio de agitação fervilhante. Descrevemo-lo como estando aberto, no seu

extremo, a influências somáticas e como contendo dentro de si necessidades instintuais que nele encontram expressão psíquica (14); não sabemos dizer, contudo, em que substrato. Está repleto de energias que a ele chegam dos instintos, porém não possui organização, não expressa uma vontade coletiva, mas somente uma luta pela consecução da satisfação das necessidades instintuais, sujeita à observância do princípio de prazer. As leis lógicas do pensamento não se aplicam ao id, e isto é verdadeiro, acima de tudo, quanto à lei da contradição. Impulsos contrários existem lado a lado, sem que um anule o outro, ou sem que um diminua o outro: quando muito, podem convergir para formar conciliações, sob a pressão econômica dominante, com vistas à descarga da energia. No id não há nada que se possa comparar à negativa, e é com surpresa que percebemos uma exceção ao teorema filosófico segundo o qual espaço e tempo são formas necessárias de nossos atos mentais (15). No id, não existe nada que corresponda à idéia de tempo; não há reconhecimento da passagem do tempo, e - coisa muito notável e merecedora de estudo no pensamento filosófico - nenhuma alteração em seus processos mentais é produzida pela passagem do tempo (16). Impulsos plenos de desejos, que jamais passaram além do id, e também impressões, que foram mergulhadas no id pelas repressões, são virtualmente imortais; depois de se passarem décadas, comportam-se como se tivessem ocorrido há pouco. Só podem ser reconhecidos como pertencentes ao passado, só podem perder sua importância e ser destituídos de sua catexia de energia, quando tornados conscientes pelo trabalho da análise, e é nisto que, em grande parte, se baseia o efeito terapêutico do tratamento analítico.

Muitíssimas vezes, tive a impressão de que temos feito muito pouco uso teórico desse fato, estabelecido além de qualquer dúvida, da inalterabilidade do reprimido com o passar do tempo. Isto parece oferecer um acesso às mais profundas descobertas. E, infelizmente, eu próprio não fiz qualquer progresso nessa parte.

Naturalmente, o id não conhece nenhum julgamento de valores: não conhece o bem, nem o mal, nem moralidade. Domina todos os seus processos o fator econômico ou, se preferirem, o fator quantitativo, que está intimamente vinculado ao princípio de prazer. Catexias instintuais que procuram a descarga - isto, em nossa opinião, é tudo o que existe no id. Parece mesmo que a energia desses impulsos instintuais se acha num estado diferente daquele encontrado em outras regiões da mente, muito mais móvel e capaz de descarga (17); de outro modo, não ocorreriam os deslocamentos e as condensações, que são tão característicos do id e que tão radicalmente desprezam a *qualidade* daquilo que é catexizado - aquilo que no ego chamaríamos de uma idéia. Daríamos muito para entender mais acerca dessas coisas! Aliás, os senhores podem verificar que estamos em condições de atribuir ao id características outras além dessa de ser inconsciente, e podem reconhecer a possibilidade de partes do ego e do superego serem inconscientes, sem possuírem as mesmas características primitivas e irracionais (18).

Podemos esclarecer melhor as características do ego real, na medida em que este pode ser diferenciado do id e do superego, examinando sua relação com a parte mais superficial do aparelho mental, que descrevemos como o sistema *Pcpt.-Cs.* (19). Esse sistema está voltado para o mundo externo, é o meio de percepção daquilo que surge de fora, e durante o seu funcionamento surge nele o fenômeno da consciência. É o órgão sensorial de todo o aparelho; ademais, é receptivo não só às excitações provenientes de fora, mas também àquelas que emergem do interior da mente. Quase não necessitamos procurar uma justificativa para a opinião segundo a qual o ego é aquela parte do id que se modificou pela proximidade e influência do mundo externo, que está adaptada para a recepção de estímulos, e adaptada como escudo protetor contra os estímulos, comparável à camada cortical que circunda uma pequena massa de substância viva. A

relação com o mundo externo tornou-se o fator decisivo para o ego; este assumiu a tarefa de representar o mundo externo perante o id - o que é uma sorte para o id, que não poderia escapar à destruição se, em seus cegos intentos que visam à satisfação de seus instintos, não atentasse para esse poder externo supremo. Ao cumprir com essa função, o ego deve observar o mundo externo, deve estabelecer um quadro preciso do mesmo nos traços de memória de suas percepções, e, pelo seu exercício da função de “teste de realidade”, deve excluir tudo o que nesse quadro do mundo externo é um acréscimo decorrente de fontes internas de excitação. O ego controla os acessos à motilidade, sob as ordens do id; mas, entre uma necessidade e uma ação, interpõe uma protelação sob forma de atividade do pensamento, durante a qual se utiliza dos resíduos mnêmicos da experiência. Dessa maneira, o ego destronou o princípio de prazer, que domina o curso dos eventos no id sem qualquer restrição, e o substituiu pelo princípio de realidade, que promete maior certeza e maior êxito.

A relação com o tempo, tão difícil de descrever, também é introduzida no ego pelo sistema perceptual; dificilmente pode-se duvidar de que o modo de atuação desse sistema é o que dá origem à idéia de tempo (20). O que, contudo, muito particularmente distingue o ego do id é uma tendência à síntese de seu conteúdo, à combinação e à unificação nos seus processos mentais, o que está totalmente ausente no id. Quando, agora, abordarmos os instintos na vida mental, conseguiremos, segundo espero, reconstituir essa característica essencial do ego em sua origem. Somente ela produz o alto grau de organização que o ego requer para suas melhores realizações. O ego evolui da percepção dos instintos para o controle destes; esse controle, porém, apenas é realizado pelo representante [psíquico] do instinto quando tal representante se situa no lugar que lhe é próprio, num amplo conjunto de elementos, quando tomado em um contexto coerente. Para

adotar um modo popular de falar, poderíamos dizer que o ego significa razão e bom senso, ao passo que o id significa as paixões indomadas.

Até aqui, temo-nos deixado impressionar pelos méritos e capacidades do ego; é tempo, agora, de considerar também o outro lado. O ego afinal, é apenas uma parte do id, uma parte que foi adequadamente modificada pela proximidade com o mundo externo, com sua ameaça de perigo. Do ponto de vista dinâmico, ele é fraco, tomou emprestadas ao id as suas forças, e em parte entendemos os métodos - poderíamos chamá-las subterfúgios - pelos quais extrai do id quantidades adicionais de energia. Um dentre tais métodos, por exemplo, consiste em identificar-se com objetos reais ou abandonados. As catexias objetais procedem das exigências instintuais do id. O ego tem de, em primeiro lugar, registrá-las. Mas, identificando-se com o objeto, o ego recomenda-se ao id em lugar do objeto e procura desviar a libido do id para si próprio. Já vimos que, no decurso de sua vida, o ego assume dentro de si um grande número de precipitados, como este das mencionadas catexias objetais. O ego deve, no geral, executar as intenções do id, e cumpre sua atribuição descobrindo as circunstâncias em que essas intenções possam ser mais bem realizadas. A relação do ego para com o id poderia ser comparada com a de um cavaleiro para com seu cavalo. O cavalo provê a energia de locomoção, enquanto o cavaleiro tem o privilégio de decidir o objetivo e de guiar o movimento do poderoso animal. Mas muito frequentemente surge entre o ego e o id a situação, não propriamente ideal, de o cavaleiro só poder guiar o cavalo por onde este quer ir.

Há uma parte do id da qual o ego separou-se por meio de resistências devidas à repressão. A repressão, contudo, não se estende para dentro do id: o reprimido funde-se no restante do id.

Adverte-nos um provérbio de que não sirvamos a dois senhores ao mesmo tempo. O pobre do ego passa por coisas ainda piores: ele serve a três severos senhores e faz o que pode para harmonizar entre si seus reclamos e exigências. Esses reclamos são sempre divergentes e frequentemente parecem incompatíveis. Não é para admirar se o ego tantas vezes falha em sua tarefa. Seus três tirânicos senhores são o mundo externo, o superego e o id. Quando acompanhamos os esforços do ego para satisfazê-los simultaneamente - ou antes, para obedecer-lhes simultaneamente - , não podemos nos arrepender por termo-lo personificado ou por termo-lo erigido em um organismo separado. Ele se sente cercado por três lados, ameaçado por três tipos de perigo, aos quais reage, quando duramente pressionado, gerando ansiedade. Devido à sua origem decorrente das experiências do sistema perceptual, ele é destinado a representar as exigências do mundo externo, contudo também se esforça por ser um servo leal do id, manter bom relacionamento com este, recomendar-se ao id como um objeto e atrair para si a libido do id. Em suas tentativas de exercer mediação entre o id e a realidade, frequentemente é obrigado a encobrir as ordens *Inc.* do id mediante suas próprias racionalizações *Pcs.*, a ocultar os conflitos os do id com a realidade, a reconhecer, com diplomática dissimulação, que percebe a realidade mesmo quando o id permaneceu rígido e intolerante. Por outro lado, é observado a cada passo pelo superego severo, que estabelece padrões definidos para sua conduta, sem levar na mínima conta suas dificuldades relativas ao mundo externo e ao id, e que, se essas exigências não são obedecidas, pune-o com intensos sentimentos de inferioridade e de culpa. Assim, o ego, pressionado pelo id, confinado pelo superego, repelido pela realidade, luta por exercer eficientemente sua incumbência econômica de instituir a harmonia entre as forças e as influências que atuam nele e sobre ele; e podemos compreender como é que com tanta frequência não podemos reprimir uma exclamação: “A vida não é fácil!” Se o ego é obrigado a admitir sua fraqueza, ele irrompe em ansiedade - ansiedade realística

referente ao mundo externo, ansiedade moral referente ao superego e ansiedade neurótica referente à força das paixões do id.

Gostaria de configurar as relações estruturais da personalidade mental, segundo as descrevi para os senhores, neste despretensioso esquema com que os apresento:

Como vêem, o superego se funde no id; na verdade, como herdeiro do complexo de Édipo, tem íntimas relações com o id; está mais distante do sistema perceptual do que o ego (21). O id relaciona-se com o mundo externo somente através do ego - ao menos de acordo com esse diagrama. Por certo é difícil dizer, atualmente, em que medida o esquema está correto. Em um aspecto, indubitavelmente não está. O espaço ocupado pelo id inconsciente devia ter sido incomparavelmente maior do que o do ego ou do pré-consciente. Devo pedir-lhes que o corrijam em seus pensamentos.

E aqui está outra advertência para completar essas observações, que certamente foram cansativas e talvez não muito esclarecedoras. Ao pensar nessa divisão da personalidade em um ego, um superego e um id, naturalmente, os senhores não terão imaginado fronteiras nítidas como as fronteiras artificiais delineadas na geografia política. Não podemos fazer justiça às características da mente por

esquemas lineares como os de um desenho ou de uma pintura primitiva, mas de preferência por meio de áreas coloridas fundindo-se umas com as outras, segundo as apresentam artistas modernos. Depois de termos feito a separação, devemos permitir que novamente se misture, conjuntamente, o que havíamos separado. Os senhores não devem julgar com demasiado rigor uma primeira tentativa de proporcionar uma representação gráfica de algo tão intangível como os processos psíquicos. É altamente provável que o desenvolvimento dessas divisões esteja sujeito a grandes variações em diferentes indivíduos; é possível que, no decurso do funcionamento real, elas possam mudar e passar por uma fase temporária de involução. Particularmente no caso da que é filogeneticamente a última e a mais delicada dessas divisões - a diferenciação entre o ego e o superego - algo desse teor parece verdadeiro. Está fora de dúvida que a mesma coisa se produz através da doença psíquica. Também é fácil imaginar que determinadas práticas místicas possam conseguir perturbar as relações normais entre as diferentes regiões da mente, de modo que, por exemplo, a percepção pode ser capaz de captar acontecimentos, nas profundezas do ego e no id, os quais de outro modo lhe seriam inacessíveis. Pode-se, porém, com segurança, duvidar se esse caminho nos levará às últimas verdades das quais é de se esperar a salvação. Não obstante, pode-se admitir que os intentos terapêuticos da psicanálise têm escolhido uma linha de abordagem semelhante. Seu propósito é, na verdade, fortalecer o ego, fazê-lo mais independente do superego, ampliar seu campo de percepção e expandir sua organização, de maneira a poder assenhorear-se de novas partes do id (22). Onde estava o id, ali estará o ego. É uma obra de cultura - não diferente da drenagem do Zuider Zee.

Notas referentes a Conferência de 1932 “A Dissecção da Personalidade Psíquica”.

(1) - A terminologia moderna provavelmente falaria em “depressão”.

(2) – “*Gewissenangst*”, literalmente “ansiedade de consciência”.

(3) - Isto é, um ego vir a assemelhar-se a um outro ego.

(4) - Esse assunto é, realmente, objeto de apenas uma breve alusão nas *Conferências Introdutórias* (ver a parte final da Conferência XXVI).

(5) - Esse ponto foi discutido por Freud em um artigo sobre “O Problema Econômico do Masoquismo” (1924).

(6) - Há certa obscuridade nessa passagem, e em especial na expressão “*der Trager des Ichideals*”, aqui traduzida como “o veículo do ideal do ego”. Quando Freud, pela primeira vez, introduziu esse conceito em seu artigo sobre narcisismo (1914), fez uma distinção entre o ideal do ego como tal e “uma instância psíquica especial que realiza a tarefa de procurar fazer com que a satisfação narcísica proveniente do ideal do ego seja assegurada e que, com esse fim em vista, constantemente observa o ego real e o avalia segundo esse ideal”.

(7) - Seus pontos de vista são discutidos na Conferência XXXIV.

(8) - Conforme uma nota de rodapé, de Freud, em seu artigo “sobre a diferença anatômica entre os sexos” (1925).

(9) - Conforme *Conferências Introdutórias*, IV.

(10) - Médico alemão, por cujas idéias não-convencionais Freud se sentia muito interessado.

(11) - Em alemão “*Es*” é o termo comum para “it”; “it” em inglês, e “*Es*” em alemão, são um mesmo pronome neutro, que se traduz por “ele”, “ela”, “isto”. “*Id*” é a forma latina do mesmo pronome.

(12) - Uma exposição sobre a evolução dos pontos de vista de Freud sobre esse assunto é feita na Introdução do Editor Inglês a *O Ego e o Id* (1923).

(13) - Cabe aqui o comentário de que apenas um ano, mais ou menos, antes de escrever isso, Freud estivera colaborando com W. C. Bullitt (à época, embaixador norte-americano em Berlim), num rascunho de um estudo psicológico sobre o presidente Wilson, cujas idéias políticas criticava muito. Em 1966, Bullitt publicou (em inglês) um estudo sobre Wilson, agradecendo a Freud como seu co-autor. Contudo, o livro, conquanto muito nitidamente influenciado pelas idéias de Freud, parece não encerrar qualquer contribuição realmente escrita por Freud, à exceção de uma Introdução da qual subsiste o original alemão. Presume-se que a tradução inglesa dessa Introdução seja da autoria de Bullitt.

(14) - Aqui, Freud está considerando os instintos como algo físico, de que os processos mentais são os representantes. Uma longa discussão a esse respeito será encontrada na Nota do Editor Inglês a “Os Instintos e suas Vicissitudes” (1915).

(15) - É uma referência a Kant. Conforme *Além do Princípio de Prazer* (1920).

(16) - Uma lista completa das referências muito freqüentes de Freud a esse assunto, remontando aos seus primeiros escritos, é apresentada na Seção V de “O Inconsciente” (1915).

(17) - Freud, em muitas passagens, fez referência a essa diferença. Ver, em especial, a Seção V do artigo metapsicológico sobre “O Inconsciente” e “Além do Princípio do Prazer” (1920).

(18) - Essa descrição do id é baseada principalmente na Seção V do artigo sobre “O Inconsciente”.

(19) - Perceptual consciente.

(20) - Freud deu algumas indicações daquilo que tinha em mente, ao escrever esse fato, em seu artigo sobre o “Bloco Mágico” (1925).

(21) - Se este diagrama for comparado com o diagrama semelhante que se encontra em *O Ego e o Id* (1923), ver-se-á que o diagrama que foi feito primeiro difere deste principalmente pelo fato de que nele o superego não está indicado. Sua ausência está justificada em um tópico subsequente do mesmo trabalho (ibid., pág. 51). Na edição original destas conferências, essa figura foi impressa na vertical, assim como sua predecessora em *O Ego e o Id*. Por algum motivo, talvez por economia de espaço, foi colocada virada de lado, embora em outros aspectos não tivesse sido modificada, tanto na C.S. como na C.W. .

(22) - Freud dissera algo semelhante no último capítulo de “*O Ego e o Id*” .

ANEXO DA TERCEIRA PARTE - A3.2

CARTA DE TYCHO A BALDUS (1589)

CARTA DE TYCHO AO AMIGO BALDUS, DE 1589 (*)

“Baldus, meu caro amigo,

Por que não vens nos ver em breve? Uranienburgo e o Castelo das Estrelas estão terminados. Estou ansioso para ter notícias tuas. Vivo retirado na paz e na solidão. Onde estais, pois, tu, Hetz e os amigos de outrora? O tempo desliza, eu até o momento já observei e analisei mais de duzentas estrelas fixas. Meu globo cobre-se de marcas, e o livro do céu que, leio todas as noites, parece-me cada vez mais complexo. Meu saber está ficando mais pesado como meu rosto e a forma do meu corpo.

Envio-te minha “*Introdução à Nova Astronomia*”. Livro *II: Dos cometas*. Notas e observações sobre os cometas, que imprimi na gráfica de Uraienburgo e publiquei em Hveen.

De início queria simplesmente reunir os cálculos e as notas tiradas de meu diário astronômico relativos aos cometas, mas, durante o trabalho de redação, me pareceu que tudo isso não teria interesse se não se configurasse dentro de uma concepção geral da astronomia: a minha! Portanto, reuni as duas coisas e tornou-se, tu o verás, um livro bastante importante.

Dando primeiro as longitudes dos cometas estudados cada dia segundo horários regulares e determinados, depois deduzidas em relação às estrelas fixas, pude em seguida comentar

(*) Chatel, Paul : em “O Castelo das Estrelas” - página 194

e corrigir os erros de Hagecius quanto às paralaxes dos cometas de mil, quinhentos e setenta e sete e mil, quinhentos e oitenta “tendo calculado os azimutes e as altitudes” e comparei nossos resultados com os de Cornelius Gemma. Digo nós, porque Bolivetch e Lamus me ajudaram muito.

Os cálculos eram difíceis e os resultados, às vezes, contraditórios. Nós nos interessamos pela distância dos cometas em relação à Terra; depois pela forma e pela posição de suas caudas em relação ao Sol.

Petrus Apianus, Gemma e eu mesmo, assim como Cardano também, afirmamos que a curvatura de suas caudas se afasta do Sol. Eu, de minha parte, consegui mostrar que os cometas giravam em torno do Sol, mas no sentido inverso daquele percorrido pelos planetas.

Os cometas, meu caro Baldus, são verdadeiros corpos celestes que se deslocam segundo uma trajetória bem definida. Não se trata absolutamente de fenômenos atmosféricos como até então se havia pensado.

Espero teus comentários com impaciência, não somente sobre os cometas mas também sobre a dissertação geral de minha concepção do mundo!

Todos estes anos foram duros e exigentes. As observações eram difíceis e fisicamente extenuantes. Foi-nos preciso muitas vezes trabalhar fora, em pleno inverno. Meus assistentes e eu mesmo nos revezávamos e fazíamos as medidas o mais regularmente possível. Nós tínhamos deixado crescer a barba e embuçávamo-nos de peles. Verdadeiros astrônomos de comédia, sob o firmamento gelado, nós escrutávamos estes corpos celestes novos e maravilhosos. Novos para

nós e para todos os homens. Fazia frio, nossos narizes se avermelhavam; exceto o meu, evidentemente. Sentíamos-nos os descobridores do mundo, heróicos, corajosos e inabaláveis, ignorando a dor para o bem da ciência. Até que, entorpecidos pelo frio, nossos dedos, apesar das luvas ou das mitenes, se tornassem duros e cor de violeta e não pudessem mais se mexer. Então nos tornávamos terrestres de novo, e retornávamos para junto do fogo da lareira do átrio, apresentando nossas mãos às chamas e estremecendo de alegria... .

Agora meus três primeiros alunos, assim como Lamus, nos deixaram. Eles chegaram cheios de esperança, de juventude, de paixão e de ingenuidade confusa. Eles partiram mais maduros, sem dúvida. Sentiremos suas faltas.

Bolivetch, graças a Deus, permaneceu. Uns partem, outros chegam. Vedel Sørensen enviou-me um indivíduo muito brilhante e não obstante sério, Wilfrid From; de Viborg me veio o jovem Longomontanus, que me pareceu muito profundo; eu o creio capaz de descobertas importantes, daqui a alguns anos, naturalmente.

Como vê, Uranienburgo tornou-se uma verdadeira instituição!

No momento trabalhamos sobre o Sol e sobre a luz.

A luz que nos vem das estrelas é material? Haveria estrelas tão longínquas que nos permaneceriam invisíveis? As estrelas se movimentam? O céu daqui a mil anos será povoado de estrelas novas que, desde agora, vêm em nossa direção? Não se deve dissociar os corpos e a luz que elas produzem? A luz é natural como o fogo que me queima, se me aproximo em demasia? A luz seria um corpo abstrato que se desloca em nossa direção? Neste caso, o mundo é mais imenso e imprevisível que nunca. O que me ilumina não me queima. E, no entanto,

existe uma materialidade da luz. Mistério! Eu mexo e remexo estes pensamentos na minha cabeça sem encontrar resposta verdadeiramente satisfatória.

Como gostaria que tu estivesses aqui com teu espírito calmo e rigoroso. Mandeí acender um luminário na extremidade da ilha. Do alto de meu observatório não o percebia, pois estava afastado demais. Mandeí que o aproximassem até que pudesse distinguir o brilho.

O trabalho toma todas as minhas forças. A vida me prende e a multiplicidade de deveres que a acompanha me pesa. Cada dia é tão cheio que de noite ele está prestes a entregar a alma; a noite mal começa, o dia seguinte já se anuncia. Não há descanso. E, no entanto, eu ainda mantenho meu barco flutuando sem afundar nem derivar.

Vem a nós, Baldus, assim que puderes! Escutarás o barulho do mar. Mostrar-te-ei os segredos da ilha e meus filhos encantar-se-ão com tua presença, pois eles sabem que te amo.

Adeus, porta-te bem!

Teu,

Tycho. "

ANEXO - A3.3

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE OTTO RANK

A3.3 - ALGUMAS PALAVRAS SOBRE OTTO RANK

Otto Rank nasceu em Viena em 22 de abril de 1884, em uma família de poucos recursos financeiros. Frequentou a Escola de Artes e Ofícios e trabalhava em uma loja durante o dia, enquanto tentava escrever à noite. Tendo lido a primeira edição, de 1899, de “A Interpretação dos Sonhos”, de Freud, Rank escreveu um pequeno texto sob o título “O Artista”, em 1905, onde tentava explicar o fenômeno da arte, em função dos princípios da Teoria da Líbido, ainda incipiente. Rank procurou Freud e apresentou seu manuscrito, no mesmo ano de 1905, e sobre este episódio, assim narrou Freud:

“..... certo dia (1905), um ex-aluno da Escola de Artes e Ofícios apresentou-se a nós com um manuscrito (O Artista), que revelava uma extraordinária profundidade. O aconselhamos a concluir seus estudos secundários, ingressar na Universidade e dedicar-se, rapidamente, às aplicações não médicas da psicanálise. Nossa pequena sociedade adquiriu (1906), desta forma, um eficiente secretário, digno de toda confiança e eu encontrei, em Otto Rank, o mais leal de meus ajudantes e colaboradores.....”

O historiador Peter Gay, biógrafo de Freud, nos relata o que se segue:

“..... O recruta mais admirável foi, talvez, Otto Rank. Mecânico formado, baixo, pouco atraente, atormentado durante anos por uma saúde precária, ele escapou às misérias de sua família pobre e infeliz, desenvolvendo uma sede inesgotável de conhecimento. Otto Rank descendia de uma família judaica. Longe de ser um típico autodiadota, tinha excepcional inteligência e capacidade de absorção. Lia tudo. Alfred Adler, médico de sua família, apresentara-lhe os textos de Freud, e Rank decorou-os. Eles os deslumbraram, parecendo oferecer a chave de todos os enigmas do mundo. Na primavera de 1905, quando estava com 21 anos, ele ofertou a Freud o manuscrito de um pequeno livro, chamado de “O Artista”, uma tentativa de aplicação, no campo da cultura, das idéias psicanalíticas. Pouco mais de um ano depois, instalara-se como secretário da

Sociedade das Quartas-feiras. Freud assumiu um interesse paternal por ele; afetuosamente, traindo um leve toque de condescendência, ele o tratava como “pequeno Rank”, empregando-o como auxiliar na revisão de seus textos e benevolmente facilitando seu caminho, fazendo-o frequentar, tardiamente, o liceu e a Universidade de Viena. Na Sociedade das Quartas-feiras, Rank não era um novo escritor: em outubro de 1906, seu primeiro mês ali, ele apresentou consideráveis excertos de sua volumosa monografia a ser publicada, sobre o tema do incesto na literatura.....”

Muitos estudiosos de Rank, o descreveriam como um brilhante membro do círculo fechado de Freud, uma espécie de menino prodígio, que teve sua educação orientada e paga por Freud. Em 1911, Rank apresentou sua tese de Doutorado em Filosofia, na Universidade de Viena, sob o título “O Mito de Lohengrin”. Rank foi secretário da Sociedade de Psicanálise de Viena, durante muitos anos e foi o mais próximo colaborador de Freud. Em 1912, com o apoio de Freud, foi responsável pela fundação da Revista Imago, juntamente com Hanns Sachs; tratava-se de um periódico destinado aos estudos não médicos da teoria da libido e do tratamento psicanalítico. Esta proximidade com Freud e com o grupo de Viena estendeu-se até 1924. Rank publicou diversas obras, desde sua chegada ao grupo de Viena em 1905, entretanto, em 1924 publicou “O Trauma do Nascimento”, obra cuja dedicatória é feita ao próprio Freud. Foi esta mesma obra que gerou a separação de Otto Rank da Sociedade de Psicanálise e do próprio Freud. Em “O Trauma do Nascimento”, Rank desenvolve conjecturas a respeito do nascimento, e atribui a este nascimento um estado de ansiedade que pode persistir, como neurose (*), no adulto. Estas conjecturas de Rank foram vistas como conflitantes com os princípios, já fundamentados, da

Para Rank, a neurose consistia na perda do poder criativo, ou como dizia “.... no poder criativo, que se confundiu e se perdeu.....”

Teoria da Líbido. Ainda nesta obra, Rank tece novas conjecturas sobre o tratamento psicanalítico, onde o paciente reproduziria o ato do nascimento, em quase todos seus detalhes, inclusive a separação da mãe, que no tratamento é representada simbolicamente pelo analista.

O rompimento de Rank com o pensamento Freudiano tornou-se completo em 1926, o que obrigou Rank a ensinar e praticar o tratamento psicanalítico, longe de Viena. Rank mudou-se para Paris, viajando para outros lugares da Europa e para os Estados Unidos, frequentemente. Em 1935, Rank fixou residência em Nova Iorque, onde faleceu no final de 1939. Durante os anos 30, Rank ensinou e praticou um tratamento psicanalítico diferente daquele proposto por Freud.

É Ernest Becker, que comenta com brilhantismo a polêmica figura de Otto Rank :

“ Todas estas maneiras de sintetizar Rank, contudo, estão erradas, e sabemos que elas provêm, em grande parte, da mitologia do círculo dos próprios psicanalistas. Eles nunca perdoaram a Rank o ter-se afastado de Freud e diminuído, assim, o símbolo de imortalidade deles mesmos (para empregar a maneira de Rank entender a amargura e a mesquinharia deles)....”

A seguir são citadas as principais obras de Otto Rank :

- *The Myth of the Birth of the Hero* - escrito em 1909
- *The Trauma of Birth* - escrito em 1924
- *Truth and Reality* - escrito em 1930
- *Psychology and the Soul* - escrito em 1930
- *Art and Artist* - escrito em 1932
- *Modern Education* - escrito em 1932
- *Beyond Psychology* - publicado em 1941

ANEXO DA TERCEIRA PARTE - A3.4

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE ERNEST BECKER

A3.4 - ALGUMAS PALAVRAS SOBRE ERNEST BECKER

Ernest Becker nasceu em 1924, vindo de uma família judaica e que emigrou para os Estados Unidos na virada do século, vinda da Europa Oriental . Becker lutou durante a 2ª guerra mundial contra os nazistas e finda a guerra residiu em Paris durante um certo tempo. Neste período, de participação na guerra e residência na Europa, destruída pela guerra , Becker desenvolveu grande interesse pela condição humana e pelo significado da existência. A guerra havia marcado Becker de forma indelével. Escolheu iniciar seus estudos pela antropologia e a paixão pelo conhecimento foi a característica mais forte de Becker. Nos seus tempos de estudante, perguntava aos professores quais eram seus livros prediletos e buscava-os imediatamente, na biblioteca, para lê-los até o fim.

O pensamento de Ernest Becker foi bastante influenciado pelo médico psiquiatra Thomaz Szasa, conhecido como um grande crítico da psiquiatria americana. O prof. Szasa era docente na Universidade de Syracuse e Becker assistiu a todas as suas palestras, seminários e tornou-se parte de um pequeno grupo de intelectuais que gravitava em torno do Prof. Szasa, onde as discussões tratavam da teoria psicanalítica, da sociologia da psiquiatria e da história das idéias . Como antropólogo , Becker adquiriu grande conhecimento com o Prof. Szasa, no sentido de poder entender os diagnósticos psiquiátricos e para lidar com a teoria que dava suporte a estes diagnósticos. Em 1961 , o Prof. Szasa publicou “The Myth of Mental Illness” (O Mito da Doença Mental). Este livro sugeria uma abordagem nova, não médica, para as doenças mentais, as quais o Prof Szasa chamava de “Problemas de Vivência”. Ainda, foi o Prof. Szasa que influenciou e orientou Becker para que visitasse pacientes com dificuldades mentais, nos hospitais psiquiátricos, com o objetivo de que Becker tivesse suas próprias

experiências e fizesse suas conjecturas. Poucos estudiosos tiveram a oportunidade que Becker teve. Destas experiências nos hospitais, Becker criou suas próprias conjecturas iniciais, e as publicou em “Birth and Death of Meaning” (Nascimento e Morte do Significado), em 1962, sua primeira tentativa de compreensão da síntese de alma e corpo (de infinito e finito).

Como vimos, neste estudo, Becker desenvolveu suas próprias conjecturas, no sentido de buscar pela compreensão de si próprio e neste sentido, afirma que os Indivíduos nascem e morrem lidando com um mundo interior dual, de necessidade e liberdade. Para Becker, o pavor do Indivíduo estaria mais ligado à possibilidade do desaparecimento do Infinito do que propriamente a morte do finito.

Para Becker , o Indivíduo e a Sociedade se distanciaram da significação. Ele acreditava na importância das questões que representam a dualidade do Indivíduo e o significado da existência. Para ele, estas são questões fundamentais, que podem ser expressas da seguinte forma : Quem sou eu e qual é minha relação com o Cosmos ? Ou ainda : Qual é o significado de minha existência e como posso vive-lo ?

Becker acreditava que as perguntas sobre o Cosmos, são na verdade, manifestações de uma profunda necessidade interior de compreender o Infinito. Ernest Becker não desejou ser um simples divulgador de idéias, mas fomentava o pensamento crítico em seus alunos, o que lhe rendeu um bom número de inimigos entre seus próprios colegas nas Universidades. Ernest Becker faleceu em 1974, alguns meses antes de receber o Prêmio Pulitzer de 1974, com a obra “The Denial of Death”. Corajosamente, Becker termina o último capítulo desta obra, com o seguinte trecho:

“.....Não sabemos de que forma o progresso, impetuoso, influenciará nossas vidas, no porvir, ou como este progresso influenciará nossa angustiosa busca. O máximo , que qualquer um de nós pode fazer, aparentemente, é modelar alguma coisa - um objeto(arte) ou nós mesmos - e deixa-lo cair na convulsão, por assim dizer, fazendo assim uma oferenda () à força vital.....”*

A Fundação Ernest Becker

O médico e pesquisador Neil Elgee teve contato com “The Denial of Death” na metade da década de 70, obra de Becker que havia ganhado o Prêmio Pulitzer de 1974. O prof. Neil percebeu o alcance desta obra na prática da medicina, e começou a divulgar as idéias de Becker entre seus próprios colegas, entre os residentes e entre os próprios pacientes. Quando se aposentou como médico em 1993, fundou a Fundação Ernest Becker, que tem como objetivo cultivar e manter o pensamento de Becker, através de conferências, seminários e financiamento de estudos nos campos da filosofia , psicologia, e antropologia religiosa.

Principais obras de Ernest Becker :

- *The Birth and Death of meaning* - 1962
- *Beyond Alienation* - 1967
- *The structure of Evil* - 1968
- *The lost Science of Man* - 1971
- *The Denial of Death* - 1973
- *Escape from Evil* - 1975

(*) trata-se da rendição apresentada na 30 parte deste estudo.

ANEXO DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Reprodução de tela retratando Tycho Brahe (data e autor não conhecidos).

Figura 2 - Reprodução de tela retratando a primeira observação, por Tycho Brahe, da nova estrela de 1572 (data e autor não conhecidos).

Figura 3 - Reprodução da capa do pequeno livro de Tycho Brahe, de 1573, sobre a nova estrela de 1572.

Figura 4 - Reprodução da parte interna do livro citado acima, onde se observa os primeiros desenhos da estrela nova feitos por Tycho Brahe.

Map of Hven. Copper etching from the Blaeu Atlas Major, 1663. Willem Janszoon Blaeu was a student of Tycho Brahe on the island of Hven between 1594-96, and amongst other things, he made this map of the island. His son, Joan Blaeu later published Atlas Major Sive Cosmographia Blaviana.

Figura 5 - Reprodução de mapa da ilha de Hveen, feita por Willem Janszoon Blaeu, que foi assistente de Tycho de 1594 a 1596: este mapa encontra-se no Atlas Blaeu de 1663.

Sketches made by Tycho Brahe in 1577 during the observation of the first comet he ever saw. Kept at the Royal Library in Copenhagen.

Figura 6 – Reprodução dos primeiros esquemas feitos por Tycho Brahe a respeito do grande cometa observado em 1577; originais mantidos na Biblioteca Real de Copenhague.

Figura 7 - Reprodução de gravura retratando o Castelo dos Céus , Uraniborg, feita por Willem Janszoon Blaeu. contido no Atlas Blaeu de 1663.

Figura 8 - Reprodução de tela retratando o Castelo dos Céus, Uraniborg, (data e autor não conhecidos).

Figura 9 – Reprodução de gravura retratando a vista superior do Castelo dos Céus, Uraniborg, com os jardins ao seu redor, gravura feita por Willem Janszoon Blaeu, contida no Atlas Blaeu de 1663.

Figura 10 - Reprodução do grande quadrante interno de Uraniborg, contido no Atlas Blaeu de 1663.

Stjärneborg. Copper etching from Blaeu's Atlas Major, 1663.

Figura 11 - Reprodução de gravura retratando o Castelo das Estrelas, Stjarneborg, feita por Willem Janszoon Blaeu. contido no Atlas Blaeu de 1663.

Figura 12 - Reprodução de tela retratando um encontro entre Tycho Brahe e o imperador Rodolfo II. trata-se de tela de Edouard Ender. de

Figura 13 - Detalhe da figura 12, ressaltando Tycho com seu globo metálico para registro das estrelas observadas.

Figura 14 - Detalhe da figura 12, mostrando um diagrama do Sistema Tvchônico.

Figura 15 - Detalhe da figura 12; mostrando um esquema de movimento planetário, obedecendo o Sistema Tychônico.

Figura 16 – Reprodução de tela retratando a visita do rei Jacob VI da Escócia à ilha de Hveen, em 20 de março de 1590 (data e autor não conhecidos).

Figura 17 - Reprodução de tela retratando a visita de Cristian IV (com 15 anos) ao Castelo dos Céus, Uraniborg, em 3 de julho de 1592 (data e autor não conhecidos).

Figura 19 - Vista do monumento erguido em homenagem a Tycho Brahe, alguns anos após a sua morte, na Tevn Cathedral, em Praga.

Figura 20 - Destaque da lápide vertical com a figura de Tycho Brahe em tamanho natural, talhada em relevo e colocada em seu monumento na Teyn Cathedral, em Praga.